

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

Valéria Sabrina Pereira

Die küneginne rîch
O mundo feminino em *A Canção dos Nibelungos* e
A Saga dos Völsung

São Paulo
2006

Valéria Sabrina Pereira

Die küneginne rîch
O mundo feminino em *A Canção dos Nibelungos* e
A Saga dos Völsung

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para a obtenção do título de Mestra em Letras

Área de concentração: Literatura Alemã
Orientador: Helmut Paul Erich Galle

São Paulo
2006

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pela concessão da bolsa de mestrado que me permitiu realizar essa pesquisa.

A Márcia Carolina Marques pela atenção despendida com a revisão do presente texto.

A Helmut Galle pela boa e atenciosa orientação.

Resumo

PEREIRA, V.S. *Die küneginne rîch – O mundo feminino em A Canção dos Nibelungos e A Saga dos Völsung*. 2006. 211 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

As obras *A Canção dos Nibelungos* e *A Saga dos Völsung* foram escritas na região que hoje corresponde à Áustria, no século XII, e na Islândia, no século XIII, respectivamente. São obras apresentam as mesmas personagens, assim como uma narrativa semelhante, mas tem um tratamento diferenciado dessas personagens, e a narrativa se desenvolve de maneira notoriamente díspare na segunda parte das obras. Esta dissertação tem como objetivo analisar o papel das personagens femininas, as quais são de vital importância para o desenvolvimento das vinganças que constituem o tema principal dessas histórias. A pesquisa foi fundamentada nas vertentes atuais da Medievalista alemã que integra as tradições da filologia crítica e uma hermenêutica informada pela teoria da recepção. Os procedimentos centrais consistem em leitura crítica, comparação e interpretação dos textos literários, seguidos por uma confrontação de controle mediante estudos historiográficos. O estudo foi separado em cinco partes, sendo elas: Os Pares Românticos, Casamento, Maternidade, Mulheres e Poder, e, Conflitos Violentos da Perspectiva feminina. Nesses capítulos, procurou-se analisar os principais campos de atuação feminina, de forma a poder destacar como as semelhanças e diferenças entre as culturas e o imaginário dessas distantes regiões se refletem em duas obras que têm por base a mesma matéria.

Palavras-chave: Ciclo de narrativas dos nibelungos, gênero, Idade Média, Europa central, Islândia

Abstract

PEREIRA, V.S. *Die küneginne rîch – The feminine world at The Nibelungenlied and The Saga of the Volsungs*. 2006. 211 f. Dissertation (Master) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

The works *The Nibelungenlied* and *The Saga of the Volsungs* were written in the region that nowadays corresponds to Austria during the 12th Century and in Iceland during the 13th Century, respectively. Those are works that have the same characters and a similar plot, but they show the characters in a different way, as well as the plot takes separate ways on the second part of each book. The aim of this dissertation is to analyse the role of the feminine characters, which are of great importance to the main theme of those stories: revenge. The research has been based on the modern german medieval studies, which combines the tradition of the critical philology with an interpretation of texts informed by the theory of reception. The main procedures are the critical lecture, critical comparison and interpretation of the texts, and, at last, a confrontation with historical documents. This study has five parts: The Romantic Pairs, Wedding, Maternity, Women and Power, and, Violent Conflicts from a Feminine Perspective. On these chapters it was attempted to analyse the main fields of feminine actions, in way that enable the reader to recognize how the similarities and the differences between the cultures and the imaginary world of those distant regions are reflected in two works that are based on the same material.

Keywords: Circle of narratives about the nibelungs, gender, Middle Ages, Central Europe, Iceland

Sumário

Introdução	10
1. <u>Diferenças histórico-sociais, culturais e formais</u>	14
1.1. <i>Cristianização e paganismo</i>	14
1.2. <i>Sociedade</i>	15
1.3. <i>Gêneros literários</i>	18
2. <u>Termos em Nórdico Antigo</u>	23
3. <u>Nomes das personagens</u>	24
3.1. <i>Árvore genealógica de A Canção dos Nibelungos</i>	27
3.2. <i>Árvore genealógica de A Saga dos Völsung</i>	28
4. <u>Resumo das narrativas</u>	29
Capítulo I - Os pares românticos	
1.1. <u>Kriemhild e Siegfried</u>	32
1.2. <u>Contraposição entre Kriemhild e Gudrun</u>	40
2.1. <u>Brynhild e Sigurd</u>	41
2.2. <u>Contraposição entre Brynhild e Brünhild</u>	46
Capítulo II – Casamento	
Parte I – Fatores que levam ao casamento	
1.1. <i>Kriemhild e Siegfried</i>	50
1.2. <i>Gudrun e Sigurd</i>	53
1.3. <u>Análise comparativa</u>	56
2.1. <i>Brünhild e Gunther</i>	58
2.2. <i>Brynhild e Gunnar</i>	65
2.3. <u>Análise comparativa</u>	69
3.1. <i>Kriemhild e Etzel</i>	72
3.2. <i>Gudrun e Atli</i>	76
3.3. <u>Análise comparativa</u>	79
4. <u>Casamentos que não encontram equivalência</u>	81
4.1. <i>Gudrun e Jonakr</i>	81
4.2. <i>Giselher e a filha de Rüdiger</i>	81
4.3. <i>Svanhild e Jörmunrek</i>	84

5. <u>Considerações finais</u>	85
5.1. <i>A importância do casamento como elemento da estrutura narrativa, e do consentimento das mulheres</i>	85
5.2. <i>Valores que influenciam na escolha da mulher</i>	88
5.3. <i>Valores que julgam o homem para o consentimento do casamento</i>	91
5.4. <i>Vingança</i>	92
5.5. <i>Atuação de conselheiros</i>	92
Parte II - Problemas dentro dos laços matrimoniais	
1.1. <u>Violência no Casamento em A Canção dos Nibelungos</u>	93
1.1.1. <i>Núpcias de Brünhild</i>	93
1.1.2. <i>Siegfried repreende Kriemhild através do castigo físico</i>	96
1.2. <u>Violência no Casamento em A Saga dos Völsung</u>	98
1.2.1. <i>Brynhild tenta matar Gunnar</i>	98
1.3. <u>Análise comparativa</u>	99
2.1. <u>Traição em A Canção dos Nibelungos</u>	102
2.1.1. <i>A desconfiança de Kriemhild sobre Siegfried</i>	102
2.1.2. <i>Siegfried e Brünhild</i>	102
2.2. <u>Traição em A Saga dos Völsung</u>	104
2.2.1. <i>Brynhild e Gunnar, traição e divórcio</i>	104
2.2.2. <i>Oddrun, a figura da amante</i>	106
2.2.3. <i>Svanhild</i>	109
2.3. <u>Análise comparativa</u>	110
Capítulo III – Maternidade	
1. <u>Maternidade em A Canção dos Nibelungos</u>	114
1.1. <i>Kriemhild e Siegfried</i>	114
1.2. <i>Brünhild e Gunther</i>	116
1.3. <i>Helche e Etzel</i>	117
1.4. <i>Kriemhild e Etzel</i>	118
2. <u>Maternidade em A Saga dos Völsung</u>	120
2.1. <i>Brynhild e Sigurd</i>	120
2.2. <i>Gudrun e Sigurd</i>	123

2.3. <i>Gudrun e Atli</i>	124
2.4. <i>Gudrun e Jonakr</i>	125
3. <u>Análise comparativa</u>	127
3.1. <i>Número de filhos</i>	127
3.2. <i>Laços afetivos entre pais e filhos</i>	129
3.3. <i>Sexo dos filhos</i>	130
3.4. <i>Crianças cujo nascimento encontra justificativa apenas em outra narrativa</i>	131
3.5. <i>Métodos contraceptivos</i>	132
3.6. <i>Mães exemplares</i>	132
Capítulo IV - Mulheres e Poder	
1. <u>Táticas para o exercício do poder em <i>A Canção dos Nibelungos</i></u>	134
1.1. <i>Maternidade</i>	134
1.2. <i>Beleza</i>	135
1.3. <i>Perda ou aquisição de poder através do casamento</i>	136
1.4. “ <i>Senna</i> ”	137
1.5. <i>Bens materiais e o tesouro dos nibelungos</i>	140
1.6. <i>Manipulação sentimental e de relações afetivas</i>	144
2. <u>Táticas para o exercício do poder em <i>A Saga dos Völsung</i></u>	148
2.1. <i>Maternidade e magia</i>	148
2.2. <i>Violência</i>	151
2.3. <i>Aquisição de poder através do casamento</i>	152
2.4. “ <i>Senna</i> ”	153
2.5. <i>Bens materiais e o tesouro de Sigurd</i>	154
2.6. <i>Manipulação sentimental e de relações afetivas</i>	155
3. <u>Análise comparativa</u>	157
Capítulo V – Conflitos violentos da perspectiva feminina	
1. <u>Conflitos violentos em <i>A Canção dos Nibelungos</i></u>	161
1.1. <i>Mulheres à margem dos conflitos</i>	161
1.1.1. <i>A impotência diante dos conflitos</i>	161
1.1.2. <i>Luto</i>	163

1.1.3. <i>Clarividência</i>	165
1.2. <i>Brünhild, a guerreira</i>	167
1.3. <i>Kriemhild, a rainha à frente da guerra</i>	169
2. <u>Conflitos violentos em A Saga dos Völsung</u>	180
2.1. <i>Mulheres à margem dos conflitos</i>	180
2.1.1. <i>Clarividência</i>	180
2.1.2. <i>Escrita</i>	182
2.2. <i>Mulheres como conselheiras ou incitadoras</i>	183
2.2.1. <i>Os ensinamentos de Brynhild</i>	183
2.2.2. <i>Mulheres que incitam os filhos ao combate</i>	185
2.3. <i>Brynhild, a guerreira</i>	187
2.4. <i>A vingança de Gudrun</i>	188
3. <u>Análise comparativa</u>	191
Conclusão	199
Bibliografia	206

Introdução

A Canção dos Nibelungos e *A Saga dos Völsung* são obras que têm personagens e trechos do enredo em comum, elas foram escritas com base na matéria épica tradicional da migração dos povos, entretanto suas personagens nem sempre coexistiram ou tiveram contato em algum período de suas vidas. No momento em que essas histórias são narradas, suas personagens já são lendas que em pouco lembram aqueles que representam. Suas histórias foram transmitidas oralmente por muitos anos antes de serem escritas nos séculos XII e XIII em lugares distantes entre si: na região hoje correspondente à Áustria e na Islândia, respectivamente. Além da distância e ausência de comunicação entre os povoados, havia grandes diferenças culturais entre eles, ocasionadas, entre outros fatores, pela distância entre a Islândia e o continente, e a cristianização tardia e pacífica da ilha. A história real da vida e dos feitos dos indivíduos que inspiraram essas obras pouco importa para seu estudo, uma vez a narrativa e o desenrolar dos fatos foram adaptados às suas respectivas regiões e culturas, à Europa central do século XII e à memória pagã presente na Islândia do século XIII.

Todas as personagens femininas presentes nessas narrativas são nobres, de forma que o estudo deve se limitar à nobreza no que se refere à Europa ocidental; entretanto, mesmo havendo famílias mais abastadas e detentoras de poder na Islândia, lá não havia aristocracia propriamente dita, *A Saga dos Völsung* retrata, portanto, uma realidade que nem sempre era conhecida por seus leitores, excetuando-se o contato com a Noruega e as reminiscências incertas sobre os hábitos de seus ancestrais pagãos.

As obras da época reafirmam constantemente a inferioridade feminina, no entanto, são as personagens femininas de *A Canção dos Nibelungos* que definem o futuro das personagens masculinas através da manipulação do poder. Como afirma Joachim Bumke, Kriemhild pode ser denominada a personagem principal do épico: “Da die Dichtung mit der Kindheit Kriemhilds beginnt [...] und mit dem Tod Kriemhilds endet, kann man das ‘Nibelungenlied’ auch als Kriemhild-Epos betrachten”¹ (1990: 201). Porém, mesmo as mulheres exercendo um papel vital em *A Canção dos Nibelungos*, elas passaram a ser colocadas em segundo plano devido ao rumo que a recepção da narrativa tomou na história

¹ “Uma vez que o épico começa com a infância de Kriemhild [...] e termina com a sua morte, pode-se encarar *A Canção dos Nibelungos* como o épico de Kriemhild.”

alemã. Ao tornar-se um épico nacional, um elevado destaque passou a ser delegado às personagens masculinas. A presente análise visa destacar a importância das personagens femininas na epopéia e na saga, evidenciando sua atuação no decorrer da narrativa.

A acentuada influência da ação feminina na obra pode ser explicada não tanto através da cultura, mas pelo de seu público que apresentava um elevado número de mulheres, como afirma Bumke:

Die Dichter haben sich in vielen Fällen geradezu an ein Frauenpublikum gewandt und haben zu erkennen gegeben, daß Frauen über den Erfolg ihrer Werke entscheiden. Daraus ist zu schließen, dass die Frauen einen bestimmenden Einfluß auf die literarische Urteils- und Geschmacksbildung am Hof hatten, auch wenn als Auftraggeber häufig nur der Hofherr genannt ist.² (1990: 34)

A pesquisa foi fundamentada nas vertentes atuais da Medievalística alemã que integra tanto as tradições de filologia crítica quanto uma hermenêutica informada pela teoria de recepção. Os Estudiosos contemporâneos adaptaram a análise Foucaultiana à leitura dos textos medievais, com o objetivo de detectar fenômenos de poder dentro do processo discursivo. A interpretação da obra medieval alemã foi apoiada nas pesquisas de Joachim Bumke e Hans-Dirk Müller³. Outra vertente importante que norteou o trabalho foi a abordagem dos estudos de gênero, particularmente o livro de Jönsson, ainda que as afirmações desta autora em muitos casos tiverem de ser revidadas de forma crítica. Os estudos de Theodor M. Andersson, Judith Jesch e Jenny Jochens fundamentaram a análise feita da saga nórdica. Os procedimentos centrais consistem em leitura crítica, comparação e interpretação dos textos literários, seguidos por uma confrontação de controle mediante estudos historiográficos.

São conhecidos trinta e sete manuscritos de *A Canção dos Nibelungos*, estes foram designados por Karl Lachmann (1793-1851) através de letras maiúsculas (A-Z, AA) para pergaminhos e letras minúsculas (a-n) para trechos. Os manuscritos foram classificados de acordo com o valor literário conferido a cada versão e os mais importantes são os

² “Em muitos casos os poetas dirigiram-se diretamente ao público feminino e deixaram transparecer que eram elas que decidiam sobre o sucesso de suas obras. Daí pode-se compreender que as mulheres exerciam uma influência determinante sobre a formação de opinião e gosto na corte, mesmo que, frequentemente, apenas os senhores da corte sejam citados como aqueles que encomendavam as histórias.”

³ A proposta de Joachim Heinzle, que sugere considerar as “inconsequências” na *Canção dos Nibelungos* devidas a incapacidade do redator, nos parecia menos convincente e menos produtiva para este trabalho.

pergaminhos A, B e C.⁴ O manuscrito C difere dos outros dois por apresentar uma imagem mais branda de Kriemhild. A versão utilizada nessa dissertação é uma compilação da versão A e B organizada por Helmut de Boor e Karl Bartsch, a qual é conhecida pela sigla A/B. Embora a versão C tenha sido, sem sombra de dúvida, a mais divulgada durante a Idade Média, a B ou A/B é a mais utilizada entre os pesquisadores de *A Canção dos Nibelungos*, que acreditam que ela tenha um valor literário mais elevado, enquanto apenas poucos pesquisadores se ocupam da versão C.

Ambas as obras tratadas nessa pesquisa, *A Canção dos Nibelungos* e *A Saga dos Völsung*, foram escritas por autores (anônimos) que tinham por base histórias contadas apenas oralmente, o que nos é sugerido pela falta de vestígios de narrativas épicas anteriores, à exceção da *Edda Poética*. A *Edda* é uma compilação de histórias sobre deuses e heróis contadas na Islândia, a qual não tenta delimitar o que seria a “verdadeira”, sendo que, por vezes, encontram-se até três versões da mesma passagem. Uma vez que é certo que o autor de *A Saga dos Völsung* conhecia a *Edda Poética*, seu auxílio será utilizado nos momentos em que as diferenças entre as narrativas se mostrarem relevantes.

A *Edda Poética* também é conhecida como *Sæmundar Edda* ou *Codex Regius*. Por volta de 1220, Snorri Sturluson escreveu a *Edda*, um livro sobre poética e uma das mais importantes obras da Islândia medieval. O respeitado e lendário padre Sæmundr Sigfússon viveu de 1056 a 1133, mas nada do que havia escrito foi preservado. Dessa forma, os islandeses passaram a crer que a importante obra não passava de um resumo de uma *Edda* maior e mais valorosa escrita por Sæmundr Sigfússon. Em 1643, o *Codex Regius* chegou às mãos do bispo Brýnjólfur Sveinsson, que se convenceu de que aquela deveria ser a *Edda* escrita por Sæmundr. Não existe algo concreto que comprove a autoria desse trabalho, assim como já foi demonstrado que muitos dos poemas que ali estão são anteriores ao nascimento de Sæmundr.⁵ Embora a relação entre os livros não esteja provada, ambos passaram a ser designados como *Edda*, podendo ser diferenciados pelo nome de seu (possível) autor, *Snorra Edda* ou *Sæmundar Edda*, ou pelo seu gênero, sendo o tratado sobre poesia escrito por Snorri Sturluson a *Edda em Prosa*, e a compilação de poemas, a *Edda Poética*.

⁴ Vide “*Uns ist in alten Mären*“, 2003: 188; HEINZLE, 2003: 191.

⁵ Vide KRISTJÁNSSON, 1997: 26-27.

A *Saga dos Völsung* é a única saga nórdica que tem referências à ascendência distante de Sigurd, cujas personagens são citadas na *Edda Poética* sem nenhuma referência a esse parentesco. Uma vez que esse trecho não consta em *A Canção dos Nibelungos*, ele não será levado em consideração nessa pesquisa.

Os textos serão citados no original, com traduções próprias em notas de rodapé. Os pronomes de tratamento formais, *ir* e *þér*, e informais, *du* e *þú*, em médio alto alemão e nórdico antigo respectivamente, foram traduzidos por “vós” e “tu”. Os pronomes foram traduzidos fielmente, o que pode causar um certo estranhamento, pois não havia regras rígidas que regulamentassem o tratamento formal e informal, por isso, em um único diálogo, uma mesma personagem pode variar a forma de tratamento que utiliza com a outra, sem que haja uma alteração evidente no tom da conversa.

Um obstáculo no que se refere à cultura escandinava é a ausência de documentos sobre a Islândia medieval, porque os relatos sobre os primeiros colonizadores da ilha encontram-se em sagas. Em alguns casos, como em *Íslendingabók* (Livro dos islandeses), é conhecida a preocupação do autor, Ari Þorgilsson, em relatar apenas informações de fontes seguras, como afirma Kristjánsson:

Ari's conscientious citation of source-men may perhaps in part be due to this convention, but we can see that he is not so much trying to impress with great names as carefully selecting informants who he knew stuck to the truth and had long memories. [...] he says: "And whatever is miss-said in this history, one is duty-bound to prefer what proves to be more true". The history that Ari records in the succeeding chapters is the best proof that these words are not trite phrases but rather the program of a reliable scholar. (1997: 122)

Outro livro escrito com a principal intenção de contar a história de seus antepassados é o *Landnámabók* (Livro da Colonização). Embora também possa ser considerado literatura, este aproxima-se de um documento, sem a intenção de servir como forma de entretenimento:

[...] in its various recensions it remains a remarkable piece of medieval scholarship. It offers some explanation of the causes of the migration to Iceland and describes the origins of the settlers – and much of what it says is confirmed by other sources and by modern research. It preserves a vast amount of personal and family history, and provides vivid illustration of ways of life and of men's thoughts and beliefs in the Icelandic community's early days. (ibidem: 127)

Muitas outras sagas tomaram por base relatos sobre a vida de colonizadores, entretanto, elas foram redigidas com o principal intuito de entreter seus ouvintes, não tendo, portanto, que se ater à verdade, o que não impediu que fossem utilizadas como principal fonte nas pesquisas sobre a Islândia – o mesmo ocorrendo em vários livros que constam da bibliografia deste trabalho. Como a delimitação entre o que é real e o que é ficção torna-se difícil nesses casos, algumas limitações devem ser feitas no que se refere aos dados oferecidos por livros de pesquisadores da região. Uma forma de filtrar a realidade é conferir se os fatores encontrados são coerentes com as leis, *Grágás*, ou, se uma tensão é estabelecida.

Uma visão geral da cultura de cada região pode auxiliar na interpretação desses textos, pois, além das diferenças causadas por razões formais, pode-se encontrar raras disparidades ocasionadas por razões culturais ou históricas.

1. Diferenças histórico-sociais, culturais e formais

1.1. *Cristianização e paganismo*

A Europa ocidental da Alta Idade Média era cristã e não manteve registros escritos relevantes sobre seu passado pagão, o qual foi combatido com afínco pelos adeptos da nova religião. O processo de cristianização dos povos germânicos foi longo e violento, e estava praticamente concluído no início do século IX:

No leste, Carlos Magno deu início a uma tradição de conquista em que massacre e conversão misturavam-se [...] Ao longo do Mar do Norte, de 772 a 803 os Saxões foram conquistados com muito custo, numa série de campanhas em que alternaram vitórias aparentes e revolta dos pretensos vencidos [...] Auxiliado por missionários – todo e qualquer ferimento contra algum deles e toda a ofensa à religião cristã eram punidos com a morte segundo uma capitular editada com o fim de ajudar a conquista –, e conduzindo ano após ano os guerreiros para o interior do território, batizando uns, pilhando outros, queimando, massacrando e efetuando deportações em massa, Carlos acabou por subjugar os Saxões. Bispados foram criados em Bremen, Münster, Paderborn, Verden e Minden. (LE GOFF, 2005: 44)

A educação e, portanto, a escrita e a cultura eram monopólio da Igreja. Aos poucos, toda a simbologia pagã foi englobada à cultura cristã, fato que explica que mesmo Etzel, a personagem pagã de *A Canção dos Nibelungos*, surge apresentando traços cortesês e nenhuma semelhança real com aqueles que deveriam ter sido os costumes de seu povo.

A história da Islândia, que foi tardiamente colonizada, desenvolve-se de uma forma totalmente distinta. Calcula-se que sua colonização tenha se dado de 874 a 930, devido à tentativa de fugir da tirania do rei norueguês, Haraldr inn hárfagri (Harald “Cabelo Fino”). A Islândia foi cristianizada no ano 1000, mas esse foi um processo pacífico, decidido através de votação no *alþing* (assembleias que ocorriam todo o verão e nas quais os *goðar* faziam os julgamentos). A coexistência das duas diferentes religiões poderia criar um conflito maior, o que acabaria por facilitar a tomada de poder da Noruega, e, por essa razão, logo houve a votação pacífica:

Eine Trennung hätte sicherlich Islands Selbständigkeit gefährdet, der norwegischen Krone willkommenen Anlass gegeben, in die isländischen Verhältnisse einzugreifen. So ging Islands Übertritt zum Christentum ohne jede Gewalttat vor sich, auf kühle Erwägung und kluge Entschließung der Führer im Volke. Das Heidentum wurde abgeschafft, aber nicht grausam verfolgt. Erst viel später mit dem Erstarren der kirchlichen Zucht machen sich strengere Verbote gegen heidnischen Brauch geltend.⁶ (GOLTHER, 2000: 66; I vol.)

Mesmo quando o Cristianismo já era praticado por toda a população da Islândia, não havia uma forte rejeição das religiões pagãs, mas uma tendência em tentar resgatá-las através da literatura, para que não caíssem no esquecimento. Tal respeito com as antigas religiões está expresso na literatura que se formou dali por diante e no desejo que os islandeses tinham de manter as memórias de seus antepassados e suas tradições.

1.2. *Sociedade*

Antes de iniciar a comparação entre as duas sociedades, deve-se chamar a atenção para o fato de o estudo das mulheres em cada uma delas não abarcar exatamente a mesma categoria. Embora ambas as narrativas tratem das mulheres da nobreza, apenas o estudo sobre as mulheres européias é de fato delimitado à aristocracia. A Europa feudal do século XII tinha uma sociedade estritamente hierárquica, cuja mobilidade era muito limitada. No topo da pirâmide estavam a nobreza e a cavalaria e, na base, encontravam-se os camponeses, como aponta Joachim Bumke:

⁶ “Uma separação teria certamente posto a Islândia em perigo, teria dado uma oportunidade bem vinda pela coroa norueguesa de intervir nas relações islandesas. Dessa forma, deu-se a conversão dos islandeses ao cristianismo, sem violência, devido à fria ponderação e à decisão sábia dos líderes do povo. O paganismo foi extinto, mas não foi cruelmente perseguido. Apenas muito mais tarde, com o fortalecimento da disciplina da Igreja, as proibições mais severas contra os costumes pagãos passaram a se fazer valer.”

Der Wirklichkeit näher kam die Einteilung der Menschen in "Mächtige" und "Arme" (*potentes* und *pauperes*) [...] Auf deutsch sagte man dafür: *riche und arme* oder *hêrren und knechte*. Die Unterscheidung von Herrschaft und Dienst war grundlegend für die mittelalterliche Gesellschaftsordnung. Noch deutlicher wurde die hierarchische Leiter, wenn man drei Stufen unterschied. Der deutsche 'Lucidarius' (Ende des 12. Jahrhunderts) kennt eine Einteilung in "Freie", "Ritter" und "Eigenleute".⁷ (2002: 41)

As mulheres e a maioria dos dados tratados em *A Canção dos Nibelungos* correspondem à realidade de sua época. Princesas, reis e rainhas não são parte de um mundo distante, mas sim do dia-a-dia da audiência à qual a obra era destinada.

Na Islândia não havia aristocracia, essa idéia existia apenas no imaginário daquele povo devido aos seus ancestrais e ao contato estreito com a Noruega. Mas não devemos imaginar que os relatos sobre as mulheres islandesas e os costumes daquelas pessoas tratem de uma camada uniforme de camponeses, pois as sagas e os registros históricos da região englobam uma categoria de pessoas bem sucedidas, detentoras de bens e muitas vezes de famílias com relevante poder político, configurando uma classe superior dentro da estrutura social existente naquela região:

Träger dieser Literatur war – wie für das Mittelalter typisch – die Oberschicht. In den Sagas bleibt man unter sich, die Protagonisten gehören den reichen und herrschenden Familien an. Man ist miteinander verwandt, verschwägert, verfreundet und innerhalb dieser Kreise werden die Konflikte ausgetragen. Sklaven und Landarbeiter sind kaum großer Taten fähig.⁸ (UECKER, 2004: 118)

Alguns relatos indicam que havia uma forte divisão entre a classe governante e a classe de pessoas pobres e iletradas:

It is evident from *Sturlunga saga* that Iceland was a rigorously classdivided society in the thirteenth century. The gap and the possible interaction between the illiterate and powerless majority on the one hand, and the group which controlled the growing textual culture and held positions of power in the thirteenth century (the ruling class and clergy) on the other, is difficult to measure. However, *Sturlunga saga* is a product of aristocratic culture in Iceland and depicts events from the point of view of people occupying the seats of power. Our estimation of the presentation of historical fact in the compilation must inevitably be

⁷ "Mais próximo à realidade, a divisão das pessoas era feita entre 'poderosos' e 'pobres' (*potentes e pauperes*) [...] Em alemão dizia-se: *riche und arme* [ricos e pobres] ou *hêrren und knechte* [senhores e servos]. A diferença entre poder e servidão era básica para a ordem social da Idade Média. A escada hierárquica era ainda mais evidente quando se diferenciavam três degraus. O alemão 'Lucidarius' (final do século XII) conhece uma divisão em 'livres', 'cavaleiros' e 'servos'."

⁸ "A portadora dessa literatura era a classe superior, como era típico na Idade Média. Nas sagas, as pessoas não se misturam, os protagonistas pertencem às famílias ricas e poderosas. Eles são familiares, parentes por afinidade ou amigos, e dentro desse círculo são resolvidos os conflitos. Escravos e camponeses não são capazes de grandes atos."

tempered by this hierarchical perspective. The scale and the grandeur of the Icelandic ruling class symbols refer to a recognizably similar cultural and social milieu. (ROSS, 2000: 223)

Com o passar dos anos, a distância entre as classes cresce de tal forma, que a classe dominante passa a se identificar com a aristocracia, buscando ligações genealógicas com a nobreza norueguesa:

Icelandic chieftains began to identify themselves with European aristocrats in the twelfth century, and particularly in the thirteenth century, through the writing of royal *historiae*, genealogies, the myth of settlement and skaldic poetry. The Oddaverjar⁹ linked their lineage directly to Norwegian dynasties. (ibidem: 237)

No entanto, a idéia de mobilidade social ainda era muito presente na literatura da época. As sagas de família, que dão base à boa parte do estudo sobre a sociedade islandesa, demonstram que esta era uma sociedade móvel, na qual seus personagens principais ascendem socialmente durante a narrativa. Uma razão para isso é o fato de as sagas remontarem ao início da colonização, quando a divisão de classes era mais flexível. Outra possibilidade é a tensão criada pela disputa de poder, assim como o questionamento sobre as fundações do sistema que havia se instalado:

Contemporary interest in ambiguities of identity might be the reason for the international success of the family sagas over the last century and a half. With them we are already in the world of the novel, because saga society is much like ours: a stratified yet mobile society where identities are unstable and where there is an ongoing struggle between individuals climbing the social ladder. Such a premature development of novelistic discourse is due to an unusual historical situation: political instability in Norway during most of the twelfth century allowed the ruling class of Iceland to use medieval humanism to forge its own identity as an independent aristocracy through the constitution of genealogies and historiography. The strengthening of the royal state, however, attracted the Icelandic aristocracy into the king's orbit, provoking competition for status. This new situation acted so as to reveal tensions within the upper layers of society and led to a symptomatic questioning of the ideological foundations of the social system. (ibidem: 261)

A estratificação social na Islândia estava longe de ser a mesma de uma sociedade feudal, mas, mesmo que sejam muitas as diferenças entre as mulheres de cada região, a comparação não seria tão rude quanto equiparar a mais fina nobreza européia com simples camponeses, pois os arquivos referem-se a pessoas do mais alto nível social em ambos os casos. A alta sociedade islandesa tinha o desejo de se igualar à aristocracia européia, o que eleva o valor das sagas heróicas não apenas por serem utilizadas como uma forma de criar

⁹ Os Oddaverjar, junto com os Sturlung, eram uma das mais influentes dinastias islandesas na época.

uma laços genealógicos até eles, mas também porque essa atitude confere aos livros o *status* de modelo, mesmo sendo inspirados em um povo pagão e em costumes antigos.

1.3. Gêneros literários

A *Canção dos Nibelungos* é uma das poucas obras de sua época que pertencem ao gênero da epopéia heróica, a grande maioria delas pertence ao ciclo do rei Artur e ao gênero do romance cortês. Uma vez que há muitas controvérsias sobre tal classificação e para esclarecer que razões levam estudiosos a utilizar essa denominação, algumas diferenças entre a epopéia heróica e o romance cortês serão elucidadas aqui.

A *Canção dos Nibelungos* foi encontrada pelo médico Jakob Hermann Obereit na biblioteca do Conde de Hohenems em 1755. Algumas décadas mais tarde, o poder de Napoleão cresceu rapidamente, e, com a mesma velocidade que ele subjulgava novas nações, aumentou a necessidade desses povos de se verem representados em um épico nacional. A *Canção dos Nibelungos* era relatava sobre personagens que remetiam a figuras da migração dos povos, parecendo ser um livro da história alemã. Essas foram algumas das razões que fizeram que ele fosse eleito o épico nacional alemão, embora essa classificação já causasse discussões na época do Romantismo.

Ao discutir a poesia épica, Hegel analisa profundamente os épicos da Antigüidade e cita *A Canção dos Nibelungos* algumas vezes, pois tal noção já envolvia a obra. Contudo, ele não se convence de que *A Canção dos Nibelungos* seja de fato uma epopéia. Para Hegel, a visão de mundo de um povo está apresentada de forma objetiva na poesia épica, a qual canta seu passado heróico representando sua vida religiosa, doméstica e política.¹⁰ *A Canção dos Nibelungos* talvez pudesse ter sido encarada como um épico durante a Idade Média, mas Hegel repudia essa idéia para seus dias, porque a realidade vivida pelas personagens dessa obra está muito distante daquela vivida pelos alemães da atualidade. Ele chega a afirmar que: “A história de Cristo, Jerusalém, Belém, o direito romano, mesmo a guerra troiana, possuem muito mais atualidade para nós do que os acontecimentos dos Nibelungos” (2004: 104). Evidente que essa observação apenas aponta para o fato de *A Canção dos Nibelungos* não ser mais apropriada para representar a nação alemã. Todavia, será que, mesmo desatualizada, ela ainda poderia ser classificada dentro do gênero épico?

¹⁰ Vide HEGEL, 2004: 91-92.

Para Hegel, a temática mais indicada à poesia épica é a guerra, “pois na guerra [...] toda a nação é colocada em movimento, [...] aqui a totalidade como tal encontra um motivo para ser responsável por si mesma.” (2004: 105). Ele também afirma que essas guerras devem se dar entre ações estrangeiras, elas não podem ser intestinais, pois estas são mais adequadas a uma exposição dramática. Enquanto no drama a vontade da personagem é interior, na epopéia o que vale são as circunstâncias e as contingências exteriores. Levando-se em consideração essas características, Hegel conclui que, embora *A Canção dos Nibelungos* tenha uma série de características da epopéia, ela está mais próxima do gênero dramático:

A Canção dos Nibelungos pode tampouco ser colocada ao lado deste mundo fragmentado do romance, mas épico segundo o seu tipo fundamental quanto da *Iliada* e da *Odisséia*. Pois, embora não falte a esta obra apreciável, autenticamente germânica, alemã, um conteúdo substancial nacional, no que se refere à família, ao amor conjugal, à vassalagem, à fidelidade servil, ao heroísmo, e um vigor interior, toda a colisão, porém, a despeito de toda a amplitude épica, é antes de espécie dramático-trágica do que completamente épica. (2004: 148)

Hegel aponta características épicas e dramáticas em *A Canção dos Nibelungos*, mas não se decide por uma classificação exata para a obra.

Por sua vez, Edward Haymes afirma acreditar que a primeira parte é dramática, enquanto apenas a segunda, a qual retrata a queda dos burgúndios, pode ser considerada genuinamente épica.¹¹ Por essa razão, já o primeiro pesquisador da obra, Johann Jakob Bodmer (1698-1783), ocupou-se principalmente da segunda parte da canção, publicando apenas esse trecho, uma vez que era o único que se adequava às suas comparações com a *Iliada*. Mesmo os mais entusistas, como Bodmer, não conseguiam adequar todo o material de *A Canção dos Nibelungos* ao gênero épico. Muitos dos pesquisadores da atualidade, assim como Hegel, não conseguem classificar *A Canção dos Nibelungos* em um gênero específico, um fator que leva a essa dificuldade é o fato de esta ser uma obra única em sua época, pois é a única que trata de figuras da migração dos povos e não de histórias narradas nos romances franceses.

Com efeito, ao pensarmos em *A Canção dos Nibelungos* como uma epopéia heróica, devemos fazê-lo dentro do conceito medieval, sem a intenção de enquadrá-la dentro de todos os aspectos que tal termo abrange, pois este, acima de tudo, serve para diferenciá-la

¹¹ Vide HAYMES, 1999: 92.

do romance cortês, uma vez que ela não atinge a completude de características de um épico clássico. Enquanto o romance cortês vem para cristalizar a cultura escrita e é redigido em grandes blocos, a epopéia é concebida em estrofes de quatro versos, e não deve ser lida, mas sim cantada. Ambos os gêneros apresentam personagens que remetem a figuras consideradas históricas, mas a epopéia se ocupa principalmente de fatos que elas realmente desenvolveram. Por sua vez, os romances cortesões costumam adequar a vida dessas personagens aos padrões da época, da mesma forma que procuram apresentar suas ações de forma que sejam educativas àqueles que os lêem. O épico heróico é baseado em um material que vinha sendo passado oralmente por muitos anos, por isso é uma obra anônima. Já os autores dos romances cortesões são sempre conhecidos, e interferem frequentemente na narrativa.

A Canção dos Nibelungos não era a única epopéia em sua época, mas sim a única que foi transcrita. Algumas de suas personagens, como Dietrich von Bern ou Hildebrand, foram temática para outras epopéias, mas suas histórias completas não foram passadas para o pergaminho na língua germânica, ou são encontradas apenas em fragmentos, visto que não houve um poeta que houvesse as tornado em uma grande obra como *A Canção dos Nibelungos*.

Embora *A Canção dos Nibelungos* tenha fortes traços de oralidade, a presença de um autor que tenha compilado e manipulado a obra é indiscutível:

[...] die Vorstellung, daß die Dichtung durch das Zusammentreffen verschiedener Sagenüberlieferungen sozusagen von selbst entstanden sei, wird durch die ausgeprägte künstlerische Individualität des Nibelungendichters widergelegt. Es kann nicht zweifelhaft sein, daß dieser Dichter ein Schriftwerk verfaßt hat, wobei er sich allerdings die Eigenheiten der mündlichen Erzähltradition vielfach zu Nutze machte.¹² (BUMKE, 1990: 196)

Esse autor conferiu características do romance cortês à obra, fazendo que ela se tornasse uma mescla entre a tradição oral e a escrita. A epopéia, assim como os romances cortesões, é marcada por descrições detalhadas de toda a sociedade, cotidiano e gestos cortesões. Todo o conteúdo épico, mesmo que representando personagens de um passado distante, foi adaptado a esse cotidiano para satisfazer essa demanda do gênero. Para que

¹² “[...] a idéia de que a obra literária tenha, assim por dizer, surgido por si própria através do encontro de diferentes tradições orais é refutada pela individualidade artística marcada. Não há dúvidas de que esse escritor redigiu uma obra literária escrita através do largo uso das características da tradição oral.”

uma descrição rica e viva fosse alcançada, foi feito um largo uso de adjetivos, a fim de apresentar tanto objetos e situações como qualquer personagem.

Durante a Idade Média, as principais produções literárias em prosa da Islândia foram as *Islendingasögur* (sagas islandesas ou sagas familiares) e as *fornaldarsögur* (sagas arcaicas), cujo ápice de produção foi alcançado entre os séculos XIII e XIV. Havia nessa época um grande movimento no sentido de escrever sagas não apenas como uma forma de entretenimento, mas como uma forma de preservar o passado e a história de seus antepassados, e até de manter a tradição pagã. Essa iniciativa vinha da camada dominante, tendo em Snorri Sturluson, o autor da *Edda em Prosa*, seu maior representante.

Islendingasögur é a forma como foram denominadas as sagas que tratam da vida dos primeiros colonizadores da Islândia, as quais descreviam as razões pelas quais os familiares das personagens principais ou elas próprias deixaram a Noruega. Devido à estrutura social que se estabeleceu na Islândia, lá não havia guerras, mas eram comuns as disputas familiares. Quando os problemas não podiam ser resolvidos pacificamente no *alþing*, os membros de uma família se uniam para resolvê-lo, frequentemente através da morte do transgressor, o qual, por sua vez, costumava ser vingado por seus amigos e parentes, causando um ciclo de vinganças. É interessante notar que mesmo as mortes podiam ser resolvidas no *alþing*, desde que o culpado oferecesse uma compensação em dinheiro às pessoas que foram diretamente prejudicadas pela perda. Contudo, muitas vezes ele se recusava a fazer isso, ou por não ter meios, ou por achar que o pagamento não era justo, alimentando a disputa familiar. Essas disputas são a principal temática das *Islendingasögur*, que não apenas relatam os primeiros colonizadores, mas a forma como resolveram seus conflitos e, muitas vezes, o contexto em que morreram.

Embora as disputas familiares sejam uma característica das *Islendingasögur*, elas estão refletidas em *A Saga dos Völsung*, que é construída sobre essa base, de forma que as suas personagens apresentam relações de parentesco inexistentes em *A Canção dos Nibelungos*, obra que concentra toda a ação em apenas uma geração, enquanto que a saga se estende por muitas gerações seguidas, dando uma elevada importância à prole dos heróis que serão aqueles que darão continuidade à narrativa.

As *fornaldarsögur* são classificadas por um critério temporal, porque remetem a tempos anteriores à colonização da Islândia, no entanto, elas não formam um grupo

uniforme e devem ser divididas em três subcategorias: as sagas sobre os vikings, as de aventuras (ou de contos de fadas) e as heróicas. As primeiras relatavam as empreitadas dos vikings em terras distantes, as de aventuras tratavam de lendas e aventuras de seres sobrenaturais e personagens relacionados diretamente com o mundo mítico, e as sagas heróicas relatavam os heróis germânicos, sendo que parte de suas histórias havia sido narrada também na *Edda Poética*. A *Saga dos Völsung* é, portanto, uma saga heróica.

Enquanto as *Islendingasögur* pretendiam ser relatos históricos, as *fornaldasögur* encontram-se em algum ponto entre a história e a ficção, pois suas personagens se baseiam em figuras históricas que são de um tempo tão distante, como as personagens da migração dos povos, que há muito já se tornaram lendas que em pouco lembram aquilo que aqueles que as inspiraram realmente fizeram. O único gênero considerado completamente ficcional na Islândia são as *riddarasögur* (sagas de cavaleiros)¹³, um gênero que se constitui principalmente de traduções de romances cortesões franceses. No entanto, o conhecimento de que as *fornaldasögur* não são uma fonte de conhecimento histórico real é um conhecimento moderno, visto que, na Idade Média, os islandeses as utilizavam como fontes históricas.¹⁴ Devido a essa intenção de servir como fonte histórica, uma grande importância é despendida com a ascendência das figuras ali representadas, o que faz com que as sagas costumem apresentar um número elevado de personagens.

As sagas são um gênero tipicamente anônimo, uma vez que seu conteúdo era considerado como algo de conhecimento público.¹⁵ Isso porque as histórias retratadas tanto nas *Islendingasögur* quanto nas *fornaldarsögur* foram transmitidas oralmente durante muitos anos – mesmo as *Islendingasögur* costumavam ser escritas depois de 150 anos ou mais que os fatos narrados haviam ocorrido.

As sagas são escritas em prosa, mas frequentemente apresentam alguns trechos de poesia inclusos no corpo do texto. As sagas sobre reis, assim como as *Islendingasögur* costumam oferecer trechos de *skald*, um tipo de poesia que costumava ser feita para reverenciar reis e cujos autores eram pessoas conhecidas. Elas eram inclusas na saga quando haviam sido feitas para honrar os reis presentes na narrativa, ou quando os poetas eram personagens da saga e a poesia ilustrava alguma passagem ali apresentada. Já as

¹³ Vide UECKER, 2004: 114.

¹⁴ Vide ibidem: 151.

¹⁵ Vide ROSS, 2000: 65.

fornaldarsögur apresentam trechos de poesias que têm a métrica édica (a mesma da *Edda Poética*), uma razão para isso é porque essas narrativas foram mantidas oralmente por muitos anos e a poesia com essa métrica era a forma na qual elas se apresentavam. Quando a *Edda Poética* foi escrita, partes do texto já surgem em prosa, o que pode ser uma indicação de que, embora a história em si ainda fosse lembrada, os versos que a contavam haviam sido esquecidos.¹⁶ Por fim, durante o processo de escrita, quase não se tem memória dos versos, mas esses são incluídos quando ainda são lembrados. No caso de *A Saga dos Völsung*, ainda havia os versos registrados na *Edda*, fato que auxiliou o autor a citar um número muito maior de versos, como é o caso do capítulo no qual Brynhild (originalmente Sigrdrifa) divide seus conhecimentos com Sigurd.

Devido ao fato de se tratar de tempos tão antigos e do passado pagão daquele povo, as *fornaldarsasögur* apresentam uma grande quantidade de personagens míticas ou lendárias, sendo fortemente baseadas no imaginário dos islandeses, e não na realidade que eles viviam em sua época. Ainda que esse imaginário não reflita sempre a realidade na qual o povo vive, ele pode ajudar a indicar alguns valores, no que se observa o destino dessa personagem e o julgamento que é feito dela por outros que interagem com ela durante a narrativa.

A saga tem um estilo rudimentar, no qual as descrições são breves e a adjetivação é fraca, utilizada apenas quando se faz estritamente necessária. Não há maiores descrições dos costumes da época, pois se ocupa principalmente da ação, ou seja, de cenas que retratam o desentendimento entre as personagens, batalhas e mortes.

No épico, as mulheres são descritas em suas tarefas cotidianas, porque isso faz parte da descrição da corte, já na saga, isso ocorre raramente. Para que as mulheres sejam descritas no desenrolar da narrativa de uma saga, elas devem oferecer algo novo, algo além da simples descrição de hábitos cotidianos, algo que leve à intriga e à ação, ao contrário do que acontece em romances cortesões ou em épicos da Europa continental.

2. Termos em Nórdico Antigo

A Saga dos Völsung foi escrita na Islândia do século XIII, em nórdico antigo (ou islandês medieval, como é chamado por alguns). Essa era a língua falada pelos noruegueses

¹⁶ Vide KRISTJÁNSSON, 1994: 357.

na época da colonização da Islândia, final do século IX, a qual não se modificou muito nos séculos subsequentes devido ao contato limitado da ilha com o resto do continente. A Islândia desenvolveu, em seus primeiros séculos, uma literatura que lhe é própria, assim como uma história política um tanto quanto peculiar. Dessa forma, optei por citar os nomes de gêneros literários e fenômenos que são próprios da região em sua forma original, uma vez que não encontram correspondentes em outros países.

- *Islendingasögur* (singular: *Islendingasaga*): literalmente “sagas islandesas”, mas também conhecidas como “sagas familiares”. São as sagas¹⁷ que relatam a vida de alguns dos primeiros colonizadores da Islândia, sempre tendo em vista disputas familiares¹⁸, e a morte trágica de muitos dos que estavam envolvidos. Elas têm uma função histórica.

- *Fornaldarsögur* (singular: *fornaldarsaga*): sagas arcaicas. São sagas que relatam sobre heróis, vikings ou seres sobrenaturais. Sempre remetem a tempos idos e não se passam dentro do território islandês.

- *Skald*: traduzido por alguns autores como “escaldo”. É um tipo de poesia característica da Islândia, que era marcada por uma métrica rígida e aliterações. *Skald* exigia profundo conhecimento da mitologia nórdica, pois os elementos da poesia eram designados por meio de *kenningar* (singular: *kenning*), metáforas que designavam o objeto ou pessoa da qual se está falando, como, por exemplo, “chuva de lanças” para batalha, ou o “assassino do dragão” para Sigurd.

- *Alþing*: assembléia que ocorria todo o verão. Nela, o *goði* (plural: *goðar*), um homem com conhecimento das leis e escolhido pelos que deveriam ser defendidos, julgava com outros *goðar* as queixas dos homens de sua região.¹⁹

- *Grágás*: literalmente o “ganso cinza”. Livro que apresenta todas as leis do *alþing*.

3. Nomes das personagens

Devido ao fato de ambos os livros tratarem das mesmas personagens, mas terem sido escritos em países de línguas diferentes, seus nomes não costumam ser idênticos, mas apresentam similaridades. Algumas personagens têm nomes semelhantes, mas ocupam

¹⁷ “Saga” significa em islandês História ou história (estória).

¹⁸ Conflitos que acabavam por gerar pequenas guerras entre famílias para vingar a morte de um ente querido.

¹⁹ O nórdico antigo apresenta duas consoantes próprias, o “þ” e o “ð”, ambas equivalem ao “th” do inglês, com a diferença que o “þ” corresponde ao fricativo línguo-dental surdo, como em “thick”, e o “ð” ao fricativo línguo-dental sonoro, como em “father”.

papéis distintos, o que pode criar uma certa confusão. Para facilitar a leitura, a tabela a seguir disponibiliza, lado a lado, os nomes das personagens correspondentes.

A Canção dos Nibelungos

Siegfried

Kriemhild

Gunther

Brünhild

Etzel

Hagen

Ute

A Saga dos Völsung

Sigurd

Gudrun

Gunnar

Brynhild

Atli

Högni

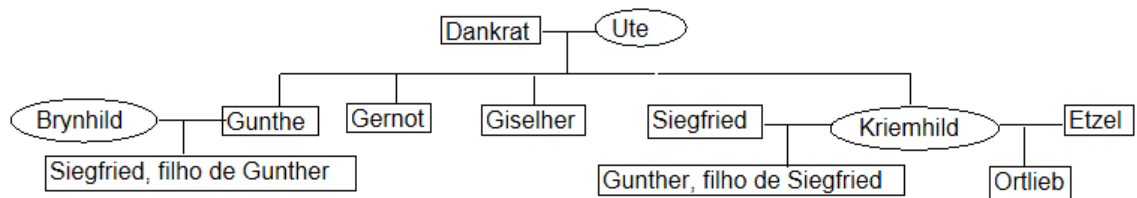
Grimhild

Não apenas o nome das personagens é diferente, mas os nomes das obras também apresentam importantes disparidades. *A Canção dos Nibelungos* é uma menção ao tesouro que obtido por Siegfried antes da sua empreitada em Worms, o tesouro foi tomado de um povo que atendia pelo nome de nibelungos e esse nome é transmitido junto com a posse do tesouro; depois que Siegfried o obtém, ele e sua família passam a ser designados por esse nome e, na segunda parte, depois de Hagen ter tomado o tesouro de Kriemhild, são os burgúndios que passam a ser chamados de nibelungos, junto com o nome do tesouro é transmitida a sua maldição, aqueles que passam a ser designados por esse nome estão marcados para morrer. Já *A Saga dos Völsung* é um título que não faz menção alguma ao tesouro, presente apenas na segunda parte do livro, ele enfoca um dos ascendentes de Sigurd, Völsung, neto de Sigi que teria sido filho de Odin, a saga relata a história da família de Völsung, começando com um breve relato sobre o primeiro da genealogia que teria sido um filho de Odin e terminando com a morte da última herdeira, Svanhild.

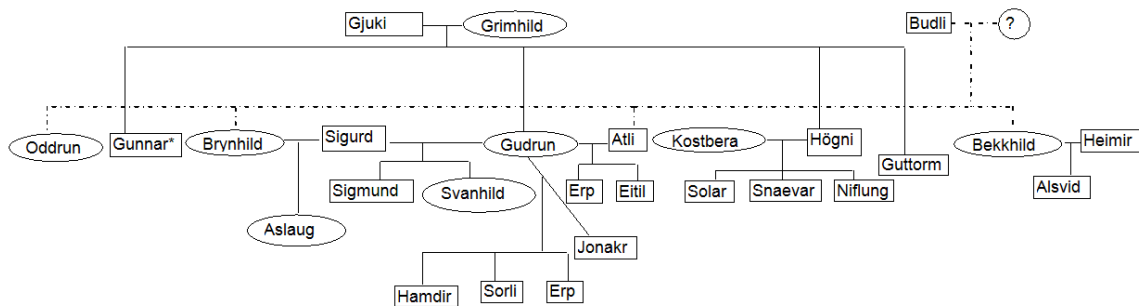
Uma vez que uma elevada importância é delegada à genealogia na Escandinávia, muito mais personagens apresentam parentesco com as personagens principais em *A Saga dos Völsung* do que em *A Canção dos Nibelungos*; a citar o vassalo Hagen von Tronje, que é, na saga, Högni, o irmão sensato do rei Gunnar; ou Brynhild e Atli, que podem ser reconhecidos nos mesmos papéis que Brünhild e Etzel, mas são irmãos na narrativa

islandesa. As páginas seguintes apresentam uma árvore genealógica para cada livro, oferecendo uma rápida visualização das diferentes relações familiares e amorosas.

Árvore genealógica de A Canção dos Nibelungos



Árvore genealógica de A Saga dos Völsung



*Gunnar foi casado com Brynhild e foi amante de Oddrun, mas não teve filhos com nenhuma delas; os filhos de seu segundo casamento não são mencionados na saga.

4. Resumo das narrativas

<i>A Canção dos Nibelungos</i>	<i>A Saga dos Völsung</i>
	Sigurd, filho de Hjordi e Sigmund, é entregue ao rei Hjalprek, do qual ele se torna um criado livre.
Siegfried mata os nibelungos Schilbung e Nibelung, e fica com seu maravilhoso tesouro. Em seguida, ele enfrenta Alberich, o qual desejava vingar seus senhores, e Siegfried toma dele o manto invisibilizador. Ele também mata um dragão e se banha em seu sangue, tornando sua pele dura como chifre. (Essa parte da história é relatada apenas mais adiante.) *	Sigurd mata o dragão Fafnir e toma dele seu tesouro. Em suas andanças, encontra uma valquíria, Brynhild, a qual acorda quando ele rompe sua armadura. Ela havia caído em um sono profundo, pois havia dado a vitória ao adversário de Odin, e este havia a amaldiçoado a perder todas as batalhas a partir de então e a se casar. Ela lhe ensina sobre as runas e dá-lhe conselhos. Antes de partir, Sigurd e Brynhild trocam juras de amor. Sigurd hospeda-se no reinado de Heimir, pai de criação de Brynhild, lá a encontra novamente, e, mais uma vez, eles trocam juras de amor.
Na terra dos burgúndios, em Worms, vivem Ute e seus filhos: Gunther, Gernot, Giselher, e a bela Kriemhild. Um dia, Kriemhild acorda atormentada por um terrível sonho, no qual criava um belo falcão e duas águias o dilaceraram diante de seus olhos. Ela relata esse sonho para sua mãe que o interpreta, dizendo que o falcão é um homem que ela provavelmente perderá. A dama afirma que não deseja nunca se apaixonar, pois assim não sofrerá e permanecerá sempre bela. Sua mãe a repreende, porque ela só conheceria a felicidade através do amor de um homem.	O rei Gjuki e a rainha Grimhild têm quatro filhos: Gunnar, Högni, Guttorm e a moça Gudrun. Gudrun tem maus sonhos e decide ir até Brynhild para que ela lhe revele o significado destes. Ela lhe relata um sonho, no qual todos desejam capturar um lindo cervo com crina de ouro, mas apenas Gudrun consegue fazê-lo. Ela se afeiçoa muito ao animal, mas Brynhild o mata. Brynhild interpreta o sonho e revela o destino que elas têm em comum, o que traz grande pesar para a nobre mulher.
Siegfried apaixonou-se por Kriemhild e vai até Worms. Chegando lá, ameaça a família e diz que deseja tomar aquelas terras. Como Hagen conhece a história de Siegfried* e sabe de sua bravura, os burgúndios tentam manter uma convivência pacífica. Siegfried permanece lá e os auxilia na vitória contra os saxões. Ele deseja partir depois disso, mas os burgúndios apresentam-lhe Kriemhild, tendo em vista mantê-lo em suas terras.	Sigurd chega às terras do rei Gjuki. Grimhild logo nota o valor de Sigurd e deseja que ele se torne parte da família. Como Sigurd menciona Brynhild com muita frequência, Grimhild entrega para ele uma poção mágica que faz com que ele a esqueça e, em seguida, convence o rei Gjuki a oferecer a mão de Gudrun para Sigurd, que a aceita.

<p>Gunther ouve notícias da distante Isenstein, onde reina Brünhild, uma mulher de beleza e força descomunal, que se casaria apenas com aquele que conseguisse derrotá-la em duas disputas escolhidas por ela mesma. Todo aquele que falhasse, morreria. Siegfried acompanha Gunther na viagem até Isenstein. Por esse auxílio ele ganharia a mão de Kriemhild. Para não levantar suspeitas, Siegfried apresenta-se como vassalo de Gunther e, com sua capa invisibilizadora, ele auxilia o rei em todas as tarefas.</p>	<p>Grimhild sugere que Gunnar deveria casar-se com Brynhild, assim prosperaria em todos os aspectos. Ele concorda, e ela o instrui a pedir que Sigurd o acompanhe na viagem. Apenas o homem que atravessasse o fogo flamejante que circundava o salão de Brynhild poderia tomar sua mão. Gunnar tenta executar a prova, mas o cavalo não se aventura. Sigurd e Gunnar trocam de aparência, e o primeiro executa a tarefa.</p>
<p>O duplo casamento de Gunther e Brünhild, e Siegfried e Kriemhild é realizado. Brünhild não se conforma com o casamento de Kriemhild com um vassalo e recusa-se a se entregar para Gunther na noite de núpcias. Como ele insiste, ela o amarra e pendura na parede até o amanhecer do dia. Vendo a tristeza do rei, Siegfried oferece sua ajuda. À noite, ele vai ao quarto de Gunther e luta contra a terrível rainha até ela ceder, então ele se afasta, levando consigo uma cinta e um anel. Gunther deita-se com a rainha. Ao perder a virgindade, Brünhild perde também todos seus poderes.</p>	<p>Sigurd passa três noites com Brynhild e deita uma espada entre eles para que não houvesse contato algum entre os corpos. Após essas três noites, eles abandonam o quarto. Sigurd guarda para si um anel de Brynhild.</p>
<p>Siegfried e Kriemhild partem para Xanten. Após dez anos, ela dá a luz a um menino, Gunther. Brünhild também tem um menino, que é batizado com o nome Siegfried.</p>	<p>Brynhild deixa sua filha que teve de Sigurd, Aslaug, com Heimir, devido ao seu casamento com Gunnar. Durante as festividades do casamento entre Gunnar e Brynhild, Sigurd recobra a memória dos votos trocados entre eles.</p>
<p>Brünhild não se conforma com a ausência do “vassalo” Siegfried e faz com que seu marido convide o casal para as festas de solstício. Durante as justas, Kriemhild afirma que seu marido é o mais poderoso de todos, o que enfurece Brünhild, pois ele não passa de um vassalo. A discussão é levada até as portas da catedral, onde Kriemhild mostra para Brünhild seu anel e sua cinta e a acusa de ser amante do vassalo.</p>	<p>Brynhild e Gudrun vão banhar-se no Reno. Brynhild distancia-se de Gudrun, pois, sendo uma mulher superior, ela não deseja banhar-se nas mesmas águas. Elas discutem sobre o valor de seus homens, e Gudrun mostra-lhe o anel que Sigurd tirou dela durante a noite de núpcias, revelando a verdade sobre quem realmente atravessou o fogo flamejante.</p>

<p>Brünhild exige que Gunther a livre das acusações que sofreu. Ele pede explicações a Siegfried, que jura diante da corte não ter se deitado com a esposa do rei, assim como promete castigar sua esposa pela injúria. Hagen não aceita a desonra e, junto a Gunther, planeja a morte de Siegfried em uma emboscada durante uma caçada. Mas antes disso, simula um ataque ao reino, para convencer Kriemhild que poderá proteger melhor seu marido, caso ela revele onde ele é vulnerável.</p>	<p>Brynhild entra em uma depressão profunda e ameaça abandonar o marido, assim como afirma que ele irá sofrer grandes perdas em poder e riquezas, caso ele não mate Sigurd e seu filho. Apesar de Högni ser contra, eles levam a vingança adiante e convencem o irmão mais novo, Guttorm, a matar Sigurd em seu leito. Antes de morrer, Sigurd arremessa uma espada contra Guttorm e ele cai morto.</p>
<p>Kriemhild desespera-se com a morte de Siegfried e reconhece em Hagen o assassino. O pai de Siegfried pede que ela retorne com ele para Xanten, porém, ela prefere ficar ao lado da família, Ute, Gernot e Giselher, na qual ela pretende encontrar conforto. Após alguns anos, Hagen convence os irmãos de Kriemhild a fazê-la trazer o tesouro dos nibelungos até Worms. Preocupado com o poder que aquele tesouro confere à rainha, ele o afunda nas águas do rio Reno. Treze anos se passam.</p>	<p>Brynhild pede para ser queimada na pira funerária junto a Sigurd e se mata. Gudrun foge de casa e passa dois anos e meio nas terras do rei Half.</p>
<p>Etzel perde a esposa Helche e, sem herdeiros, decide casar-se novamente. Todos apontam Kriemhild como a mais nobre das mulheres, e Etzel manda Rüdiger para Worms para pedir a mão dela. Hagen é contra o casamento, pois vislumbra a possibilidade de Kriemhild usar o poder de Etzel para vingar-se. Contudo, os irmãos dela acham que o casamento é uma grande honra. Kriemhild aceita a proposta apenas quando Rüdiger jura vingar todos os sofrimentos dela.</p>	<p>Ao descobrir onde Gudrun está, Grimhild e seus filhos vão até ela. Eles oferecem ouro e o casamento com Atli como compensação pela morte de Sigurd e seu filho. Gudrun não aceita o casamento, pois vê nele a desgraça de seus irmãos, mas Grimhild a obriga.</p>
<p>Kriemhild dá a luz a Ortlieb, o único herdeiro de Etzel, e aproveita sua alegria para pedir que ele convide os familiares dela para as festividades de solstício.</p>	<p>Atli convida os irmãos de Gudrun para virem às suas terras. Gudrun, sabendo que é uma emboscada, manda-lhes um anel envolto em pêlos de lobo e uma mensagem escrita. Porém tal mensagem é interceptada e modificada, de forma que seus irmãos não compreendem o recado e aceitam o convite.</p>

<p>Os burgúndios partem acompanhados por Hagen, Volker e muitos bravos homens. Ao passar por uma fonte, Hagen vê três ondinas banhando-se e toma as suas roupas. Para que ele as devolva, elas contam como será a viagem e revelam que todos, exceto o capelão, irão morrer. Para comprovar que a profecia delas está errada, Hagen joga o capelão do barco quando estão atravessando a correnteza, que, mesmo sem saber nadar, chega salvo à margem. Hagen percebe, então, que não pode escapar do seu destino.</p>	<p>Gunnar e Högni partem acompanhados dos filhos de Högni, Solar, Snævar, seu cunhado Orkning, e Vingí, mensageiro de Atli. Ao chegar ao reinado de Atli, eles vêm muitos homens e ouvem o som de armas. Vingí fala que seria melhor retornarem, pois não terão um bom destino. Högni se enfurece, porque Vingí está tentando assustar seus homens. Então eles matam Vingí desferindo golpes com o cabo de seus machados.</p>
--	---

A partir desse momento, as similaridades entre os textos não seguem a mesma ordem cronológica, por isso os textos dispostos lado a lado já não se correspondem, mas serão distinguidos com letras, para que o leitor possa identificar onde estão seus similares.

<p>Os burgúndios chegam a Pöchlarn, onde vivem Rüdiger e sua família. Eles são muito bem recebidos, e Giselher fica noivo da filha de Rüdiger.</p>	<p>Atli exige que eles entreguem o tesouro que seria de Gudrun por direito, mas os irmãos da rainha se recusam e a batalha se inicia. Quando todos os homens de Gunnar e Högni estão mortos, Atli os captura.</p>
<p>Os burgúndios chegam à terra dos hunos. Hagen e Kriemhild confrontam-se diversas vezes, tanto porque Hagen não se levanta diante dela, quanto porque ele, Volker e os burgúndios recusam-se a deixar as suas armas ao entrar na catedral. Durante as justas, que deveriam ser amistosas, Volker mata o huno Nudung. Os familiares desejam vingança, mas Etzel evita o conflito. Kriemhild oferece ouro e a esposa de Nudung para Blödel, irmão de Etzel, caso ele a auxilie. Junto aos seus guerreiros, Blödel vai até os burgúndios, desejando iniciar uma batalha e acaba morto pelo irmão de Hagen, Dankwart.</p>	<p>C. Atli pede mais uma vez a Gunnar que diga onde está o tesouro e ele diz que preferiria ver o coração de Högni sangrando. O coração de um criado é trazido para Gunnar, porém ele reconhece que aquele não é o coração de seu irmão por tremer muito, já que Högni era um homem valente. Então Atli manda cortar o coração de Högni, que ri enquanto sofre a tortura. Gunnar reconhece a morte do irmão e afirma ser agora o único a saber onde o ouro se encontra. Diz também que prefere que o rio Reno o tenha. Atli manda jogar Gunnar para as serpentes. Gudrun lhe entrega uma harpa, e ele morre amarrado, tocando o instrumento com os dedos do pé.</p>
<p>A. Quando essas notícias chegam à Etzel, ele está reunido à mesa com Kriemhild, seu filho, Hagen e Gunther, entre outros. Ao saber que o conflito se iniciou, Hagen corta a cabeça de Ortlieb com um golpe, e esta cai no colo da mãe. A guerra começa.</p>	<p>A. O filho de Högni, Niflung, deseja vingança e pede o auxílio de Gudrun. Juntos eles planejam a morte de Atli. Gudrun mata os dois filhos que teve de Atli e prepara um banquete para ele, no qual os crânios dos meninos servem como taças e seus corações são servidos para o pai.</p>

<p>Kriemhild, Etzel e Dietrich deixam o salão. Os hunos, que não conseguem acompanhá-los, perdem as suas vidas na batalha. Cercados, os burgúndios jogam os corpos para fora do salão.</p>	<p><i>B.</i> Atli sente falta de seus filhos, e Gudrun conta a verdade sobre o banquete. Enquanto o rei dorme, ela o mata com um golpe de espada e depois incendeia o salão, matando todos os seus homens.</p>
<p><i>B.</i> Os reis desejam acabar com a luta, mas Kriemhild exige que entreguem Hagen. Como eles se recusam a cumprir sua exigência, ela manda que incendeiem o salão. Para poder sobreviver ao calor, eles bebem o sangue dos mortos.</p>	<p>Gudrun carrega pedras para o mar e tenta se matar, mas as ondas carregam-na para o forte do rei Jonakr, o qual se casa com ela. Juntos eles têm três filhos, Hamdir, Sorli e Erp. Com eles é criada Svanhild, a filha de Gudrun e Sigurd.</p>
<p>Rüdiger é colocado em uma situação penosa, pois o noivo de sua filha encontra-se no salão, por tal razão ele fez uma promessa para a rainha. Dessa forma, ele deve manter sua palavra para com Kriemhild e Etzel, e entra, hesitante, no salão. Gernot e Rüdiger matam-se simultaneamente.</p>	<p>O poderoso rei Jörmunrek manda o conselheiro Bikki e seu filho Randver pedirem a mão de Svanhild. Durante a viagem na qual trazem a jovem, Bikki dá maus conselhos a Randver, e o jovem se envolve com Svanhild. Bikki relata o ocorrido ao rei Jörmunrek, e o rei manda matar tanto seu filho quanto Svanhild.</p>
<p>Dietrich manda seus homens para o salão, todos tombam, exceto Gunther, Hagen e Hildebrand, homem de Dietrich. Dietrich entra no salão e leva Hagen e Gunther como prisioneiros.</p>	<p>Gudrun deseja vingança pela morte de sua filha e manda seus outros filhos matarem Jörmunrek. Eles se desentendem durante a viagem e matam Erp. Sem sua ajuda, não conseguem matar o rei e perdem as suas vidas.</p>
<p><i>C.</i> Kriemhild exige que Hagen revele onde está o tesouro dos nibelungos, mas ele diz que prometeu não revelar o segredo enquanto seus senhores vivessem. Kriemhild manda matar Gunther e traz a cabeça do irmão para Hagen, o qual afirma ser agora o único a saber onde está o tesouro, e que ela nunca mais poderá encontrá-lo. Kriemhild toma a espada que foi de Siegfried e decapita Hagen. Hildebrand revolta-se com o que vê e mata Kriemhild, a qual acaba esquartejada.</p>	

Capítulo I - Os pares românticos

O primeiro capítulo trataria inicialmente sobre as mulheres solteiras, mas o material demonstrou-se escasso, pois as personagens são introduzidas na narrativa apenas no momento em que encontram aquele que será seu futuro marido ou seu par romântico. A vida que levavam como solteiras pode até ser descrita, como ocorre com Brynhild em *A Saga dos Völsung*, contudo, essa vida não passa de reminiscências de tempos idos. Dessa forma, a perspectiva do primeiro capítulo foi alterada, o qual tratará dos pares românticos, descrição que abrange apenas dois casais, cujo representante masculino é sempre o mesmo: Kriemhild e Siegfried, e, Brynhild e Sigurd. Pode-se afirmar que esses são os únicos pares românticos, porque apenas a relação entre Kriemhild e Siegfried apresenta características do amor cortês em *A Canção dos Nibelungos*; enquanto apenas Brynhild e Sigurd são um casal genuinamente apaixonado no trecho de *A Saga dos Völsung* a ser tratado. Os outros casais podem ter um bom relacionamento, ou um casamento feliz, mas não são representações do amor romântico.

Neste capítulo será observado porque mulheres distintas são escolhidas para serem par romântico de Siegfried/Sigurd, o grande herói da tradição. Para tanto, serão analisadas as diferenças na representação dessas personagens em cada livro, de forma que este capítulo servirá também como apresentação das principais personagens femininas. Entretanto, uma observação deve ser feita quanto à representação de Kriemhild, a personalidade da rainha muda evidentemente da primeira para a segunda parte do livro por causa do sofrimento devido à morte de Siegfried. Essa transformação abrupta não será tratada aqui, uma vez que não está associada à vida do casal, mas sim à ruptura deste.

1.1. Kriemhild e Siegfried

O relacionamento de Kriemhild e Siegfried é notoriamente marcado pelo amor cortês, conceito designado como *Minne* na Medievalística alemã. As características dele presentes na narrativa não têm sua importância reduzida ao relacionamento do casal, ou à descrição do elevado amor que havia entre eles, mas, como veremos, influenciam todo o desenrolar da história na primeira parte do livro. Isso se deve ao fato de alguns elementos da *Minne* acabarem sendo encarados como a razão para que toda a tragédia da morte de Siegfried ocorresse.

Minne era um conceito cultural da Idade Média, que se encontra refletido nos gêneros literários da época, sendo o *Minnesang* um gênero literário altamente difundido, que contava com todas as características referentes ao amor cortês. A temática da *hohe Minne* envolvia sempre o trovador, a dama e a sociedade. No *Minnesang*, o trovador costumava cantar o amor a uma mulher idealizada, quase sempre a esposa de seu senhor inatingível e, cuja única forma de aproximação é através das canções e da servidão:

Seine Stellung zu der Dame ist durch den Dienstgedanken bestimmt: er dient, indem er singt. Er singt von seinen Wünschen, die manchmal sehr direkter Art sind, von seiner Hoffnung auf Lohn, von der Liebe, die ihn der Sinne beraubt. Sehr häufig singt er von dem Schmerz des vergeblichen Dienens. Der Dienst, auch der vergebliche, wird öfter als eine Leistung betrachtet: indem der Sänger Beständigkeit (*staete*) und Aufrichtigkeit (*triuwe*) beweist, nähert er sich den höfischen Werten an, die er im Bild der Dame verherrlicht.²⁰ (BUMKE, 1990: 108)

A forma de servidão variava de acordo com o gênero literário: poema ou épico. “Die Minnesänger haben ihren Damen dadurch gedient, daß sie Lieder zu ihrem Ruhm verfaßt haben. In der Epik war der Dienst durch ritterliche Waffentat das übliche.”²¹ (BUMKE, 2002: 508). O importante não era a forma de servidão, e sim obter alguma recompensa da mulher amada. A dama era representada como um objeto distante, não apenas pela sua condição, muitas vezes casada, mas porque ela também não costuma dar atenção especial ao trovador:

Neben dem Dienstgedanken ist der Frauenpreis das wichtigste Thema des Minnelieds. Aus der Perspektive des Sängers erscheint die Dame oft in großer Distanz, manchmal unerreichbar weit entfernt. Ihre Reaktion auf die Werbung des Sängers ist Gleichgültigkeit oder Ablehnung.²² (BUMKE, 1990: 108)

Por ser uma figura tão distante, de quem era impossível de se obter algo, pequenos gestos, como um simples cumprimento, servem como recompensa para o trovador: “[...]”

²⁰ “A sua posição em relação à dama é determinada através dos pensamentos de servidão: ele lhe serve ao cantar. Ele canta sobre seus desejos, os quais por vezes são muito diretos, sobre suas esperanças de obter recompensa, sobre o amor que lhe roubou os sentidos. Muitas vezes, ele canta sobre a dor da servidão inútil. A servidão, também a inútil, é muitas vezes observada como um aproveitamento: conforme o trovador comprove ser confiável (*staete*) e honesto (*triuwe*), ele se aproxima dos valores corteses que enaltece na imagem da dama.”

²¹ “Os trovadores serviam as damas ao compor canções que serviam à sua fama. Na epopéia, a servidão através da ação armada era o comum.”

²² “Junto aos pensamentos de servidão, a recompensa da dama é o tema mais importante da *Minnelied*. Da perspectiva do trovador, a dama costuma figurar a uma grande distância, às vezes uma distância inalcançável. Sua reação à investida do trovador é de indiferença ou rejeição.”

und gewährte dem Sanger seinem ideellen Lohn durch ihren Gru und ihre freundliche Haltung.”²³ (BAUMANN, 1985: 29). A dama  uma figura idealizada tanto na questão da beleza quanto da virtude. Ela costuma ser retratada como a mais bela dentre todas as mulheres, aquela que tem as qualidades mais elevadas.

Kriemhild e Siegfried são o casal ideal, ambos representam o que ha de mais elevado na cultura cortesa: Kriemhild  a mais bela das mulheres e Siegfried  o mais valente dentre os homens. Essas características são introduzidas logo no início do livro através do simples adjetivo “nobre”, havendo um paralelo na apresentao de cada um na primeira e na segunda Aventura respectivamente. Kriemhild  apresentada com a seguinte estrofe: “Es wuohs in Brgonden ein vil del magedn”²⁴ (2, 1); e Siegfried com: “D wuohs in Niderlanden eins edelen kneges kint”²⁵ (20, 1). Ambos são descritos em seus tenros dias e designados pelo mesmo adjetivo. As descrioes de suas qualidades cortesas se prolongam nesses dois capítulos de apresentao:

Die ersten beiden Aventiuren in denen der Dichter Kriemhild und Siegfried vorstellt, sind konzentrierter Ausdruck dieser Hfisierung. Sie entwerfen für die Figuren und ihre Geschichte einen Lebensraum, in dem hfische Werte gelten. Schnheit, Ehre, Minne tauchen als Leitbegriffe auf.²⁶ (SCHULZE, 1997: 142)

Através desse paralelo o leitor haveria de identificar cada um deles como o melhor de sua estirpe formando, portanto, o casal perfeito.

Durante a primeira Aventura, Kriemhild tem um sonho sobre um falco, o qual remonta  primeira fase da *Minnesang*, como comenta Jan-Dirk Müller:

[...] ihr Traum spielt eine Metaphorik auf den frühen Minnesang an, auf das Falkenlied des Krenbergers (das denselben Strophenbau wie das *Nibelungenlied* hat). [...] Kriemhild träumt statt von Minne, daß ihr geliebter Falke von zwei Adlern zerrissen wird. In den höfischen Minnekontext wird damit ein heroisches Thema eingespielt; das *leit* der zurückgelassenen Geliebten – wie es der frühe Minnesang thematisiert – ist durch das *leit* einer Gewalttat ersetzt.²⁷ (2002: 71)

²³ “[...] e [ela] concedia a recompensa ideal ao trovador através de sua saudao ou postura amigável.”

²⁴ “Crescia na terra dos burgúndios uma jovem e muito nobre dama.”

²⁵ “Nos Países Baixos, crescia o filho de um nobre rei.”

²⁶ “As duas primeiras aventuras, nas quais o autor apresenta Kriemhild e Siegfried, são uma expressão concentrada do processo de torná-los em personagens cortesas. Elas projetam um espaço para as personagens e a sua história, no qual os valores cortesões são o que vale. Beleza, honra, amor (*Minne*) surgem como conceitos condutores.”

²⁷ “[...] seu sonho  uma metáfora do *Minnesang* da primeira fase, da *Falkenlied des Krenbergers* [“A Cano do falcão” de Krenberger] (que tem a mesma construo de estrofe que *A Cano dos Nibelungos*). [...] Kriemhild, ao invés de sonhar sobre o amor, sonha que o seu amado falcão  despedaçado por duas

O sonho de Kriemhild sobre o falcão também faz emergir um outro aspecto da *Minne*: a rejeição da dama ao amor.

“Waz saget ir mir von manne, vil liebiu muoter mîn? / âne recken mînne sô wil ich immer sîn. / sus scœn’ ich wil belîben unz an mînen tôt, / daz ich von mannes minne sol gewinnen nimmer nôt.” / “Nu versprîch ez niht ze sêre”, sprach aber ir muoter dô. / “soltu ímmer herzenlîche zer werlde werden vrô, / daz gescîht von mannes minne. du wirst ein scœne wîp, / ob dir noch got gefüezet eins rehte guoten riters lîp.” / “Die rede lât belîben”, sprach si, “frouwe mîn. / ez ist an manegen wîben vil dicke worden scîn, / wie lîbé mit leide ze jungest lônén kan. / ich sol si mîden beide, sone kân mir nimmer missegân.”²⁸ (15 –17)

Para Ute, a felicidade de uma mulher vem do amor que ela pode compartilhar com um cavaleiro, mas Kriemhild teme apenas o sofrimento que dele pode decorrer, pois ela já havia presenciado a dor de outras. Dentro dessa discussão, ambas as personagens têm razão. O amor de Kriemhild por Siegfried é muito grande e irá, de fato, trazer-lhe muita felicidade. Porém, a tristeza que ela sentirá mais tarde devido à perda da pessoa amada, é proporcional à alegria que sentiu anteriormente. A rejeição ao amor e à pessoa amada, no entanto, restringe-se a essa cena do sonho, e aos pretendentes que são dispensados por ela antes da chegada de Siegfried (45 – 46).

Ao ver Siegfried, Kriemhild se apaixonou, de forma que o sofrimento do cavaleiro não é causado pela rejeição da mulher amada, mas pela distância que é imposta ao casal. Mesmo vivendo no mesmo reinado, ele não pode sequer vê-la à distância. Ela é um amor inalcançável: “‘Er gedâht’ ouch manege zîte: ‘wie sol daz gescehen, / daz ich die maget edele mit ougen müge sehen? / die ich von herzen minne und lange hân getân, / diu ist mir noch vil vremde: des muoz ich trûric gestân.’”²⁹ (136). Já Kriemhild tem um olhar privilegiado³⁰, ao contrário de Siegfried, que deve passar um grande período no mesmo reinado que ela, junto aos seus familiares, demonstrando seu valor, ela pode observá-lo de

águias. No contexto da *Minne* cortesã é introduzida uma temática heróica; o sofrimento [*leit*] do amor abandonado – como é tematizado na *Minnesang* da primeira fase – é substituído pelo sofrimento de um ato violento.”

²⁸ “O que me dizeis sobre os homens, minha querida mãe? Eu quero para sempre renegar o amor de um cavaleiro. Quero permanecer bela até a minha morte, e nunca sofrer devido ao amor de um homem.’ Sua mãe então lhe disse ‘Não rejeites isso tão veementemente, se houveres de te tornar feliz um dia, isso acontecerá devido ao amor de um homem. Tu serás uma bela mulher, se Deus te prover um cavaleiro realmente bom.’ ‘Deixeis essa conversa, minha senhora’, disse ela, ‘Muitas mulheres comprovaram freqüentemente que o amor é recompensado com sofrimento no final. Eu evitarei ambos, assim nada de mau irá me acontecer.’”

²⁹ “Ele também pensava freqüentemente: ‘Como poderei ver a nobre dama? Ela que eu já amo de coração há tanto tempo, ela que eu ainda não conheço. Por isso devo me entristecer.’”

³⁰ Vide MÜLLER, 2002: 135.

longe, com uma certa frequência, o que se torna seu passatempo: “Swenne ûf dem hove wolden spilen dâ diu kint, / riter unde knehte, daz sach vil dicke sint / Kriemhilt durch diu venster, diu küneginne hêr. / deheiner kurzewîle bedorfes in den zîten mêr.”³¹ (133). Mas ela também sofria devido à distância e à separação sempre que ele tinha de se ausentar: “Sô ie die kûnege rîche riten in ir lant, / sô muosen ouch die recken mit in al zehant. / dâ mite muos’ ouch Sîfrit, daz was der frouwen leit. / er leit ouch von ir minne dicke michel arbeit.”³² (137). Nesse trecho constam dois aspectos da *Minne*, o sofrimento pelo afastamento e a impossibilidade de concretizar um amor. Há também a questão do *Minnedienst*, representada no último verso, pois o cavaleiro deve executar muitos trabalhos para obter o amor de Kriemhild. Siegfried passa um ano no reinado dos burgúndios, sem ter sequer a possibilidade de observar Kriemhild uma única vez (138, 1-3). Somente depois de prestar-lhes um grande serviço, auxiliando na batalha e na vitória contra os dinamarqueses e saxões, é que ele pode ver Kriemhild. Isso não ocorre devido à necessidade de Siegfried provar seu valor como cavaleiro, porque já era de conhecimento dos burgúndios, a tal ponto que, para evitar confronto com o herói, Gernot se pôs às ordens dele, assim como Gunther pôs à sua disposição todos os pertences da família:

“Ir sult uns wesen willekomen”, sô sprach daz Uoten kint, / “mit iu wern hergesellen, die mit iu komen sint. / wir sulen iu gerne dienen, ich und die mâge mîn.”[...] / Dô sprach der wirt des landes: “allez daz wir hân, / geruochet irs nâch êren, daz sî iu undertân, / und sî mit iu geteilet lîp únde guot.”³³ (126, 1-3; 127, 1-3)

. Apesar de a família temer Siegfried e se oferecer a dividir tudo o que lhes pertence, não se alteram as regras do amor cortês. Siegfried vislumbra Kriemhild pela primeira vez durante a festa de Pentecostes, o que se torna em uma espécie de recompensa pela vitória sobre os saxões. Sua vitória é recompensada com a visão da mulher amada e os nobres atos da dama para com ele – seguindo a estrutura da *hohe Minne*:

³¹ “Sempre que os jovens, os cavaleiros e os servos justavam no pátio do castelo, Kriemhild observava da janela. Ela não necessitava de outro passatempo”.

³² “Sempre que os poderosos reis cavalgavam para o campo, todo o séquito devia acompanhá-los. Siegfried também devia ir com eles, e isso era o sofrimento da dama. Ele ainda teria muito trabalho também devido ao amor dela.”

³³ “‘Que vós e vossos acompanhantes que junto de vós vieram sejam bem-vindos!’ disse o filho de Ute [Gernot]. ‘Nós vos serviremos com prazer, eu e meus parentes’. [...] Então o senhor feudal daquelas terras disse: ‘Que tudo o que nós possuímos esteja à vossa disposição e seja repartido, vida e bens’.”

Nu gie diu minneclîche, alsô der morgenrôt / tuot ûz den trüeben wolken. dô sciet von maneger nôt, / der si dô truog in herzen und lange het getân. / er sach die minneclîchen nu vil hêrlîchen stân. [...] Er neig ir flîzeclîche; bi der hênde si in vie. / wie reht minneclîche er bi der frouwen gie! / mit lieben ougen blicken ein ander sâhen an / der herre und ouch die frouwe. daz wart vil tougenlîch getân.³⁴ (281; 293)

A distinção conferida a um homem através do cumprimento de uma dama da corte é algo evidente em outras passagens de *A Canção dos Nibelungos*, como quando Rüdiger aconselha Kriemhild, ao chegarem no reinado de Etzel: “swen ich iuch heize küssen, daz sol sîn getân: / jane múget ir niht gelîche grüezen alle Etzelen man”.³⁵ (1348, 3s.) O cumprimento da dama só pode ser dado aos homens que ocupam uma posição relevante na hierarquia, e serve para demonstrar a distinção que o cavaleiro goza dentro daquela família.

A visão de Kriemhild, que deveria trazer grande alegria a Siegfried, também lhe traz um certo pesar, pois sua beleza faz suscitar dúvidas sobre suas possibilidades de conquistá-la: “[...] wie kunde daz ergân, / daz ich dich minnen solde? daz ist ein tumber wân. / sol aber ich dich vremen, sô wære ich sanfter tôt”³⁶ (285, 1-3). Tendo em vista obter o amor da dama, ele continua no reinado dos burgúndios e presta mais serviços à família, quando Gunther decide tomar a mão de Brünhild. É nesse ponto que Siegfried, mesmo sendo um nobre cavaleiro e tendo muitas posses, toma, em um simulacro, a posição de vassalo em relação a Kriemhild e sua família, pronunciando as seguintes palavras antes de chegar a Isenstein: “Gunther sî mîn herre, und ich sî sîn man.”³⁷ (386, 3). Isso faz parte de uma estratégia para enganar Brünhild e deixar que Siegfried ajude Gunther sem levantar suspeitas. Contudo, esta é uma mentira sem volta. Siegfried toma esse posicionamento devido ao seu amor por Kriemhild, como afirma para Gunther: “‘Jane lób’ ichz niht sô verre durch die liebe dîn / sô durch dîne swester, daz scœne magedîn. / diu ist mir sam mîn sêle und sô mîn selbes lîp. / ich wil daz gerne dienen, daz sie wêrdé mîn wîp’.”³⁸ (388).

³⁴ “Então surgiu a mulher amada, como a aurora quando traspasa as nuvens negras. Siegfried liberou-se de uma grande dor que carregava no coração há muito tempo. Agora ele podia vê-la, maravilhosa, postada diante dele. [...] Diante de toda a sua dedicação, ele inclinou-se e pegou sua mão. Ah! Como ele seguiu amavelmente ao lado da dama! Eles olhavam-se apaixonadamente, o senhor e também a dama, isso foi feito secretamente.”

³⁵ “Apenas cumprimentai com um beijo quem eu indicar, vós não possais saudar igualmente todos os homens de Etzel”.

³⁶ “Como poderia ganhar o teu amor? Isso é uma esperança inútil. Mas se eu tiver de me manter distante, preferiria morrer.”

³⁷ “Gunther é meu suserano e eu sou seu vassalo.”

³⁸ “Isso eu prometo não tanto por tua causa, mas devido ao amor que tenho por tua irmã, a bela moça que me é tão querida quanto a minha alma e a minha própria vida. Com prazer eu te sirvo para que ela se torne a minha mulher.”

Como Brandt observa, não é apenas devido aos serviços prestados pelo herói visando ao amor da nobre dama que Siegfried tem seu destino selado pela tragédia: “Es ist jedoch nicht nur die Minne, sondern die Verknüpfung zwischen Minne- und Herrschaftsproblematik, wie sie das Brautwerbungsschema vorgibt, die den Tod Siegfrieds letztendlich verursacht.”³⁹ (1997: 23) É assim que, junto a outros fatores, a influência do *Minnesang* torna-se vital para o desenrolar da trama, guiando o destino das personagens principais.

1.2. Contraposição entre Kriemhild e Gudrun

Kriemhild é a personagem central de *A Canção dos Nibelungos*. Já Gudrun tem uma apresentação mais apagada, sendo introduzida apenas depois do envolvimento amoroso de Sigurd com Brynhild. Assim como a de Kriemhild, a apresentação de Gudrun é feita através de uma descrição da família dela seguida do relato sobre sonhos que ela teve a prevenindo da morte de Sigurd.⁴⁰ Embora a introdução dessas personagens se dê de forma muito semelhante, há um elemento que ofusca a primeira aparição de Gudrun em *A Saga dos Völsung*: Brynhild. Mesmo o capítulo 26 sendo intitulado como “Frá Gjúka konungi ok sonum”⁴¹, não se limita à descrição da família do rei Gjuki, mas intercala com a apresentação dos familiares do terrível e poderoso rei Budli, pai de Atli e Brynhild. Brynhild se faz presente tanto na descrição das famílias mais poderosas daquela época, quanto nos sonhos de Gudrun; é à Brynhild que Gudrun se direciona para que ela interprete os sonhos que a afligem (Cap.26, p.62). É como se, nesse primeiro momento da saga, as imagens das mulheres de Sigurd não pudessem ser dissociadas.

Todo o casamento entre Sigurd e Gudrun é planejado por Grimhild, a mãe de Gudrun, sem que o herói demonstre muito interesse, sendo guiado apenas pelas decisões e a astúcia da matriarca. As descrições do amor compartilhado pelo casal são extremamente escassas, limitando-se ao sofrimento de Gudrun pela morte do marido. Não há algo como uma fase na qual eles se encontram enamorados. Gudrun é uma personagem importante para a saga, mas os primeiros relatos que se fazem sobre ela perdem a expressividade devido à escolha feita pelo autor, que elege Brynhild como par romântico de Sigurd. É

³⁹ “Não é apenas a *Minne*, mas também a ligação entre a *Minne* e a problemática do poder – a problemática sobre o que é alegado dentro do esquema do pedido de casamento – que causa, no final, a morte de Siegfried.”

⁴⁰ Vide Cap.26, p.61-62.

⁴¹ “Sobre o rei Gjuki e seus filhos”

apenas após o suicídio de Brynhild, que Gudrun, a viúva do herói Sigurd, pode ganhar importância, tornando-se, finalmente, a figura central.

2.1. Brynhild e Sigurd

O primeiro encontro de Sigurd e Brynhild se dá enquanto ela dorme, vítima de uma maldição lançada por Odin. Como estava vestida com cota de malha e capacete, Sigurd só nota não se tratar de um homem ao retirar seu capacete. Em seguida, ele corta a cota de malha, fazendo com que ela acorde de seu sono profundo. A força do cavaleiro chama sua atenção, e ela questiona: “hvat svá var máttugt, er beit brynjuna – ‘ok brá mínum svefni. Eða mun hér kominn Sigurðr Sigmundarsonr, er hefir hjálm Fáfnis ok hans bana í hendi?’”⁴² (Cap.21, p.51). Sigurd já era conhecido por seus feitos, e a sábia Brynhild logo vê que apenas alguém como ele poderia tê-la tirado de seu sono profundo. Mas ela não é a única que possui um conhecimento prévio de seu co-locutor: “ok þat hefi ek spurt, at þú ert ríks konungs dóttir. Ok þat sama hefir oss sagt verit frá yðrum vænleik ok vitru.”⁴³ (Cap.21, p.51). Note-se que as qualidades veneradas em Brynhild não incluem sua coragem, somente sua ascendência, sua beleza e sua sabedoria são citadas.

O sono de Brynhild era resultado de uma maldição, originada na derrota que impôs ao escolhido de Odin, como ela própria afirma: “Ek fellda Hjalmgunnar í orrostu. En Oðinn stakk mik svefnþorni í hefnd þess ok kvað mik aldri sidan skyldu sigr hafa ok kvað mik giftast skulu. En ek strengda þess heit þar í mót at giptask engum þeim, er hræðast kynni.”⁴⁴ (Cap.21, p.51). Embora a narrativa aceite a existência de uma guerreira – as valquírias eram algo comum dentro da narrativa heróica nórdica –, isso não deve ser considerado corriqueiro, uma vez que Sigurd crê que ela seja um homem ao encontrá-la de armadura. Também podemos afirmar que uma mulher guerreira e o matrimônio são incompatíveis, pois ao marcar a vida de Brynhild com um casamento, Odin define seu destino longe de batalhas. Não podendo modificá-lo, Brynhild pôde apenas jurar casar-se com um homem valente através do qual ela poderia continuar vivenciando a guerra.

⁴² “[...] o que seria tão forte para cortar sua armadura – ‘e me tirou de meu sono, foi Sigurd Sigmundarson que veio até aqui, aquele que tem o capacete de Fafnir e sua espada em sua mão?’”

⁴³ “Eu ouvi dizer que tu és a filha de um rico rei. E também me falaram sobre a tua beleza e sabedoria.”

⁴⁴ “Eu derrotei Hjalmgunnar durante a batalha, e Odin me atingiu com um espeto sonífero como vingança. Ele me disse eu que jamais teria a vitória novamente e que eu iria me casar. Então fiz uma promessa em contrapartida: eu não me casaria com ninguém que conhecesse o medo”.

Em *A Saga dos Völsung*, a mulher de elevadas qualidades que viria a formar o par ideal com o herói Sigurd também rejeita seu amor em um primeiro momento, mas a personagem e suas razões são outras. O casamento não é o desejo da guerreira, e sim o resultado de uma maldição, mas, ao conhecer Sigurd, Brynhild enamora-se dele e eles trocam votos de que ficarão juntos. Contudo, a recusa de Brynhild aos laços matrimoniais, assim como a troca de votos não se restringe a essa passagem, havendo um paralelo mais adiante:

Hon sat í einni skemmu við meyjar sínar. Hon kunni meira hagleik en aðrar konur. Hon lagði sinn borða með gulli ok saumaði á þau stórmerki, er Sigurðr hafði gert: dráp ormsins ok upptöku fjárins ok dauða Regins. Ok einn dag er frá því sagt, at Sigurðr reið á skóg við hundum sínum ok haukum ok miklu fjölmenni. Ok er hann kom heim, fló hans haukr á hávan turn ok settisk við einn glugg. Sigurðr fór eptir haukinum. Þá ser hann eina fagra konu ok kennir, at þar er Brynhildr. Honum þykkir um vert allt saman fegrð hennar ok þat, er hon gerir.⁴⁵ (Cap.25, p.59)

Através das tapeçarias são narrados os grandes atos de heróis. Dessa forma, a descrição das atividades de Brynhild serve para diferentes funções: por um lado, comprova que ela, mesmo sendo uma guerreira, também era uma mulher prendada e talentosa nas atividades domésticas, características que muito agradam Sigurd, pois comprovam seu valor como futura esposa; por outro lado, ela também serve para ressaltar os grandes atos dele, que voltam a ser lembrados ao serem tecidos, assim como também demonstra que Brynhild ainda ocupava seus pensamentos com o nobre guerreiro.

Enamorado dela, ele comenta com Alsvið seus propósitos e, antes mesmo de chegar à jovem guerreira, Sigurd é desencorajado pelo sobrinho dela: “Alsviðr mælti: ‘Gef ekki gaum at einni konu, þvílíkr maðr! Er þat illt at sýta, er maðr fær eigi. [...] Hon vill sik í herskap hafa ok allskonar frægð at fremja’.”⁴⁶ (Cap.25, p.60). Aqui se pode identificar que, seja pela sua condição como guerreira ou pelo convívio diário, sua aversão ao casamento é conhecida também por membros de sua família.

⁴⁵ “Ela estava sentada em um aposento com suas damas e era mais habilidosa nos trabalhos manuais do que outras mulheres. Ela enfeitava a sua tapeçaria com ouro e bordava nela os grandes atos que Sigurd havia executado: o assassinato da serpente, o ouro sendo tomado e a morte de Regin. Conta-se que um dia Sigurd cavalgava na floresta com seus cães, seu falcão e muitos seguidores; e quando ele chegou em casa, seu falcão voou até uma alta torre e sentou-se ao lado de uma janela. Sigurd foi até ele e lá viu uma bela mulher, reconhecendo Brynhild. Tanto a sua beleza quanto aquilo que ela fazia o agradaram profundamente.”

⁴⁶ “Alsvið disse: ‘Não dê atenção a essa mulher, a esse tipo de moça! Não é bom sofrer por uma jovem que não se pode obter. [...] Ela pretende continuar lutando e ganhar todo o tipo de fama’.”

Após seu primeiro encontro com Sigurd, Brynhild retorna aos seus familiares e, embora continue tendo preferência pelas batalhas, aprende os afazeres de uma mulher: “þvíat hon hafði heima verit ok numit hannyrði. En Brynhildr fór með hjálm ok brynju ok gekk á vígum. Var hon því kölluð Brynhildr.”⁴⁷ (Cap.24, p.58). Mesmo ela já se encontrando levemente vinculada à esfera doméstica e dando demonstrações do amor que tem por Sigurd ao tecer uma tapeçaria sobre ele, Brynhild renega o seu amor mais uma vez, “Brynhildr svarar: ‘Eigi er þat skipat, at vit búim saman. Ek em skjaldmær, ok á ek með herkonungum hjálm. Ok þeim mun ek at liði verða, ok ekki er mér leitt at berjask’.”⁴⁸ (Cap.25, p.61), mas acaba por aceitar a renovação dos votos entre eles.

A rejeição de Brynhild ao envolvimento com um homem é tripla, ocorrendo uma vez através do pronunciamento de seu sobrinho, e duas vezes ao declarar a Sigurd sua afinidade com a guerra, em cenas paralelas que antecedem a troca de votos do casal. A razão para essa repetição é o sincretismo de duas personagens distintas, Sigdrifa e Brynhild. Na *Edda Poética*, o primeiro encontro de Sigurd se dá com a valquíria Sigdrifa, esse encontro é descrito em um texto em prosa praticamente idêntico ao apresentado em *A Saga dos Völsung (Sigdrífomál, 4 – 5)*. Como faltam as últimas páginas do poema, é difícil afirmar se Sigurd e Sigdrifa teriam também trocado votos. Alguns teóricos, como Heusler, crêem que uma troca de votos teria ocorrido entre ambos, pois não haveria outra razão para a repetição dessa cena:

Heusler judged that the betrothal must already have been present in the source of *Völsunga saga* because the saga author had no reason to invent it. Since it constituted unnecessary (and awkward) duplication of the prior betrothal to Brynhild in her tower, it must have been imposed on the saga author by his source. He would not have burdened himself with a meaningless duplication voluntarily. (ANDERSSON, 1980: 82)

Entretanto, o poema não dá indícios de um enlace amoroso, assim como não faria sentido que Sigurd trocasse votos amorosos com duas mulheres diferentes e, por fim, casasse-se com uma terceira. Um ato como a troca de juras de amor é de uma importância maior, não havendo razões para que Sigdrifa não voltasse a configurar na saga mais tarde. O único elemento que poderia justificar essa teoria é o fato de que o sincretismo das

⁴⁷ “Ela aprendeu a fazer belos trabalhos manuais, pois permaneceu em casa, mas continuou a tomar o capacete e a malha de ferro e ir para a batalha. Por isso, ela era chamada de Brynhild [N.T.: Bryn- vem de brynja, que é a palavra para cota de malha].”

⁴⁸ “Brynhild respondeu: ‘A vida em comum não é o nosso destino. Eu sou uma ‘mulher de armadura’, uso capacete e cavalgo com os reis guerreiros, eu devo lhes dar suporte e não sou avessa à luta’.”

personagens já estava ocorrendo quando a *Edda* foi escrita, o que pode ser comprovado com uma passagem de *Helreið Brynhildar*,⁴⁹ na qual Brynhild conta alguns fatos de sua vida para uma mulher gigante que cruza seu caminho: “Þá lét ec galan á Goðþioðo / Hiálm-Gunnar næst heliar ganga; / gaf ec ungom sigr Auðo bróður / ‘þá varð mér Óðinn ofreiðr um þat.”⁵⁰ (8). Nessa passagem, Brynhild relembra seu passado, o qual é coincidente com o de Sigdrifa. Mas a simples repetição em *A Saga dos Völsung* assim como o fato de o processo de sincretismo já estar ocorrendo durante a fase de escrita da *Edda* não são material suficiente para afirmar que os votos estivessem nas páginas desaparecidas do livro. O poema não dá evidências desse envolvimento, e o autor de *A Saga dos Völsung* já havia modificado ou suprimido outras passagens da *Edda* de forma a adequá-las mais ao romance.⁵¹ Uma vez que o autor não se ateu completamente aos versos preexistentes, seria ingênuo acreditar que os versos perdidos correspondam necessariamente à prosa tardia. A ênfase ao amor entre Sigurd e Brynhild aparenta ser muito mais marcada na saga do que na *Edda*, fato que poderia explicar que o autor, ao unir definitivamente a figura de Sigdrifa e Brynhild, decidisse-se por tornar ambas as cenas do primeiro encontro com cada personagem em cenas paralelas da troca de votos de Sigurd e Brynhild, enfatizando os sentimentos deles um pelo outro.

Sigdrifa figuraria como uma espécie de mentora em uma versão mais remota da saga de Sigurd, e não como uma parceira romântica. Em um primeiro estágio de sua jornada, Sigurd se encontra com Gripir, um profeta que lhe conta toda a sua história futura, e em seguida se encontra com Sigdrifa, uma valquíria que lhe ensina sobre as runas e lhe dá conselhos. Gripir e Sigdrifa são personagens que pertencem à história da formação do herói. O sincretismo das personagens Sigdrifa e Brynhild há de ter ocorrido devido a ambas serem guerreiras e também em virtude do fato de o nome de Brynhild se referir ao fato à cota de malha, *brynja*, o que lembra a cena do encontro de Sigurd com Sigdrifa, quando ele corta sua cota de malha. Outro ponto de identificação entre elas, como demonstrado por Oliver Gouchet, é o fato de ambas terem de ser libertadas por Sigurd:

⁴⁹ “A viagem de Brynhild até Hel”

⁵⁰ “Então eu deixei a antiga nação gótica, Hiálm-Gunnar foi para Hel. Eu dei a vitória ao jovem homem, irmão de Auda, e Odin ficou enfurecido comigo.”

⁵¹ Como o autor fez com *Grípisspá* (“A profecia de Gripir”), passagem da *Edda* na qual Gripir relata toda a trajetória de Sigurd. Ela é substituída por uma simples menção do fato em *A Saga dos Völsung*, excetuando as suas revelações feitas. O mesmo ocorre com *Helreið Brynhildar*, que sequer é citada na saga.

“Die zweite weibliche Gestalt, der Sigurd begegnet, ist Brynhild. Sie teilt mit der ersteren viel Gemeinsames, jedoch möchte ich mich damit begnügen, die Aufmerksamkeit nur auf *einen* Zug zu lenken: Auch sie muss befreit werden.”⁵² (1990: 386). Quando se refere ao fato de também ela ter de ser libertada, ele cita a prova pela qual deve passar aquele que deseja obter sua mão: Brynhild se encontrava atrás de uma barreira e fogo. Outra qualidade compartilhada por ambas é o conhecimento de artes sobrenaturais: Sigrdrifa domina o conhecimento das runas, e Brynhild tem a habilidade de prever o futuro. Esses pontos unem Sigrdrifa e Brynhild, mas eles indicam apenas a condição de guerreira das personagens ou a atitude heróica de Siegfried, não um enlace amoroso. (mudei a ordem pra ficar mais ‘perto delas’)

Nas sagas islandesas há uma quantidade considerável de mulheres guerreiras, que costumam ser aversas ao casamento, mas, como é demonstrado por Lena Norrman, elas recusam o casamento e as funções femininas enquanto jovens, atitude que perdura até o descobrimento de sua sexualidade:

The description of maiden kings and woman warriors as being in a pre-pubertal state is noted by Jochens, who argues that lack of awareness of their own sexuality contributes to their not having found their “gender-identity” yet. I agree with this conclusion to a certain extent, as the discovery of their sexuality is the reason for abandoning their lives as fighters, but I argue that it is necessary to define this period of existence in-between the poles, to focus on the discussion of transgender. These young women return home after having discovered their sexuality and they devote themselves to embroidering and other domestic tasks. (2000: 382)

Logo após encontrar Sigurd, Brynhild passa a figurar na esfera doméstica, atuando tanto em afazeres femininos quanto em batalhas. Sigurd a reencontra efetuando um trabalho manual, e, o mais importante, já o efetua com destreza, “mais habilidosa do que outras mulheres”. Pode-se entender que, ao conhecer Sigurd, um homem com quem Brynhild deseja se unir, ela passa a se encontrar em uma espécie de umbral, divida entre a vida doméstica com seus trabalhos manuais e sua preferência pelas batalhas. É com Sigurd que Brynhild começa a fazer essa transição, e também é por sua causa que ela completa a transição, pois ele é aquele que passa pelo fogo flamejante para tomá-la como esposa. Todavia, a guerreira é enganada e se casa com o rei errado. Ao mesmo tempo em que esse

⁵² “A segunda figura feminina que Sigurd encontra é Brynhild. Ela divide muitas particularidades com a primeira, mas eu gostaria de me contentar em chamar a atenção apenas para uma manifestação: Também ela deve ser libertada.”

desejo de estar casada com o mais valente dos homens reflete o desejo de Brynhild de ocupar a posição mais elevada, ele também revela o interesse de continuar vivendo as “alegrias” da guerra através dos atos grandiosos de seu companheiro.

Mesmo com todas as decepções e a separação, Brynhild e Sigurd permanecem sendo um casal genuinamente apaixonado. O sofrimento de Sigurd, que dá a mão da mulher que ele ama ao seu cunhado, é introduzido de forma sutil no texto: “Ok er lokit er þessi veizlu, minnir Sigurðr allra eiða við Brynhildi, ok lætr þó vera kyrt. Brynhildr ok Gunnarr sátu við skemtan ok drukku gott vín.”⁵³ (Cap.29, p.69). Esse trecho não relata seus sentimentos, apenas traz a imagem da mulher amada ao lado de seu marido, Gunnar. O sofrimento de Sigurd só fica claramente expresso quando Brynhild descobre a fraude:

“Ek unna þér betr en mér, þótt ek yrða fyrir þeim svikum, ok má því nú ekki bregða, þvíat ávalt, er ek gáða míns geðs, þá harmaði mik þat, þú vart eigi mín kona. En af mér bar ek, sem ek máttu, þat, er ek var í konungshöll, ok unða ek því þó, at vér várum öll saman.”[...] “Gjarna vilda ek, at vit stigim á einn beð bæði ok værir þú mín kona.”⁵⁴ (Cap.31, p. 75)

Aqui o amor de Sigurd e Brynhild é enfatizado de forma que não ocorre em nenhuma outra fonte, a guerreira se torna na verdadeira heroína como sua parceira. Mas o destino deles já está traçado, Brynhild é uma valquíria que foi *condenada* por Odin a se casar, esse casamento não poderia trazer felicidade alguma e acaba em desgraça. Isso não impede, entretanto, que o casal volte a se unir no reino dos mortos, em Hel.

2.2. Contraposição entre Brynhild e Brünhild

Em *A Saga dos Völsung*, Brynhild figura como heroína, pois é o par romântico de Sigurd. Mesmo que as decisões que ela tome sejam extremadas, o público compartilha de todo o seu sofrimento, porque também é o sofrimento de Sigurd. Diferentemente de *A Canção dos Nibelungos*, na qual Kriemhild é a personagem principal e Brünhild quase uma anomalia, que é, aos poucos, excluída do texto.

Embora muitos estudiosos afirmem que uma série de características presentes no texto seja reflexo do envolvimento entre Siegfried e Brünhild, ele não faz parte da

⁵³ “E quando a casamento havia sido celebrado, Sigurd lembrou-se de todos os votos entre ele e Brynhild, mas deixou isso de lado. Brynhild e Gunnar sentavam-se juntos durante o entretenimento e bebiam bom vinho.”

⁵⁴ “Eu te amo mais do que a mim mesmo. Fui objeto de um engano que não pode ser mudado, mas durante todo o tempo no qual eu tive a minha consciência, machucou-me muito que tu não fosses a minha mulher. Apenas suportei isso, porque podia viver no salão do rei e estava feliz que estivéssemos todos juntos. [...] Eu gostaria que deitássemos em uma mesma cama, e que tu te tornasses minha mulher.”

narrativa, não sendo possível definir se simplesmente deixou de existir na tradição germânica, ou se foi uma decisão do autor cortar seus traços de forma a exaltar a figura de Kriemhild. Afirma-se, por exemplo, que o conhecimento prévio que Siegfried tem de Brünhild origina-se no relacionamento que teriam tido anteriormente. É provável que muitos traços como esse tenham se originado na relação do casal, fato que teria deixado algumas contradições no texto. Contudo, é certo que essas cenas costumam oferecer tanto a possibilidade de uma interpretação diacrônica como sincrônica. Nesse caso, o conhecimento que Siegfried tem sobre essas mulheres, que vivem no além-mar, apenas viria a destacar suas qualidades de bom cavaleiro, que deve não apenas ser um ótimo guerreiro, mas também um homem sábio. Tal ciência de outros povos mostra um vasto conhecimento sobre o mundo. Brünhild também sabe dos feitos do herói, mas não o reconhece, tendo que pedir informações aos seus homens, que identificam um dos cavaleiros como Siegfried:

“Ir sult mich lâzen hœren”, sprach diu künegîn, / “wer die vil unkunden recken mugen sîn, / die in mîner bürge sô hêrlîche stân, / ûnt durch wês lîebe die helde her gevârn hân.” / Dô sprach ein ir gesinde: “vrouwe, ich mac wol jehen, / daz ich ir deheinen nie mêr habe gesehen, / wan gelîche Sîfride éiner darûnder stât. / den sult ir wol enpfâhen, daz ist mit trûewén mîn rât.”⁵⁵ (410 – 411)

Brünhild não consegue reconhecer nenhum dos homens que chegavam às suas terras, mas já tem ciência de Siegfried, sabendo que essa será uma luta difícil (416). Em diferentes situações são os mais bravos guerreiros que identificam os estrangeiros, como quando Siegfried chega a Worms, e Hagen identifica o cavaleiro (86). Essas cenas dão mais dicas sobre a importância dos heróis do que sobre uma possível ligação entre o casal. É aconselhável dar mais atenção às justificativas sincrônicas, uma vez que não se podem fazer afirmações sobre o quanto da tradição dessa narrativa era conhecida pelo autor e o quanto dela foi modificada propositalmente. Por isso, creio que as possíveis reminiscências do envolvimento entre Siegfried e Brünhild não devem ser levadas em consideração.

Brünhild/Brynhild é uma guerreira em ambas as narrativas, mas isso não apresenta nenhum glamour em *A Canção dos Nibelungos*, segundo a qual ela deve ser temida e

⁵⁵ “A rainha disse: ‘Vós deveis me dizer quem devem ser esses desconhecidos cavaleiros, que se encontram tão orgulhosos aqui no meu burgo, e por causa de quem eles vieram até aqui.’ Um dos seus homens respondeu: ‘Posso afirmar que nunca vi nenhum deles, mas um se parece muito com Siegfried. Deveis recebê-lo com muitas honras. Esse é o meu conselho.’”

derrotada. Os homens de Gunther consideram Brünhild um demônio, pelo qual temem ser derrotados. Esses bravos cavaleiros não temem a morte, mas sim a desonra de serem mortos pela mão de uma mulher (438, 443). Uma mulher com tanta força e com a capacidade de derrotar um homem deve ser vista como um demônio, uma anomalia, que não apenas deve ser derrotada. Assim, é eliminada no decorrer da narrativa, desaparecendo completamente na segunda parte.

Mesmo Brynhild sendo apresentada em uma cota de malha, uma guerreira que ocasionou a derrota de um rei querido de Odin, não possui nenhuma das características aterradoras descritas em *A Canção dos Nibelungos*. Uma bela mulher usando malha de ferro, mesmo não sendo o mais comum, não chega a causar estranhamento em Sigurd. As qualidades mais importantes dela são sua beleza e sua sabedoria, a qual é largamente elogiada por Sigurd, enquanto sua bravura não é destacada em momento algum. Em *A Canção dos Nibelungos*, Brünhild, mesmo sendo detentora de notável beleza, é descrita como um verdadeiro demônio, pois suas forças não podem ser vistas com normalidade, uma vez que ela é uma mulher.

Em qualquer uma das narrativas, Brünhild/Brynhild deve ser encarada como uma personagem lendária ou mítica. Uma mulher com essas características não existia na realidade, mas ambas as sociedades tinham as guerreiras como uma possibilidade dentro da ficção. A descrição dada por DUBY adequa-se perfeitamente à imagem que se obtém de Brünhild em *A Canção dos Nibelungos*:

O fantasma da guerreira acrescentando a proeza aos atrativos de seu corpo obsedava os sonhos da cavalaria. Wace e Benoît puseram então em evidência a façanha dessas mulheres ‘altivas e selvagens’. Mas julgaram conveniente assinalar com clareza o que havia de insólito em tal pugnacidade, de chocante mesmo, de subversivo. Ela rompia a ordem das coisas. Essas combatentes ‘pareciam mulheres transviadas’. (1997: 57-58)

Brünhild segue esse padrão: uma guerreira que atíça os sonhos de cavaleiros, mas não deixa de ser encarada com choque e aversão.

No que se refere à Escandinávia, é difícil afirmar com certeza se tal figura realmente existiu, uma vez que os relatos são inconclusos, tornando-se quase impossível definir se merecem crédito. Mas, mesmo se ela houver existido, certamente não o foi na Islândia, onde as mulheres eram proibidas de carregar armas, o que era considerado o mesmo que se

travestir: “If in order to be different a woman dresses in men’s clothes or cuts her hair short or carries weapons, the penalty is lesser outlawry.” (*Grágás*, 2000: 219; K § 254).

A figura mítica das valquírias era vista com maior naturalidade na Escandinávia do que as guerreiras no Norte da Europa. Isso se deve ao fato de serem freqüentes nas narrativas e na religião. Embora fossem ferozes na guerra, elas servem aos bravos guerreiros mortos em Valhala. Em outras palavras, a existência de valquírias não põe em risco a honra dos homens, porque, mesmo no caso de derrota, isso não representa mais do que os desígnios de Odin. Brynhild pode ser escolhida como par ideal para Sigurd, uma vez que compartilha das mesmas características que ele: ambos estão ligados ao divino, ela por ser uma valquíria, ele devido às suas características extraordinárias; ambos são bravos guerreiros e encontram prazer nas mesmas atividades. O imaginário islandês permite que mulheres fortes sejam encaradas de forma positiva, dando os instrumentos necessários para que o autor de *A Saga dos Völsung* tomasse a ousada resolução de eleger Brynhild a grande heroína ao lado de Sigurd.

Capítulo II – Casamento

Este capítulo será dividido em duas partes: “Fatores que levam ao casamento” e “Problemas dentro dos laços matrimoniais”. Na primeira parte, serão apresentadas as características femininas que fazem de uma mulher um bom partido para o casamento, e as características masculinas que levam a família da dama a aceitar o noivo. As cenas analisadas tratam do momento no qual o homem conhece a dama, e passa a demonstrar interesse por ela, ou quando são selados os acordos para a união. Tais trechos, que exibem as personagens femininas ainda solteiras, são praticamente a totalidade de passagens sobre mulheres nesse estado civil. Isso demonstra que elas apenas são introduzidas na história na ocasião em que encontram seu par romântico ou futuro marido. A mulher não atua no tempo presente da narrativa sem que seja identificada com um homem. A segunda parte se ocupa dos conflitos que podem ocorrer dentro do matrimônio, os quais podem variar desde a agressão física até a possibilidade de divórcio, mas os tais conflitos não são um tema primordial da epopéia ou da saga, e somente são relatados em casos extremos, quando as discussões do casal não passam de um prenúncio da tragédia.

Parte I – Fatores que levam ao casamento

1.1. Kriemhild e Siegfried

O enlace amoroso que causa a união central do livro é coordenado pelas regras do amor cortês. Siegfried é acima de tudo um homem apaixonado, e a razão de seu interesse por Kriemhild é sua beleza. Ele se desloca por grandes distâncias, atraído pelo que se ouvia dizer da moça: “Den herren muoten selten deheiniu herzen leit. / er hôte sagen mære, wie ein scœniu meit / wære in Búrgónden, ze wunsche wolgetân”⁵⁶ (44, 1-3). Essa é a representação do amor perfeito, pois o coração de Siegfried pertencerá apenas à Kriemhild, uma vez que ele seucoração nunca havia sido entregue a outra.

No âmbito do amor cortês, a beleza está relacionada à nobreza da mulher. O poder da família não é enumerado entre os pensamentos do nobre herói, “dô sprach der küene Sívrit: ‘sô wil ich Kriemhilden nemen, / Die scœnen juncfrouwen von Búrgónden lant /

⁵⁶ “Siegfried nunca havia sofrido por uma paixão. Ele ouviu dizer que uma bela moça vivia na terra dos burgúndios, uma moça ideal.”

durch ir unmâzen scœne.’ [...]”⁵⁷ (48, 4 – 49, 1-2), por ser desnecessário, uma vez que as famílias retratadas são ricas e poderosas. Apenas uma situação contrária, como ocorrerá mais tarde com a filha de Rüdiger, seria digna de ser mencionada. Enquanto isso, a intenção dos familiares de Kriemhild é explícita: Gernot logo considera a idéia de utilizar o amor do cavaleiro por sua irmã como um meio de mantê-lo no reinado: “‘Ir heizet Sîvriden zuo mîner swester kumen, / daz in diu maget grûeze, des hab’ wir immer frumen. / diu nie gegruozte recken, diu sol in grûezen pflegen, / dâ mit wir haben gewonnen den vil zierlîchen degen.’”⁵⁸ (289). Essa empreitada foi bem sucedida, pois Siegfried permaneceu em Worms: “‘Durch ir unmâzen scœne der herre dâ beleip’”⁵⁹ (324, 1). Embora as decisões da família visem a uma aliança com o herói, a proposta não deve partir da família da dama, e sim do futuro marido. Como recompensa pela ajuda de Siegfried em uma difícil missão, Gunther daria a mão de sua irmã:

Des antwurte Sîvrit, der Sigmundes sun: / “gîstu mir dîne swester, sô wil ich ez tuon, / die scœnen Kriemhilde, ein kûneginne hêr. / sô gér ich dehéines lônes nâch mînem arbeiten mêr”. / “Daz lob ich”, sprach dô Gunther, “Sîvrit an dîne hant. / und kumt diu scœne Prûnhilt her in ditze lant, / sô wil ich dir ze wîbe mîne swester geben”⁶⁰ (333 – 334, 1-3)

Ao fazer esse acordo, Gunther, o primogênito, não consultou nenhum de seus familiares, nem mesmo Ute, a mãe de Kriemhild, – cuja opinião sobre esse assunto não é sequer mencionada. A futura noiva só é consultada quando não há mais volta, porque o trabalho já havia sido executado por Siegfried:

Dô sprach der kûnic Gunther: “swester vil gemeit, / durch dîn selber tugende læse mînen eit! / ich swuor dich einem recken, unt wirdet der dîn man, / sô hâstu mînen willen mit grôzen trîuwén getân.” / Dô sprach diu maget edele: “vil lieber bruoder mîn, / ir sult mich niht vlêgen. jâ wil ich immer sîn, / swie ir mir gebietet, daz sol sîn getân. / ich wil in loben gerne, den ir mir, herre, gebet ze man.”⁶¹ (612 – 613)

⁵⁷ “O destemido Siegfried disse: ‘Eu desejo tomar Kriemhild como esposa, a bela e jovem dama das terras dos burgúndios, devido à sua imensurável beleza.’”

⁵⁸ “Deixai que Siegfried venha até a minha irmã, assim ela o cumprimentará, o que nos será muito útil. Ela, que nunca cumprimentou um guerreiro, deve fazê-lo, pois assim ganharemos o magnífico cavaleiro.”

⁵⁹ “Devido à sua beleza descomunal, ele permaneceu”.

⁶⁰ “Isso foi o que Siegfried, filho de Sigmund, respondeu: ‘Dá-me a tua irmã, a bela Kriemhild, uma rainha, e não pedirei mais recompensas depois de cumprir o meu trabalho.’ Gunther respondeu: ‘Isso eu te prometo: se a bela Brünhild vier para essas terras, dar-te-ei a minha irmã como esposa’.”

⁶¹ “O rei Gunther disse: ‘Minha amada irmã, se assim o desejar, desfaz a minha promessa! Prometi a tua mão para um guerreiro, e caso ele se torne teu marido, tu terás cumprido a minha vontade fielmente.’ A nobre moça respondeu: ‘Meu amado irmão, vós não devais me implorar, farei o que me pedis. Quero louvar aquele que vós, meu senhor, der-me como esposo’.”

O questionamento que se faz sobre a vontade de Kriemhild não passa de parte de um cerimonial que não implica a tomada de escolhas, já que a dama não pode ir contra o trato do irmão.

Os padrões que direcionam a escolha de Siegfried são a beleza de Kriemhild e sua paixão por ela, enquanto aos familiares dela interessa a aliança com um bravo guerreiro que já havia demonstrado ser um valoroso auxílio à família. Mas estes não são os únicos pontos relevantes, uma vez que Brünhild opõe-se claramente à união da bela princesa com um “vassalo” e exige de Gunther explicações para aquela decisão atroz:

“Ich mac wol balde weinen”, sprach diu schœne meit. / “umbe dîne swester ist mir von herzen leit. / die sihe ich sitzen nâhen dem eigenholden dîn. / daz muoz ich immer weinen, sol si alsô verderbet sîn.” [...] Sie sprach: “mich jâmert immer ir schœne unt ouch ir zuht. / wess’ ich, war ich möhte, ich hete gerne fluht, / daz ich iu nimmer wolde geligen nâhen bî, / ir’n saget mir, wâ von Kriemhilt diu wine Sîfrides sî.” / Dô sprach der künic edele: “ich tûon iz iu wól bekant. / er hât als wól bürge als ich unt wîtiu lant: / daz wizzet sicherlîche. er ist ein künic rîch. / darumb gân ich im ze minnen die schœnen maget lobelîch.”⁶² (620; 622 – 623)

Gunther justifica o casamento enumerando as posses do noivo, porém, o que está em questão não são as suas posses, mas sua posição social. O engano já não pode ser desfeito.

Mas a realidade não correspondia a esse ideal cortês, pois os laços por afinidade com inferiores não eram incomuns na Idade Média, especialmente quando a mulher ocupava um lugar mais alto na escala social. Ao oferecer a filha para pessoas de uma linhagem mais baixa, efetuava-se uma aliança de obrigações, visto que, como membro da família o noivo deve lhes prestar serviços.⁶³ Os homens, por carregarem o nome da família, não costumavam efetuar tais casamentos. As mulheres, entretanto, não eram sempre complacentes com a escolha de tais maridos, uma vez que sua posição dependia deles, e casar-se com um homem de linhagem inferior era o mesmo que descer na escala social:

⁶² “ ‘Logo vou chorar’, disse a bela moça. ‘A situação de tua irmã me corta o coração, sentada ao lado de um subordinado teu. Para sempre chorarei se ela tiver de ser rebaixada desse jeito.’ [...] Ela ainda disse: ‘A sua beleza e a sua educação para sempre me farão sofrer. Se eu soubesse como, fugiria para nunca me deitar ao teu lado. A não ser que tu me digas porque Kriemhild é a mulher de Siegfried.’ O nobre rei respondeu: ‘É claro que vos direi a razão. Ele tem vastas terras e tantos burgos quanto eu. Saiba que ele é um rico rei. Por isso estou de acordo com que ele tome a mão da bela dama’.”

⁶³ Vide DUBY, 1990: 128

Eles escolhiam os partidos mais vantajosos, seja o melhor sangue, seja o gordo dote, indo sua preferência evidentemente para as moças primogênicas, desprovidas de irmãos e de tios, as quais eles tinham motivo para esperar que elas herdariam. Acontecia que mulheres assim ligadas a inferiores por seu pai ou seu irmão torcessem o nariz. [...] Ela recusou. Era indecente, gritava, ‘colocar sobre ela’ um marido de tão medíocre condição. (DUBY, 1997: 42)

Os protestos, ainda que essas uniões não fossem incomuns, tinham sua razão de ser, porém não eram de serventia alguma, porque, contrariamente à lei eclesiástica, a opinião da mulher não importava para as leis germânicas:

The basing of marriage on mutual consent of the couple constituted another additional important difference between ecclesiastical marriage law and Germanic law. Whereas according to Germanic law consent to marriage was given not by the bride but by her protector under whose *mundinum* she lived – her father, brother or some other male relative – according to ecclesiastical law it was the consent of the bridal couple alone which rendered a marriage valid. (SHAHAR, 1990: 82-83)

Damas que tiveram que se sujeitar a essa situação desfavorável queixaram-se, como Brünhild. O questionável, porém, não são os protestos ou seu sofrimento, mas suas ameaças a Gunther. Brünhild acabava de sair de um país dominado por mulheres e ainda não havia efetuado, de fato, a transição de uma realidade para a outra, de forma que ainda apresentava características indesejadas, como a recusa em se entregar ao marido.

O casamento, no entanto, agradava a todos os envolvidos, porque Siegfried era, sem sombra de dúvida, um nobre cavaleiro, que não apenas tinha inúmeras posses, como ofereceria um apoio de grande valor à família, e, ainda, era da mais alta linhagem. A união trazia apenas vantagens para os familiares da noiva.

1.2. Gudrun e Sigurd

Devido ao estilo de narrativa breve das sagas, não há maiores prolongamentos na apresentação de Gudrun. Logo da chegada de Sigurd, Grimhild, a mãe de Gudrun, nota o valor deste nobre homem e vislumbra o valor de uma aliança com ele, indo logo convencer seu marido deles:

Ok eitt sinn gekk Grímhildr fyrir Gjúka konung ok lagði hendr um háls honum ok mælti: “Hér er nú kominn inn mesti kappi, er finnask mun í veröldu. Væri at honum mikit traust. Gift honum dóttur þína með miklu fê ok slíku ríki sem hann vill! Ok mætti hann hér ynði nema”. Konungr svarar: “Fátítt er þat, at bjóða fram dætr þínar, en meiri vegr er at bjóða honum, en aðrir biði.” Ok eitt kveld skenkir Guðrún. Sigurðr sér, at hon er væn kona ok at

öllu in kurteisasta. Fimm misseri var Sigurðr þar, svá at þeir sátu með frægð ok vingan. ⁶⁴
(Cap.28, p.65)

Embora o pai de Gudrun afirme que fosse incomum oferecer a própria filha em casamento, nele aceita. O fato de isso ser exceção atribui honra ao futuro noivo, e enfatiza o valor do herói, Sigurd. Este não era um acontecimento completamente estranho às sagas islandesas, ocorrendo também em *Eindriða þátr ok Erlings*.⁶⁵

As palavras utilizadas por Grimhild são racionais, demonstram o que a família tem a ganhar com tal laço e que o suporte de tão bravo cavaleiro seria de grande importância para eles. O casamento visa manter o herói dentro do reino através dos laços por afinidade, mas outros meios, como oferecer riqueza e poder, também são utilizados para conquistá-lo.

O que despertou o interesse de Grimhild foram o apoio que o cavaleiro poderia oferecer e sua fortuna. Os interesses do restante dos familiares são obscuros, pois os pensamentos do rei Gjuki ou do primogênito Gunnar não são expostos, sabendo-se apenas sobre o respeito que tinham por Sigurd, que era considerado como um membro da família antes mesmo dos laços do casamento.

As decisões referentes ao matrimônio são feitas pelos pais da noiva, mas quem faz a proposta para Sigurd não é o rei Gjuki, mas o irmão de Gudrun, Gunnar:

Gunnar mælti: “Allt viljum vér til vinna, at þér dvelizk hér lengi, bæði ríki ok vára systur með boði, en eigi mundi annarr fá, þótt bæði.” Sigurðr svarar: “Hafið þökk fyrir yðra sœmð! Ok þetta skal þiggja”. Þeir sverjask nu í brœðralag, sem þeir ser sambornir brœðr.⁶⁶
(Cap.28, p.65-66)

Gunnar inicia a conversa deixando claro quais são as intenções da família, uma aliança, a qual é selada de diferentes formas: como laço por afinidade através do casamento com Gudrun e como laço de sangue através de um pacto. A razão para que essa proposta tenha sido efetuada por Gunnar, e não pelo próprio rei Gjuki está no pacto de sangue. Esse

⁶⁴ “E um dia Grimhild foi ao encontro do rei Gjuki, pôs os braços em volta de seu pescoço e disse: ‘O mais valioso herói que pode ser encontrado no mundo está aqui. Nele teríamos grande amparo, casa-o com a tua filha e oferece muitas riquezas e tanto poder quanto ele desejar! Assim ele encontrará a felicidade aqui’. O rei respondeu: ‘Oferecer a própria filha é incomum, mas há mais honra em oferecê-la do que em esperar que outros proponham. Uma noite Gudrun serviu as bebidas. Sigurd notou que ela era uma bela mulher e era muito cortês. Sigurd permaneceu lá por cinco estações (N.T.: dois anos e meio) e eles viveram em glória e amizade.’”

⁶⁵ Vide JOCHENS, 1998: 24-35.

⁶⁶ “Gunnar disse: ‘Queremos fazer de tudo para que fiques aqui por mais tempo. Para tanto oferecemos poder e a nossa irmã, e ninguém mais poderia receber isso, mesmo que propusesse’. Sigurd respondeu: ‘Sou grato por essa honra! E eu a aceitarei.’ Eles selaram um pacto de sangue como se fossem irmãos nascidos juntos”.

trato entre “irmãos” era costume de homens jovens. Era um dos meios de aumentar o círculo de pessoas interdependentes, que deviam ajudar umas às outras em situações de dificuldade (os outros seriam as ligações por afinidade ou mesmo as entre vizinhos):

Es gab noch weitere Wege, um den Kreis derer zu vergrößern, auf die der alte Isländer sich verlassen durfte. Einer davon war die Schwurbruderschaft (föst-brœðra-lag), in der zwei Männer oder mehr – meist sind es junge Burschen – sich unter Eid verpflichten, zueinander wie Brüder zu sein. Dies pflegte namentlich auf die Pflicht zu gegenseitiger Treue und Hilfeleistung in allen schwierigen Lagen zu gehen, dazu dann die Pflicht zur Blutrache, wenn einer von ihnen durch die Waffe unkam. Die sich da so aneinander banden, hatten sich durchwegs schon vorher nahegestanden, waren oft zusammen aufgewachsen, zum Teil auch miteinander verwandt oder verschwägert, vor allem aber enge Freunde.⁶⁷ (KUHN, 1971: 99)

Sigurd e Gunnar eram jovens e logo se tornariam cunhados, além disso, o pacto não vem simplesmente da afinidade, mas da amizade que a família nutria por Sigurd. Assim, ele não é mais do que uma consequência natural. Outra razão é o teor dramático de sua quebra, como Brynhild vem a destacar mais adiante, razão pela qual Gunnar não poderia ter um bom final. Há uma certa recorrência nesse fato, porque ele não apenas quebrou o pacto com Sigurd ao planejar sua morte, mas também é um dos causadores da violação efetuada pelo próprio Sigurd. Enquanto Grimhild faz com que ele tome uma poção para que se esqueça de Brynhild, é Gunnar quem lhe oferece Gudrun em casamento. A proposta feita por Gunnar justifica seu negro destino.

Os pensamentos de Sigurd praticamente não são expressos, sua opinião sobre a família e a aliança não são descritas, assim como suas considerações sobre Gudrun também são breves, “Sigurðr sér, at hon er væn kona ok at öllu in kurteisasta.”⁶⁸ (Cap.28, p.65). O interesse de Sigurd por Gudrun não é grande, há apenas uma breve descrição dos bons modos da moça, que justificam que ele não recuse o casamento mais adiante. Mas os valores que agradavam Sigurd não eram apenas estes, como é demonstrado após a união, “Sigurðr gaf Guðrúnu at eta af Fáfnis hjarta, ok síðan var hon miklu grimmari en áðr ok

⁶⁷ “Havia outros meios de se aumentar o círculo de pessoas no qual o antigo islandês podia confiar. Um deles era o pacto de irmãos (föst-brœðra-lag), no qual dois homens ou mais – normalmente jovens rapazes – se obrigam através de um pacto a ser como irmãos um para o outro. Tratava-se da obrigação à fidelidade mútua e à prestação de auxílio em todas as situações difíceis, assim como à vingança de sangue, quando um dos dois fosse morto por armas. Os que se ligavam dessa maneira costumavam já ser próximos um do outro, freqüentemente haviam crescido juntos, sendo que alguns eram aparentados ou cunhados, mas, acima de tudo, eram amigos próximos”.

⁶⁸ “Sigurd viu que ela era bela e era cortês em todos seus gestos”.

vitrari.”⁶⁹ (Cap.28, p.66). As características adquiridas por Gudrun após comer o coração do dragão parecem ser positivas, e, mesmo sendo uma mulher, a crueldade é representada como algo bom. É difícil julgar como este seria um aspecto positivo para uma mulher dentro da sociedade da época, mas o fato é que tais características aproximam Gudrun – antes descrita apenas como bela e de bons modos – do padrão de mulher ideal de Sigurd. Ela passa a ter semelhanças com Brynhild, uma mulher sábia, como havia sido afirmado repetidas vezes pelo herói, e uma valquíria, portanto, cruel.

1.3. Análise comparativa

Em ambas as narrativas, o que move os familiares da moça a induzirem o casamento ou até mesmo a oferecerem a noiva é a possibilidade de uma aliança com Siegfried/Sigurd. O apoio do guerreiro é de vital importância, pois ele pode fortalecer a família e torná-la mais poderosa. O casamento visando alianças entre famílias ou com pessoas influentes era comum nas duas sociedades, sendo que na Europa ocidental o interesse não estava apenas no poder, mas também na dinastia daqueles envolvidos:

Für den Laienadel war die Ehe primär eine politische Institution, ein Instrument der dynastischen Politik. Der wichtigste Zweck der Ehe war die Fortsetzung des eigenen Hauses, also die Erzeugung legitimer Erben [...]. Außer der Fortsetzung des eigenen Geschlechts hatte die feudale Ehe auch den Zweck, verwandtschaftliche Beziehungen zu den anderen Familien herzustellen. Dabei ging es fast immer um Hauspolitik, das heißt um die Absicherung oder Erweiterung des eigenen Herrschaftsbereichs, um die Befestigung politischer Bündnisse.⁷⁰ (BUMKE, 2002: 534-535)

Já na Islândia, onde não havia nobreza, a dinastia não importava para tais alianças, o que importava eram as alianças de poder que poderiam ser vitais especialmente quando se tratava das chamadas disputas familiares, comuns na Islândia medieval:

Marriages outside the local group and often at considerable distances were frequent, extending alliance networks among members of different chieftain-thingmen groups. Such arrangements wanted down the discreteness of the local group, adding to the already rich

⁶⁹ “Sigurd deu um pedaço do coração de Fafnir para Gudrun comer, e depois disso ela tornou-se muito mais cruel e sábia do que antes”.

⁷⁰ “Para o nobre leigo, o casamento era, primeiramente, uma instituição política, um instrumento da política de dinastia. A função principal do casamento era a continuação da própria casa, ou seja, a geração de herdeiros legítimos. [...] Além da continuação da própria linhagem, o casamento feudal também tinha a função de estabelecer relações de parentesco com outras famílias. Tratava-se, praticamente sempre, da política da casa, isso quer dizer, da proteção ou extensão do próprio campo de poder, da fixação de alianças políticas”.

mix of potentially conflicting political and kinship alliances among individuals. The extent of these cross-cutting helps to explain why the loyalty of Icelanders, whether male or female, was not to a single group. (BYOCK, 2001: 214)

Essa diferença nos interesses de cada cultura também pode ter influenciado em outro aspecto das narrativas; a revolta de Brünhild só pode ocorrer em *A Canção dos Nibelungos*, na qual a dinastia e o valor do sangue é mais elevado, o que não acontece em *A Saga dos Völsung*. Segundo a saga, Sigurd vem de uma linhagem que descende de Odin, mas foi criado por um servo do rei Hjalprek. Mesmo não havendo o embuste de *A Canção dos Nibelungos*, ele era visto por todos como uma pessoa de uma estirpe mais baixa, o que, no entanto, não representa empecilho para nenhum dos envolvidos. O leitor sabe que Sigurd vem da mais alta linhagem, e, para a família de Gudrun, seus grandes atos assim como sua volumosa fortuna são mais importantes. Esses são os valores na Islândia.

Cada família age de forma diferente no que se refere à forma como se aproximam do noivo. Enquanto na versão germânica ela apenas induz o cavaleiro à idéia do casamento, deixando que ele próprio faça a proposta, na islandesa, a família oferece Gudrun diretamente, mesmo não sendo habitual, o que não é mal visto por Sigurd. Mas há uma importante diferença nesse ponto, todas as decisões relativas a Siegfried são feitas pelos irmãos de Kriemhild – sua importância para a família e os meios a serem utilizados para mantê-lo no reinado –; já na versão islandesa é Grimhild quem toma as decisões, lança idéias e espera que os homens ajam por ela. Grimhild está no pano de fundo das escolhas feitas pelos familiares, e, em *A Canção dos Nibelungos*, Ute sequer é consultada sobre o casamento da filha.

Quando se trata de casamento, a opinião mais importante é sempre a do homem, e todos os arranjos referentes à escolha dos noivos são feitos pelos homens da família. A Igreja defende que a mulher tenha uma posição menos passiva do que somente aceitar a imposição, mas a realidade em ambas regiões era outra. Segundo as leis germânicas, o parecer da noiva pouco importa, já na Islândia, ela pode recusá-lo, e a opinião da mãe também é relevante, de forma que Grimhild teria de ser consultada, no caso de a proposta ter partido de outra pessoa:

The Christian notion of gender equality was acknowledged, not for the bride, however, but for the mother. Whereas the older laws accorded men the right to arrange the marriages of their female relatives and included the mother only in the absence of male relatives, the new

laws stated that both “father and mother shall decide on their daughter’s marriage” (JOCHEN, 1995: 46)

Ironicamente, a opinião da noiva só é questionada em *A Canção dos Nibelungos* e não em *A Saga dos Völsung*, mas a conversa entre Gunther e Kriemhild não passa de mera formalidade.

Para firmar tal aliança, a família de Gudrun não apenas a oferece, mas também poder e dinheiro, além de firmar um pacto de sangue. Já a aliança de Kriemhild não faz mais do que pôr o casal em contato. Siegfried é quem propõe o casamento e o faz em um sistema de troca, devendo prestar um serviço a seus familiares.

No que se refere ao noivo, Siegfried é apresentado como um homem apaixonado, atraído especialmente pela beleza de Kriemhild. Já Sigurd é atraído pela sabedoria de Brynhild, sendo essa também uma das características que Gudrun adquire depois de comer o coração do dragão. Mas a mulher idealizada na corte da Europa central não pode apresentar tal qualidade. Ela deve ser bela, ter bons modos e ser hábil nos afazeres domésticos, bem como ser subordinada ao marido e não intervir em grandes decisões, pois esse papel não lhe cabe. Mesmo Kriemhild, que é um exemplo a ser seguido no início do livro, começa a ser hostilizada na segunda parte, como será visto adiante em “Mulheres e Poder”, quando ela passa a exercer o poder para finalmente vingar a morte do marido.

O principal elo entre essas cenas não é o sentimento dividido pelo casal, mas o interesse de cada família em formar uma aliança com o herói.

2.1. Brünhild e Gunther

A existência de Brünhild é uma novidade para Gunther. Só então chegam notícias das belas mulheres que vivem além-mar, assim como de Brünhild, a mais bela mulher, que oferecia seu amor como prêmio àquele que conseguisse derrotá-la. Assim que tem notícia delas, Gunther decide conquistar a mais linda de todas: “Iteniuwe mære sich huoben über Rîn. / man sagte, daz dâ wære manec scœne magedîn. / der gedâht’ im eine erwerben Gûnther der kûnec guot.”⁷¹ (325, 1-3). Em um primeiro momento, Gunther não indica alguém especificamente, pois, como esse é um país de muitas belas mulheres, pretende se casar com “uma delas”. Mas, logo em seguida, ele demonstra interesse especial por uma: a

⁷¹ “Notícias realmente novas chegaram de terras longínquas ao Reno. Dizia-se que lá havia belas mulheres. Gunther, o bom rei, decidiu que iria desposar uma delas”.

rainha desse país. Tudo o que se sabe sobre ela é que é muito bonita e detentora de uma força descomunal: “Ez was ein küneginne gesezzen über sê, / ir gelîche enheine man wesse ninder mê. / diu was unmâzen scœne, vil michel was ir kraft.”⁷² (326, 1-3). A descrição segue de forma a dar a entender que a beleza é que o mais o atrai, porque ela seria superior a de todas as outras. Porém, tal qualidade reflete sua posição, que também é a mais elevada. O valor do sangue é de suma importância, porque a futura esposa deve estar de acordo com seu *status* e deve passar o bom sangue para seus filhos.

Os sentimentos do rei são nobres, o seu amor é elevado, parecendo seguir as qualidades do amor cortês, o que, no entanto, não vem a se concretizar mais adiante, uma vez que a rainha é excessivamente violenta. Quando chegam a Isenstein, Siegfried pergunta a Gunther qual das formosas mulheres ele escolheria e o rei aponta Brünhild: “Sô sihe ich ir eine jenem venster stân / in snêwîzer wæte, diu ist sô wolgetân; / die welent mîniu ougen durch ir scœnen lîp. / ob ich gewalt des hête, sie müese wêrdén mîn wîp.”⁷³ (392). Em contrapartida, quando Brünhild pede informações sobre os cavaleiros ali presentes, ela obtém apenas a identidade de Siegfried (416, 2s.). E é Siegfried – aquele que realmente irá derrotá-la – quem ela cumprimenta, e só então descobre que não é ele que deseja sua mão, mas Gunther, seu “suserano”.

O fato de os homens de Brünhild identificarem somente Siegfried não apenas demonstra o quanto o cavaleiro era conhecido nos mais distantes reinados, mas também é um indicador de que Gunther não conseguiria derrotar Brünhild sozinho.

Embora Gunther tenha uma boa impressão de Brünhild devido à sua beleza, seus homens têm uma impressão notoriamente negativa devido a ela ser uma guerreira, como se pode verificar nas palavras de Hagen: “[...] wie vliessen wir den lîp! / der ir dâ gert ze minnen, diu ist des tíuvéles wîp”⁷⁴ (438, 3s.). As palavras de Dankwart, irmão de Hagen, também são de temor: “mich riuwet inneclîchen disiu hovevart. / nu hiezen wir ie recken:

⁷² “Havia uma rainha que vivia no além mar e ninguém sabia de uma mulher que lhe fosse equivalente. Ela tinha uma beleza imensurável e sua força era muito grande.”

⁷³ “Eu vejo naquela janela uma moça tão bela com um vestido branco como a neve, eu a escolho devido à sua beleza. Se fosse possível, ela seria a minha esposa”.

⁷⁴ “Aqui perderemos a vida. A mulher de quem deseja o amor é a esposa do demônio”.

wie verliese wir den lîp, / suln uns in disen landen nu verdérbén diu wîp!”⁷⁵ (443, 2s.). Dankwart não teme tanto pela sua vida, mas, principalmente, pela sua honra.

Mesmo Brünhild tendo uma beleza notável, causa espanto aos homens de Gunther, pois não possui as características e virtudes esperadas em uma mulher da época. Ao se apresentar em uma armadura, ela deve ser encarada como algo demoníaco, por não apresentar as qualidades angelicais desejáveis em uma dama. As características masculinas de Brünhild não podem ser vistas com naturalidade, porque não apenas causam aversão e temor, em um mundo no qual mulheres deveriam ser guardadas e protegidas, mas também a transformam em uma “anomalia”, que deve ser vencida de forma a restaurar a “ordem natural”.

O comportamento de Gunther, que teme por sua vida, mas acima de tudo é um homem apaixonado, pode ser explicado pela “lógica” da lenda, na qual Brünhild deve tornar-se sua esposa, formando a trama que conduz a narrativa, enquanto a reação negativa de seus homens não deixa de ser um retrato dos valores da época.

Jönsson aponta para o fato de a beleza feminina não ser tanto uma beleza física individual, mas um indicador de poder, do ideal que a dama deveria representar naquela época:

Dementsprechend geht es in höfischer Epik nicht um die Beschreibung individueller Schönheit, sondern um die Darstellung der *frouwe* als Idee, deren jeweilige Inkarnation die einzelne Dame ist. [...] Weibliche Schönheit und männliche physische oder politische Stärke korrespondieren sozusagen miteinander. *Schæne* gilt als eines der höchsten weiblichen Güter im höfischen Gesellschaftspiel.⁷⁶ (2001: 55-51)

Brünhild era uma mulher muito poderosa e sua beleza é demonstrativo disso. Nessa mesma personagem são encontrados os indicadores de poder de ambos os gêneros: ela é bela como uma mulher deve ser, e tem a força física e política de um homem, pois, além de ser uma guerreira, ela também é a rainha de Isenstein. Para os padrões daqueles tempos, ela seria quase uma figura andrógina, representando os padrões conferidos a ambos os sexos. Uma anomalia como esta haveria de fazer parte de um mundo desconhecido, inexplorado,

⁷⁵ “Eu realmente me arrependo da viagem a esta corte. Até então haviam nos chamado de guerreiros; mas perderemos nossas vidas aqui? Seremos ser derrotados por mulheres!”

⁷⁶ “O épico cortês não trata da descrição da beleza individual, mas da representação da *frouwe* como idéia, cuja respectiva encarnação é a própria dama. [...] A beleza feminina e a força física ou política masculina correspondem, assim por dizer, um ao outro. *Schæne* [beleza] é um dos mais altos bens femininos nos jogos de convívio da sociedade medieval.”

nesse caso, Isenstein, que seria correspondente à recém-descoberta Islândia, como é observado por Johannes Zählten em “*Es ist uns in alten Mären...*”:

Die Lage ihres Reiches wird nicht näher beschrieben, doch spricht einiges dafür, dass Island gemeint ist, das um 800 von iroschottischen Mönchen entdeckt, seit 847 von Norwegen aus besiedelt wurde und seit 930 als freier Staat existiert. Doch kommt es im ‘Nibelungenlied’ nicht auf geographisch exakte Angabe an, sondern wichtig ist dem Dichter die Vorstellung eines fernen, gefährlichen Ortes jenseits der vertrauten Welt.⁷⁷ (2003: 89)

O conflito é criado a partir do momento no qual ela entra em contato com pessoas do mundo já conhecido, personagens pertencentes à outra terra, que desejam tirar essa mulher, essa criatura, de seu meio e trazê-la para uma esfera que não lhe é própria.

Embora a questão do sangue seja de extrema importância em um enlace desse tipo, parece que o rei Gunther não se importa com o poder que haveria de ser alcançado com esse casamento. Brünhild era a rainha de todo o país, e esse poder devia ser passado para seu marido, o que fica claro no momento que ela é derrotada: “Zuo z’ir ingesinde ein teil si lûte sprach, / dô si z’ent des ringes den helt gesunde sach: / ‘vil balde kumt her nâher, ir mâge unt mîne man! / ir sult dem künic Gunther alle wesen undertân’.”⁷⁸ (466) Depois do matrimônio, todas as posses da mulher passavam ao poder de seu marido, sem que lhe restasse qualquer direito sobre elas. Por isso, ao ser derrotada, Brünhild pede aos seus homens que se submetam ao seu futuro marido:

Wenn ein Mann ein Weib nimmt, so nimmt er in seinen Besitz all ihr Gut rechtmäßiger Vormundschaft. [...] Ein Weib kann auch ohne ihres Mannes Erlaubnis nichts von ihrem Gut vergaben (sic) noch Grundeigen verkaufen noch Leibgedinge auflassen, weil er mit ihr im Besitz sitzt. Mädchen aber und unverheiratete Weiber verkaufen ihr Grundeigen ohne ihres Vormunds Erlaubnis.⁷⁹ (KETSCH, 1984: 168)

Mas os homens de Gunther não crêem nas palavras da demoníaca Brünhild, tanto que Hagen chega a afirmar: “Sô si nu mit ir krefte koment in daz lant, / (der küneginne

⁷⁷ “A localização do reinado não é descrita de forma mais exata, mas alguns dados indicam que se refere à Islândia, que foi descoberta por monges irlandeses/escoses por volta do ano 800, que foi colonizada pelos noruegueses a partir de 847 e que existia como um Estado livre desde 930. A *Canção dos Nibelungos* não oferece dados geográficos exatos, mas o importante para o poeta é representação de uma terra distante e perigosa, oposta ao mundo de confiança.”

⁷⁸ “Ao final da luta, quando Brünhild viu Gunther sem ferimentos, ela falou um pouco alto para os seus homens: ‘Aproximai-vos, meus parentes e meus homens! Todos devem submeter-se ao rei Gunther’.”

⁷⁹ “Quando um homem toma uma mulher, ele também toma em seu poder todos os pertences dela como tutor legal. [...] Uma mulher também não pode doar os seus pertences, nem vender suas terras, nem liberar os seus servos sem a permissão de seu marido, pois ele é proprietário junto a ela. Meninas e mulheres solteiras podem vender as suas terras sem a permissão de seu tutor”.

wille ist uns unbekant: / waz ob sie alsô zûrnet, daz wir sîn verlorn?), / so ist uns diu maget edele ze grôzen sórgén geborn’.”⁸⁰ (478) Gunther não apenas rejeita os servos dela, mas também todo o seu tesouro, como se aquilo que ela possuísse fosse de pouca importância. Suas jóias são distribuídas entre as pessoas presentes, para o desespero de Brünhild:

Dô sprach von Tronege Hagene: “vrouwe, iu sî geseit, / ez hât der künec von Rîne gólt únde kleit / alsô vil ze gebene, daz wir des haben rât, / daz wir von hinnen fûeren iht der Prünhilde wât.”[...] Mit edelem gesteine ládete man ír diu schrîn. / ir selber kamerære dá mite muosen sîn. / sine woldes niht getrûwen dem Guntheres man. / Gúnthér unt Hagene dar umb láchén began.⁸¹ (519; 521)

O natural seria que Gunther tomasse posse de tudo o que pertencia à sua mulher, mas isso não ocorre. Eles deixam seu país pra trás, sem que Isenstein volte a ser mencionado em qualquer momento. O rei não deseja levar consigo nada do que pertence à sua esposa, nem as roupas, nem sua fortuna. Mesmo assim, ela consegue apenas que ele lhe conceda levar vinte baús, o que, levando-se em consideração as magnitudes dos números nas epopéias medievais, é um número extremamente baixo. A atitude de distribuir as roupas e os bens da rainha sem a consultar pode ser compreendida como uma forma de humilhá-la após a derrota, o que é enfatizado pelo deleite com seu desespero expresso nas risadas de Gunther e Hagen. Brünhild é repreendida com a perda do poder sobre seu país e seus pertences. Essa é uma cena de alto valor simbólico, pois ao deixar para trás todo o seu patrimônio, assim como seu poder e sua soberba, Brünhild deve submeter-se aos desejos do marido, da mesma forma que deve deixar para trás a realidade subversiva na qual vivia e adaptar-se à realidade vivida por Gunther, e, por fim, contentar-se com aquilo que receberá em sua nova vida, em Worms.

Brünhild não tem interesse algum no matrimônio, ela apenas tem prazer em desafiar os homens e permanecer solteira, mantendo a soberania sobre seu país. Ao se casar, Brünhild teria de se submeter, a contragosto, a um homem. Mas, em um breve momento, pode-se vislumbrar que ela chega a ter algum interesse no poder que o casamento com Gunther poderia lhe trazer, no caso de a inesperada derrota acontecer. “[...] ist er dîn herre

⁸⁰ “E se ela vier com todos os seus homens para essas terras. A vontade da rainha nos é desconhecida. E se ela estiver furiosa porque perdeu? A nobre dama é razão para grandes preocupações”.

⁸¹ “Hagen von Tronje disse: ‘Senhora, que vos seja dito que o rei do Reno tem muito ouro e roupas e muito pra dar, por isso, devemos trazer apenas poucas vestes de Brünhild.’ [...] Com pedras preciosas enchem-se os baús para ela. Os seus próprios homens deviam estar lá. Pois ela não confiava nos homens de Gunther. Gunther e Hagen começaram a rir disso”.

únt bistú sîn man, / diu spil, diu ich im teile, getar er diu bestân, behabt er des die meisterschaft, sô wird' ich sîn wîp".⁸² (423, 1-3), diz Brünhild, ao saber da suposta relação de vassalagem entre Siegfried e Gunther. Desde o princípio, ela conhece Siegfried e sua fama, e a possibilidade de o ter como vassalo lhe agrada profundamente.

Embora ela seja prestativa e rápida ao chamar seus homens para que sirvam a Gunther, não demorando em reconhecer sua soberania, Brünhild não tem a intenção de se entregar tão depressa. Ela se recusa diversas vezes a consumir as núpcias. Primeiramente, durante a viagem até Worms, como quem espera as festividades do casamento para que possa finalmente se entregar: "Done wólde si den herren niht minnen ûf der vart. / ez wart ir kurzewîle unz in ir hûs gespart / ze Wormez zuo der bürge z'einer hôhgezît, / dâ si vil vreuden rîche kômen mit ir helden sît."⁸³ (528) Parece compreensível tal recusa, mas, ao que tudo indica, Brünhild tem outras razões para não desejar ter contato sexual com Gunther tão cedo, pois junto com a virgindade, ela perderia seus poderes: "hey waz ir von der minne ir grôzen kréfté entweich! / Done wás ouch si niht sterker dann' ein ander wîp. / er trûte minneclîche den ir vil schœnen lîp. / ob siz versuochte mêre, waz kunde daz vervân? / daz het ir allez Gunther mit sînen mînnén getân."⁸⁴ (681, 4 – 682). Brünhild, assim como Siegfried, faz parte de um mundo lendário. Ela tem poderes sobrenaturais e é a rainha de um país dominado pelas mulheres. Brünhild é uma ameaça para Worms e para toda ordem social da época, por isso é eliminada aos poucos, com o decorrer da narrativa, sendo o primeiro passo sua derrota em Isenstein; depois ela prossegue desaparecendo lentamente dentro do reinado de Worms, como indica Jan-Dirk Müller:

Gleichzeitig wird die mythische Potenz Schritt für Schritt liquidiert. Brünhild verliert mit ihrer Jungfräulichkeit nicht nur ihrer übermenschliche Stärke (682, 1), sondern fügt sich die Wormser Ordnung ein, bis sie schließlich so von ihr absorbiert ist, daß sie sang- und klanglos verschwindet. Die 'tarnhût' wird vergessen, wenn sie nicht mehr gebraucht wird. Siegfried wird beseitigt.⁸⁵ (2002: 147)

⁸² "Ele é teu senhor e tu és seu vassalo. Então se Gunther ganhar no jogo ao qual eu dou as regras, eu serei a sua senhora".

⁸³ "Ela não quis se deitar com Gunther durante a viagem. As alegrias do casamento foram deixadas para a sua casa, no burgo em Worms, onde eles alegremente encontraram os heróis".

⁸⁴ "Sim, ela perdeu toda a sua grande força através do amor. Agora ela não era mais forte do que qualquer outra mulher. Ele a tratou amavelmente. Mesmo se ela tivesse tentado continuar oferecendo resistência, de que isso lhe adiantaria? Gunther fez isso através de seu amor."

⁸⁵ "A potência mítica é liquidada passo a passo. Brünhild perde junto com sua virgindade não apenas a sua força sobre-humana (682, 1), mas ela se insere na ordem de Worms até ser absorvida por esta, de forma a

Tudo o que é mítico ou lendário e não pertence ao que poderíamos chamar de “ordem natural” deve ser destruído. Siegfried morre e tem um fim pontual, já Brünhild é eliminada aos poucos, após ser derrotada e retirada de seu espaço natural. Ao sair dele, acaba por perder seus poderes junto com a virgindade. Mas se isso não tivesse ocorrido, ela provavelmente perderia a vida, como aconteceu com o herói Siegfried. Assim, com a sucessiva perda de espaço, ela se torna praticamente inexistente na segunda parte do livro.

A virgindade de uma mulher era altamente prezada na Idade Média, sendo que sua manutenção era considerada uma forma de superar as fraquezas próprias do sexo feminino:

Die Frau hat also durchaus die Möglichkeit, die ihr eigene Schwäche und Unterlegenheit zu überwinden, und kann sich auch dem Mann gegenüber aus dem Zustand des Unterworfenenseins befreien: Sie muss ihr Leben nur der Jungfräulichkeit weihen. In seiner Schrift ‘*De virginibus*’ (‘Von den Jungfrauen’; aber auch in ‘*De viduis*’, ‘Von den Witwen’) hatte der heilige Ambrosius die Theorie der Selbstbefreiung der Frau gerade über die Wahl eines der Jungfräulichkeit gewidmeten Lebens entwickelt und damit nicht nur in der Spätantike, sondern während gesamten Mittelalters große Zustimmung gefunden.⁸⁶ (BERTIN, 1991: 18)

É apenas através da virgindade que uma mulher conseguiria vencer todas suas características negativas e deixar de ser subjugada pelo homem. O texto refere-se claramente a mulheres que se decidiam por ela, chamadas *pias*, que levavam uma vida religiosa: as freiras. A castidade é, nesse contexto, sinônimo de uma vida dedicada à religião. Mas, por menos pia que Brünhild fosse, por mais avessa que se apresentasse aos valores daquela sociedade, os da virgindade acabam por ter o mesmo efeito ‘libertador’ sobre ela. Enquanto é virgem, ela não deve se subjuguar aos homens, apresenta poderes mágicos e é mais forte do que as condições que lhe são impostas permitiriam. Mas, tendo abandonado seu país e se casado, Brünhild deve submeter-se ao marido, e o ato sexual marca essa mudança. Seus poderes, o *status* do qual desfrutava e sua virgindade não poderão mais ser reavidos, após as mudanças que transpassaram sua vida. Mas também se pode questionar se, ao evitar o coito, também estaria evitando a consumação do casamento.

desaparecer silenciosamente. O manto invisibilizador (*tarnhut*) é esquecido quando ele não é mais necessário. Siegfried é deixado de lado.”

⁸⁶ “A mulher tem a possibilidade de superar as suas fraquezas e inferioridades, e pode se libertar da condição na qual é subjugada ao homem, consagrando a sua vida à virgindade. No seu manuscrito ‘*De virginibus*’ (‘Sobre as virgens’, mas também em ‘*De viduis*’, ‘Sobre as viúvas’), São Ambrosio havia desenvolvido a teoria da auto-libertação da mulher através do voto por uma vida dedicada à virgindade e com isso encontrou uma grande aprovação, não apenas na Antiguidade tardia, mas também durante toda a Idade Média.”

Esse é um tema controverso, segundo Shahar, havia a possibilidade de anular um casamento no caso de não haver a consumação carnal:

There was also a possibility of annulling a marriage, if the Church tribunal was persuaded that the marriage had never been valid (*ab initio*). Marriage could be declared invalid if the partners were relatives to a degree where marriage was banned to them, if one partner was already married, if the partners were coerced into match, or if the marriage had never been consummated because of the husband's impotence. (1990: 82)

Mas Edith Ennen relata a questão que se estabeleceu no século XII: se o simples ato verbal, através do qual ambos concordariam com a união seria suficiente para consumir o casamento, ou se também seria necessário que o casal tivesse relações sexuais. E foi decidido pelos juristas e pela Igreja que o consenso do casal era suficiente:

Im 12. Jahrhundert kam es zwischen den Rechtsschulen von Bologna und Paris zu einer Diskussion darüber, ob zur Vollgültigkeit der Ehe der Konsens der Brautleute genüge oder außerdem der Vollzug der ehelichen Verbindung (*copula carnalis*) erforderlich sei. Er setzte sich die Ansicht durch, daß der [...] Konsens die Ehe begründe. So entschied auch Papst Alexander III. (1159-1181): "solus consensus facit nuptias".⁸⁷ (1999: 97)

De qualquer forma, os textos não se referem à não consumação carnal devido ao desejo da mulher, mas a uma possível impotência do homem, o que viria a ser um grande empecilho, pois, sendo impotente ele não poderia gerar prole. O desejo sexual feminino não é discutido, porque o ato carnal não dependia dele. A esposa podia até mesmo ser violentada para que se consumasse a relação entre os cônjuges (como viria a ocorrer mais tarde com Brünhild). Por um lado, Brünhild tem que aceitar sua derrota e casar-se com Gunther, por outro ela ainda impõe mais uma prova para que seu marido comprove ser realmente superior.

2.2. Brynhild e Gunnar

Assim como já havia ocorrido com Gudrun, Grimhild volta a se ocupar do casamento dos filhos. Não é Gunnar quem se decide pela mulher ideal, mas sua mãe que lhe dá conselhos: "Ok eitt sinn gekk Grímhildr at Gunnari, syni sínum, ok mælti: 'Yðart ráð stendr með miklum blóma fyrir útan einn hlut, er þér eruð kvánlausir. Biðið Brynhildar! Þat

⁸⁷ "No século XII, iniciou-se uma discussão entre as escolas de direito de Bolonha e de Paris, se para a validade do casamento o consenso dos noivos é suficiente ou se, além disso, a execução da união conjugal (*copula carnalis*) é necessária. Impôs-se o ponto de vista de que o consenso dos noivos fundamenta o matrimônio. Assim também decidiu o Papa Alexandre III (1159 – 1181): 'solus consensus facit nuptias'."

er göfgast ráð. [...]’ Gunnar svarar: ‘Víst er hon væn, ok eigi em ek þessa úfúss’.⁸⁸ (Cap.28, p.66). Mais uma vez, Grimhild é quem toma as decisões pela família, mas o faz através de conselhos. A opinião do pai não é expressa nesse trecho da saga, talvez pelo fato de, por um lado, sua opinião não seria de vital importância agora que era decidido o casamento do filho, uma vez que esse poderia decidir por si só qual seria a melhor opção; contudo, por outro lado, o rei Gjuki não volta a ser mencionado nenhuma vez na história depois do casamento de Gudrun, havendo uma forte probabilidade de Grimhild haver se tornado viúva; esse fato, no entanto, não seria relevante para o desenrolar da história e acaba por não ser narrado. Dois fatores indicam sua possível morte do rei: um é a conversa que Brynhild tem com Heimir pouco antes de casar-se, nela Gunnar é designado como rei; o outro é a conversa que Grimhild tem com o filho indicando que ele deve se casar, pois a morte do rei Gjuki teria feito emergir a necessidade do casamento do primogênito.

As razões pelas quais Grimhild haveria escolhido Brynhild não ficam claras no texto, mas se pode acreditar que estaria considerando valores como a sabedoria e a estirpe para fazer tal decisão. Já Gunnar não chega sequer a questionar a mãe, logo aceita o seu conselho, afirmando apenas que Brynhild é uma bela mulher.

Um importante dado, que sequer é mencionado quando da possibilidade de um casamento com Brynhild é levantada, é o fato de ela não ser mais virgem e ter uma filha pequena:

Þann sama dag fór Brynhildr heim til fóstura síns ok segir honum af trúnaði, at til hennar kom einn konungr “ok reið minn vafrlöga ok kvazk kominn til ráða við mik ok nefndisk Gunnarr. En ek sagða, at þat mundi Sigurðr einn gera er ek vann eiða á fjallinu. Ok er hann minn frumverr”. Heimir kvað nú svá búit veru mundu. Brynhildr mælti: ” Dóttur okkar Sigurðar, Áslaugu, skal hér upp fæoða með þér.⁸⁹ (Cap.29, p.68)

A virgindade de Brynhild parece pouco importar, mas a saga apresenta ambigüidades: se, por um lado, Brynhild já não é mais virgem e até mesmo tem uma filha, Sigurd, por outro lado, evita o contato com Brynhild nas três noites nupciais, deitando uma

⁸⁸ “Um dia, Grimhild foi até Gunnar, seu filho, e disse: ‘Estais prosperando em todos os aspectos, exceto um, não sois casado. Pedi a mão de Brynhild! Esse é um conselho honrado. [...] Gunnar respondeu: ‘Ela é bonita, e eu não sou contra essa idéia’.”

⁸⁹ “No mesmo dia, Brynhild foi até a moradia de seu pai de criação e lhe disse em segredo, que um rei havia vindo até ela ‘e cavalgou através do fogo flamejante e declarou que veio para me ganhar e ele era chamado Gunnar. Mas quando fiz o juramento na montanha, eu disse que Sigurd era o único que podia fazê-lo’. Heimir disse que agora as coisas deveriam permanecer como estavam, e Brynhild disse: ‘A minha filha com Sigurd, Aslaug, permanecerá aqui e será criada por ti’.”

espada entre eles. A possibilidade do ato sexual nessa noite é o que traz sua morte, porque Brynhild diz a Gunnar que sua honra foi ferida, afirmando que Sigurd consumou o ato carnal com ela durante aquelas noites. A Islândia antiga tinha regras claras no que se referia à gravidez por um outro homem ou ao fato de a mulher se deitar com outro durante o noivado, em ambos os casos o noivo devia ser informado pelo homem da família que concedeu sua mão, e decidir se ainda a aceitava:

If a man who has given a woman in betrothal learns that she is with child, then he is to word to the man to whom she is betrothed and tell him. And he shall then decide whether he is willing to marry the woman or not, but the other man defends himself in the case if he gets a verdict that he did not know the woman was pregnant when he gave her in betrothal. But if someone has lain with the woman since she was betrothed to him, then he is to choose whether he will have the woman to wife, and [if he does], the intercourse case the lies with him but the man who gave her in betrothal has the right to personal compensation from the money. (*Grágás*, 2000: 59-60; K § 145)

Se ela houvesse se deitado com um outro homem antes do noivado, o caso referia-se apenas à sua família, não ao seu marido:

If a man lies with a woman before she is betrothed to anyone and that comes to light only after she has been given in marriage, then her kinsmen are the principals in the case and not her husband. They also have the right to the compensation. (*ibidem*: 76, K § 158)

A virgindade não há de ter sido o mais importante, mas sim o suposto fato de Brynhild haver se deitado com outro homem durante as núpcias, acontecimento do qual Gunnar não tinha sido informado. Mais do que ocasionar a desonra, Sigurd teria traído a confiança de Gunnar. Uma vez que ele já estava casado, o caso deveria ser resolvido pela família da noiva e não pelo seu marido, o que torna sua atitude precipitada. No entanto, se as leis definem que tal problema seria solucionado pelos familiares da esposa, isso indica que o desejo de maridos em tomar atitudes judiciais no que toca à virgindade de suas esposas não era incomum. Mesmo assim, tal questão não parece ser algo de tamanha importância, pois aquele que desvirginasse uma mulher antes ou durante o noivado devia apenas pagar uma compensação em dinheiro para sua família, contrariamente ao que ocorria no caso de crimes mais graves, nos quais o infrator perdia todos seus direitos, ou parte deles.

Os valores da virgindade sempre estiveram ligados à maternidade, e, se não eram tão importantes, a existência da filha ilegítima de Brynhild haveria de ser uma preocupação.

Mas o problema é resolvido, uma vez que a menina não fica sob os cuidados do noivo. Filhos ilegítimos não eram criados pelas mães, mas deviam ficar sob a guarda da família do pai:

If a man formally agrees that it is he who has fathered a child, no matter who formally agrees to the settlement, and even though he is poor, the responsibility for the child is to pass to his family until he or she is sixteen winters old, and likewise any child already in the mother's womb before man and wife are joined in marriage. (ibidem: 47; K § 142)

O natural seria que Sigurd criasse sua filha Aslaug, e não que Brynhild a deixasse com Heimir. Para que a trama possa ocorrer, há um consenso em calar: Sigurd não diz palavra alguma ao recobrar sua consciência sobre Brynhild. Brynhild sabe que o pai da menina é o único que poderia cumprir as tarefas que ela impõe, mas quando outro passa por elas, ela não o procura mais, mas deixa a menina para ser criada por Heimir, já que não poderia levar uma filha ilegítima para o novo casamento.

A *Saga dos Völsung*, assim como *A Canção dos Nibelungos*, apresenta falhas de coerência. Quando ocorre o conflito com Sigurd, é como se a existência de Aslaug fosse ignorada por todos, como se o fato de a virgindade de Brynhild ter sido perdida antes do casamento fosse um dado realmente novo. Essa há de ser uma incongruência trazida pela junção de diferentes narrativas orais, *A Saga dos Völsung* e *Ragnar Loðbrók*, mas não se pode perder de vista que esse fato é utilizado por Gunnar para justificar a morte de Sigurd, que é exigida por Brynhild: “Gunnar segir, at þetta er gild banasök, at hafa tekitt meydóm Brynhildar.”⁹⁰ (Cap.32, p.78). A perda da virgindade não é a razão para a tragédia, apenas uma justificativa.

Antes de ir à Brynhild, Gunnar e seus homens foram até os responsáveis por ela para pedir sua mão, começando pelo pai e depois indo a Heimir, seu pai de criação. Em ambos os casos eles concordam com o casamento, mas dizem que a decisão deve ser tomada por ela própria. Budli chega a vincular a idéia da escolha estar em suas mãos ao fato de ela ser muito orgulhosa, parecendo não ser normal que uma mulher decida sobre seu marido:

Ríða nú fjöll ok dali til Buðla konungs. Bera upp bónorðit. Hann tók því vel, ef hon vill eigi níta, ok segir hana svá stóra, at þann einn mann mun hon eiga, er hon vill. Þá ríða þeir í

⁹⁰ “Gunnar disse que ter tirado a virgindade de Brynhild era um ato digno de ser punido com a morte.”

Hlymdali. Heimir fagnar þeim vel. Segir Gunnarr nú erendin. Heimir kvað hennar kjör vera, hvern hon skal eiga.⁹¹ (Cap.29, p.66)

Como era a tradição, os responsáveis pela noiva foram consultados, antes que o desafio para conquistar a mão de Brynhild fosse executado. Todavia é ela quem deve dar a palavra final. Como fica claro na conversa que tem com Heimir, a prova imposta foi escolhida por ela, pois ela sabia que o único que poderia efetuá-la era Sigurd e assim manteria seu juramento. Mas a prova é vencida por outro homem – pelo menos é isso que ela crê ser verdade – e consulta Heimir sobre a decisão que deveria tomar, sendo aconselhada a seguir com aquele que passou pela prova e manter sua palavra. O desafio pode ser encarado como um artifício para que Brynhild pudesse escolher seu futuro marido, dado que não poderia pedir a mão do homem que lhe agradasse, por isso ela escolhe uma prova que só poderia ser cumprida pelo seu escolhido. As leis impediam que uma mulher pedisse a mão de um homem, salvo algumas poucas exceções:

A man is not to accept betrothal from any woman other than the mother unless he accepts it from a widow or an unmarried woman of twenty or over, and then only if two men have already asked for her hand and he is the third, and given that they are an equal match. (Grágás, 2000: 270; St § 125; II 162/5-10; cf. K pp. 58-59)

As restrições acima apontam para tal fato não ser convencional. Além disso, Brynhild não se encaixa nas características acima e não pode ser ativa na escolha de seu marido, podendo apenas impor condições que limitem as possibilidades. Ao ser surpreendida pela vinda de outro que não aquele que esperava, ela vai ter com seu pai de criação, Heimir, que não tem voz ativa, apenas como conselheiro de Brynhild.

2.3. Análise comparativa

O valor da beleza está presente em ambas narrativas, sendo essa a principal motivação para que Gunther/Gunnar se decidisse por Brünhild/Brynhild. Um dado importante, que se lê apenas nas entrelinhas, é o momento certo para se casar, pois o primogênito de uma família real deve se casar para que sua vida seja completa e próspera. Isso é mais evidente em *A Saga dos Völsung*, na qual Gunnar recebe conselhos da mãe,

⁹¹ “Eles cavalgaram pelas montanhas até o rei Budli e apresentaram o seu pedido de casamento. Ele recebeu bem a proposta, desde que Brynhild não recusasse, e disse que ela era orgulhosa e se casaria apenas com o homem que desejasse. Então cavalgaram até o vale Hlym. Heimir os recebeu bem. Gunnar contou-lhe sobre as suas intenções e Heimir disse que Brynhild escolheria o seu marido.”

enquanto que, em *A Canção dos Nibelungos* pode-se apenas ter uma idéia dessa situação, porque a irmã já estaria em idade de casar, e Gunther, o rei, ainda era um homem sozinho.

O valor da linhagem também está presente em ambos os casos, Brünhild é uma rainha, e Brynhild é uma valquíria, filha – biológica e de criação – de reis. Mas o poder delas não parece ser de tamanha importância, uma vez que Gunther despreza tudo o que venha de Isenstein, desfazendo-se das posses de sua mulher, como se não houvesse valor no que viesse daquele país cheio de transgressões de gênero. Grimhild poderia ter em vista uma nova aliança com o poder da família de Brynhild, mas não o cita ao referir-se a ela – mais tarde, tal valor é fortemente evidenciado, quando Grimhild traz à tona a possibilidade de um casamento com Atli, o irmão de Brynhild.

Em ambas as narrativas, a futura esposa não apresenta interesse algum no marido, apenas em *A Canção dos Nibelungos* Brünhild demonstra um esboço de ambição no poder ganharia em uma união com Gunther, ambição, na verdade, pelo poder que teria sobre o bravo Siegfried, enquanto Brynhild não aparenta ver proveito algum em Gunnar. O descaso de ambas é tamanho que mesmo após todas as tarefas haverem sido cumpridas, ainda não parecem convencidas da necessidade do casamento. Em *A Canção dos Nibelungos*, Brünhild deseja chamar todos os seus homens para suas terras, e Hagen teme que ela deseje se vingar e evitar o casamento de alguma forma. Já Brynhild, em *A Saga dos Völsung*, pede conselhos para seu tutor mesmo depois das três noites de núpcias, ainda considerando a possibilidade de rejeitar o marido.

Embora Brünhild seja a única que tem a visão de algum lado positivo na união com Gunther, a relação dessas mulheres com o ato sexual é oposta, pois Brünhild se recusa a consumir a união carnal com Gunther não apenas antes, mas também depois das festividades. Já em *A Saga dos Völsung*, quem tem que evitar o ato carnal é Sigurd, que deve dar explicações por agir daquela forma: “Hon spyrr, hví þat sætti. Hann kvað sér þat skipat, at svá gerði hann brúðlaup til konu sinnar eða fengi ella bana”.⁹² (Cap.29, p.68). A virgindade é um tema evidentemente mais importante na Europa central do que era na Islândia. Na Europa central, a perda da virgindade é estritamente relacionada com o

⁹² “Ela perguntou por que ele pôs a espada ali. Ele respondeu que aquele era o destino. Ele deveria celebrar o seu casamento assim ou morrer”.

matrimônio, e muitas mulheres foram rejeitadas por suas famílias por haver cometido o ato sexual fora de hora:

There is no hint that the purpose of sexual intercourse is procreation, but rather open admission of the existence of sexual impulses and sexual pleasure in both men and women. Marriage gives sanction to sexual intercourse. This point of view is shared by churchmen and authors of bourgeois literature, but they are referring to the same thing. (SHAHAR, 1990: 78)

O ato sexual não devia ocorrer para que não houvesse a possibilidade de filhos ilegítimos, contudo, não constituíam um problema maior na Islândia, pois eram de responsabilidade da família do pai, o que pode ser considerado um meio de deixar a mulher livre para o casamento.

Brünhild/Brynhild é uma personagem caracterizada como uma mulher forte e independente que toma as próprias decisões, mas a personagem islandesa não é completamente independente dos homens, nem tem o mesmo poder que a personagem de *A Canção dos Nibelungos*. Enquanto Gunnar vai primeiro até os responsáveis por Brynhild para obter a permissão deles antes de passar pelas tarefas, Gunther vai direto a Brünhild, rainha de Isenstein, que não apresenta qualquer vínculo de dependência com homens. Brünhild é guerreira e rainha, é uma mulher que domina todo um país e toma todas as suas decisões sozinha. A islandesa Brynhild é uma guerreira, filha de reis, mas não domina terra alguma. Embora Heimir e Budli afirmem que todas as decisões relativas a quem será seu futuro marido devam ser tomadas pela própria Brynhild, eles são consultados pelo pretendente antes do casamento, e Brynhild ela ainda tem uma conversa com o seu pai de criação, Heimir, antes de tomar a decisão de seguir com Gunnar.

Em *A Canção dos Nibelungos*, Brünhild é uma figura demoníaca, aversa ao sexo masculino, uma aberração. Em *A Saga dos Völsung*, Brynhild é uma valquíria, que, entretanto, não é mal vista por isso. Mesmo sendo uma guerreira transgressora dos limites sociais do gênero, ela está mais integrada à realidade social de sua época, e porque não dizer, ao mundo masculino, não apenas como uma mulher que transita entre homens, e que até tem características atribuídas ao gênero masculino, mas também como uma mulher que interage bem com eles. Brynhild é o par romântico de Sigurd, por isso não pode ser representada como uma mulher completamente transgressora. Dessa forma, ela deve ser atraente ao público ouvinte, e acaba por ser mais integrada às regras sociais.

3.1. Kriemhild e Etzel

Esse é um casamento entre dois viúvos, Etzel é um homem poderoso que acaba de perder sua mulher e não tem nenhum herdeiro, de forma que surge a necessidade de uma nova união. Ao contrário de Siegfried ou Gunther, Etzel não se apaixona pelos relatos sobre Kriemhild, mas ouve os conselhos de seus homens que lhe indicam o melhor partido, alguém que estivesse à altura da falecida Helche:

Daz was in einem zîten, dô vrou Helche erstap, / unt daz der künic Etzel umb ein ánder vrouwen warp, / dô rieten sîne vriunde in der Búrgónden lant / z'einer stolzen witewen, diu was vrou Kriemhilt genant. / Sît daz erstorben wære der schœnen Helche lîp, / si sprâchen: "welt ir immer gewinnen edel wîp, / die hœchsten unt die besten, die künic ie gewan, / sô nemt die selben vrouwen; der starke Sîfrit was ir man".⁹³ (1143 – 1144)

A primeira qualidade de Kriemhild apontada pelos homens de Etzel é o fato de ela ter sido a mulher de Siegfried, o grande herói. Assim, aquela que foi a esposa dele deveria ser a melhor opção dentre todas. Esse fato volta a ser citado mais adiante quando Etzel pede conselhos a Rüdiger:

"Und ob duz, künic rîche niht wil dar umb lân: / si was ir edelen minne Sîfride undertân, / dem Sigemundes kinde, dem hâstu hie gesehen. / man moht' im maniger êren mit rehter wârheite jehen". / Dô sprach der künic Etzel: "was si des recken wîp, / sô was wol alsô tiure des edelen fürsten lîp, / daz ich niht vermâhen die küneginne sol. / durch ir grôzen schœne sô gevellet si mir wol".⁹⁴ (1157 – 1158)

Kriemhild podia ser uma mulher difícil de se conquistar, mas, mais importante do que o possível contratempo trazido pela grandeza de seu falecido marido, ela era a melhor, levando-se em conta diferentes características, não apenas a tão citada beleza.

Mesmo não temendo a comparação com Siegfried, Etzel tinha uma outra razão para acreditar que o casamento não se concretizaria: a religião, preocupação que ele expõe para Rüdiger: "Dô sprach der künic rîche: 'wie möhte daz ergân, / sît ich bin ein heiden unt des tóufes niht enhân? / sô ist diu vrouwe kristen: dô von sô lobt sis niht. / ez müese sîn ein

⁹³ "Foi na época em que a senhora Helche morreu, e o rei Etzel procurava outra mulher. Os seus amigos cavalgaram até a terra dos burgúndios, até uma orgulhosa viúva que se chamava Kriemhild. Depois que a bela Helche morreu, eles diziam: 'se desejais ter uma mulher nobre, a mais conceituada e a melhor que um rei já teve, então escolhei essa mulher, o forte Siegfried foi o seu marido'."

⁹⁴ "Ou tu desejas, poderoso rei, abandonar essa idéia, porque ela submeteu o seu nobre amor a Siegfried, o filho de Siegmund, que tu conhecestes aqui? Poder-se-ia prestar-lhe muitas honras'. O rei Etzel respondeu: 'Se ela foi a mulher desse guerreiro, mulher do nobre príncipe, ela era bem conceituada, e eu não rejeitarei a rainha. Ela muito me agrada devido à sua beleza'."

wunder, ob ez ímmér geschihht’.”⁹⁵ (1145) Mas seus homens o convencem a continuar a empreitada, pois ele tem muito poder, e um casamento com ele seria de grande interesse para qualquer mulher (1146). As qualidades que viriam a interessar Kriemhild são a fama e o poder de Etzel, mas a vergonha de uma união com um homem pagão era muito maior do que todo o poder que ela poderia ganhar: “Si gedâhte in ir sinne: ‘und sol ich mînen lîp / geben einem heiden (ich bin ein kristen wîp), / des muoz ich zer werlde immer schande hân. / gæb’ er mir elliu rîche, ez ist von mir vil ungetân’.”⁹⁶ (1248).

O matrimônio entre cristãos e pagãos era proibido, e havia tratados que comentavam quais atitudes um homem deveria tomar no caso de ele se converter ao cristianismo e sua mulher não. Todavia, não há textos que esclareçam como uma mulher cristã deveria agir no caso de se casar com um pagão, e isso pode tanto indicar que tal acontecimento era considerado improvável, quanto que tais textos não se dirigiam às mulheres, porque não tinham voz ativa. Mas, independente do sexo em questão, as regras contra tais casamentos são claras: “Der in der Tradition des Theodor von Canterbury stehende Discipulus Embrensium (s. VIII) spricht deutlich aus, daß Christen die Aufnahme eines Ehebündnisses mit nicht getauften oder (*vel*) gefirmten Menschen verboten ist.”⁹⁷ (LUTHERBACH, 1999: 104) Embora a união com um pagão fosse tão mal vista na Idade Média, essa não é a idéia transmitida no livro. Kriemhild é a única em sua família que atenta para tal fato, enquanto todos a vêem como extremamente positiva, assim como Etzel é descrito de forma favorável em todo o decorrer do livro. A personagem causadora de toda a tragédia, como aponta Marianne Wynn, é Kriemhild, ao passo que Etzel tem uma posição muito mais passiva, tentando evitar um conflito de tão grandes proporções:

The poet thus sets up a situation which by implication suggests a difficulty for the king which may be a prelude to a situation of tension between two characters because of an incompatibility of religious belief, yet, ultimately, the situation is completely reversed. It is not, in the end, the heathen, Etzel, who is responsible for the final tragedy (indeed, the Christians and heathens at Etzel’s court live together in perfect harmony) but the ‘Christian’ Kriemhild. The ultimate tension between Etzel and Kriemhild is generated not because of refuses to participate in a act as a Christian, but because he refuses to participate in a act of

⁹⁵ “Então o rico rei disse: ‘Como isso seria possível, se eu sou pagão e nunca recebi o batismo? Ela é cristã, não irá aceitar. Seria um milagre se isso acontecesse’.”

⁹⁶ “Ela pensou: ‘Se eu me casar com um pagão (eu sou uma mulher cristã), isso será uma vergonha para o mundo, para todo o sempre. Isso é impossível para mim, mesmo se ele me der todo o seu reinado’.”

⁹⁷ “O discípulo da tradição de Thedor de Canterbury (s. VII) pronuncia claramente que a união marital com pessoas que não sejam batizadas ou que tenham a crença errada (*vel*) é proibida aos cristãos.”

revenge which consumes his wife. [...] Whether the poet is at all concerned with Etzel's historical reputation, as the 'scourge of God', as a contrastive element cannot be determined. (1965: 118)

O contraste entre a fama de Etzel (Átila) e sua atitude em *A Canção dos Nibelungos* não é um fator determinante, mas sim a representação das personagens pagãs, que são pessoas de coração nobre. Por sua vez, as figuras vingativas, causadoras da tragédia no livro, são cristãs. De certa forma, o autor, conhecendo ou não a fama de Etzel, se posta ao lado dos pagãos.

Quando Rüdiger chega à terra dos burgúndios para pedir a mão de Kriemhild, o casamento é considerado nobre, pois traria honras a ela. Apenas Kriemhild e Hagen não vêem esse casamento com bons olhos. Hagen, no entanto, não teme pela honra da rainha, mas pelo poder ilimitado que passaria a ter:

Dô sprach aber Hagene: “nu lât die rede stân. / het ír Étzeln künde, als ich sîn künde hân: / sol si in danne minnen, als ich iuch hœre jehen, / sô ist iu aller êrste von schulden sórgén geschehen.” [...] Mit zorne sprach dô Gîselher, der schœne Uoten sun: / “wir suln doch niht all méinlîchen tuon. / swaz êren ir geschæhe, vrô solten wir des sîn. / swaz ir geredet, Hagene, ich dien' ir durch die triuwe mîn.”⁹⁸ (1205; 1213)

Hagen tem razões para temer tanto poder nas mãos de uma mulher que foi amargamente traída pela família. Em um mundo no qual a posição feminina não era nada mais do que o reflexo da posição de seus maridos, a união de uma mulher amargurada com um homem tão forte e poderoso deveria ser evitada a qualquer custo.

Kriemhild era então uma viúva, que havia passado treze anos de luto por seu marido. Sua família não devia mais tomar as decisões por ela, e, mesmo que todos acreditassem que esse casamento era o melhor para ela, Rüdiger ainda teria de utilizar muito da sua persuasão para que concordasse em seguir com ele até as terras dos hunos. Como já havia sido previsto nas conversas entre Rüdiger e o rei, ela fica relutante devido à religião de Etzel e ao seu imenso amor por Siegfried. A dificuldade que ela teria em amar outro homem se reflete também nas ponderações que ela faz sobre Etzel, pois ela julga que ele também seria incapaz de amá-la após já ter possuído uma nobre dama: “Dô sprach diu jâmers rîche: ‘iu sol verbieten got / und allen mînem vriunden, daz si deheine spot / an mir

⁹⁸ “Hagen disse: ‘Deixai essa conversa. Ah, se conhecêsseis Etzel como eu conheço! Se ele a desposar, como vos ouço dizerdes, tereis razões para preocupar-vos.’ [...] Giselher, o filho de Ute, respondeu com ira: ‘Não devemos agir de forma vergonhosa. Deveríamos estar felizes pela honra que ela irá receber. Olhai o que diz, Hagen! Eu a sirvo fielmente’.”

armer üeben. waz sold' ich einem man, / der ie herzeliebe von guotem wîbé gewan?"⁹⁹ (1218). Na conversa entre Rüdiger e Kriemhild, o sofrimento de Kriemhild e de Etzel pelo amor perdido se sobrepõe:

Er enbiutet iu inneclîchen minne âne leit. / stæter vriuntschefte der sî er iu bereit, / als er ê tet Helchen, diu im ze herzen lac. / jâ hât er nâch ir tugenden vil dicke unvrœlîchen tac." / Dô sprach die kûeginne: "mârcgrâve Ruedegêr, / wær' iemen der bekande mîniu starken sêr, / der bæte mich niht triuten noch deheinen man. / jâ verlôs ich ein den besten, den ie vrôuwé gewan." / "Waz mac ergetzen leides", sprach der vil küene man, / "wan friuntlîche liebe, swer die kan begân, / unt der dan einen kiuset der im ze rehte kumt? / vor herzenlîcher leide niht sô grœzlîchen frumt."¹⁰⁰ (1232 – 1234)

Embora Rüdiger afirme que Etzel nutrirá por ela um amor profundo e que ele teria com ela a mesma relação que com Helche, o que fica mais evidente nessa conversa é o sofrimento do rei pela morte de sua mulher, não o interesse por Kriemhild. Os relatos sobre o sofrimento do rei vêm seguidos dos relatos de Kriemhild, já que são um casal de viúvos, o que, aos olhos de Rüdiger, favorece o casamento, pois poderiam consolar um ao outro.

O maior atrativo de Etzel, como Hagen já havia notado, é o poder, e a enumeração que Rüdiger faz de todo o poder que Kriemhild irá adquirir é longa:

Und gerúochet ir ze minnen den edeln herren mîn, / zwelf vil rîcher krône. sult ir gewaltec sîn. / dar zuo gît iu mîn herre wol drîzec fürsten lant, / diu elliu hât betwungen sîn vil ellenthaftiu hant. / Ir sult ouch werden vrouwe über mánigen werden man, / die mîner vrouwen Helche wâren undertân, / und über manige vrouwen, der si het gewalt, / von hôher fürsten künne", sprach der küene degen balt. / Dar zuo gît iu mîn herre, daz heizet er iu sagen / ob ir geruochet krône bî dem künige tragen, / gewalt den aller hœchsten, den Helche ie gewan, / den sult ir gewaltecliche háben vor Etzélen man."¹⁰¹ (1235 – 1237)

A descrição de Rüdiger nos dá ainda mais dados do que apenas o poder que será obtido pela viúva, porque indica o poder do próprio Etzel e a maneira como ele alcançou

⁹⁹ "A dama cheia de sofrimentos disse: 'Deus não permita que todos os meus parentes façam zombaria de mim, pobre mulher. De que me serviria um homem que já possuiu o amor de uma boa mulher?'"

¹⁰⁰ "Ele lhe assegurou profundo amor, sem sofrimento, e também irá manter uma amizade constante, como fez com Helche, que guarda em seu coração. Devido à saudade, ele tem passado muitos dias sem alegria.' A rainha respondeu: 'Margrave Rüdiger, se houvesse alguém que conhecesse o meu sofrimento, ele não me pediria para casar com outro homem. Eu perdi o melhor marido que uma mulher pôde ter.' O bravo homem disse: 'O que pode contornar melhor o sofrimento do que quando alguém demonstra amor amigo e quando se escolhe a pessoa certa? Não há nada tão bom contra os sofrimentos do coração.'"

¹⁰¹ "Se escolherdes vos casar com o meu nobre senhor, tereis doze ricos reinados sob o vosso poder. O meu senhor ainda dar-vos-á trinta principados, que ele conquistou com suas mãos fortes. Vós também sereis senhora de muitos homens, que eram súditos de minha senhora Helche e de muitas mulheres do alto principado', disse o ousado e valente guerreiro. 'Além disso o senhor dar-vos-á o mais alto poder que Helche tinha - isso ele pediu para vos dizer, caso decida usar a coroa ao seu lado. Vós podereis exercer esse poder sobre os homens de Etzel.'"

essa posição, “com suas mãos fortes”. Ele não somente era um rei que tinha grandes propriedades, mas também possuía uma notável potência bélica, razão principal das preocupações de Hagen. Kriemhild, no entanto, não vislumbra essa possibilidade logo no início, e é o juramento de Rüdiger em vingar qualquer mal que lhe fosse infringido que a faz vislumbrá-la:

si sprach: “sô swert mir eide, swaz mir íemén getuot, / daz ir sît der næhste, der bûeze míniu leit.” / dô sprach der margrâve: “des bin ich vróuwé, bereit.” / Mit allen sînen mannen swuor ir dô Rûedeger / mit triuwen immer dienen, unt daz die recken hêr / ir nimmer niht versageten ûz Etzelen lant, / des si êre haben solde, des sichert’ ir Rûedegêres hant.¹⁰² (1257, 2-3; 1258)

Após uma longa conversa com Rüdiger, Kriemhild consegue ver o lado positivo do casamento. O poder em si não interessava a rainha, mas sim suas possibilidades. Eram dois os pontos que impediam que Kriemhild aceitasse essa união: o fato de o futuro marido ser pagão e o amor que ela ainda nutria por Siegfried. Pode-se afirmar que o primeiro impedimento foi superado devido às vantagens do casamento, e o segundo foi apenas o motivo que impulsionou sua decisão. Kriemhild não segue os conselhos de Rüdiger, que vê no matrimônio uma forma de esquecer o sofrimento da morte do marido, mas casa-se para vingar a memória de Siegfried.

O principal fator nessa negociação é o poder adquirido através da aliança com Etzel. Depois de anos sofrendo pela morte de seu marido, isoladamente, ela tem a oportunidade de se casar e tornar-se novamente rainha, podendo finalmente executar a tão desejada vingança.

3.2. Gudrun e Atli

Como nos outros casamentos da família, Grimhild interfere também no de Gudrun, impondo-lhe sua vontade. Ela exige que seus filhos levem-na na viagem até a recém-encontrada filha, que estava refugiada em um outro reinado há mais de dois anos, os quais não se expressam nessa ocasião. Toda a negociação é feita entre Grimhild e Gudrun apenas. Grimhild apresenta o casamento com Atli como uma forma de compensação que a família

¹⁰² “Ela disse: ‘Jurais que se alguém me fizer algo, vós sereis o primeiro a vingar o meu sofrimento?’ O margrave respondeu: ‘Para isso estou pronto, senhora.’ Rüdiger jurou servir-lhe fielmente, e que todos os seletos homens das terras de Etzel nunca lhe recusariam algo, de forma que ela teria muitas honras. Isso lhe assegurou Rüdiger com um aperto de mão.”

estaria lhe dando pela morte de seu marido: “þá er þér bœttr þinn maðr. Síðan skal þik gipta Atla konungi inum ríka. Þá muntu ráða hans auði. Ok lát eigi frændr þína fyrir sakir eins manns ok ger heldr, sem vér biðjum!”¹⁰³ (Cap.34, p.85). Ela faz o pedido como se partisse de todos os familiares, mas suas vozes ou pensamentos não aparecem durante a cena. O casamento com Atli seria uma boa compensação, pois, além de oferecer um novo marido para Gudrun, ganharia poder e riquezas. Mas, como Gudrun recusa a oferta, Grimhild muda o tom da conversa e passa a exigir obediência, iniciando uma discussão:

Grimhildr segir: “Þenna konung mun þér skipat at eiga, en engan skaltu elligar eiga.” Guðrun segir: “Bjóði þér mér eigi þenna konung, er illt eitt mun af standa þessi ætt! Ok mun hann sonu sína illu beita, ok þar eptir mun honum grimmu hefnt vera.” Grimhildr varð við hennar fortölur illa við sonu sína ok mælti: “Ger, sem vér beiðum! Ok muntu þar fyrir taka mikinn metnað ok vára vináttu ok þessa staði, er svá heita: Vinbjörg ok Valbjörg.” Hennar orð stóðusk svá mikit, at þetta varð fram at ganga. Guðrún mælti: “Þetta mun verða fram at ganga ok þó at mínum úvilja. Ok mun þat lítt til ynðis, heldr til harma.”¹⁰⁴ (Cap.34, p.85-86)

A decisão sobre esse casamento deveria ser feita por Gudrun, que era viúva. Segundo as leis da Islândia antiga, a ela cabia consentir para que um casamento ocorresse: “Where a widow is betrothed to someome, her consent is to be obtained unless her father gives her in betrothal, then he shall decide.” (Grágás, 2000: 53; K § 144). Esse preceito parece ser mais forte do que o relacionado às outras mulheres, pois, para elas, o silêncio também era uma espécie de consentimento. O fato de a união ter sido acertada entre elas aponta, mais uma vez, para a morte do rei Gjuki, porque sua intervenção seria decisiva para que Gudrun se casasse com Atli. Na saga, a vontade da matriarca é respeitada, uma vez que é a força das palavras de Grimhild que convence Gudrun. Ela muda o tom no qual fala com a filha uma série de vezes durante a discussão, começando com conselhos, esperando convencê-la de que Atli é de fato uma boa compensação, passando por um tom mais

¹⁰³ “Nós iremos compensar pelo teu marido. Irá te casar com o poderoso rei Atli e governará as suas riquezas. Não abandones os teus parentes por causa de um homem, pelo contrário, deve proceder como te pedimos’.”

¹⁰⁴ “Grimhild disse: ‘Deverá te casar com esse rei ou com nenhum outro.’ Gudrun respondeu: ‘Não me ofereçais esse marido, pois desse casamento só virá o mal! Ele maltratará os vossos filhos, e uma cruel vingança cairá sobre ele.’ Grimhild, perturbada com as previsões sobre os seus filhos, disse: ‘Faz como nós te pedimos! E receberá o nosso agradecimento e honras, e também as regiões com os nomes Vinbjörg e Valbjörg.’ Suas palavras tinham tanto peso que isso tinha que acontecer. Gudrun respondeu: ‘Então isso acontecerá, mesmo que contra a minha vontade. E isso trará pouca alegria, na verdade, isso trará muito sofrimento’.”

agressivo e, depois, abatida pelas afirmações de Gudrun sobre a desgraça que cairia sobre a família, ela muda o tom mais uma vez para lhe oferecer um valioso dote.

O pedido de Atli para os familiares de Gudrun não é explicitado, mas há duas razões para esse casamento. Uma delas é a ganância, pois ele irá matar os irmãos de Gudrun, tendo em vista obter o tesouro que foi de Sigurd; a outra é apresentada na saga antes mesmo que haja o pedido de casamento, quando Brynhild denuncia a tragédia que aquela família ainda viria a sofrer. Atli é irmão de Brynhild, e ela insinua, em uma discussão com Gunnar, antes de se suicidar, que a família de Gunnar teria que pagar pelo ocorrido. Assim, Atli se casa com Gudrun para executar sua vingança:

Þá mælti Gunnarr: “Eigi hlær þú af því, at þér sé glatt um hlartarætr, eða hví hafnar þú þínum lit? Ok mikit forað ertu, ok meiri ván, at þú sér feigi, ok engi væri makligri, til at sjá Atla konung drepinn fyrir augum þér, ok ættir þú þar yfir at standa.” [...] Hon svara: “Engi frýr, at eigi sé fullveggit, en Atli konungr hirðir ekki um hót yður eða reiði, ok hann mun yðr lengr lifa ok hafa meira vald.” [...] “ok öll ætt yður mun illa fara, er þér eruð eiðrofa. [...] Síðan leiddi Atli mik á tal ok spyrr, ef ek vilda þann eiga, er riði Grana. Sá var yðr ekki líkr. Ok þá hetumk ek syni Sigmundar konungs ok engum öðrum. Ok eigi mun yðr farask, þótt ek deyja.”¹⁰⁵ (Cap.31, p.79-80)

Aqui é feita uma menção à vingança de sangue, e Gunnar crê que Brynhild merece ver seu próprio irmão ser assassinado diante de seus olhos, pois essa seria a morte que mais a afetaria; uma vez que sua filha está distante. Mas a vingança de fato não viria a ser efetuada pelos familiares de Gunnar, e sim pelo próprio Atli, como insinua Brynhild já no leito de morte. Mesmo que Brynhild tenha cometido suicídio, Atli vingará sua memória. No entanto, a tragédia não caiu apenas sobre Gunnar, mas sobre toda sua família, porque eles quebraram uma promessa.

Como essa conversa foi travada antes da morte de Brynhild, pode parecer estranho que a família de Gudrun tenha aceitado a proposta de Atli, praticamente forçando o casamento. Mas, mais do que o poder de Atli, a união poderia trazer a paz entre as famílias,

¹⁰⁵ “Gunnar disse: ‘Não ris porque estás feliz do fundo do coração! Ou então por que estás sem cor? És um monstro terrível, e provavelmente estás destinada a morrer. Ninguém merece mais do que tu ver Atli morto diante de seus olhos e ser forçada a olhar enquanto isso acontece.’ [...] Ela respondeu: ‘Ninguém irá protestar que houve poucas mortes, mas o rei Atli não se preocupa com as vossas ameaças ou com a vossa ira, ele viverá mais do que vós e terá mais poder. [...] toda a vossa família terá um terrível destino, pois sois quebradores de promessas [...] Atli me chamou para uma conversa e perguntou se eu me casaria com aquele que cavalgava Grani. Aquele não se parecia convosco. Eu havia me prometido para o filho do rei Sigmund e nenhum outro. Mas as coisas não ficarão bem para vós, mesmo que eu esteja morrendo.’”

uma vez que eles tornar-se-iam parentes por afinidade. Tal estratégia não era incomum aos homens daquela época:

Men used the marriages of their womenfolk to create alliances of hostilities or to cement unions between formerly feuding parties. Exchanged like pawns, women had to start new lives among people they did not know or whom they hitherto had considered enemies. (JOCHENS, 1998: 28)

Atli apenas se pronuncia sobre suas razões para ter se decidido por aquele matrimônio em uma conversa com Högni pouco antes de matá-lo: “Ek hlaut mikla mægð, ok hugða ek mér þat til frama. [...] Þér hafið nú drepit marga mína frændr, en svikit mik frá ríkinu ok fénu, ráðit systur mína, ok þat harmar mik mest.”¹⁰⁶ (Cap.38, p.92). Ele deixa claro seu desejo de tirar proveito dos laços familiares adquiridos com seu casamento, mas não cita boas qualidades da família da noiva, apenas a suposta traição, pois eles teriam se negado a entregar o tesouro para ele. Aqui a cobiça é destacada, porém ele afirma que o que mais o incomoda é a morte de Brynhild, o que demonstra que a união teria sido efetuada com más intenções, desde o princípio. Os interesses de Atli, tanto no tesouro de Sigurd quanto em uma possível vingança, eram mais fortes, de forma que o plano de Grimhild veio a fracassar. Assim, é um casamento celebrado sem nenhum interesse “amoroso” de nenhuma das partes, que acaba em desgraça.

3.3. Análise comparativa

Em ambos os casos, a noiva demonstra-se hesitante em aceitar um novo cônjuge. O amor pelo antigo marido é um fator de elevada importância, sendo decisivo para Kriemhild, que aceita o casamento apenas para lhe possibilitar a vingança. Já Gudrun deseja evitá-lo por saber que Atli trará a desgraça da família.

Um ponto muito relevante na união entre Kriemhild e Etzel é a religião dos noivos, porque ela é cristã e ele pagão, o que deveria impossibilitá-la. Esse impedimento não ocorre em *A Saga dos Völsung*, na qual sequer é mencionada a religião do casal. Uma vez que essa é uma das sagas sobre heróis, e não é uma saga familiar (*Islendingasaga*), subentende-se que se passa em uma época distante, e ambos seriam pagãos. Tal hipótese é indicada

¹⁰⁶ “Eu aumentei a minha família através do casamento, pensando no meu futuro. [...] Vós matastes muitos dos meus familiares, enganastes-me sobre o reinado e o tesouro, e tramastes sobre a morte da minha irmã, o que me aflige mais.”

também pelas tradições funerárias, já que Brynhild suicida-se para acompanhar Sigurd, e Gudrun espera encontrar Sigurd em Hel (mundo dos mortos para os vikings).

Um importante fator para o casamento de Kriemhild é a viuvez de Etzel e o fato de ele não ter herdeiros. Sua beleza e o respeito de todos por seu antigo cônjuge indicavam que ela era a melhor opção, uma rainha à altura de seu reinado e uma boa escolha para ser a progenitora de sua dinastia. Já as intenções de Atli são vingar a irmã e obter o tesouro de Sigurd. A ganância é um elemento presente tanto nas atitudes de Atli quanto de Grimhild. Eles não desejam que o matrimônio seja celebrado para que ocorra uma verdadeira aliança, na qual as famílias uniriam poderes; enquanto Atli deseja tomar o tesouro de Sigurd para si, Grimhild deseja o usufruto da fortuna de Budli, pai de Brynhild e Atli, como suas palavras deixam claro na *Edda*: “Húnscar meyjar, þær er hlaða spioldom / oc gora gull fagrt, sva at þér gamn þicci; / ein scaltu ráða auði Buðla, / gulli göfðuð oc gefin Atla’.”¹⁰⁷ (*Guðrúnarqviða önnor*, 26). A ambição e o não-consentimento de Gudrun se desenvolvem em final trágico para todos.

Etzel, assim como a família da noiva, não tem segundas intenções em relação ao casamento. Os irmãos de Kriemhild vêem a união com bons olhos, e, assim como ocorre em *A Saga dos Völsung*, o rei é visto como uma espécie de compensação pelo marido morto. Ela, entretanto, vê o casamento de outra forma, pois não deseja apaziguar o coração, como sugere Rüdiger, apenas se vingar.

O conjunto de fatores que leva às diferenças entre as cenas analisadas é variado e abrange tanto os culturais, quanto disparidades no desenrolar das narrativas. Dentre os elementos culturais islandeses, os mais relevantes são o valor que se dava à família, na qual o parentesco de sangue pode ser mais importante do que o por afinidade, assim como a necessidade que se fazia de vingar os parentes. Relativamente às divergências entre as narrativas, figuram o fato de o amor entre Kriemhild e Siegfried ser muito mais elevado do que o entre Gudrun e Sigurd, a quebra de promessas, ou mesmo a importância de Átila como figura histórica para a Alemanha.

¹⁰⁷ “Garotas hunas para fazer delicados tecidos e belos artefatos em ouro para o teu prazer. Irás governar sozinha sobre a fortuna de Budli, serás enfeitada com ouro e, por fim, entregue para Atli.”

4. Casamentos que não encontram equivalência

4.1. *Gudrun e Jonakr*

Em *A Saga dos Völsung*, Gudrun ainda se casa uma terceira vez, mas essa união, mesmo sendo realizado com um homem poderoso e lhe trazendo filhos, parece mais uma maldição do que uma graça. Após uma tentativa frustrada de suicídio, resta a Gudrun casar-se novamente:

Guðrún gekk eitt sinn til sævar ok tók grjót í fang sér ok gekk á sæinn út ok vildi tapa sér. Þá hófu hana stórar báur fram eptir sjánum, ok fluttisk hon með þeira fulltingi ok kom um síðir til borgar Jónakurs konungs. Hann var ríkr konungr ok fjölmennr. Han fekk Guðrúnar.¹⁰⁸ (Cap.41, p.98)

Após ter perdido o homem que amava e ter cometido a atrocidade de matar os próprios filhos, Gudrun tenta o suicídio para juntar-se a Sigurd, como havia feito Brynhild, mas sua tentativa é frustrada. É como se apenas Brynhild pudesse fazer essa transição e ir para junto dele. Gudrun não o consegue e até o final do livro não se relata sobre sua morte, apenas sobre os sofrimentos que ela ainda tem que passar, perdendo cada um de seus filhos. A idéia de que a morte iria unir Gudrun a Sigurd é expressa por ela, perto do final do livro: “Minnstu nú, Sigurðr, þess er vit mæltum, þá er vít stígum á einn beð, at þú mundir mín vitja ok ór helju bíða?”¹⁰⁹ (Cap.43, p.101). Poucas palavras são dispensadas com esse casamento, o poder de Jonakr é descrito, mas apenas para demonstrar que ele é um homem a altura de Gudrun. Os pensamentos dela a esse respeito não são expressos na saga, a não ser pelo fato de continuar desejando falecer para se unir a Sigurd novamente. Na *Edda Poética*, ela comenta o casamento apenas uma vez, expressando que esperava que esse lhe trouxesse uma vida melhor: “Gecc ec á beð – hugðac mér fyr betra – / þriðia sinni þjóðkonungi; / ól ec mér ióð, erfivorðo / Iónacrs sonom.”¹¹⁰ (*Guðrúnarhvöt*, 14). Mas suas esperanças não se concretizam, e ela ainda tem muitos sofrimentos à sua frente, sem poder encontrar o descanso na morte.

¹⁰⁸ “Um dia Gudrun foi ao mar, tomou pedras em seus braços e foi para a água, pois queria se matar. Grandes ondas carregaram-na pelo mar, e, cruzando as águas com a sua ajuda, ela chegou no burgo do rei Jonakr, um poderoso rei com muitos seguidores. Ele casou-se com Gudrun.”

¹⁰⁹ “Você se lembra agora, Sigurd, do que me disse quando deitamos em uma cama, que você iria me visitar vindo de Hel e esperar por mim lá?”

¹¹⁰ “E entrei na cama, pela terceira vez, na nação de um rei – eu esperava algo melhor para mim – tive filhos, herdeiros legais, filhos de Jonakr.”

4.2. *Giselher e a filha de Rüdiger*

O primeiro dado que nos chama a atenção é o fato de a filha de Rüdiger não ter um nome, ela própria não tem importância na epopéia, mas sim o laço que se propicia entre seu pai e Giselher através desse casamento e seu desfecho dramático. Rüdiger tem agora uma aliança com a família de Kriemhild, e não desejará se envolver nos embates que ocorrerão mais tarde.

Todos os homens ficam encantados com a beleza da filha de Rüdiger e a desejam em pensamentos: “Mit lieben ougen blicken wart gesehen an / diu Rüedegêres tohter, diu was sô wol’ getân. / jâ trûtes’ in den sinnen vil manic ritter guot. / daz konde ouch si verdienen: si was hôhé gemuot.”¹¹¹ (1669). Quando a conversa sobre ela se inicia, Gernot é o primeiro a expor seu desejo por uma mulher como ela, mas Hagen o interrompe:

Dô sprach der marcgrâve: “wie möhte daz gesîn, / daz immer künec gerte der lieben tohter mîn? / wir sîn hie ellende, beide ich únd mîn wîp: / waz hilfet grôziu schoene der guoten júnckvrôuwen lîp?” / Des antwurte Gêrnôt, der wol gezogen man: / “und sold’ ich triutinne nâch mînem willen hân, / sô wold’ ich solhes wîbes immer wesen vrô.” / des antwurte Hagene vil harte gütlichen dô: / “Nu sol mîn herre Gîselher nemen doch ein wîp: / ez ist sô hôher mâge der marcgrâvinne lîp, / daz wir ir gerne dienten, ich unde sîne man, / und soldes’ under krône dâ zen Búrgonden gân.” / Die rede Rüedegêren dûhte harte guot, / und ouch Gotelinde: jâ freutes’ in den muot. / sît truogen an die helde, daz si ze wîbe nam / Gîselher der edele, als ez wol kûnege gezam.¹¹² (1676 – 1679)

Rüdiger duvidava que algum grande homem fosse se interessar por sua filha, pois eles moravam em um lugar distante e eram uma família sem propriedades (Rüdiger era apenas um servo de Etzel, vivendo em suas terras). O primeiro a se oferecer, após ouvir as queixas de Rüdiger, é Gernot, e seria natural que ele desposasse a moça, uma vez que ele era o mais velho. Mas Hagen interfere, e Giselher, o mais novo dos irmãos, toma a mão dela. A razão para que este fosse o noivo está na dramaticidade da cena na qual Rüdiger entra no salão para combater os burgúndios. Quando o vê se aproximando, Giselher

¹¹¹ “Com olhos amorosos, a filha de Rüdiger era observada, ela era tão bela. Muitos bons guerreiros amavam-na em pensamentos. E isso ela merecia, pois era uma mulher de elevadas atitudes.”

¹¹² “Então o margrave disse: ‘Como isso ocorreria? Que um rei tomasse a minha querida filha por esposa? Nós aqui somos pobres, tanto eu quanto minha mulher. De que adianta a grande beleza da boa e jovem moça?’ Gernot, o bem educado homem, respondeu: ‘Se eu pudesse ter uma esposa de acordo com o meu desejo, seria para sempre feliz com uma mulher como ela.’ Hagen respondeu amorosamente: ‘O meu senhor Giselher deveria tomar uma mulher por esposa. A margravina é de alta linhagem, eu e os seus homens, a serviríamos de bom grado se ela carregar a coroa nas terras dos burgúndios.’ Rüdiger e também Gotelind acharam essa idéia boa, sim, eles se alegraram com isso e se dirigiram ao herói para que o nobre Giselher tomasse a mulher como era próprio de um rei.”

acredita estar recebendo ajuda, mas devido à sua promessa para a rainha, Rüdiger deve opor-se ao seu próprio genro. No salão, Gernot e Rüdiger matam-se simultaneamente. A tragicidade da cena está no conflito entre as pessoas que são mais caras ao rei e a rainha, Rüdiger é o melhor amigo do rei, o homem ao qual ele confiou suas decisões (1149) e Giselher é o caçula e o irmão favorito de Kriemhild. Esse combate apenas enfatiza que quem sofreu os maiores danos foram aqueles que queriam o bem de Kriemhild e Etzel.

Como Rüdiger não tinha suas próprias terras, preocupou-se em oferecer um farto dote à sua filha, e também prometeu fidelidade: “dô sprach der margrâve: ‘sît ich der bürge niht enhân, / Sôl sol ich iu mit triuwen immer wesen holt. / ich gibe zuo mîner tohter silber unde golt, / sô hundert sóumære meiste müge tragen, / daz ez des heldes mâgen nâch êren müge wol behagen’.”¹¹³ (1681, 4; 1682). A função dessa fala não é tanto o dote em si – o qual não foi citado em nenhuma outra cena de casamento – assim como toda a vigésima sétima aventura não trata da união, mas sim das conseqüências dramáticas dos atos de Kriemhild. A importância da aventura vem da promessa de Rüdiger em ser sempre fiel a Giselher como forma de compensá-lo por não ter grandes propriedades. É um juramento que está fadado a ser quebrado dentro da batalha que será instaurada, Rüdiger é obrigado a quebrar um juramento, seja o de fidelidade a Etzel ou o feito a Giselher, sem poder se abster.

Quando tudo já estava acertado entre os pais da moça e Giselher, eles vão até a futura noiva e lhe pedem seu consentimento: “Dô man begunde vrâgen die minneclîchen meit, / ob si den recken wolden, ein teil waz ez ir leit, / unt dâhte doch ze nemene den wætlîchen man. / si schamte sich der vrâge, sô manic maget hât getân.”¹¹⁴ (1684). A filha de Rüdiger é questionada sobre sua vontade, que foi influenciada pela aparência e o *status* social do noivo. Assim, ela se decide pelo casamento, o qual lhe concederá uma posição muito mais alta do que se esperava, uma vez que vem de uma família que não possui terras.

¹¹³ “Então o margrave disse: ‘Como não possuo um burgo, sempre estarei unido a ti através da fidelidade. Darei ouro e prata para a minha filha, o tanto que cem animais carregados consigam suportar, para agradar a família do herói’.”

¹¹⁴ “Quando começaram a perguntar à amável moça se ela desejava o guerreiro, ela sentiu-se um pouco desconfortável, embora desejasse aceitar o imponente homem. Ela envergonhou-se com a pergunta, como muitas já haviam feito.”

4.3. Svanhild e Jörmunrek

Svanhild é a última herdeira de Sigurd viva, Auslag, filha de Brynhild também sobreviveu, mas *A Saga dos Völsung* não se ocupa dela, cujo destino é relatado apenas em *Ragnar Loðbrók*. *A Saga dos Völsung* narra toda a trajetória de uma família, iniciando com Sigi, um filho de Odin, passando por todos os seus descendentes até Sigurd, e terminando com a morte da última dentre seus descendentes, Svanhild, causada por seu casamento. Jörmunrek deseja se casar com ela devido à sua beleza, mas sua linhagem também é importante, pois, mesmo ela havendo sido criada por Gudrun e Jonakr, é a Sigurd que ele cita quando menciona seus pais. Assim, casar-se com a filha de tão nobre guerreiro seria uma grande honra:

Jörmunrekr hefir konungr heitit. Hann var ríkr konungr í þann tíma. Hans sonr hét Randverr. Konungr heimtíri á tal son sinn ok mælti: “Þú skalt fara mína sendiför til Jónakurs konungs ok minn ráðgjafi, er Bikki heitir. Þar er upp fœdd Svanhildr, dóttir Sigurðar Fáfnisbana, er ek veit fegrsta mey undir heimsólu. Hana vilda ek helst eiga, ok hennar skaltu biðja til handa mér.”[...] Randverr heimti konung á tal ok mælti: “Jörmunrekr konungr vill bjóða yðr mægi sitt. Hefir hann spurn til Svanhildar, ok vill hann kjósa hana sér til konu, ok er úsýnt, at hon sé gefin ríkara manni, en hann er.” Konungr segir, at þat var virðuligt ráð, “ok er hann mjök frægr.” Guðrun segir: “Valt er hamingjunni at treystask, at eigi bresti hon.” En með fýsing konungs ok öllu því, er á lá, er þetta nú ráðit.¹¹⁵ (Cap.42, p.99)

Para pedir a mão de Svanhild, Jörmunrek manda seu filho e um conselheiro até Jonakr, que se dirigem ao rei para fazer a oferta. A proposta, porém, não se inicia com o pedido, mas sim com a oferta de uma aliança com o homem mais poderoso naquela época. Tal união é do interesse de Jonakr, que também crê que ela seria a melhor possível para Svanhild. Contudo, antes de tomar as decisões finais, ele ainda tem que consultar Gudrun, que não vê o casamento com bons olhos. Não há razão concreta para que ela seja contra a união dos dois, somente uma espécie de mau pressentimento.

¹¹⁵ “Havia um rei chamado Jormunkek. Ele era um poderoso rei de seu tempo. Seu filho era chamado Randver. O rei chamou seu filho para uma conversa e disse: ‘Tu e meu conselheiro, Bikki, viajarão em uma missão até o rei Jonakr. Lá foi criada Svanhild, filha de Sigurd, o matador do dragão, e que sei que é a mais bela sob o sol. Eu gostaria de me casar com ela, e tu irás pedir a mão dela pra mim.’ [...] Randver encontrou o rei e disse: ‘Jörmunrek quer vos oferecer a sua afinidade através do casamento. Ele ouviu falar sobre Svanhild e a escolheu para ser a sua mulher, não é possível que ela seja dada a um homem mais poderoso que ele.’ O rei achou essa uma ótima união e disse que ‘ele é um homem de renome.’ Gudrun disse: ‘O destino é muito mutável para se confiar que ele não irá quebrar.’ Mas com todas as exortações do rei e tudo considerado, chegou-se a um consenso.”

A opinião de Svanhild não é questionada ou relatada, tanto que não tem nenhuma fala em todo a saga. Ela acaba por se entregar para Randver, o filho de seu noivo, durante a viagem. Os acontecimentos têm a influência das palavras maldosas de Bikki, conselheiro do rei, mas também podem indicar que Svanhild não estava tão satisfeita com a idéia da união. Svanhild é uma mulher jovem e extremamente bela que vai ser entregue a um homem que tem um filho com idade para casar. Afinal, Jörmunrek pode ser um rei muito poderoso, mas já tem idade avançada e pode não ter mais os atrativos da carne

5. Considerações finais

5.1. *A importância do casamento como elemento da estrutura narrativa, e do consentimento das mulheres*

O matrimônio é um elemento de grande importância em ambos os livros, mas em especial em *A Canção dos Nibelungos*, como aponta Theodore M. Andersson ao afirmar que o autor do épico elaborou sua estrutura de forma a separá-lo em duas expedições nupciais, as partes um e a dois. A primeira constituiria uma expedição nupcial dupla:

If the story as it was transformed in the *Nibelungenlied* has taken on the appearance of bridal-quest narrative, this appearance is almost entirely the result of the poet's elaborations. In the first place he reformed the plot of his source in terms of a double bridal quest, Siegfried's quest for Kriemhild and Gunther's quest for Brünhild. Put another way, Part I is a bridal quest within a bridal quest within a bridal quest because the success of Siegfried's suit for Kriemhild's hand is made contingent on his assistance in winning Brünhild. Siegfried is at one and the same time his own wooer and Gunther's delegate wooer. These interlockings are both construed along traditional lines. (1987: 84)

E a segunda parte, teria sido especialmente modelada no formato de uma expedição nupcial, como Andersson aponta ao comparar a versão alemã com as versões escandinavas, nas quais não consta o pedido de casamento de Átila:

[...] the earliest known version of this story, the Norse lay *Atlakviða*, was expanded into a somewhat longer account in *Atlamál*. In these versions the marriage of Atli and Gudrun (Etsel and Kriemhild) has already taken place, but neither version served as a model for the *Nibelungenlied*. The German poet worked from a still fuller version, a written epic estimated at several thousand lines, which can be approximately reconstituted by comparing the *Nibelungenlied* with "Niflunga saga" in *Piðreks saga* [...] This comparison shows that the underlying epic began not with Etsel's invitation to a banquet but with his wooing of Kriemhild, a topic foreign to the Norse versions. [...] This sequence is modeled on the bridal-quest stereotype: report of a distant and eligible princess, dispatching of a delegate

wooer, the overcoming of resistance, a bridal journey and marriage. [...] But it is certain that the *Nibelungenlied* poet elaborated the stereotype even further. (ibidem: 82)

Dessa forma, podemos observar que os casamentos são de vital importância para *A Canção dos Nibelungos*, pois estruturam toda a epopéia e lhe dão base. Embora o livro não seja concluído com eles, tais uniões são sempre o ponto inicial de todo o desenrolar da história¹¹⁶. Devido ao fato desse gênero vincular o desenrolar da narrativa nessas expedições nupciais, uma atenção notável é dispensada com os casamentos. As impressões dos noivos antes deles e as descrições sobre o envolvimento entre ambos – Kriemhild e Siegfried – ou sobre os processos para que se chegue ao acordo que os possibilitem, costumam ser longas e detalhadas, ao passo que a saga tem um estilo breve, e os matrimônios não são o foco principal, de forma que *A Saga dos Völsung* não se atém às narrações de seus trâmites, passando logo para a exposição dos conflitos que este possa vir a causar. Mesmo quando se trata do noivado da filha de Rüdiger, que não representa um dos pilares da história, sua descrição é mais rica do que a de casamentos de grande importância para *A Saga dos Völsung*, como o de Sigurd e Gudrun.

Em *A Canção dos Nibelungos*, a opinião de ambos os noivos é de grande importância, exceto no caso de Brünhild, que é aversa ao casamento. O juízo masculino sobre a mulher sempre é explicitado na versão alemã, sendo Giselher a única exceção, porque é Hagen quem intercede por ele. Isso ocorre porque o pedido sempre é executado pelos homens, e o desejo deles deve ser largamente descrito. A beleza da moça costuma receber uma ênfase especial, a qual é, por vezes, acompanhada de uma breve menção a seus bons modos. Giselher não tem seus pensamentos individualizados, mas os traços positivos da filha de Rüdiger são representados através de uma impressão geral dos homens presentes em sua morada. A questão do sangue constantemente fica implícita.

Enquanto o desejo dos homens sempre é expresso através de uma larga descrição positiva sobre a dama, elas não costumam ter seus pensamentos explicitados tão claramente e podem mostrar-se relutantes em relação ao casamento. Apenas os sentimentos de Kriemhild, a figura central, são largamente expostos; ela nutre um amor verdadeiro por Siegfried, mas não tem afeição por Etzel e aceita a união apenas em nome de seu amor perdido. Brünhild e a filha de Rüdiger têm uma descrição um tanto quanto limitada de seus

¹¹⁶ Vide: ANDERSSON, 1987: 90.

pensamentos sobre o futuro marido. Sobre a primeira sabe-se apenas que rejeita a idéia de se casar, mas, mesmo depois de ter sido vencida, suas impressões sobre Gunther continuam ocultas; já a segunda apenas responde, com vergonha, que aceitava casar-se com o “imponente homem”. Em todos os casos as mulheres são questionadas sobre seu consentimento, exceto Brünhild, que tinha sua resposta condicionada aos embates que teria com os pretendentes.

As descrições de *A Saga dos Völsung* são falhas em diferentes pontos: por vezes não temos a opinião do homem sobre a mulher, por vezes é a opinião da noiva que não é explicitada, sendo que muitas vezes ela sequer é questionada. Mesmo que as leis da Islândia exigissem, esse consentimento não é importante para a narrativa. As únicas mulheres que devem dá-lo são Brynhild e Gudrun. Brynhild é uma valquíria voluntariosa, designada por seu pai como alguém muito orgulhosa, que passa seus dias exercendo tarefas que seriam consideradas masculinas e que se casaria apenas com aquele que lhe agradasse. Gudrun, por sua vez, já era viúva ao se casar com Atli. Nos dois casos, elas são contra a união, o que faz com que seu consentimento seja de certa relevância. Contudo, a opinião de Gudrun tem ainda menos importância do que a de Brynhild, porque, embora negue veementemente o marido que a família lhe oferece, fazendo-lhe sérias acusações, submete-se à grande pressão materna. Assim, sua mãe impõe-lhe suas vontades, mesmo Gudrun podendo tomar as próprias decisões e havendo morado longe de casa por dois anos. Já Brynhild, não obstante faça uma série de imposições sobre aquele que seria seu marido, consulte seu pai de criação sobre a probabilidade de não aceitar mesmo aquele que passou por todas as tarefas e converse com Heimir como quem vai a um conselheiro, ainda detém o poder de decisão.

A ênfase que cada autor dá aos casamentos pede que a relação entre as personagens com esse tema seja diferente daquele que costumava ser apresentada na sua sociedade. Como a *Canção dos Nibelungos* se estrutura neles, a concordância das mulheres costuma ser pedida, mesmo que a prática não seja exatamente essa. A atitude de Gunther pode ser um sinal disso, porque faz um trato com Siegfried, oferecendo sua irmã, e só a questiona quando essa é uma decisão sem retorno. Em *A Saga dos Völsung*, na qual o matrimônio não representa a base, nem todos os procedimentos devem ser descritos. A ausência do consentimento da noiva indica tanto sua concordância, já que apenas são apresentados os

diálogos daquelas que discordam das núpcias, quanto que o consentimento dos pais é de importância superior nessa cultura – pois são sempre consultados. Isso não indica uma preocupação menor do autor com a opinião feminina, dado que a opinião masculina muitas vezes também tem pouca relevância, e mesmo quando ela é relatada, isso ocorre de forma breve, como é o caso de Sigurd e Gunther. Nesses casamentos importa mais a vontade de Grimhild que manipula todos para concretizar seus desejos. Aqui se pode observar que não é a opinião feminina que é ignorada, mas que há uma hierarquia. Assim, não é a vontade da filha que importa, mas a da mãe, que é a figura principal nas uniões de Gudrun e Sigurd, Gunnar e Brynhild e Gudrun e Atli. A matriarca toma todas as decisões e manipula desde seus filhos e o marido até o noivo, Sigurd. A mesma figura materna, Ute, não tem essa importância em *A Canção dos Nibelungos*, e nunca é questionada sobre as grandes decisões, as quais sempre são tomadas pelos homens.

5.2. Valores que influenciam na escolha da mulher

A qualidade mais recorrente em ambos os livros é a beleza, uma vez que todas as mulheres de *A Canção dos Nibelungos* e as de *A Saga dos Völsung* são descritas como belas. Entretanto, ela não é mais do que um elemento obrigatório quando se fala das mulheres da nobreza, não estando implicado o sentimento subjetivo de uma personagem que veria a mulher como especialmente bela devido ao amor compartilhado. A paixão, quando ocorre em *A Canção dos Nibelungos*, é descrita de forma especial, através da ansiedade e da troca de olhares entre as personagens. Isso ocorre apenas entre Siegfried e Kriemhild e, embora Gunther também se demonstrasse ansioso antes de encontrar Brünhild, sua paixão não volta a ser mencionada após esse episódio. Em *A Saga dos Völsung*, tal sentimento não é relevante nos casamentos, tanto que o único casal genuinamente apaixonado é Brynhild e Sigurd, que trocam uma série de juras de amor, mas não se unem de fato. O amor é um fator importante apenas para aqueles que seriam os “heróis” da história, aqueles que viveriam o amor “verdadeiro”.

Sigurd é o único homem que se apaixona por outras razões que não a beleza. Seu grande amor é Brynhild, e o que lhe atrai nela é sua sabedoria. Nenhuma outra mulher é citada como sábia em ambas as histórias, com exceção de Gudrun em *A Saga dos Völsung*. Como *A Saga dos Völsung* tem a intenção de demonstrar que, mesmo Brynhild sendo o

grande amor de Sigurd, ele nutre um certo sentimento por Gudrun, esta passa a apresentar a sabedoria e a crueldade de Brynhild após comer o coração de Fafnir, sendo estas a sabedoria e a crueldade. Essas características pertencentes às valquírias são consideradas positivas em uma mulher apenas na Islândia, que tem uma larga representação de guerreiras em suas sagas. A sabedoria não é atributo de mulher alguma em *A Canção dos Nibelungos*, mas a crueldade é uma característica tanto de Brünhild quanto de Kriemhild na segunda parte, porém esta não chega a ser considerada um “atrativo” em nenhum momento.

Outro valor que não é ressaltado em *A Canção dos Nibelungos*, mas que deve ser mencionado devido à pouca importância que lhe é conferida em *A Saga dos Völsung*, é a virgindade. Assim como a maternidade anterior ao casamento, a virgindade parece pouco importar em *A Saga dos Völsung*. O importante é notar que atitudes completamente díspares partem da mesma personagem em cada livro: Brünhild/Brynhild. Em *A Canção dos Nibelungos*, Brünhild deseja preservar sua virgindade a qualquer custo, pois é um valor não apenas para o homem, mas para ela própria, que mais tarde viria a perder suas forças com a primeira relação sexual. Já em *A Saga dos Völsung*, Brynhild não preza tanto por ela, perdendo-a logo que se apaixona por Sigurd. É como se o enlace amoroso entre os dois tivesse como pressuposto o ato sexual, não havendo uma descrição do momento no qual ele aconteceu. Ao contrário do ocorrido em *A Canção dos Nibelungos*, Brynhild não perde suas forças, porque continua lutando, mas pode-se afirmar que o retorno dela ao lar, assim como o recém-descoberto talento para as atividades domésticas, devem-se ao fato de ela ter encontrado o amor em Sigurd. A virgindade em si não tem tanto valor, uma vez que sua perda não tirava a honra da moça. O único fator que poderia trazer algum incômodo seria a filha que Brynhild teve ainda solteira, mas, como ela é deixada com sua família, não é uma preocupação para o novo parceiro de sua mãe.

Todas as mulheres vêm de famílias nobres e estão praticamente sempre à altura da família do futuro cônjuge. A única exceção é a filha de Rüdiger que vem de uma boa família, mas está abaixo de Giselher. Ela estaria ascendendo socialmente, visto que passaria a ser rainha, razão pela qual seu pai deveria ser eternamente grato a Giselher. Para compensar tal desnível e agradar a família do noivo, Rüdiger se ocupa de oferecer um grande dote. Contudo, ele não parece ser o maior interesse no processo de escolha das mulheres, pois esse é o único caso citado. Gunther chega até a fazer pouco caso dos

pertences de sua esposa, não deixando que ela leve consigo muitos de seus pertences. Essa cena apresenta um paralelo na partida de Kriemhild para o reino de seu marido, como aponta Maren Jönsson:

“Sie sprach zu z’ir manne: ‘wenne sul wir varn? / daz ich sô harte gâhe, daz heiz ich wol bewarn. / mir suln ê mîne brüeder teilen mit diu lant.’ Leit was ez Sifride, do erz an Kriemhilt ervant.”(691) Die Szene entspricht parallelisierend Brünhilds ökonomischer Entmachtung bei ihrer Abreise von Isenstein. Ähnlich wie Brünhild kann auch Kriemhild nicht wirklich von sich aus handeln. Siegfried als ihr Vormund fasst die Entschlüsse. Insofern markiert die Szene die Genderthematik der Begrenzung weiblichen Handelns. Kriemhild kann als Frau lediglich eine Forderung artikulieren, aber diese nicht von sich aus durchdringen. Der Erzähler kommentiert Siegfrieds Verärgerung über Kriemhilds Worte nicht, aber der Hinweis auf diese gestörte inter-gender Kommunikation ist aufschlussreich. Siegfrieds Reaktion erscheint insofern schlüssig, als er aufgrund des sagenhaften Nibelungenschatzes keine weiteren Reichtümer benötigt, dennoch lässt sich nicht davon absehen, dass er das Erbe seiner Frau leichtfertig verschenkt. Frakes begründet Siegfrieds Einstellung mit drei beachtenswerten Hinweisen, die hier inhaltlich zusammengefasst werden: Zum einen begründet er es zeitgeschichtlich bedingt mit einer sozialen Änderung der Erbfolge, welche eine Teilung des väterlichen Erbes vermeiden wolle. Zum anderen würde das Erbe, wenn auch rechtmäßig, ähnlich einer Schenkung feudale Abhängigkeiten zwischen Siegfried und den Burgundern schaffen, was Siegfried um jeden Preis vermeiden wolle. Als dritten Punkt nennt Frakes Siegfrieds Abneigung davor, dass Kriemhild mit eigenen Reichtümern und Vasallitätsbindungen nach Xanten käme und somit eigene Ansprüche stellen könne.¹¹⁷ (2001: 84-85)

Os homens sempre recusam a herança ou dote da esposa, como se dessa forma eliminassem seu poder. Isso fica evidente no caso de Brünhild, que sempre foi aversa à subordinação mundo masculino, mas não é tão claro no caso de Kriemhild, até porque, em ambos os casos, os homens, como tutores, teriam o poder para cuidar dessas posses. Mas, na narrativa, o simbólico vale mais do que o poder real que lhes seria conferido, de forma

¹¹⁷ “Ela disse para o seu marido: ‘Quando partiremos? Eu gostaria de evitar que precipitássemos a viagem, pois os meus irmãos ainda devem repartir as terras comigo.’ Siegfried lamentou ouvir isso.’ A cena corresponde paralelamente à retirada do poder econômico de Brünhild, quando ela parte de Isenstein. Assim como Brünhild, Kriemhild não pode tratar de seus próprios negócios. Siegfried toma as decisões como seu tutor. A cena marca a temática de gênero em relação à limitação da negociação feminina. Kriemhild, como mulher, pode apenas articular uma reivindicação, mas não expressá-la. O autor não comenta a irritação de Siegfried com as palavras de Kriemhild, mas o indício dessa comunicação inter-gêneros perturbada é reveladora. A reação de Siegfried parece lógica, uma vez que ele não necessita de mais riquezas devido ao lendário tesouro dos Nibelungos, mas não se pressupõe daí que ele doe a herança de sua mulher tão facilmente. Frakes justifica o posicionamento de Siegfried com três indícios notáveis, que têm o seu conteúdo resumido aqui: Um é condicionado ao tempo histórico juntamente com uma mudança social da sucessão, que evita a divisão da herança paterna. O outro é que a herança criaria, também legitimamente, assim como um presente, uma dependência feudal entre Siegfried e os burgúndios, o que Siegfried gostaria de evitar a qualquer custo. Como terceiro ponto, Frakes cita a aversão de Siegfried à possibilidade de que Kriemhild viesse para Xanten com riquezas próprias e com ligação a vassallos e, dessa forma, impusesse as suas próprias reivindicações.”

que os maridos acabam por rejeitar as posses de suas esposas como quem também rejeita qualquer tipo de poder do qual elas possam usufruir.

Em *A Saga dos Völsung*, nenhum tipo de dote é mencionado, mas um dos casamentos ocorre por interesse na fortuna da família da noiva. Atli casa-se com Gudrun não apenas para vingar a memória da irmã, mas também por desejar tomar o tesouro de Fafnir, herdado por sua esposa.

A relação de Siegfried/Sigurd, que haveria sido o herói mais notável de seu tempo, com Kriemhild e Svanhild é de suma importância para os casamentos delas. O fato de Kriemhild ter sido sua esposa aponta para todas as características positivas que ela viria a possuir. O mesmo acontece no caso de Svanhild, pois ser filha do bravo guerreiro indica que ela é de uma alta estirpe e uma boa mulher para se desposar.

5.3. Valores que julgam o homem para o consentimento do casamento

Os valores que julgam os homens nem sempre são observados pela noiva, pois as negociações pré-nupciais não são feitas por elas, mas sim por suas famílias. Os noivos costumam ser escolhidos pelo seu poder e suas posses, isso pode ser positivo para a mulher que sempre terá seu *status* relacionado ao do marido e para a família, porque um bom casamento pode indicar um aumento de seu poder através de uma aliança. Em *A Canção dos Nibelungos*, as alianças não são um tema principal, e apenas uma é subentendida, a realizada entre os burgúndios e Siegfried, uma vez que a família de Kriemhild apresenta os dois com a intenção de mantê-lo em Worms. Tal idéia só não é tão clara quando o trato do matrimônio é selado entre Gunther e Siegfried, mas presume a troca de favores, na qual este irá prestar um serviço para aquele.

Em *A Saga dos Völsung*, assim como na cultura da Islândia antiga, as alianças por afinidade têm uma importância elevada. O interesse de Grimhild em orientar os casamentos dos filhos para formá-las é sempre muito evidente, e, no caso da união de Svanhild, o filho de Jörmunrek oferece primeiro a aliança e só então declara o interesse de seu pai pela moça, demonstrando que a ligação com um homem tão poderoso seria o principal interesse da família.

Embora seja de consenso entre os críticos que o amor cortês guia a narrativa de *A Canção dos Nibelungos*, a paixão não é um elemento que guia as decisões referentes aos casamentos.

5.4. Vingança

A vingança opera um papel importante na união de Kriemhild e Etzel / Gudrun e Atli. Ela ocorre apenas devido a tal desejo, o qual parte de diferentes personagens em cada livro. Em *A Canção dos Nibelungos*, Etzel deseja casar-se novamente, pois perdeu sua esposa e não tem herdeiros, e escolhe aquela que seria a melhor dentre as mulheres, mas Kriemhild apenas o aceita devido à possibilidade de vingar seu falecido marido. Já em *A Saga dos Völsung*, a ação não parte da mulher, mas de Atli que desejava vingar a morte de sua irmã. Esse eixo é o único no qual os casamentos acontecem.

5.5. Atuação de conselheiros

Uma vez que a paixão não é vital para a concretização de casamentos, conselheiros costumam ajudar na escolha da futura esposa, mas sua atuação e posição costuma variar. O casamento de Giselher é completamente decidido por um deles, Hagen, que demonstra o interesse do noivo antes de ele próprio se pronunciar. O casamento de Etzel também é decidido através de conselhos, pois seus amigos apontam Kriemhild como a melhor dentre todas as mulheres, e a decisão só é tomada após Rüdiger ser consultado, sendo ele quem viaja até Worms para fazer o pedido e trazer a noiva até Etzel.

Mas nem sempre as pessoas que atuam nessas questões são os conselheiros reais. Grimhild é age como tal no primeiro casamento de seus dois filhos, porque são as suas palavras que levam o pai de Gudrun a se decidir por Sigurd, assim como fazem com que Gunnar escolha Brynhild. Os conselheiros propriamente ditos não são uma figura de importância em *A Saga dos Völsung*, o único conselheiro citado é Bikki, o conselheiro de Jörmunrek. Ele é uma figura negativa, o causador de todo o mal nesse trecho da saga, seus conselhos só trazem o infortúnio para todos que o ouvem. Grimhild, assim como Bikki, dá conselhos que causam fatalidades, o que prova que eles são marcados pela ganância e não demonstram preocupação com o bem-estar de outros. Ambos são elementos expiatórios, que carregam todo o mal e a culpa pelos acontecimentos mais trágicos, para que as outras

personagens sejam, de alguma forma, isentas de seus pecados. Assim, mesmo quando são cruéis, elas são apenas impulsionadas pelo fluir dos acontecimentos.

Os conselheiros exercem papéis distintos nesses livros. São bem vistos em *A Canção dos Nibelungos*, costumando ser pessoas confiáveis e leais a seus senhores, o que não ocorre com os de *A Saga dos Völsung*, que não fazem mais do que trazer a desgraça para aqueles que não ouvem o próprio coração.

Parte II - Problemas dentro dos laços matrimoniais

1.1. Violência no Casamento em *A Canção dos Nibelungos*

1.1.1. *Núpcias de Brünhild*

A cena de maior violência doméstica em *A Canção dos Nibelungos* é, sem sombra de dúvidas, a das núpcias de Brünhild. Ela é brutal e não parte apenas do marido, mas da mulher, o que faz com que a situação se desenvolva em uma batalha entre o casal. Embora Brünhild inicie a briga, pois não deseja cumprir seu papel como esposa, a primeira agressão parte do marido, mas cujas proporções são menores, praticamente nulas. O ato um pouco mais rude de Gunther desencadeia o conflito na primeira noite:

Dô rang er nâch ir minne unt zerfüort' ir diu kleit. / dô greif nâch einem gürtel diu hêrlîche meit, / daz was ein starker porte, den si úmb ir sîten truoc. / dô tet si dem künige grôzer léidé genuoc. / Die fûeze unt ouch die hende si im zesamme bant, / sie truoc in z'einem nagele unt hienc in an die want, / do er si slâfes irte. die minne si im verbôt. / jâ het er von ir krefte vil nâch gewúnnén den tôt. / Dô begonde vlêgen, der meister wânde sîn: / "nu læset mîn gebende, vil edliu künegîn. / ine trûwe iu, schœniu vrouwe, doch nimmer an gesigen, / unt sol ouch harte selten iu sô nâhen mêr geligen."¹¹⁸ (636 – 638)

Ao tentar se aproximar de sua mulher, Gunther enfurece a rainha com sua falta de delicadeza. Seu ato não é retratado como violento, mas apenas uma representação do seu forte desejo por ela. A resposta de Brünhild é que se torna desmedida. Ela é uma mulher tirana que não cumpre com seu próprio dever de esposa e deseja que ele siga seus caprichos, afastando-se dela. Já Gunther é um rei que não apresenta uma atitude digna de alguém que ocupa uma posição tão alta. Ele não dá ordens, mas implora, chegando a

¹¹⁸ “Ele foi ávido pelo seu amor e rasgou a roupa dela. A bela dama pegou um forte cinto trançado que usava na cintura e submeteu o rei a um grande sofrimento. Ela amarrou seus pés e também suas mãos, pendurou-o em um gancho na parede, porque ele não a deixava dormir. Ela renunciou ao seu amor. Ele poderia ter morrido pelas mãos dela. Gunther, que acreditava ser o senhor dela, começou a lhe implorar: ‘Soltai esses laços, nobre rainha. Eu não me julgo capaz vencer-vos e não me deitarei mais tão perto de vós’.”

reconhecer sua inferioridade diante da esposa. Após ser solto, ele passa a ser um homem obediente e não a contesta mais: “er leite sich sô verre, daz er ir schœne wât, / dar nâch vil selten ruorte; des wold’ ouch si dô haben rât.”¹¹⁹ (642, 3s.). A força desmedida de Brünhild em contraste com a atitude submissa do rei faz com que a cena passe do trágico ao cômico, suavizando a crueldade das bodas.

Por ter forças inferiores às de Brünhild, Gunther acaba pedindo o auxílio de Siegfried mais uma vez.: “Dô sprach der wirt zem gaste: ‘ich hân lâster unde schaden, / want ich hân den übeln tiuvel heim ze hûse geladen’.”¹²⁰ (649, 1-2). O rei passa a ter a mesma visão negativa que seus homens tinham dela e aceita que Siegfried tome atitudes drásticas para resolver a situação, desde que estas não venham a ferir sua honra:

“Âne daz du iht triutest”, sprach der künic dô, / ”die mîne lieben vrouwen, anders bin ich es vrô. / sô tuo ir, swaz du wellest: unt næmest ir den lîp, / daz sold ich wol verkiesen; si ist ein vreislîchez wîp.”/ “Daz nim ich”, sô sprach Sîfrît, “ûf die triuwe mîn, / daz ich ir niht enminne. diu schœne swester dîn / diu ist mir vor in allen, die ich noch ie gesach.” / vil wol geloubte Gunther, daz dô Sîfrit sprach.¹²¹ (655 – 656)

Brünhild acaba por se tornar um problema sem medidas. Siegfried pode matar a esposa do rei, mas não se deitar com ela. Seu homicídio seria perdoado e não seria julgado, o que remete ao fato de o homicídio ter entrado tardiamente no campo penal e à afirmação de Claude Gauvard em relação a esse tema: “Isso não é sinal que a vida humana não tem preço, mas que a vida humana não é nada se a honra é ultrajada.” (LE GOFF, 2002: 612, II vol.). A honra de Gunther estava em risco devido à atitude de sua esposa e, em uma escala de valores, a honra vem em primeiro lugar. Embora a luta entre Siegfried e Brünhild seja travada entre iguais, na qual não havia o desequilíbrio de forças que existia entre Gunther e Brünhild, a violência da rainha é destacada em diferentes momentos. Após ter arremessado Siegfried longe, a dama revolta-se não devido à sua virgindade, mas sua maior preocupação ainda é sua roupa, causando um efeito irônico, ela diz: “ir ensúlt mir niht zerfüeren mîn hémde sô blanc. / ir sît vil ungefüege, daz sol iu werden leit; / des bringe ich iuch wol

¹¹⁹ “Ele deitou-se tão longe que não tocava mais as suas belas vestes, e ela também não queria que isso acontecesse.”

¹²⁰ “O senhor disse ao seu convidado: ‘Sofri insultos e humilhação, porque trouxe um terrível demônio para a minha casa.’”

¹²¹ “O rei disse: ‘Apenas não te aproximes muito da minha querida mulher. Fora isso estou de acordo que façam com ela o que quiser, se a matar, eu não darei importância, pois ela é uma mulher terrível.’ ‘Eu prometo pela minha lealdade’, disse Siegfried, ‘que não dormirei com ela. A tua bela irmã está à frente de todas as mulheres que já vi.’ E Gunther acreditou no que Siegfried disse.”

innen. [...]”¹²² (670, 2s.). Antes que a luta termine, Siegfried sofre terrivelmente nas mãos dela, “sie druht’ im sîne hende, daz ûz den nageln spranc / daz bluot im von ir krefte, daz was dem helde leit.”¹²³ (675, 2-3). Assim como já havia ocorrido em Isenstein, a preocupação maior não é a própria vida, mas a possibilidade de perdê-la para uma mulher, o que além de trazer grande desonra para o próprio nome pode acabar por configurar um terrível exemplo para outras mulheres: “‘Owê’, dâht’ der recke, ‘sol ich nu mînen lîp / von einer magt verliesen, sô mugen elliu wîp / her nâch immer mêre tragen gelpfen muot / gegen ir manne, diu ez sus nîmmér getuot’.”¹²⁴ (673). Sendo aberto um precedente, a desordem poderia estabelecer-se na sociedade patriarcal.

Por fim, Siegfried consegue derrotar Brünhild, que, ao ter a sua vida posta em risco, não apenas promete se submeter ao seu marido, mas também reconhece nele as características necessárias para que fosse o mestre de uma mulher, pois havia provado, mais uma vez, poder subjugar-la: “Si sprach: ‘kûnic edele, du solt mich leben lân. / ez wirt vil wol versüenet, swaz ich dir hân getân. / ich gewér mich nimmer mêre der edelen minne dîn. / ich hân daz wol erfunden, daz du kanst vrouwen meister sîn’.”¹²⁵ (678) Após tê-la vencido, Siegfried se afasta para que Gunther tome posse dela. O tratamento do rei para com sua terrível esposa é notoriamente carinhoso e amoroso, “Er pflac ir minneclîchen, als im daz gezam, / dô muoste si verkiesen ir zorn unt ouch ir scham. / von sîner heimlîche si wart ein lützel bleich”¹²⁶ (681, 1-3). Após toda a brutalidade da luta entre “marido” e mulher, após ela ter estado entre a vida e a morte, a relação entre o casal volta a se demonstrar delicada. O terror da violência fica para trás, a ordem é restaurada, e a mulher retoma seu papel dentro da instituição do casamento.

Brünhild alega não querer se entregar ao seu marido, porque ele não elucidou de forma satisfatória o motivo de casar sua nobre irmã com um de seus vassallos. Suas razões

¹²² “Não deveis rasgar a minha blusa branca. Sois muito rude e ireis vos arrepender disso. Eu vou vos ensinar! [...]”

¹²³ “Ela apertou as suas mãos com tanta força que jorrou sangue de suas unhas, e esse foi o sofrimento do guerreiro.”

¹²⁴ “O guerreiro pensou: ‘Oh! Se eu perder a minha vida pelas mãos de uma dama, todas as mulheres futuramente poderão ser atrevidas para com os seus maridos, mesmo as que nunca haviam pensado nisso anteriormente’.”

¹²⁵ “Ela disse: ‘Deixa-me viver, nobre rei. Irei reparar tudo o que eu te fiz. Não lutarei mais contra o teu nobre amor, pois eu reconheci que tu podes ser o mestre de uma mulher’.”

¹²⁶ “Quando ele foi até ela, tratou-a amavelmente, e ela teve de renegar a sua raiva e também a sua vergonha. Devido à intimidade, ela ficou pálida.”

para essa recusa não são as mais nobres, mas mesmo as mulheres que se negavam a se deitar com seus maridos por motivos religiosos, como, por exemplo, desejar evitar os pecados da carne, eram criticadas pela Igreja:

Secular writers also wrote at length of the sexual desires of women, yet on the other hand we also find in their works criticism of women who do not love their husbands, act sanctimoniously and pretend to be modest. The woman who deprives her husband of sexual relations is, in literature, often part of the image of the bad wife. (In the same fashion Antonius of Florence also condemned in his sermons those women who dawdled over their nocturnal prayers to avoid fulfilling their marital obligations.). (SHAHAR, 1990: 71-72)

A religiosidade era utilizada como uma forma de evitar o contato sexual com o cônjuge. Brünhild não utiliza essa desculpa, porém se fixa no casamento de Kriemhild e Siegfried como uma razão para evitar o contato com o marido, No entanto, esse não parece ser o verdadeiro motivo, pois o simples toque de Gunther a incomoda. Mas nenhuma razão justifica que a esposa impeça a relação sexual com o marido, porque ela deve se entregar, não apenas para fins reprodutivos, mas porque essa é sua obrigação como esposa.¹²⁷ Sendo o homem quem tem poder sobre o corpo da mulher, Gunther toma as decisões sobre Brünhild, decidindo-se pela aniquilação daquilo que não era aceitável, fosse a atitude tomada por sua esposa ou ela própria. Toda a conversa entre Gunther e Siegfried gira em torno da honra, visto que o que é reprovável em Brünhild deve ser destruído a qualquer custo, desde que a honra do rei seja mantida.

Após Brünhild ter sido derrotada mais uma vez, a situação volta a ser positiva, não restando mágoas. Além disso, Gunther é terno com sua esposa e a possui de forma a lhe trazer prazer. Ela finalmente aceita seu marido por completo, pois se demonstrou digno de ser seu senhor, uma vez que ele provou sua superioridade subjugando-a.

1.1.2. *Siegfried repreende Kriemhild através do castigo físico*

Kriemhild revela publicamente que Siegfried teria se deitado com Brünhild, o qual é chamado por Gunther para dar explicações sobre o ocorrido. Então, ele promete castigar sua mulher e educá-la para que não volte a fazer o mesmo:

Dô sprach aber Sîfrit: “geniuzet es mîn wîp, / daz si hât betrüebet den Prünhilde lîp, / daz ist mir sicherlîchen âne mâze leit. [...] Man sol sô vrouwen ziehen”, sprach Sîfrit der degen, /

¹²⁷ Vide SHAHAR, 1990: 70.

“daz si üppeliche sprüche lâzen under wegen. / verbiut ez dînem wîbe, der mînen tuon ich sam. / ir grôzen ungefûege ich mich wærlîche scham.”¹²⁸ (861, 1-3; 862)

Siegfried não apenas afirma que irá puni-la, mas pede que Gunther também proíba Brünhild de ter tais conversas levianas. As mulheres, portanto, devem ser educadas para que não ajam conforme sua natureza irresponsável. De acordo com essa ótica, não se pode confiar-lhes qualquer segredo:

Como um caçador à espera da caça, a mulher espreita. A sua estratégia é hábil, a sua palavra de mel seduz, ela engana, o mal está feito. Eis escapado o segredo. Desde logo, a couraça masculina é frágil: o segredo torna-se palavra pública. Diabolicamente possuída pelo desejo de captar tudo, de tudo armazenar, a mulher revela-se incapaz de gerir o saber conquistado, livrar-se dele, divulga-o. (DUBY, 1993: 549-550)

Kriemhild tem uma atitude considerada tipicamente feminina, a de compartilhar um segredo, mas esse é um ato indigno, em razão do qual ela deve ser castigada fisicamente. Siegfried bate nela, como ela afirma para Hagen:

“er’n sol des niht engelten, hab’ ich Prünhilde iht getân. / Daz hât mich sît gerouwen”, sprach daz edel wîp. / “ouch hât er sô zerblowen dar umbe mînem lîp; / daz ich iz ie geredete, daz beswârte ir den muot, / daz hât vil wol errochen der helt küene unde guot.” / Er sprach: “ir wert versüenet wol nâch disen tagen.”¹²⁹ (893, 4 – 895, 1)

Kriemhild entende que a surra que tomou foi justa e não demonstra mágoa, apenas preocupação com o bem-estar do marido. Ela expõe o que sofreu para isentá-lo de qualquer culpa pelos maus atos que ela própria havia cometido. O marido devia castigar sua esposa quando esta cometesse erros, para que ele próprio não sofresse a pena.¹³⁰ A punição física contra as esposas era aceito tanto legalmente, quanto pela Igreja, que considerava a mulher um ser inferior:

In the present context it can be said that the ecclesiastical conception of the inferior status of women, deriving from Creation, her role in Original Sin and her subjugation to man, provided both direct and indirect justification for her inferior standing in the family and in society in medieval civilization. It was not the Church which induced husbands to beat their

¹²⁸ “Siegfried disse: ‘Sofrerei muito se minha mulher não for castigada por ter deixado Brünhild aflita. [...] Deve-se educar as mulheres para que deixem as conversas levianas’, disse o herói Siegfried. ‘Proíbe a tua mulher, que eu farei o mesmo com a minha. Eu realmente me envergonho pelo seu comportamento descortês’.”

¹²⁹ “‘Ele não deve pagar pelo que fez a Brünhild, essa preocupação tem me trazido grande pesar’, disse a nobre mulher. ‘Ele me surrou por ter ofendido Brünhild, o bom e bravo cavaleiro já me castigou.’ Ele respondeu: ‘Em alguns dias vocês já terão se reconciliado’.”

¹³⁰ Vide KETSCH, 1984: 198

wives, but it not only accepted this custom after the event, if it was not carried to excess, but, by proclaiming the superiority of man, also supplied is moral justification. (SHAHAR, 1990: 88-89)

Tal reprimenda era aprovada pela sociedade da época, como era frequentemente relatado nas epopéias. Importante notar que não apresentava uma incongruência com o enaltecimento da mulher, que é típico do gênero cortês, como é apresentado por Bumke:

Nicht selten wurde im höfischen Epos davon erzählt, daß Frauen benachteiligt, entwürdigt, gequält und geschlagen wurden. Diese Motive standen in einem merkwürdigen Kontrast zu der offiziellen Frauenverherrlichung der Gattung. Aber es scheint so, als hätten die Erzähler diesen Gegensatz gar nicht bemerkt.¹³¹ (2002: 464)

Assim, a atitude encontra aceitação não apenas da sociedade, mas também por quem sofreu o castigo. Kriemhild, aprova a atitude de Siegfried, porque sabe que agiu mal. Dessa forma, considera-se merecedora dele e deseja apenas que o relacionamento do casal volte a ficar bem.

1.2. Violência no Casamento em *A Saga dos Völsung*

1.2.1. *Brynhild tenta matar Gunnar*

As cenas de violência entre os cônjuges costumam ser extremas, pois são ocasionadas devido ao desejo de matar o parceiro. A morte de Svanhild não será tratada aqui, visto que está relacionada à traição. Apenas a cena entre Brynhild e Gunnar será analisada, já que é a única dessa categoria em *A Saga dos Völsung* objeto deste item e é protagonizada por uma mulher.

Brynhild, ao saber que fora enganada e que se casou com outro homem que não aquele que havia passado pelas provas designadas por ela, discute com Gunnar e tenta matá-lo:

Brynhildr svarar: “Ekki höfum vér launþing haft né údáðir gert, ok annat er vart eðli, ok fúsari værim vert at drepa yðr.” Síðan vildi hon drepa Gunnar konung, en Högni setti hana í fjötra. Gunnarr mælti þá: ”Eigi vil ek, at hon búi í fjötrum.” Hon svarar: ”Hirð eigi þat, þvíat aldri sér þú mik glaða síðan í þinni höll.”¹³² (Cap.31, p.73)

¹³¹ “Não era raro nas epopéias cortesãs que as mulheres fossem discriminadas, degradadas, maltratadas e surradas. Esses temas têm um contraste notável com o enaltecimento oficial da mulher nesse gênero literário, mas parece que os autores absolutamente não notaram essa contradição.”

¹³² “Brynhild respondeu: ‘Eu não tive encontros secretos, nem cometi crimes, a minha natureza é outra e eu estaria mais disposta a matar você.’ Então ela tentou matar o rei Gunnar, mas Högni a acorrentou. Gunnar

Brynhild, a valquíria, é quem avança sobre o marido, desejando matá-lo. Para evitar um mal maior, ela é acorrentada, mas nenhuma agressão física lhe é infringida, e é solta em seguida. Impotente diante daquela situação, Brynhild ameaça Gunnar com sua infelicidade, a qual ela faz questão de tornar pública, “ok bað svá lúka skemmudyrum, at langa leið mætti heyra hennar harmtölur. Nú er harmr mikill, ok heyrir um allan bæinn.”¹³³ (Cap.31, p.73). Ela abre as portas para que sua tristeza seja conhecida por todos, manchando o nome do rei, que não foi capaz de manter um casamento feliz.

A violência extrema partindo de uma mulher é inesperada e demonstra que, mesmo depois de casada, Brynhild ainda apresenta as características de uma valquíria. Após tentar assassinar o marido, seria compreensível que ela fosse castigada mais severamente, mas isso não acontece. Não se devia bater em uma mulher na antiga Islândia. Mesmo Brynhild sendo uma valquíria e apresentando a agressividade que lhes é peculiar, isso ocorre apenas em um momento de fúria, visto que, depois disso, ela se restringe à melancolia, sem voltar a ameaçar os outros fisicamente. Nessa cena, Brynhild é representada como uma mulher, a esposa de Gunnar, e não uma valquíria, e a atitude de castigar a mulher fisicamente não havia de ser bem vinda. A tristeza notável da esposa não era digna de um rei, mas muito menos era a contenção dela através da agressão ou dos grilhões utilizados para impedi-la de praticar um mal maior.

1.3. Análise comparativa

Em *A Canção dos Nibelungos* tanto Brünhild quanto Kriemhild passam por agressões físicas, as quais deveriam educá-las como boas esposas. Maren Jönsson vê essas agressões de forma crítica, apontando os próprios maridos como culpados pelas situações que geraram o problema:

Sowohl Brünhild wie auch Kriemhild werden im NL durch körperliche Züchtigungen ihren Männern unterworfen und widersetzen sich diesen physischen Machtdemonstration nicht. Der Erzähler zeigt somit, dass die Frauenfiguren unmittelbar durch die männlichen Protagonisten durch die Anwendung physischer Gewalt über ihre Stellung als Ehefrau ‘belehrt’ werden, während sich das von männlichen Figuren begangene Unrecht erst auf

disse: ‘Não quero que ela fique presa.’ Ela respondeu: ‘Não te preocupes com isso, porque nunca mais me verás feliz nos seus salões’.”

¹³³ “E ordenou que as portas de sua câmara fossem abertas, de forma que suas lamentações pudessem ser ouvidas de longe. O seu sofrimento era muito grande e podia ser ouvido em toda parte.”

lange Sicht gesehen rächt. Die Systematik der ökonomischen und physischen Unterwerfung von Protagonistinnen muss bezüglich der weiblichen Genderentwürfe im NL gezielt betrachtet werden. Sie stellt den äußerst begrenzten Handlungsspielraum der Protagonistinnen unter Beweis, die immer wieder in die Grenzen der bestehenden Gesellschaftstruktur zurückgedrängt werden. Dennoch liegt die Schuld auch auf Seiten männlicher Akteure; durch Siegfrieds Vasallitätstrug an Brünhild, durch Hagens *triuwe*-Trug an Kriemhild sowie durch die systematische Entmachtung der Frauenfiguren wird im NL der Aspekt der Subordination und des *dienens* im Kontrast zwischen Schein und Sein aktualisiert. Dies gilt auch für die Züchtigung Kriemhilds, indem Siegfried seine Frau für etwas straft, wofür er im Grunde genommen verantwortlich ist.¹³⁴ (2001: 159)

As afirmações de Jönsson são extremadas, pois tanto as mulheres quanto os homens estão necessariamente submetidos aos limites impostos pela sociedade existente. São esses limites que causam o problema para o casal Brünhild e Gunther. Não apenas ela não segue o que seria desejado de uma esposa, mas ele também não, porque não poderia aceitar aquela situação e deveria ter se mantido superior à sua mulher todo o tempo, uma posição que não conseguiria manter sem o auxílio de Siegfried. Afirmar que nenhuma delas se contrapõe a tal violência também seria errôneo, uma vez que Brünhild não apenas se opõe, como é, de fato, a causadora dela, sendo a primeira a agredir seriamente o marido. Brünhild aceita sua derrota quando confrontada com a morte, diferentemente de Kriemhild, que aceita ser surrada pelo marido e ainda expõe isso a Hagen como uma forma de demonstrar-lhe o bom caráter de Siegfried.

Jönsson também afirma que as mulheres são imediatamente castigadas, enquanto as injustiças cometidas por homens só são vingadas a longo prazo, o que se deve ao fato de elas serem julgadas como seres inferiores. Dessa forma, mesmo que seus atos tenham sérias conseqüências, como quando Kriemhild desvende o segredo sobre a noite de núpcias, as punições não têm tão grandes proporções como as que os homens sofrem: Kriemhild é surrada para que aprenda a se comportar, já Siegfried é assassinado por Hagen. Elas são inferiores, portanto, ingênuas, e devem ser “educadas”, enquanto eles são responsáveis por

¹³⁴ “Tanto Brünhild quanto Kriemhild são submetidas aos castigos físicos de seus maridos e não se opõem a essa demonstração de poder. O autor demonstra, dessa forma, que as mulheres são imediatamente ensinadas sobre o seu lugar de esposas pelos seus maridos que o fazem através da violência física, enquanto a injustiça cometida pelas personagens masculinas só é vingada a longo prazo. A sistemática da submissão econômica e física das protagonistas deve ser observada objetivamente em relação às definições do gênero feminino em *A Canção dos Nibelungos*. Ela põe o extremamente limitado campo de atuação das protagonistas, que sempre são limitadas dentro das fronteiras da sociedade existente, sob evidência. Além de a culpa estar do lado dos atuantes masculinos; através da fraude sobre a servidão de Siegfried, da fraude sobre a fidelidade de Hagen a Kriemhild, assim como da destituição do poder das personagens femininas é atualizado o aspecto da subordinação e do *dienen* [servir] em contraste com o ser e parecer. Isso também serve para o castigo de Kriemhild, no qual Siegfried castiga sua mulher, por algo que ele é, no fundo, responsável.”

seus atos e devem pagar pelo que fazem, sendo que os erros costumam custar a vida dos homens que os cometem em *A Canção dos Nibelungos*.

Na antiga Islândia, os casos de violência entre os casais não são vistos com naturalidade, sendo que agredir a esposa resultava frequentemente em divórcio.¹³⁵ Assim, não se apresentam cenas de agressão física contra a mulher que tenham o simples intuito de instruí-la, como em *A Canção dos Nibelungos*. Uma vez que essa agressão poderia levar à separação do casal, ela ocorre apenas em casos extremos, como o de Svanhild que é morta. Mas não é apenas a agressão contra a mulher que ter tal consequência: “Bei dem aus der Heidarviga Saga angeführten Fall hörten wir, wie die Frau den Schlag ihres Mannes gleich mit einem Steinwurf heimzahlt – der Mann sagt sich daraufhin am selben Tage noch von ihr geschieden.”¹³⁶ (KRAUSE, 1926: 16). Aqui há uma situação inversa daquela que seria possível entre Brynhild e Gunnar, pois é ela quem inicia a agressão, mas Gunnar não revida. Ele se decide por deixá-la livre e não a castigar, evitando que o conflito entre o casal se torne maior.

Gunther/Gunnar não é exemplar em nenhum dos livros, mas, no que se refere às cenas de agressão, suas reações devem ser encaradas de forma distinta. Gunther não tem capacidade de revidar os ataques de sua mulher e é completamente ciente disso, sem sequer tentar ir contra ela. Tudo o que faz é rasgar sua roupa na primeira noite, mas nesse ato não há violência, ele se demonstra fraco, admitindo sua inferioridade e pedindo ajuda a Siegfried para resolver seu infortúnio. Gunther tem uma atitude vergonhosa, porque se submete à sua mulher. Gunnar, assim como ocorre na versão européia, não é quem detém sua esposa, mas Högni, seu irmão. Entretanto, Gunnar não deseja que ela seja presa ou repreendida, atitude a qual não traz vergonha para o rei, uma vez que evitar uma atitude mais drástica é a melhor solução para o casal.

Embora a violência fosse uma forma recorrente de resolver os problemas na Islândia, ela deve ser evitada dentro dos laços matrimônios. Na Europa central, a agressão contra a mulher tinha a finalidade de educá-la, o marido deveria mostrar-lhe seu lugar na sociedade. Já em *A Saga dos Völsung*, tal atitude não é retratada através da agressão física ou de qualquer outro meio. As islandesas não eram repreendidas da mesma forma que as

¹³⁵ Vide KRAUSE, 1926: 15.

¹³⁶ “No caso conduzido na *Heidarviga Saga*, nós ouvimos sobre como a mulher imediatamente paga o golpe do marido jogando uma pedra, e ele se declara separado dela mais tarde no mesmo dia.”

européias, o que, no entanto, não indica um poderio maior. Ele também é restrito, pois quando elas agem, como Brynhild, sua ação parece ser facilmente interrompida por um homem. As atitudes de Brynhild acabam por ser limitadas a palavras e ameaças. As palavras têm um peso forte, mas não há nenhuma preocupação em calá-las ou regulamentá-las, podendo-se afirmar que a voz feminina é mais livre na sociedade islandesa medieval.

2.1. Traição em *A Canção dos Nibelungos*

2.1.1. *A desconfiança de Kriemhild sobre Siegfried*

Siegfried deixa Kriemhild sozinha ao final das festividades do dia de suas núpcias. A ausência dele é notada por Kriemhild, que deseja saber que caminho tomou seu marido: “Dô si mit im spilte unt si sîn niht mêr ensach, / zuo sînem gesinde diu kûneginne sprach: / ‘mich hât des michel wunder, war der kûnic sî bekomen. / wer hât die sînen hende ûz den mînen genomen?’”¹³⁷ (662). Sua desconfiança não é explícita, porém ela não se contenta com a volta do marido, e continua o inquirindo até obter uma resposta. O texto não se atém ao constante questionamento de Kriemhild, porque não resulta em maiores desentendimentos para o casal: “Er understuont ir vrâge, der si hete gedâht. / er hal si sît vil lange, daz er ir hete brâht, / unz daz si under krône in sînem lande gie.”¹³⁸ (684, 1-3). Siegfried se demora em revelar a verdade, e isso ocorre apenas quando eles deixam Worms e se encontram em uma situação mais estável em seu reinado. Contudo, esse não é um segredo vergonhoso, tanto que Siegfried o revela com orgulho, apresentando, como uma espécie de troféu, o cinturão e o anel de Brünhild. E mesmo mais adiante, quando Kriemhild vem a revelar o segredo, ela não demonstra mágoas para com o marido, mas um certo orgulho, uma vez que o fato de ele ter supostamente possuído Brünhild demonstraria sua superioridade.

2.1.2. *Siegfried e Brünhild*

A probabilidade desse caso implica apenas a culpa de Siegfried, pois Brünhild não estaria consciente de ter dormido com outro homem que não seu marido. Essa, mais do que

¹³⁷ “Kriemhild brincava com ele e então não o viu mais, a rainha perguntou aos seus servos: ‘Eu gostaria de saber para onde foi o rei. Quem tirou as suas mãos das minhas?’”

¹³⁸ “Ele esquivou-se das perguntas que ela desejava fazer e ocultou o que havia lhe trazido por muito tempo, até que ela usasse a coroa em seu país.”

uma traição dela ao seu marido, é uma traição dele ao rei Gunther. Isenta de qualquer culpa, Brünhild relata prontamente ao rei o que lhe foi dito, esperando que ele tome providências para preservar sua honra: “Von allen minen êren mich diu swester dîn / gerne wolde scheiden. dir sol geklaget sîn: / si giht, mich habe gekebsset Sîfrit ir man.’ / dô sprach der künec Gunther : ‘sô hetes’ übele getân’.”¹³⁹ (853) Gunther recrimina a atitude da irmã, não o possível ato de Siegfried, mas é este quem ele chama para tirar satisfações. Kriemhild, mesmo sendo a irmã do rei, é casada com Siegfried, por isso Gunther não tem poder sobre ela e deveria relatar o ocorrido ao seu responsável. Mas ele também o chama para que explique o ocorrido: “Dô sprach der künec Gunther ‘er söl her für gân. / und hât er sichs gerüemet, daz sol er hoeren lân, / oder sîn muoz lougen der helt ûz Niderlant’.”¹⁴⁰ (855, 1-3). Gunther estava presente na noite do acontecimento, e viu a luta entre Siegfried e sua mulher, portanto sabia que o ato não foi consumado. Então, a questão pendente entre eles é a quebra do segredo. Embora o rei saiba que Siegfried nada lhe deve, se faz necessário um juramento diante de seus homens, pois ele deve prestar contas à sociedade:

“und wil dir daz enpfüeren vor allen dînen man / mit mînen hôhen eiden, daz ichs ir niht gesaget hân.” / Dô sprach der künec von Rîne: “daz soltu lâzen sehen. / den eit, den du dâ biutest, unt mac der hie geschehen, / aller valschen dinge wil ich dich ledic lân.” / dô hiez man zuo dem ringe die stolzen Burgonden stân. / Sîfrit der vil küene zem eide bôt die hant. / dô sprach der künec rîche: “mir ist sô wol bekant / iuwer grôz unschulde; ich wil iuch ledic lân, / des iuch mîn swester zîhet, daz ir des niene habt getân.”¹⁴¹ (858, 3s. – 860)

Mas tal ato não é suficiente para os fiéis guerreiros de Gunther. Tanto Ortwin von Mertz (869) quanto Hagen von Tronje irritam-se profundamente com toda a situação que foi criada: ““Suln wir gouche ziehen?” sprach aber Hagene: / ‘des habent lützel êre sô guote degene. / daz er sich hât gerüemet der lieben vrouwen mîn, / dar umbe wil ich sterben, ez engê im an daz leben sîn’.”¹⁴² (867) A desconfiança deles, que não podem saber a verdade sobre aquela noite, traz a desgraça de Siegfried. E mesmo que tudo fosse esclarecido, a

¹³⁹ “A tua irmã queria me privar de toda a minha honra. Queixo-me diante de ti: ela afirmou que Siegfried fez de mim a sua amante.’ Então Gunther respondeu, ‘Ela agiu muito mal’.”

¹⁴⁰ “O rei Gunther disse: ‘Ele deve vir até aqui. O herói dos Países Baixos deve admitir ou desmentir se ele se gabou mesmo’.”

¹⁴¹ “Diante de todos os seus homens, eu desejo lhe assegurar através do meu juramento que não disse nada disso a ela.’ O rei do Reno disse: ‘Comprova isso. Se o juramento que me ofereces puder ser feito aqui, eu te absolverei.’ Os orgulhosos burgúndios foram chamados para o círculo da justiça. O bravo Siegfried levantou a sua mão em juramento, e o poderoso rei disse: ‘Eu reconheço que vós sois inocente e vos absolvo para que eduqueis a minha irmã e esclareçais que ela nunca deveria ter feito isso’.”

¹⁴² “Devemos nos fazer de bobos?’, perguntou Hagen. ‘Os bons guerreiros ganham disso pouca honra. Que ele tenha se gabado sobre o amor da minha senhora, faz-me desejar morrer, a não ser que ele perca a vida’.”

honra da rainha já estava manchada pelos rumores. Ele, portanto, teria que pagar por ter a língua solta, por não ter mantido o segredo. A questão é a honra ferida por palavras pronunciadas em público, não a ferida por atos concretos:

As palavras ou gestos pronunciados em público criam um estado irreversível se não são imediatamente desmentidos. Aquele que injúria trata seu adversário de “bastardo”, a mulher ou a mãe de seu adversário de “puta”, a ele cabe replicar o desafio, proclamando em público que o outro mentiu, tirando sua pequena faca de cortar pão ou qualquer outra arma disponível para evitar ser difamado. Assim se explica que a violência seja exclusivamente masculina: a honra das mulheres está nas mãos dos homens. (LE GOFF, 2002: 610, II vol.)

O ato contra a honra da rainha pede uma retaliação mais dura do que o simples juramento de Siegfried, e homens de Gunther dão preferência a medidas mais enérgicas.

2.2. Traição em A Saga dos Völsung

2.2.1. *Brynhild e Gunnar, traição e divórcio*

Assim como em *A Canção dos Nibelungos*, a traição durante a noite de núpcias não ocorre, mas Brynhild insiste em afirmar que sim, pois não aceita a traição que sofreu ao se casar com o homem errado. Ela crê que isso deve ser pago com sangue, seja o dela, que não conseguia mais suportar aquela situação, ou o de um dos homens envolvidos, Gunnar ou Sigurd, e deixa isso claro para Gunnar: “Nú vil ek eigi tvá menn eiga senn í einni höll, ok þetta skal vera bani Sigurðar eða þinn eða minn, þvíat hann hefir þat allt sagt Guðrúnu, en hon brigzlar mér.”¹⁴³ (Cap.31, p.76). Mas apenas expressar seus desejos não basta, Brynhild prossegue fazendo ameaças a Gunnar, manipulando seu marido para que ele tome as atitudes que lhe convém.

“Þú skalt láta bæði ríkit ok féit, lífit ok mik, ok skal ek fara heim til frænda minna ok sitja þar hrygg, nema þú drepir Sigurð ok son hans.” [...] ok lék ýmist í hug, þótti þat þó mest svívírding, ef konan gengi frá honum. Gunnarr mælti: “Brynhildr er mér öllu betri, ok frægst er hon allra kvenna, ok fyrr skal ek líf láta en týna hennar ást.”¹⁴⁴ (Cap.32, p.77)

As palavras de Gunnar enfatizam seu amor por Brynhild, mas o texto afirma que ser deixado pela mulher era o mais vergonhoso que lhe poderia ocorrer. A ameaça de

¹⁴³ “Eu não desejo ter dois homens no mesmo castelo, e isso será a morte de Sigurd ou a sua ou a minha, pois ele contou tudo para Gudrun e ela me faz acusações.”

¹⁴⁴ “Tu perderás tanto o teu reino e a tua fortuna, quanto a vida e eu. Eu irei para a casa de meus familiares e ficarei lá sofrendo, a não ser que mates Sigurd e seu filho.’ [...] diferentes pensamentos passavam pela sua mente, mas o mais desonroso era ser deixado pela sua mulher. Gunnar disse: ‘Brynhild me é mais preciosa do que tudo, e é a mais louvada dentre as mulheres, e eu prefiro deixar a vida a perder o seu amor.’”

abandono, entre outras, leva Gunnar à ação, fazendo com que tome a difícil decisão de matar o marido e o filho da própria irmã, como deseja sua mulher. Mas um divórcio também não é o que Brynhild quer, porque também lhe seria desonroso. Sigurd, sabendo que a vida de Brynhild e sua própria estavam ameaçadas pela profunda tristeza da rainha, deseja consolá-la com seu amor e se oferece para ser seu amante, o que ela rejeita veementemente dizendo: “eigi mun ek eiga tvá konunga í einni höll, ok fyrr skal ek líf láta, en ek svíkja Gunnar konung”¹⁴⁵ (Cap.31, p.75). Brynhild afirma ter preocupação com a honra do marido, mas está mais preocupada com sua própria, pois não pôde manter a palavra de casar com o homem que estivesse sua altura e deseja a morte por não ter cumprido o próprio juramento:

Þá mælti Brynhildr: “Ek vann eið, at eiga þann mann, er riði minn vafrlaga, en þann eið vilda ek halda eða deyja ella.” “Heldr en þú deyir, vil ek þik eiga en fyrirláta Guðrúnu”, segir Sigurðr. En svá þrútnuðu hans síður, at í sundr gengu brynjuhringar. “Eigi vil ek þik”, sagði Brynhildr, “ok engan annarra.”¹⁴⁶ (Cap.31, p.76)

A possibilidade de separação é levantada por Sigurd, mas recusada por Brynhild que já havia se decidido pela morte dele. O divórcio podia ser decidido pelas próprias mulheres e chamou a atenção de estrangeiros, que tiveram um contato mais próximo com os vikings, como pode ser constatado nos relatos do mulçumano Ibrāhīm b. Ya’qūb al-Ṭurtūshī: “their women have the right to divorce; a wife gets divorced when she wishes” (*apud* JESCH, 1991: 91). As mesmas constatações teriam sido feitas por Al-Ghazāl, poeta e diplomata da Andaluzia, cujas viagens foram descritas por Ibn Dihya. Nesses relatos, conta-se sobre uma rainha viking, Nūd, que teria afirmado que as mulheres de seu povo são livres para deixar seus homens quando desejarem, o que causa certo estranhamento no poeta. Suas palavras teriam sido as seguintes: “We have no such thing in our religion and we have no jealousy. Our women stay with our husbands according their choice. The woman stays with him as long as she wishes, and parts from him if she no longer desires him.” (*apud* JESCH, 1991: 94). Esses são informações de uma época pagã, à qual *A Saga dos Völsung* se refere, mas a Islândia já era uma nação cristã quando o texto foi redigido. A

¹⁴⁵ “‘Não terei dois reis em um mesmo castelo, prefiro deixar a vida a traír o rei Gunnar’.”

¹⁴⁶ “Brynhild disse: ‘Jurei que me casaria com o homem que cavalgasse pelo fogo flamejante e que manteria esse juramento ou morreria.’ ‘À tua morte eu prefiro casar-me contigo e abandonar Gudrun’, disse Sigurd e inflou-se de tal forma que os lados de sua armadura quebraram. ‘Eu não te quero, nem quero nenhum outro’, disse Brynhild.”

Igreja não aceitava o divórcio, mas, como os islandeses não aceitavam suas imposições, tiveram que abrir uma série de exceções, como observa Jenny Jochens:

The law states boldly and unequivocally that “divorce shall not exist in this country” (Gg ib, 39;2; 168). This proclamation must be merely a rhetorical flourish, however, to appease ecclesiastical leaders, because in both major manuscripts it is followed by nearly a dozen cosely argued pages that first deal with automatic exceptions equivocating the rule and then assign determining roles to the bishops who can grant divorce in specific circumstances. (1998: 55)

As razões pelas quais se podia pedi-lo eram as seguintes: “(1) if one inflicted a major wound on the other; (2) if the husband tried to take his wife abroad against her will; (3) if there was incompatibility and the bishop gave *leave*; (4) if their state was one of *destitution*.” (Grágás, 2000: 395)

Mesmo que a separação fosse recorrente, ela não era bem vista pela Igreja, e poderia indicar que havia algo de errado com um dos cônjuges, que não soube conduzir o casamento propriamente. Gunnar e Brynhild, como rei e rainha, devem evitar esse escândalo. Brynhild recusa tal possibilidade quando é oferecida por Sigurd, mas faz ameaças a Gunnar. O divórcio seria vergonhoso também para ela, mas essa saída haveria de fazer com que Gunnar tomasse uma atitude, cumprindo os desejos dela.

Nem a separação nem a traição concretizam-se nessas cenas, apenas são levantadas como possibilidades para evitar um mal maior, o suicídio de Brynhild, ou para manipular o rei Gunnar.

2.2.2. Oddrun, a figura da amante

Oddrun é a representação da amante, pois não tem história alguma que exceda seu caso com o rei Gunnar. Em *A Saga dos Völsung*, ela é citada uma única vez, de forma a manter a tradição que já havia sido registrada na *Edda*, mas nenhuma atenção especial lhe é dedicada. Sua aparição não é concreta e se restringe às profecias de Brynhild antes de morrer: “Oddrúnu muntu vilja eiga, en Atli mun þat banna. Þá munu þit eiga launfundí, ok mun hon þér unna.”¹⁴⁷ (Cap.32, p.81). A traição parece não ser um tema muito bem visto pelo autor, que não volta a apresentar Oddrun quando os encontros teriam de fato ocorrido, nem nas lamentações pela morte de Gunnar, como é o que ocorre na tradição. Ela é, tanto

¹⁴⁷ “Tu desejarás casar-te com Oddrun, mas Atli irá proibir essa união. Vós ireis encontrar-vos secretamente e ela irá te amar.”

em *A Saga dos Völsung* quanto na *Edda*, uma figura solta que não se relaciona com as outras personagens em outras passagens. Seu romance nunca é apresentado no tempo presente, tanto que em *A Saga dos Völsung*, ela é citada apenas antes de encontrar Gunnar e, na *Edda*, é apresentada apenas após a morte dele, em *Oddrúnargrátr*.¹⁴⁸

Em *Oddrúnargrátr*, Oddrun expõe todo o seu sofrimento a Borgny, filha do rei Heidrek, a quem ela acabou de ajudar no parto. A cena é um ensejo para as reminiscências de como havia sido julgada por Borgny anteriormente: “Man ec, hvat þú mæltir enn um aptan / þá er ec Gunnari gerðag drecco; / slícs dœmi qvaðattu síðan mundo / meyio verða nema mér einni.”¹⁴⁹ (12). O ato de preparar a bebida para Gunnar indica uma intimidade maior entre o casal, a qual foi condenada por Borgny, pois Oddrun, irmã de Atli, era uma mulher nobre e se tornaria um mau exemplo para todas as mulheres. Mas, dentro da estrutura narrativa, os atos de Oddrun não encontram um julgamento tão duro, porque Borgny encontra-se em uma situação mais vergonhosa do que a dela. Após manter um caso de mais de dois anos com um cavaleiro, ela está à beira da morte devido ao parto de um casal de filhos ilegítimos. A escolha dessa co-locutora evidencia que julgar a vida dos outros é algo mais grave do que a traição ou o romance fora dos laços matrimoniais.

Ao narrar sua história, Oddrun afirma que Gunnar estava destinado para ela e não para a irmã, Brynhild, que deveria tornar-se uma valquíria: ““Mic bað hann gœða gulli rauðo / oc suðr gefa syni Grímildar / Enn hann Brynhildi bað hiálm geta, / hana qvað hann óscmey verða scyldo / qvaða hann ina œðri alna myndo / mey í heimi nema miotuðr spilti’.”¹⁵⁰ (15, 2s. – 16). Mas, como Oddrun também afirma, não era ela própria que deveria ser prezada como a melhor mulher no mundo, mas Brynhild, o que há de explicar a escolha desta em seu detrimento. Oddrun afirma ter amado Gunnar, mas a união de ambos foi proibida por Atli. Assim, eles tinham que se encontrar escondidos, o que, por fim, acabou sendo desvendado pelo seu irmão:

“Enn Atli qvaz eigi vilia / mund aldregi at megí Giúca; / þeygi við máttom við munom vinna, / nema ec helt höfði við hring brota. / Mæltó margir mínir niðiar, / qvóðuz ocr hafa

¹⁴⁸ “Os Lamentos de Oddrun”

¹⁴⁹ “Eu me lembro do que tu disseste uma noite, quando eu preparava a bebida para Gunnar. Disseste-me que tal atitude seria um mau exemplo para todas as mulheres por vir, simplesmente por eu ser capaz disso’.”

¹⁵⁰ ““Ele ordenou que eu fosse presenteada com ouro vermelho e que fosse dada ao filho de Grimhild, no sul. E ele ordenou que dessem o capacete para Brynhild, ele disse que ela deveria ser uma valquíria e deveria ser considerada a melhor mulher no mundo, a não ser que o destino interviesse’.”

orðit bæði; / enn mic Atli qvað eigi myndu / lýti ráða né löst gora. / Enn slícs scyli synia aldri / maðr fyr annan, þar er munuð deilir. / Sendi Atli áro sína / um myrkvan við, mín at freista; / oc þeir qvómo, þar er þeir koma né scyldoð, þá er breiddo við blæio eina. / Buðo við þegnom bauga rauða, / at þeir eigi til Atli segði / enn þeir óliga Atla sögðo / oc hvatliga heim scundoðo. / Enn þeir Guðrúno gorla leyndo, / þvát hon heldr vita hálfu scyldi.”¹⁵¹ (22 – 27)

Brynhild estava morta, e Atli não aceita a união de sua irmã com a família. Além da morte de Brynhild, Atli tem agora mais uma razão para desejar se vingar de Gunnar, pois ele havia manchado o nome de Oddrun.

O parentesco de Atli com Brynhild e Oddrun é uma intervenção islandesa, e pode ser explicado de duas formas, uma delas seria a tendência literária de realizar casamentos que formassem paralelos:

The decisive innovation was undoubtedly the idea that Brynhildr was Atli’s sister [...], which made the marriage of Gunnar and Brynhildr a reverse parallel to the marriage of Atli and Guðrún. How powerful this tendency towards the formation of parallels was in Scandinavia is nowhere more strikingly illustrated than in Gunnar’s desire to marry Oddún [...] after the death of Brynhildr. Atli rejects this match, and Gunnar and Oddrún become secret lovers. (GLENDINNING, 1983: 262)

A formação de casais paralelos é apenas uma das explicações para essa mudança, mas a razão mais importante continua sendo a vingança de Atli. Aparentemente a ganância não era uma justificativa boa o suficiente para o público, de forma que outros elementos são acrescentados, como o parentesco com Brynhild e Oddrun. No entanto, considerando-se a Islândia medieval, o ódio de Atli por Gunnar parece injustificado, pois o adultério era comum para ambos os sexos, tanto que a pena foi notavelmente reduzida após alguns anos:

A reading of *Sturlunga saga* leaves the impression that extramarital affairs were so common that if the sentence of lesser outlawry (*fförbaugsgarðr*), which required all men who had fathered illegitimate children to be absent for three years, had been enforced, this island would have been cleared of grown males. In a country without an executive power, however, only powerful men could enforce the law, and even they seem to have accepted the current mores. In fact, promiscuity was so common that the right granted by law to kill on the spot any man caught in *flagrante delicto* with one of six women under the avenger’s

¹⁵¹ “Atli disse que ele nunca desejaria o dote dos familiares de Gjuki. Mas já não podíamos lutar contra o nosso amor, e eu deitei a cabeça junto ao quebrador de anéis [N.T.: esse referência indicaria que Gunnar era um rei generoso]. Muitos parentes meus relataram que estivemos juntos; mas Atli me disse que eu não agiria de forma maculada ou vergonhosa. No entanto, não é possível negar coisas quando o amor está envolvido. Atli mandou seus mensageiros para a floresta escura para me testar e eles chegaram até onde não deveriam, até onde nós havíamos estendido um único lençol. Anéis de ouro vermelho foram oferecidos para que eles não contassem nada para Atli, mas eles se apressaram para a sua morada e logo lhe contaram tudo. Entretanto, esconderam isso de Gudrun, algo sobre o que ela deveria ter tomado conhecimento’.”

jurisdiction appears to have been disregarded, at least judged by one husband's comment to a visitor: "I even witnessed that you slept with my wife Guðrún three times" (St 1:198-99). It is not surprising that in *Jónsbók* the punishment was reduced to a simple fine (*Jn* 67). (JOCHENS, 1998: 39)

Jesse Byock chega a afirmar que tais casos amorosos deveriam ser de conhecimento geral: "Given the living conditions, on separated farms, extra-marital relationships were seldom secret" (2001: 132). No entanto, Oddrun não é um caso isolado, mas sim um agravante para o ódio de Atli. Como Oddrun não interfere no restante da história e tem uma função principal de exercer as lamentações por Gunnar – temática que não interessa ao gênero da saga –, ela é deixada em segundo plano em *A Saga dos Völsung*. O fato de o casal não ser recriminado na *Edda*, havendo apenas uma reprovação do julgamento que se faz sobre o casal, pode ser encarado como uma indicação da recorrência da infidelidade e casos extraconjugais naquela sociedade.

Uma vez que Oddrun é uma personagem marginal, assim como a segunda mulher de Gunnar, a opinião de uma sobre a outra não é expressa em nenhuma das obras.

2.2.3. *Svanhild*

Svanhild, a última da linhagem de Sigurd, é dada em casamento para Jörmunrek, mas deita-se com seu filho, Randver, na viagem até as suas terras. Todos os acontecimentos são guiados por Bikki, o conselheiro do rei, desde a traição até a morte do casal, como vingança pelos seus atos. É através de Bikki que o rei fica sabendo sobre a traição: "Bikki mælti: 'þat samir, herra, at vita, [...] þótt vant sé upp at bera, en þat er um vélar þær, er sonr þinn hefir fengit fulla ást Svanhildar; ok er hon hans frilla ok slíkt eigi úhegnt'."¹⁵² (Cap.42, p.99). A vingança de Jörmunrek é extremada, exigindo a morte de seu próprio filho: "Hann mælti ok mátti eigi stilla sik af reiði, at Randve[r] skyldi taka ok á gálga festa."¹⁵³ (Cap.42, p.100). Pouco tempo depois, o rei se arrepende, mas já é tarde demais. A punição que se segue é a de Svanhild:

Enn mælti Bikki: "Engum manni áttu verri at vera en Svanhildi. Lát hana deyja með skömm!" Konungr svarar: "Þat ráð munu vér taka." Síðan var hon bundin í borgarhliði ok hleypt hestum at henni. / En er hon brá í sundr augum, þá þorðu eigi hestarnir at spora hana.

¹⁵² "Bikki disse: 'O pior que há para se saber, senhor, [...] me é muito difícil de relatar, pois tem a ver convosco. O vosso filho recebeu o amor completo de Svanhild, ela é a sua amante. Não deixeis isso passar sem punição'."

¹⁵³ "Ele ordenou que Randver fosse levado e enforcado, pois não podia acalmar a sua ira."

Ok er Bikki sá þat, mælti hann, at belg skyldi draga á höfuð henni, ok svá var gert. En síðan lét hon líf sitt.¹⁵⁴ (Cap.42, p.100)

A morte de Svanhild, pisoteada pelos cavalos, há de ter sido encarada como muito cruel, de forma que o autor tentou suavizá-la, substituindo-a por uma mais rápida e menos humilhante. Na *Edda*, a morte pelos cavalos não pôde ser evitada, e há uma certa ênfase no sofrimento da jovem, pois os cavalos teriam cavalgado lentamente sobre ela, prolongando seu sofrimento, como afirma Gudrun aos seus filhos: “Systir var yccor Svanhildr um heitin, / sú er Iormunreccr íóm um traddi, / hvítom oc svortom, á hervegi, / grám, gangtömon Gotna hrossom.”¹⁵⁵ (*Hamðismal*, 3). A crueldade de sua morte foi aliviada pelo autor da saga, que dota os animais de compaixão para que não ousem pisotear um outro ser vivo. Mas note-se que, em ambos os casos, Svanhild é esmagada. Na morte através dos cavalos, ela teria todo o seu corpo esmagado e destruído, enquanto que através da morte pelo saco apenas a cabeça é esmagada. Em ambos os casos, ocorre a desconfiguração da beleza de Svanhild, que deve ser destruída, porque foi a causadora da sua desgraça e a de Jörmunrek, o qual, em um acesso de fúria, cometeu o ato desonroso de mandar matar o próprio filho.

A agressão física contra as mulheres não é bem vista na Islândia antiga, assim como seu assassinato devia ser muito incomum.¹⁵⁶ Mas Jörmunrek, guiado encorajado por Bikki, é um homem que comete apenas atos atrozes, sendo incapaz de perdoar o próprio filho e somente se arrepende dessa idéia devido à menção à sua falta de honra. Matar uma mulher de forma tão brutal corresponde à imagem geral que se faz de Jörmunrek, um rei cruel.

2.3. Análise comparativa

Enquanto em *A Canção dos Nibelungos* há apenas uma possível traição, a qual não se concretiza, e nenhum dos envolvidos demonstra ter tido o desejo de efetuar-la, ela é recorrente em *A Saga dos Völsung*, concretizando-se de fato, mas também ocorre sempre devido aos sentimentos inflamados das personagens. É difícil de se verificar se a traição era mais freqüente na Islândia do que na Europa central, muito provavelmente, a diferença

¹⁵⁴ “Bikki disse: ‘Svanhild merece o pior de ti. Deixa-a morrer vergonhosamente!’ O rei respondeu: ‘Aceitarei esse conselho.’ Logo depois ela foi amarrada na ponte do forte e os cavalos foram guiados até ela, mas, quando ela abriu os olhos, os cavalos não ousaram pisoteá-la. Ao ver isso, Bikki ordenou que um saco de couro fosse jogado sobre a cabeça dela, e isso foi feito. Assim ela deixou a vida.”

¹⁵⁵ “A vossa irmã, Svanhild era o nome dela, foi pisoteada por cavalos brancos no caminho das tropas e pretos a comando de Jörmunrek. E pelos cavalos cinzas treinados pelos godos para cavalgar devagar.”

¹⁵⁶ Vide KRAUSE, 1926: 13.

estaria apenas na aceitação que encontrava, ou no fato de ela se tornar facilmente pública na Islândia, contrariamente ao que ocorria na Europa Central, onde era mais dissimulada.

A recorrência de traições sobressai em *A Saga dos Völsung*, o que poderia indicar uma aceitação levemente maior na Islândia, pois os amantes sempre se gostam de forma sincera – salvo Svanhild e Randver, que não têm seus sentimentos descritos em nenhum dos manuscritos. Os amantes são personagens dignas de compaixão, mesmo que esta seja expressa pelos animais, como ocorre com Svanhild. Mas todos os casos de infidelidade em *A Saga dos Völsung*, assim como em *A Canção dos Nibelungos*, terminam de forma trágica, com a morte de um dos amantes, quando não com a morte dos dois.

A traição é sempre vergonhosa, julgada pelos outros e ela pede um desenrolar dramático da história. A simples menção de um adultério em *A Canção dos Nibelungos* é suficiente manchar a reputação de Brünhild e marcar Siegfried com a morte, o qual morre para que a honra dela seja protegida de uma calúnia. Em ambos os casos, a mulher ofendida, Brünhild/Brynhild exige vingança, mas apenas em *A Saga dos Völsung* é ela quem convence seu marido, o que remete às leis referentes ao adultério: “If a man lies with a man’s wife, that case is to be prosecuted by the end of the third assembly if not prosecuted sooner. Rumours are not to sway in such a case – only if she tells her husband.” (*Grágás*, 2000: 276; St § 153; II 182/8-16; cf. K p.74). Não são as palavras levianas de Gudrun ou as palavras de Sigurd que importam, mas as afirmações de Brynhild, que mente e afirma que houve, de fato, o contato sexual nas suas primeiras noites de núpcias. A palavra da esposa está acima de todas as outras.

A traição é um ponto controverso, pois mesmo aparecendo com frequência maior na saga, ela sempre tem um final trágico. A tentativa de mostrar que não se devem julgar tais casos ocorre isoladamente na *Edda*, sem ser repetida em *A Saga dos Völsung*, sendo que Oddrun é visivelmente afastada da história. Isso pode ter ocorrido por não ela ter uma finalidade definida, ou por não ser uma figura positiva que poderia sofrer um julgamento mais “pesado” da sociedade. Já Svanhild tem sua pena suavizada pelo autor, fato que indica que a punição anterior seria muito dura para a infração que ela havia cometido.

Siegfried/Sigurd é duramente castigado pelo possível adultério, porém não por ter traído sua própria mulher, mas sim por ter causado, direta ou indiretamente, a calúnia do nome de uma mulher casada com um importante rei. O fato de essa história ter sido

espalhada por Kriemhild parece ser de maior importância em *A Canção dos Nibelungos*, porque ela também deve receber uma punição, a qual é muito menos significativa do que aquela que Siegfried virá a sofrer. Uma punição para Gudrun sequer é cogitada em *A Saga dos Völsung*, na qual é Sigurd que deve ser castigado para acalmar os ânimos de Brynhild.

Em ambas as sociedades, a traição feminina tinha um peso muito maior do que a masculina. Na Europa central, o valor elevado da fidelidade feminina se deve ao fato de essa ser a única forma de assegurar a paternidade. Já a fidelidade masculina não era tão valorizada, uma vez que não apresentava tais riscos.¹⁵⁷ Sendo assim, Kriemhild lida com a possibilidade de seu homem ter se deitado com outra com uma certa naturalidade, chegando até a demonstrar um certo orgulho em apresentar esse possível adultério à Brünhild. Mas a possibilidade de Brünhild ter se deitado com outro homem traz um grande desconforto, exigindo que medidas sejam tomadas.

Na Islândia, essa atenção maior é dispensada com as mães solteiras. O embaraço era causado pelos interesses da Igreja, e não pelo sangue da criança, pois a questão não era sua paternidade:

At first, churchmen attempted to impose gender equality among lay people in certain areas of human conduct, but they quickly singled out women for harsher punishment in sexual crimes. The discrimination, moreover, increased over the years. [...] the new Christian law for Norway and Iceland imposed harsher fines on women than men. The rise of misogyny was particularly noticeable in liturgical matters where churchmen's authority was unopposed: thus unmarried mothers were not preceded by lighted candles on festive occasion when a woman was received back in church after the confinement. (JOCHENS, 1998: 164-165)

Por isso nenhuma ação imediata é tomada quando Gunnar fica sabendo das acusações que foram feitas. A esposa deve continuar insistindo, sofrendo uma depressão que excede dias, até que uma providência seja tomada. Já Jörmunrek manda matar ambos, o filho e a noiva, sem fazer qualquer distinção entre eles. A morte cruel de Svanhild não há de ter sido ocasionada apenas pela sua beleza, mas também porque ela teria sido a causadora, indireta, de uma desonra ainda maior que seria a morte do filho por ordens do próprio pai.

¹⁵⁷ Vide DUBY, 1993: 154; *ibidem*, 1990: 152.

Uma outra diferença de certa relevância é a questão do divórcio. Quando Brynhild e Gunnar começam a ter problemas, sua possibilidade é levantada em dois momentos díspares e por diversas razões: em nome do amor, quando Sigurd pede que ela parta com ele, e devido ao fato de Gunnar não estar se demonstrando um bom marido, por não defender sua mulher. A separação é uma possibilidade dentro daquela sociedade, mas não é a solução desejada e é evitada pelo casal, que chega a ver a morte de outros como uma escolha mais aceitável e menos degradante.

O divórcio também era possível na Europa ocidental, embora costumasse ser restrito aos mais poderosos, que não seguiam à risca os mandamentos da Igreja:

Essa sociedade não é estritamente monógama. Sem dúvida, ela só autoriza uma esposa por vez. Mas não nega ao marido, ou antes, a seu grupo familiar, o poder de romper a união de acordo com a sua vontade, de afastar a esposa para buscar uma outra, de reiniciar, se necessário, a caça aos bons partidos. (DUBY, 1989: 16)

Mas, mesmo havendo essa possibilidade, ela não se enquadra em *A Canção dos Nibelungos*. Em primeiro lugar, porque cabia ao homem se decidir pelo divórcio, e Gunther não tinha razões para tanto, uma vez que Brünhild era inocente das acusações. Em segundo lugar, pois o divórcio poderia fazer parte da realidade daquela sociedade, mas não seria aceito em um romance cortês, não cabendo nem mesmo como uma ameaça vinda de Brünhild, que tinha as mãos atadas no que se referia à defesa da própria honra.

Capítulo III - Maternidade

Aqui será analisada a influência que a maternidade tem sobre as personagens femininas, não apenas a relação entre mãe e filhos, a qual é notoriamente apagada em *A Canção dos Nibelungos*, mas todas as conseqüências que esta traz à vida da mulher, como, por exemplo, o acréscimo de poder ou respeito para aquelas que se tornaram mães, ou mesmo fatores que cercam a criança, como o sexo delas ou o número de filhos que as personagens trazem ao mundo durante a narrativa. A relação que cada uma das sociedades representadas têm com a maternidade e crianças apresentam nítidas diferenças entre si, as quais são claramente refletidas nessas obras.

1. Maternidade em *A Canção dos Nibelungos*

1.1. *Kriemhild e Siegfried*

Durante o casamento, encerrado abruptamente devido ao assassinato do marido, o principal casal de *A Canção dos Nibelungos* gera apenas um filho, o qual chega notoriamente tarde, após dez anos:

In disen grôzen êren lebt' er, das ist wâr, / und rihte under krône unz an daz zehende jâr, / daz diu vil schoene vrouwe einen sun gewan. / daz was des küneges mâgen nâch ir willen ergân. / Den îlte man dô toufen und gap im einen namen, / Gûnther, nâch sînem œheim. des endôrft' er sich niht schamen, / geriet' er nâch den mâgen, daz wær' im wol ergân. / dô zôh man in mit vlîze; daz was von schûldén getân.¹⁵⁸ (715 – 716)

Não se desperdiçam mais do que duas estrofes com os relatos sobre o nascimento do herdeiro, ele é desejado pelos familiares do rei, mas não há menção aos sentimentos dos pais pelo filho. O texto esclarece que ele logo é batizado, indicando que Kriemhild e Siegfried cumpriram sua função como pais. No entanto, a seqüência narrativa demonstra que a importância desse nascimento não é tão grande pela criança em si, mas devido a toda simbologia que o herdeiro homem traz consigo. Após dar a luz a um menino, Kriemhild estaria pronta para tornar-se rainha de Xanten. Por esse motivo Siegelind, mãe de Siegfried, morre ao mesmo tempo em que seu neto nasce: “In den selben zîten starp vrou Sigelint. / dô

¹⁵⁸ “Siegfried viveu com grandes honras, isso é verdade, e governou as suas terras, usando a coroa, durante dez anos até que a sua bela mulher teve um filho, como desejavam os familiares do rei. Os pais apressaram-se em batizá-lo e dar-lhe um nome. Ele foi batizado Gunther, como o seu tio, e não devia se envergonhar disso, pois seria um bom homem, se ele se saísse aos seus parentes. O menino foi criado com todo o cuidado, como era devido.”

hét den gewált mit alle der edeln Uoten kint, / der sô rîchen vrouwen ob landen wol gezam.”¹⁵⁹ (717, 1-3). Apenas ao dar a luz ao tão desejado filho, Kriemhild prova seu valor como mulher e pode assumir plenamente o trono.

Essa criança tem apenas um valor simbólico e isso fica claro quando seus pais viajam para Worms. Sendo muito pequeno para acompanhá-los em uma viagem tão longa, ele é deixado em casa, para nunca mais reencontrar os pais: “Dâ heime si dô liezen Sîfrides kindelîn / unt sun den Kriemhilde. daz muos’ et alsô sîn. / von ir hovereise im erstúont míchel sêr: / sîn vater unt sîn’ muoter gesach daz kindel nimmer mêr.”¹⁶⁰ (780). Não se pode afirmar que tal separação tenha sido causada por “força maior”, pois, embora a morte aguarde Siegfried, Kriemhild encontra-se em perfeitas condições de voltar para seu filho, mas não o faz por não considerá-lo um familiar: “Dô sprach diu vrouwe Kriemhilt ‘mir râtent vriunde mîn, / swaz ich hân dér getriuwen, ich súl hie bî in sîn. / ich habe niemen mâge in Nibelunge lant’.”¹⁶¹ (1085, 1-3). É o pai de Siegfried que a recorda da existência do menino, e pede que ela não deixe a criança órfã: “Und vart ouch mit uns widere durch iuwer kindelîn. / daz ensúlt ir níht, vróuwe, weise lâzen sîn. / swenne iuwer sun gewahset, der trœstet iu den muot. / die wîle sol iu dienen manic hélt küene und guot.”¹⁶² (1087). Embora Siegmund aponte para a necessidade de Kriemhild retornar para criar o filho, ele reconhece que o menino não é de grande importância enquanto pequeno e oferece-lhe os serviços de muitos homens até que Gunther atinja a idade adulta.

Sendo uma criança pequena que sequer pode seguir em uma longa viagem junto com os pais, Gunther não tem valor algum para os padrões da Idade Média. Essa era uma época na qual não se tinha a imagem atual da infância, e na qual a criança não passava de um “adulto em miniatura”:

In medieval iconography the child was viewed as a miniature adult. [...] The child is indiscernible among adults of his own class. Ariés finds very few manifestations of emotion towards children. If they survived and grew to adulthood they could contribute to joint ventures and constitute an additional source of power within the family, but there was no

¹⁵⁹ “Ao mesmo tempo morreu Sieglind. E a filha da nobre Ute passou a ter poder sobre tudo, como é devido a uma poderosa senhora.”

¹⁶⁰ “O filho de Siegfried e Kriemhild foi deixado em casa, como tinha de ser. Essa viagem ainda lhe traria muito sofrimento, pois a criança nunca mais voltaria a ver o seu pai e a sua mãe.”

¹⁶¹ “Então Kriemhild disse: ‘Meus parentes me aconselharam a permanecer aqui, com aqueles que me são fiéis. Eu não tenho parentes nas terras dos nibelungos’.”

¹⁶² “Viajai de volta conosco em nome de vosso filho, não o deixeis órfão. Quando crescer, ele servir-vos-á de consolo. Enquanto isso, muitos bons e corajosos guerreiros irão vos servir.”

existential relationship between parents and children, certainly not in childhood. (SHAHAR, 1990: 103)

O filho só é considerado pelos pais quando atinge a idade adulta e pode interagir com eles no mesmo universo. O mundo infantil não era encarado como diferente do adulto, por isso não havia meios para que os pais tentassem se deslocar da sua realidade e compreender melhor os filhos pequenos. Como aponta Katherine Walsh: “Die Mutterliebe zur Kleinkindern ist eine Erfindung der Moderne”¹⁶³ (1990: 505).

Os relatos sobre Christine de Pisan (nascida mais de um século depois da escritura de *A Canção dos Nibelungos*) demonstram que esse amor às crianças pequenas demorou a se desenvolver na sociedade ocidental. Sua atitude assemelha-se à reação ensaiada por Kriemhild: “Nor does Christine de Pisan make any mention of her young children. She, who mourned her dead husband in numerous poems, never writes a word about one of her children who died in infancy.” (SHAHAR, 1990: 142). Assim como Christine de Pisan, Kriemhild lamenta apenas a morte de seu marido, sua dor é tão grande, que ela acaba por deixar para trás qualquer possível preocupação com o filho em tenra idade.

O filho de Siegfried e Kriemhild parece não ter importância alguma, a ponto de ser deixado para trás pela mãe, em contrapartida, seu nascimento é de um simbolismo muito forte, pois, ao dar à luz, ela prova sua utilidade como mulher e ganha poder. No entanto, a morte do marido abate a mãe de tal forma, que ela perde o interesse pelo poder que esse filho lhe traz e acaba por abandoná-lo em função do luto.

1.2. *Brünhild e Gunther*

Na mesma época em que Kriemhild gera seu filho, nasce o de Gunther. O relato sobre ele é tão curto quanto o que é feito sobre o filho de Kriemhild, ocupando apenas duas estrofes:

Nu het ouch dort bî Rîne, sô wir hoeren sagen, / bî Gûnthér dem rîchen einen sun getragen / Prûnhild diu schœne in Bûrgonden lant. / durch des heldes liebe wart er Sifrit genant. / Wie rehte vlîzelîchen man sîn hûeten hiez! / Gûnthér der edele im magezogen liez, / die ez wol kunden ziehen ze einem bîderben man.¹⁶⁴ (718 – 719, 1-3)

¹⁶³ “O amor maternal pelas crianças pequenas é uma invenção da Modernidade.”

¹⁶⁴ “No Reno, a bela Brünhild deu um filho ao poderoso Gunther, assim ouvimos contar nas terras dos burgúndios. Devido ao apreço que tinham pelo herói, ele foi chamado de Siegfried. Como ele foi criado cautelosamente! O nobre Gunther escolheu educadores que pudessem criá-lo para ser um grande homem.”

Assim como quando o filho de Kriemhild nasce, há uma menção à excelente criação que o menino recebe. A criança não volta a ser mencionada em ponto algum do livro, mesmo depois de já ter crescido, quando seu pai viria a ser morto nas festividades no reinado de Etzel. Essa criança não passa de um elemento do casamento, que não tem consequência alguma no decorrer de *A Canção dos Nibelungos*. O único fato importante a ser mencionado aqui é seu nome. Ambos os casais homenageiam o homem da outra família, Kriemhild dá a luz a Gunther, e Brünhild a Siegfried, o que enfatiza o apreço que era nutrido entre eles, assim como o tamanho da tragédia que é a morte de Siegfried.

1.3. *Helche e Etzel*

Quando a história passa a ser focada em Etzel, Helche já está morta, de forma que não há nenhum relato claro sobre relacionamento entre eles. Tudo o que se sabe é que ela era uma rainha muito estimada por todos, o que é expresso através dos sentimentos Gotelinde por Helche: “Dô diu margrâvinne die botschaft vernam, / ein téil wás ir leide, weinens si gezam, / ob si gewinnen solde vrouwe alsam ê. / sô si gedâht’ an Helche, daz tet ir inneclîche wê.”¹⁶⁵ (1161). Uma vez que não há muitas informações sobre como teria sido o casamento deles, algumas questões ficam abertas. É sabido que Helche não deixou filhos, mas isso não fez com que o povo gostasse menos dela, ou com que Etzel desejasse a anulação do matrimônio, como era comum quando não gerava prole:

Da Nachkommenschaft dem Mittelalter als Endziel jeder Familiengründung galt, wurde die Geburt eines Kindes stets festlich begangen. Denn Unfruchtbarkeit der Frau oder Zeugungsunfähigkeit des Mannes galten nicht bloß als schwerer gesellschaftlicher Mangel, sondern waren für das rigide Kirchenrecht sogar ein berechtigter Grund zur Nichtigkeitserklärung (*Annulation*) einer ehelichen Verbindung.¹⁶⁶ (WALSH, 1990: 500)

A razão para não haver nenhum tipo de recriminação a tal fato pode variar. Uma possibilidade é a pouca importância que se dá às crianças em todo o livro, pois, embora seu nascimento sempre seja descrito com alegria, são rapidamente deixadas em segundo plano. Dentro de uma esfera fictícia, na qual elas aparentam não ter tanta relevância, assim como

¹⁶⁵ “Quando ouviu a notícia, a margravina entristeceu-se e teve que derramar algumas lágrimas, se questionando se teria uma senhora tão boa quanto foi a sua. Doía-lhe no âmago pensar em Helche.”

¹⁶⁶ “A prole era o objetivo final da constituição de uma família, por isso o nascimento de uma criança era sempre solenemente comemorado. A esterilidade de uma mulher ou de um homem não era apenas considerada uma séria falta social, mas até mesmo uma razão legítima para a anulação do casamento segundo a rígida lei da Igreja.”

nascem apenas depois de vários anos de casamento, não é estranho que o povo não recrimine Helche. Outra razão seria aquela apontada em *Piðreksaga*, na qual a esposa de Attila não é estéril, mas todos seus filhos haviam morrido em batalha, de forma que ela não deixa herdeiros. O fato de Ortlieb ser filho único, assim como o apreço de todos por Helche são dados mais relevantes do que a inexistência de outros, por isso, maiores informações são deixadas de fora da narrativa.

1.4. *Kriemhild e Etzel*

Assim como nos outros casamentos, Kriemhild demora anos para gerar o primeiro filho, mas esse nascimento é marcado pela alegria do pai, a qual não é esboçada em outros nascimentos:

Mit vil grôzen êren, dáz ist álwâr, / wónten si mít ein ander unz an daz sibende jâr. / die zît diu küneginne eines súns wás genesen. / des kunde der künic Etzel nimmer vrœlîcher wesen. / Sine wólde niht erwinden, sine wúrbe sint, / daz getoufet würde daz Étzélen kint / nâch kristenlîchem rehte; ez wart Órtlîep genant. / des wart vil michel freude über élliu Etzelen lant.¹⁶⁷ (1387 – 1388)

Etzel já tinha idade avançada e não tinha herdeiros, o que explica a exacerbada alegria do pai e de seus súditos. Assim como no relato sobre o nascimento do primeiro filho de Kriemhild, a primeira preocupação em relação à criança é o batismo. Porém, esta não é uma informação concreta, há apenas uma forte preocupação, sem que fique claro se ela teve sucesso ou não. O sacramento é vital, pois não se acreditava que o valor estava na procriação em si, mas em criar os filhos como verdadeiros cristãos e perpetuar a palavra de Deus:

Even within the family framework, the procreation of children is not a value in itself. Only the provision of a true Christian education can be regarded as a value. To have offspring is good because children can be trained in the worship of God, and not because of the desire of human beings to produce heirs or of the human race to proliferate. Thomas Aquinas stresses that when procreation is referred to as one of the objectives of marriage, the reference is not to the actual begetting of children but to their education. (SHAHAR, 1990: 99)

¹⁶⁷ “Eles viveram com grandes honras até o sétimo ano, quando a rainha teve um filho. O rei Etzel não poderia ter ficado mais feliz. Ela não queria desistir de tentar batizar o filho de Etzel na fé cristã, ele recebeu o nome Ortlieb. Houve muita alegria em todo o país de Etzel.”

Como o pai, Etzel, permaneceu pagão mesmo depois do casamento e, uma vez que seu sangue tem mais importância do que o da mãe, é pouco provável que Kriemhild tenha conseguido batizar a criança, mas é importante frisar que ela cumpriu seu papel como mulher cristã.

Assim como ocorre com seu primeiro filho, Kriemhild passa a exercer maior autoridade a partir do momento em que concebe Ortlieb, um filho homem, pois é somente então que ela pede que Etzel chame sua família para o reino. Mesmo ela já tendo os poderes de uma rainha plena, tal nascimento faz com que sua influência sobre o marido aumente consideravelmente.

Etzel é o único pai em *A Canção dos Nibelungos* que demonstra apreço pelo filho, mas, paradoxalmente para os valores modernos, ele o faz ao mesmo tempo em que pede que a família de sua mulher leve Ortlieb:

Dô der künec rîche sînen sun ersach, / zuo sînen konemâgen er gûetlîch sprach: / „nu seht ir, friunt die mîne, daz ist mîn einec sun, / und ouch iuwer swester: daz mac iu allen wesen frum. / Gevæht er nâch dem künne, er wirt ein kûene man, / rîch ûnd vil edele, starc unde wol getân. / leb ich deheine wîle, ich gib’ im zwêlf lânt: / sô mag iu wol gedienen des jungen Ortliebes hant. / Dar umbe bit’ ich gerne iuch, liebe friunde mîn: / swenne ír ze lande rîtet wider an den Rîn, / sô sult ir mit iu fûeren iuwer swester sun / und sult ouch an dem kinde vil genædeclîchen tuon. / Unde zieht in zen êren, unz er wêrde ze mán. / hât iu in den landen iemen iht getân, / daz hilfet er iu rechen, gewâhset im sîn lîp.”¹⁶⁸ (1914 – 1917, 1-3)

É importante notar a menção que Etzel faz à possibilidade de viver mais algum tempo, o que indica sua idade avançada e a possibilidade de falecer antes que Ortlieb alcance a idade adulta. Por ignorar o quanto viverá, Etzel pede que a família de sua esposa crie o menino, porque era composta de bravos e confiáveis homens e assim ele garantiria a educação do filho. Ortlieb ainda é uma criança pequena, mas o rei aponta o poder que ele terá, uma vez que, além do eventual apoio que poderá oferecer à família em uma eventual vingança, Etzel dar-lhe-ia doze terras enquanto ainda fosse jovem.

¹⁶⁸ “Quando o poderoso rei viu o seu filho, ele disse amavelmente aos parentes de sua esposa: ‘Vede, meus amigos, esse é o meu único filho e também o único filho de vossa irmã, isso pode ser útil a todos vós. Se ele puxar aos seus familiares, será um homem valente, poderoso, muito nobre, forte e belo. Se eu viver por mais algum tempo, dar-lhe-ei doze países, assim o jovem Ortlieb poderá vos prestar serviço. Meus caros amigos, é por isso que vos peço: quando cavalgardes de volta ao Reno, levai o filho vossa irmã e cuidai da criança com afeto. Criai-no com todas as honras até que se torne um homem. Se alguém fizer algo contra vós em vossas terras, ele irá ajudar-vos a vos vingar quando for um homem adulto.’”

Algum tempo depois desse pedido, Hagen mata Ortlieb diante de seus pais. É a partir desse momento que a grande batalha se inicia, Etzel tem que vingá-lo. A morte de um herdeiro era uma grande perda, especialmente em casos nos quais esse era o único filho:

Der Tod eines Kindes war oft nicht nur ein emotionaler, sondern auch ein materieller Verlust. Adlige verloren den Stammhalter, wohlhabende Stadtbewohner den Erben, dem sie ihren Besitz vermachen wollten, und die Stütze ihres Alters (*baculum senectutis*).¹⁶⁹ (SHAHAR, 1991: 184)

Apesar de significativa, nenhuma menção é feita ao pesar dos pais, já que o desenrolar da história é de ação, não havendo tempo para o luto. Ortlieb tem uma grande importância como herdeiro de Etzel, mas assim como o pequeno Gunther, ele também não passa de uma criança de colo, cuja perda como indivíduo não é tão representativa.

2. Maternidade em A Saga dos Völsung

2.1. *Brynhild e Sigurd*

Antes que se casem, formando pares distintos, há dois encontros entre Brynhild e Sigurd seguidos de juras de amor. Os quais são marcados por alguma sensualidade. No primeiro, ele rompe a cota de malha dela para descobrir que ela é uma mulher e, no segundo encontro, Brynhild serve a bebida para Sigurd, o que é um gesto marcado pelo erotismo na literatura islandesa, podendo-se supor que a relação sexual teria se dado nesse momento. Mesmo sem descrições mais claras das relações entre eles, esses encontros resultam em uma filha, a qual é citada uma única vez no decorrer da história, quando Brynhild parte para se casar com Gunnar e deixa-a com seu pai de criação, Heimir: “Brynhildr mælti: ‘Dóttur okkar Sigurðar, Áslaugu, skal hér upp fœða með þér’.”¹⁷⁰ (Cap.29, p.68).

Como até o encontro mais furtivo ocasionou uma gravidez, o ato sexual resulta quase que necessariamente em um filho. Ironicamente, toda a preocupação que há com esse ato envolve apenas a possível traição durante as núpcias, mas não a filha que Brynhild deixou para trás.

¹⁶⁹ “Muitas vezes, a morte de uma criança não era apenas uma perda emocional, mas também material. Nobres perdiam o primogênito, os habitantes mais ricos perdiam o herdeiro, a quem eles deixariam as suas posses e o suporte na idade avançada (*baculum senectutis*).”

¹⁷⁰ “Brynhild disse: ‘Minha filha com Sigurd, Aslaug, será criada aqui contigo.’”

Como já foi apontado anteriormente em “Fatores que levam ao casamento”, Sigurd deveria criar a filha ilegítima de Brynhild, mas ela prefere deixar a menina para ser educada por seu pai de criação, Heimir, de forma a seguir em seu casamento com Gunnar, sem levá-la consigo, o que poderia criar problemas.

Não há como saber se Aslaug teria sido mencionada na *Edda Poética*, pois as páginas que seriam referentes a esse encontro estão faltando, mas é provável que não, porque ela também não é citada no breve resumo que Snorri Sturluson faz da história na *Edda em prosa*. Ela não devia fazer parte da história original, mas o autor de *A Saga dos Völsung* incluiu uma breve citação à menina, devido à existência da saga sobre *Ragnar Loðbrók*, que apresenta vários paralelismos com a história de Sigurd, ao narrar a história de Aslaug e seu marido, Ragnar. Por mais que Aslaug não faça parte daquela que seria a narrativa original, a saga de *Ragnar Loðbrók* deixa claro que, para os islandeses, os encontros entre Sigurd e Brynhild seriam o suficiente para gerar um filho.

Em *Ragnar Loðbrok* encontra-se mais uma possível razão para que Brynhild tenha se decidido por deixar a filha com Heimir, e não aos cuidados de Sigurd, junto à família do rei Gjuki. No entanto, tal explicação tem uma lógica apenas dentro da estrutura da saga, uma vez que os pares dessa história, – Sigurd e Gudrun, Brynhild e Gunnar – são formados com base em uma traição. Aslaug poderia correr perigo vivendo naquele meio, o qual não é evidente em um primeiro momento, mas que é claro quando o desfecho trágico ocorre. Dessa forma, é a partir desse exato momento que se inicia a narrativa sobre Aslaug, em *Ragnar Loðbrok*:

Heimir in Hlymdalit vernahm diese Kunde, daß Sigurd und Brynhild tot wären; Aslaug aber, ihre Tochter und Heimirs Pflegekind, war damals drei Winter alt. Er vermutete, daß man nach dem Mädchen forschen würde, um sie zu töten und so ihr Geschlecht auszurotten.¹⁷¹ (1923: 139)

Esse pressuposto não é exagerado, visto que as grandes batalhas na Islândia se davam por disputas familiares e, muitas vezes, todos de uma linhagem acabavam por ser mortos, como ocorre com o próprio filho de Sigurd.

¹⁷¹ “Heimir in Hlymdalir recebeu a notícia de que Sigurd e Brynhild estariam mortos; Aslaug, a filha deles e filha de criação de Heimir, só tinha três anos e ele presumiu que fossem atrás da menina para matá-la e exterminar a sua linhagem.”

Todo o cuidado que há em torno de Aslaug aponta para um outro dado importante. Não era incomum o infanticídio de meninas na Europa medieval, pois elas eram consideradas inferiores aos homens e não seriam de grande proveito para a família, podendo oferecer pouca ajuda no trabalho. Mas esse quadro se desenvolveu de forma muito diferente na Islândia, porque existiam poucas mulheres na ilha, de forma que o nascimento delas sempre foi muito bem-vindo, assim como havia uma certa simpatia por bebês, mesmo que fossem meninas, como é confirmado pelo seguinte relato:

Female infanticide is a common phenomenon in traditional societies, including the North, and historically it has been halted primarily by the intervention of Christianity. There are indications, however, that pagan Icelanders came to welcome baby girls on their own, undoubtedly because of their reproductive potential. For example, when a couple and a baby girl survived a shipwreck in Northern Iceland, a man on shore, known as “a viking and a bad man”, killed the parents but “took the girl and raised her”. (ANDERSON, 2002: 138)

Heimir preza tanto por Aslaug que perde a própria vida enquanto tenta salvar a criança. Deixar o filho para que fosse criado por outra família não era incomum na Islândia e também não delatava falta de cuidado com os próprios. Além de Aslaug, há outro exemplo disso na saga: a própria Brynhild. Esse hábito, além de ser comum, podia trazer laços que duravam uma vida toda:

Es war im alten Island ein oftgeübter Brauch, Kinder in eine andere Familie zu geben und sie da aufwachsen zu lassen (*barn-fóstr*). Sie wuchsen dann gewöhnlich ganz mit deren Kindern auf, hießen ihre Ziehbrüder oder Ziehschwestern und galten als ihnen gleichgestellt. Aber es war keine Adoption, sondern nur eine Übernahme auf eine begrenzte, jedoch nicht allgemein festgelegte Zeit. Auch konnten daraus Verpflichtungen nach sich. Die Gründe für diese Fortgabe eines Kindes waren verschieden und werden in den meisten Fällen nicht genannt. Meist waren es geringere Leute, die solche Kinder zu sich nahmen, oft mit der Absicht, dadurch in den Schutz eines Stärkeren zu kommen.¹⁷² (KUHN, 1971: 94-95)

Embora apenas as famílias de origem mais simples sejam citadas no texto, isto não era uma regra. O respeitado escritor e historiador Snorri Sturluson não nasceu na família Sturluson, mas era de origem simples e foi criado pelos Sturluson, o que lhe deu a

¹⁷² “Dar os filhos para uma outra família e deixar que ela os criasse (*barn-fóstr*) era um costume comum na Islândia. Eles costumavam crescer junto às crianças dessa família, chamavam-se de irmão ou irmã de criação e consideravam-se iguais. Mas tal ato não era equivalente a uma adoção, eles cuidavam da criança por um tempo limitado, embora não definido. Daí também nasciam amizades para toda a vida, mas isso não trazia obrigações permanentes. As razões para a doação de uma criança eram diferentes e em muitos casos não são mencionadas. De costume, eram pessoas mais simples que tomavam essas crianças com a intenção de passar a receber a proteção de alguém mais poderoso.”

possibilidade de se aprofundar em seus estudos e produzir suas grandes obras. Brynhild é filha de Budli, que, segundo a saga, seria da família mais poderosa juntamente com os filhos de Gjuki, mas é criada por Heimir, que também é um homem da alta nobreza. Como foi visto anteriormente, a palavra de ambos vale para assuntos mais formais, tanto que, quando Gunnar pede a mão de Brynhild em casamento, ambos os pais, o biológico e o de criação são consultados. Mas como Brynhild parece dar mais valor à palavra de seu pai de criação, a quem procura para pedir conselhos, o laço sentimental parece ser mais forte. A ligação que Heimir tem com suas filhas de criação, Brynhild, e mais tarde Aslaug, prova que tal relação não devia em nada à existente entre pais biológicos e seus filhos.

2.2. *Gudrun e Sigurd*

O filho de Sigurd tem pouca importância em *A Saga dos Völsung*. As menções que são feitas a ele são breves e apenas indicam o final que lhe aguarda. Ao contrário do que ocorre na *Edda Poética*, seu nome sequer é citado na saga. O leitor só é informado sobre o menino quando Brynhild pede a sua morte: “Þá mælti Brynhildr: ‘Þú skalt láta bæði ríkit ok feit, lífit ok mik, ok skal ek fara heim til frænda minna ok síþja þar hrygg, nema þú drepir Sigurð ok son hans’.”¹⁷³ (Cap.32, p.77). A atitude de matar o filho junto ao pai parece ser óbvia, tanto que Sigurd demonstra preocupação enquanto morre, pedindo que sua mulher zele pela criança: “Þínir brœðr lifa þér til gamans, en þess til ungan son á ek, er kann eigi at varask fjáendr sína. Ok illa hafa þeir fyrir sínum hlut sét.”¹⁷⁴ (Cap.32, p.79). Tanto seu destino está selado, que não é necessário que o autor volte a mencioná-la ou que descreva sua morte.

A razão pela qual Brynhild deseja a morte do filho de Sigurd é clara dentro da lógica das sagas islandesas, e o autor de *A Saga dos Völsung* decidiu-se por excluir a explicação dada por Brynhild na *Edda Poética*: “Látom son fara feðr í sinni! / scalat úlf ala ungan lengi; / hveim verðr hölða hefnd léttari / síðan til sátta, at sonr lifi.”¹⁷⁵

¹⁷³ “Brynhild disse: ‘Tu irás perder tanto o poder quanto a riqueza, a vida e eu, e eu voltarei para casa para os meus familiares, e ficarei lá, entristecida, a não ser que tu mates Sigurd e seu filho’.”

¹⁷⁴ “Teus irmãos irão viver para te trazer alegria, mas eu tenho um filho muito jovem, que não pode se defender contra os seus inimigos. Teus irmãos provaram que não são bons.”

¹⁷⁵ “Deixa que o filho siga o mesmo caminho que o pai! Não nutras o lobo por tanto tempo, a vingança recairá facilmente sobre ti se o filho ainda estiver vivo.”

(*Sigurðarqviða in scamma*, 12). Eram os descendentes que costumavam vingar os pais, e deixá-lo sobreviver representava uma séria ameaça para o futuro.

Em *A Saga dos Völsung*, Sigurd é o único que demonstra preocupação com a perda de seu filho, já que Gudrun sofre somente pela perda de seu marido. A dor pela perda do filho chega a ser esboçada na *Edda Poética* através da recusa de Gudrun em ter outros filhos e do pedido de seus irmãos que reconsidere o casamento com Atli como uma forma de esquecer a morte de seu marido e seu filho: “‘Vilc eigi ec með veri ganga / né Brynhildar bróður eiga; / samir eigi mér, við son Buðla / ætt at auca né una lífi’ [...] ‘svá scaltu láta, sem þeir lifi báðir, / Sigurðr och Sigmundur, ef þú sono fœðir’.”¹⁷⁶ (*Guðrunarqviða önnor*, 27; 28, 3s.). De forma geral, na saga, pouca importância é dada a essa criança que morre em seus primeiros anos de vida.

Quando Sigurd morre, Gudrun está esperando mais uma criança, a qual só será introduzida no final de *A Saga dos Völsung*. Mas, na *Edda Poética*, ela surge pela primeira vez entre as previsões que Brynhild faz antes de morrer, o que indica que a gravidez sequer era evidente naquele momento: “‘Þar er mæð borin, móðir fœðir; / sú mun hvítari enn inn heiði dagr, / Svanhildr, vera, sólar geisla.’”¹⁷⁷ (*Sigurðarqviða in scamma*, 55). Em todas as passagens que Svanhild é descrita sempre há a comparação com o sol como uma menção à sua beleza única. *A Saga dos Völsung* apresenta a dama com as seguintes palavras: “‘Guðrún átti dóttur við Sigurði, er Svanhildr hét. Hon var allra kvenna vænst ok hafði snör augu sem faðir hennar, svá at fár enn þorði at sjá undir hennar brýnn. Hon bar svá mjök af öðrum konum um vænleik sem sól af öðrum himintunglum.’”¹⁷⁸ (Cap.41, p.98). Todo o apreço que Gudrun tem por sua filha só é expresso através de seu luto, pois ela sofre muito e exige vingança. A lamentação por Svanhild é muito delimitada quando comparada à *Edda Poética*. Enquanto em *A Saga dos Völsung*, Gudrun apenas exige que os filhos vinguem a morte da filha e dá a entender que deseja morrer, na *Edda*, ela descreve todo o seu amor

¹⁷⁶ “‘Eu não desejo estar com outro homem, nem me casar com o irmão de Brynhild. Não me é propício ter filhos ou viver feliz com o filho de Budli.’ [...] ‘Tu irás te sentir como se ambos estivessem vivos, Sigurd e Sigmund, se tiveres filhos’.”

¹⁷⁷ “‘Uma menina vai nascer, a mãe irá criá-la; ela será mais radiante do que um dia claro, Svanhild, mais iluminada que um dia de sol.’”

¹⁷⁸ “‘Gudrun teve uma filha com Sigurd, ela se chamava Svanhild. Ela era a mais bela de todas as mulheres e tinha olhos penetrantes como os do seu pai, de forma que poucos ousavam encarar o seu olhar. Ela era muito mais bela do que as outras mulheres, como o sol em relação aos outros astros.’”

pela filha, aquela que era sua favorita, e deixa claro que irá se matar. Após a morte da última herdeira de Sigurd, a vida de Gudrun não faz mais sentido.¹⁷⁹

“Enn um Svanhildi sáto þýjar, / er ec minna barna bazt fullhugðac; / svá var Svanhildr í sal mínom, / sem væri sœmleitr sólar geisli. [...] Hlaðit ér, iarlar, eikiköstinn, / látið þann und hilmi hæstan verða! / megi brenna brióst bölvafult eldr, / ... um hiarta þiðni sorgir!”¹⁸⁰ (*Guðrúnarhvöt*, 15; 20)

Os versos da *Edda* confundem as lamentações com as incitações que Gudrun faz pela vingança de sua filha, confundindo duas das funções básicas da mulher nas sagas islandesas, as lamentações e a responsabilidade por garantir a vingança pela morte de familiares: “We conclude that the apparent confusion *Guðrúnarhvöt* and *Hamðismál* between incitement and lament is not accidental, the result is a redactional botch, but organic” (ANDERSON, 2002: 29). Svanhild é a única filha mulher de Gudrun e também a única por quem ela demonstra tanto afeto, porque é a herdeira que Sigurd lhe deixou.

2.3. *Gudrun e Atli*

Gudrun casa-se a contragosto com Atli, união que traria apenas tristeza e morte. Com o incentivo do filho de Högni, Gudrun vinga-se de Atli pela morte de seus irmãos: “Högni átti son eptir, er Niflungr hét. Hann hafði mikla heipt við Atla konung ok sagði Guðrúnu, at hann vildi hefna feðr síns.”¹⁸¹ (Cap.40, p.97). A vingança costuma ocorrer por meio da prole, por isso a breve aparição do filho de Högni. Nesse ponto da narrativa, praticamente todos os familiares de Gudrun estão mortos, mas ainda assim ela mata os descendentes de Atli, visto que poderiam desejar vingança mais tarde, e os serve para o pai, adicionando crueldade ao feito. As crianças não fazem nenhuma menção em se proteger da mãe, mesmo sabendo suas intenções: “Þeir svöruðu: ‘Ráða muntu börnum þínum, sem þú vilt. Þat mun engi banna þér, en þér er skömm í at gera þetta.’ Síðan skar hon þá á háls.”¹⁸²

¹⁷⁹ Note-se que essa é uma segunda tentativa de suicídio. A primeira foi após ter matado os seus filhos com Atli.

¹⁸⁰ “Svanhild sentava-se com suas damas de companhia, a minha filha favorita que eu amava com todo o coração. Svanhild era como um brilhante raio de sol no meu salão. [...] Nobres homens, levantai uma grande pira de carvalho. Fazei com que ela seja a maior sob o céu! Que seja queimado o peito tão cheio de erros, que se descongelem os sofrimentos do coração!”

¹⁸¹ “Högni deixou um filho que se chamava Niflung. Ele tinha muito ódio pelo rei Atli e disse para Gudrun que queria vingar seu pai.”

¹⁸² “Eles responderam: ‘Podes matar os teus filhos, como desejas. Ninguém irá te impedir, mas haverá vergonha para ti nesse ato.’ Depois disso ela cortou as suas gargantas.”

(Cap.40, p.96). A mãe costuma ter pleno poder sobre os filhos. Mesmo Gudrun se casa com Atli devido às ordens de sua mãe, embora saiba que a desgraça virá desse relacionamento. Os que nascem dessa união entendem que ela, como mãe, tem direito até de tirar-lhes suas vidas.

A prole é de extrema importância na Islândia medieval e a imagem de uma mãe que mata os próprios filhos é completamente destoante dos valores da região e da época, mesmo que ela faça isso para vingar seus familiares. A influência de mitos da Antiguidade Clássica é a única explicação:

Many people have thought that the poet of *Atlakviða* went too far in his account of Guðrún's revenge. Family ties were unbreakable among the early Scandinavians, and Guðrún's treatment of her children is a unique occurrence in old Scandinavian literature [...] The motif is doubtless of southern origin, and from even remoter sources than other material in the lay. A well-known theme in classical Greek literature is the death of children at the hands of father or mother; they sometimes make a meal of them too. (KRISTJÁNSSON, 1997: 68)

Em *A Saga dos Völsung*, o ato, incomum para os padrões do gênero, é descrito como cruel, mas não há lamentações sobre os filhos. Mais uma vez, a lamentação encontra-se apenas na *Edda* e foi suprimida na saga:

“Kallaraðu síðan til kníá þinna / Erp né Eitil, öltreifa tvá; / séraðu síðan í seti miðio / gullz miðlendr geira scepta, / manar meita né mara keyra.” / Ymr varð á becciom, afkár söngr virða, / gnýr und guðvefiom, gréto born Húna, / nema ein Guðrún, er hon æva grét / bræðr sína berharða oc buri svása, / unga, ófróða, þá er hon við Átla gat.¹⁸³ (*Atlaqviða in grænlenzca*, 37 – 38)

As lamentações são valiosas informações, pois em casos como esse são a única descrição que se tem das crianças, apresentadas apenas na hora da morte. A maior parte delas não consta da saga, uma razão para isso é o gênero literário: as sagas se ocupam mais de aventuras e vingança, enquanto a poesia da *Edda Poética* é mais apropriada para temas como o luto e a lamentação pela morte de entes queridos. Ao deixá-las fora da narrativa, os sinais de afeto entre pais e filhos acabam por ser sacrificados em função do gênero literário.

¹⁸³ “Nunca mais chamarás nem Erp, nem Eitil para os teus joelhos, alegres devido à cerveja. Não irás mais vê-los em meio aos assentos, generosos com o seu ouro, pondo hastes em suas lanças, aparando as crinas e cavalgando.” Houve lamentações no salão, a terrível canção dos homens, uivando sob os mantos da guerra. As crianças dos hunos choravam, todos menos Gudrun, ela nunca chorou por seus irmãos bravos como ursos, por seus queridos filhos, jovens inocentes que ela teve com Atli.”

2.4. Gudrun e Jonakr

Gudrun tem três filhos com Jonakr, são eles Hamdir, Sörli e Erp¹⁸⁴. Em *A Saga dos Völsung*, eles só aparecem enquanto vingadores de Svanhild, sob os apelos da mãe. Suas desventuras são narradas, mas nenhum vislumbre da relação entre mãe e filhos é oferecido ao leitor. Já na *Edda Poética*, há um paralelo entre os filhos de Gudrun com Atli e seus filhos com Jonakr. Assim como os filhos de Atli, Sörli sabe que o que aguarda a ele e a seus irmãos é a morte certa, e, mesmo apontando o erro para sua mãe, ele segue viagem. Mais uma vez, os filhos acatam a palavra materna, mesmo sabendo que suas decisões são errôneas:

Hitt qvað þá Sörli – svinna hafði hann hyggio – / “Vilcat ec við móður málom scipta; / orðz þiccir enn vant ycro hváro: / hvers biðr þú nú, Guðrún, er þú at gráti né færat? / Bræðr grát þú þína oc buri svása, / niðia náborna, leidda nær rögi; / ocr scaltu oc, Guðrún, gráta báða, / er hér sitiom feigir á mörom, fiarri munom deya.”¹⁸⁵ (*Hamðismál*, 9 – 10)

Sörli não apenas repreende sua mãe por enviá-lo para luta e para a morte, mas principalmente por não conseguir se lamentar pela morte de seus entes. Esse é mais um verso de lamentação suprimido da saga. Sörli pede que a mãe cumpra seu papel como mulher e chore por todos os outros familiares. Gudrun se interessa apenas pelas pessoas que eram relacionadas ao seu primeiro marido, demonstrando sofrimento pela morte de Sigurd e Svanhild e não sendo capaz de derramar uma lágrima sequer por seus irmãos ou qualquer um de seus filhos.

3. Análise comparativa

3.1. *Número de filhos*

Em um primeiro vislumbre, o que mais chama a atenção é o número extremamente limitado de crianças em *A Canção dos Nibelungos*, sempre nascidas depois de longos anos de casamento. Por sua vez, em *A Saga dos Völsung*, as crianças são recorrentes, nascem após escassas relações sexuais. Em poucos casos as uniões produzem uma criança apenas, ou nenhuma.

¹⁸⁴ Na *Edda Poética*, Erp é apenas filho de Jonakr, não de Gudrun, mas ele aparece aqui enumerado entre os filhos de Gudrun.

¹⁸⁵ “Isso disse Sörli, um homem de bom senso: ‘Não quero brigar com minha mãe, cada um de vocês dois acha que tem mais a ser dito. O que pedes agora, Gudrun, a falta que te faz chorar? Chore pelos teus irmãos e por teus queridos filhos, parentes próximos levados à luta; por nós dois, Gudrun, tu também irás chorar, nós que aqui estamos sentados, homens condenados em nossos cavalos. Longe daqui morreremos.’”

Mesmo dentro do casamento, a Igreja apenas aceitava o contato sexual se tivesse fins de procriação, sendo indevido para cristãos em qualquer outra situação:

As such they are prohibited to Christians. Nothing casts a man down from spiritual heights like contact with a female body. If sexual intercourse is to be tolerated in marriage there must be a reason originating outside the relations themselves, namely the desire to procreate. (SHAHAR, 1990: 69)

Mesmo com essa proibição, e havendo o relato sobre relações sexuais logo nas núpcias de ambos os casais – Kriemhild e Sigurd, Brünhild e Gunther –, a chegada dos filhos ainda demora dez anos. Filhos, assim como as obrigações e preocupações trazidas junto com o nascimento destes, não eram algo compatível com o amor cortês. A mulher da literatura cortesã é um objeto de admiração e não deve apresentar qualidades como o auto-sacrifício, tão entrelaçado com a imagem materna atual, espelhada na Virgem Maria:

Even courtly literature, which places woman on a pedestal, did not attribute to her those qualities of tenderness, delicacy and self-sacrifice which are usually regarded as pertaining to motherhood. Woman in courtly literature is not tender. She is adored [...] but displays no qualities of sensitivity, tenderness, self-sacrifice – all qualities of the Holy Mother. (SHAHAR, 1990: 100)

Não é apenas a literatura referente ao amor cortês que deixa a maternidade em segundo plano, a didática afirma que as mulheres têm obrigações para com seus maridos muito mais do que para com seus filhos, que também costumam ser citados como um fardo ou um castigo da carne através do prisma da Igreja.¹⁸⁶ O pouco valor dado às crianças, assim como o fato de elas destoarem desse ideal cortês pode justificar seu nascimento tardio e as descrições breves da relação entre pais e filhos.

Entretanto, os nascimentos em *A Saga dos Völsung* se dão relativamente rápido e parecem ser uma consequência lógica do casamento ou de relações sexuais. Mesmo assim, o parto raramente é relatado e, as crianças apenas são mencionadas quando fazem parte da ação. Isso também se deve ao gênero literário que não se ocuparia tanto com as alegrias do nascimento da prole:

Solange das Zusammensein von Mann und Frau in angemessenen Bahnen läuft, finden wir nach der Heirat nur Angaben über Geburt von Kindern. [...] Mit wenigen Worten übergehen die Verfasser, was sie nicht interessierte, weil es im Aufbau ihrer Erzählungen nicht

¹⁸⁶ Vide SHAHAR, 1990: 101-103.

fruchtbar gemacht werden konnte. Ein glückliches Familienleben kann ausreichend Stoff bieten für eine Idylle, nicht für eine Saga.¹⁸⁷ (HELLER, 1958: 68)

O nascimento das crianças não é de grande interesse, mas a prole não deixa de ser um dos temas fundamentais nas sagas. Devido ao fato de a Islândia ser inteiramente colonizada, sempre houve um interesse maior de seus habitantes em sua árvore genealógica, e as sagas costumam sempre oferecer um relato sobre os antecedentes do herói, provando seu valor através do sangue. Assim como os acentados, os descendentes também são de elevada importância, principalmente quando o assunto é vingança, pois os familiares sempre devem vingar a morte daquele que é do mesmo sangue. *A Saga dos Völsung* apresenta uma grande incidência de nascimentos, mas, com exceção de Aslaug – que é tema para uma outra saga – nenhuma dessas crianças é esquecida pela narrativa, nem deixa de se tornar razão para uma vingança. Como os filhos são material para a narrativa, há uma grande quantidade de nascimentos, oferecendo mais meios para o desenrolar da saga.

3.2. Laços afetivos entre pais e filhos

Poderia se afirmar que a relação entre pais e filhos era diferente em cada uma dessas regiões, porque em *A Saga dos Völsung* há uma demonstração maior de sofrimento com a morte dos descendentes, assim como há na *Edda* a cobrança de que Gudrun chore a morte dos filhos que matou. Aparentemente há um laço mais forte na saga do que em *A Canção dos Nibelungos*, na qual Kriemhild parece não demonstrar muito interesse no filho que deixa para trás, assim como a morte de Ortlieb passa sem grandes demonstrações de sofrimento. Mas uma observação mais aproximada das narrativas demonstra que as diferenças não são tão marcantes. As crianças de *A Canção dos Nibelungos* costumam aparecer enquanto ainda são crianças de colo, e, como tal, não têm grande importância. Gudrun também perde seu primeiro filho com Sigurd, quando ele ainda é muito pequeno e lamenta apenas a morte do marido. Brynhild deixa sua filha para trás, aos cuidados do seu pai de criação e não volta mais a ocupar-se dela, nem mesmo no momento em que morre.

¹⁸⁷ “Enquanto a vida do casal corre apropriadamente, encontramos após o casamento menção ao nascimento de crianças. [...] O autor passa com poucas palavras pelo que não lhe interessa, porque isso não se tornaria frutífero na construção do seu texto. Uma vida familiar feliz pode ser material suficiente para um idílio, mas não para uma saga.”

As crianças pequenas não são de grande importância em nenhuma das narrativas, se há maior envolvimento com a prole na saga, isso ocorre porque ela chega à idade adulta.

Kriemhild deixa seu filho, Gunther, para trás devido ao seu luto. Ela não crê que deveria voltar para Xanten, onde ele ficou, pois estaria longe de familiares que poderiam consolá-la. Já Brynhild tem plena consciência do que está fazendo ao deixar Aslaug com Heimir, visto que está partindo para um casamento e não pode levar consigo a filha. Então, mesmo que por outras razões, ela faz com a filha o que seus pais fizeram com ela, e deixa a menina para ser criada por alguém que só é da sua família indiretamente. Essa situação é apresentada apenas uma vez em *A Canção dos Nibelungos*, quando Etzel deseja entregar Ortlieb para os familiares da irmã devido à sua idade avançada. Isso não era recorrente na região, mas tem justificativa pela idade de Etzel, assim como pode ser uma menção ao fato de ele ser pagão. Talvez, ainda, uma reminiscência de um hábito que pode ter sido comum antes da cristianização, mas não há meios de comprovar isso. Já entre os islandeses esse ato era visto com grande naturalidade, sem haver necessidade de maiores explicações, tanto que em nenhum momento há menções sobre as razões que levaram o pai de Brynhild, Budli, ainda vivo, deixar sua filha aos cuidados de Heimir.

3.3. Sexo dos filhos

Outro dado importante é o sexo das crianças. Enquanto todas as crianças em *A Canção dos Nibelungos* são do sexo masculino, dois dos filhos de Sigurd – os sobreviventes – são mulheres, sendo que é apenas na relação com Svanhild que a ternura entre mãe e filha é relatada, principalmente na *Edda Poética*. Devido à escassez de mulheres na Islândia e ao seu potencial reprodutivo, as filhas também eram bem vistas pelas famílias que as concebiam, porém, no restante da Europa, elas não eram bem aceitas, sendo que muitos nobres chegaram a desejar a anulação do casamento devido a esposa não ter gerado filhos do sexo masculino, ainda que ela já tivesse dado a luz a algumas meninas. Nobres e cavaleiros “quando são chefes de família, responsáveis pelo destino de uma linhagem, acham legítimo repudiar livremente suas mulheres se elas não lhes dão herdeiros masculinos” (DUBY, 1990: 42). Contudo, mesmo se afastando do padrão europeu a esse respeito, a Islândia assemelha-se à Europa continental, pois a linhagem paterna sempre

precede à materna,¹⁸⁸ o que se externaliza através do nome: “Children were considered to belong to the male parent, as revealed by the nomenclature that identified a person as the son or daughter of a man by affixing *-son* and *-dóttir* to his name.” (JOCHENS, 1998: 30). Mesmo havendo tal precedência dos homens quando o assunto é genealogia, há o constante desejo de casar-se com mulheres que tenham um berço superior, criando laços com uma família de maior poder ou “fortalecendo” o sangue dos filhos. Nesse caso, ela pode incluída na cadeia genealógica na Islândia: “A woman was included in a genealogical chain, however, only if she provided a more prestigious family than her husband” (ibidem: 67). Esse vem a ser o caso de Aslaug em *Ragnar Loðbrók*, embora as personagens demorem a descobrir que ela é filha de alguém tão nobre como Sigurd, a importância do desenrolar de toda a saga está na linhagem da mãe, e não na do marido.

3.4. Crianças cujo nascimento encontra justificativa apenas em outra narrativa

Aslaug é citada na trama apenas por causa da saga que veio a se desenvolver mais tarde, uma saga sobre a possibilidade de Brynhild e Sigurd terem tido filhos, o que indica o quão importante esse casal era para a tradição. *Ragnar Loðbrók* é posterior à *Edda*, mas foi redigido antes de *A Saga dos Völsung*. O nascimento de Aslaug é justificado por uma obra outra, em uma série de fatos que não estão inclusos dentro do texto, o que também acontece com o filho de Brünhild, de *A Canção dos Nibelungos*: “Brünhilds Mutterschaft ist für die Handlung irrelevant; ihr und Gunthers Sohn entgleitet dem Erzähler. Erst in der KL [Klage] schließt sich der Kreis der Versöhnung und es beendet formelhaft das *leit*, indem der Sohn zum Burgunderkönig gekrönt wird.”¹⁸⁹ (JÖNSSON, 2001: 67). *Die Klage* é escrita após *A Canção dos Nibelungos*, assim como *Ragnar Loðbrók* vem após a *Edda*, e a escritura desses livros é um indício de como teria sido a recepção dos livros predecessores. *Die Klage* supre a falta da lamentação das inúmeras mortes em *A Canção dos Nibelungos* e se utiliza do filho de Brünhild para oferecer um final feliz à história, enquanto *Ragnar Loðbrók* não se ocupa das lamentações – em sua maioria presentes na *Edda* – mas supre a falta de um filho para o casal que seria considerado o par ideal.

¹⁸⁸ Vide DUBY, 1997: 120.

¹⁸⁹ “A maternidade de Brünhild é irrelevante para a ação; o autor a deixa escapar tanto ela quanto o filho de Gunther. É apenas em *Die Klage* que o círculo da reconciliação se fecha e termina formalmente a lamentação (*leit*), quando o filho é coroado como o rei dos burgúndios.”

3.5. Métodos contraceptivos

As mulheres de *A Canção dos Nibelungos* demoram longos períodos para dar filhos aos seus esposos, de 7 a 10 anos, e estes costumam ser filhos únicos. Mesmo Brünhild que não tem seu casamento abruptamente interrompido após o nascimento do primogênito, não dá a luz a mais crianças. Essa demora é sempre relatada como normal, e, mesmo que esses dados evidentemente não sejam baseados na vida levada pelos nobres, é de se questionar se as mulheres da época realmente tinham meios para adiar tanto uma gravidez, e pode-se verificar que conheciam métodos anticoncepcionais:

As damas daquele tempo conheciam muito bem os meios de não serem constantemente engravidadas: depois de ter dado três filhos a seu marido, a condessa de Flandres decidiu pôr um fim nisso e, diz a crônica, empregou para isso os “artifícios das mulheres”. (DUBY, 1997: 137)

Tais métodos podiam variar muito. Alguns dos meios conhecidos eram o coito-interrupto, os tampões e as bebidas médicas, sendo que o aborto era bem aceito como uma forma de evitar filhos na baixa Idade Média.¹⁹⁰ Não há relatos sobre métodos anticoncepcionais na Islândia, mas é sabido que era permitido matar os filhos, desde que isso fosse feito antes de a criança receber qualquer tipo de alimentação, o que era considerado como uma espécie de aborto.¹⁹¹

3.6. Mães exemplares

A mãe exemplar, de acordo com os padrões que temos hoje, é Ute. Ela é a única que não comete erros e está sempre preocupada com o bem estar dos filhos acima de tudo. Mesmo cometendo falhas graves em suas escolhas, Grimhild também demonstra grande preocupação com a prole e suas escolhas visam boas uniões para eles. Brünhild/Brynhild ou Kriemhild/Gudrun não costumam expressar maiores inquietações com os filhos, Gudrun demonstra o amor e sofrimento que seriam esperados de uma mãe apenas por Svanhild e por nenhum de seus outros filhos. A mãe ideal também é retratada na literatura medieval e a reconhece na imagem da Virgem Maria, mas, nas obras estudadas, esse retrato ocorre

¹⁹⁰ Vide WALSH, 1990: 503; 510.

¹⁹¹ Vide KUHN, 1971: 85.

apenas quando a prole já está na idade adulta e se houver amor entre os pais – como no caso de Svanhild.

Capítulo IV - Mulheres e Poder

Durante a Idade Média, o poder costuma ser exercido especialmente por homens. Contudo, este capítulo visa demonstrar a relação das mulheres com o ele, como elas o exercem dentro de âmbitos tipicamente femininos, como a maternidade ou a beleza, ou como elas fazem para ultrapassar essas barreiras e agir além dos limites que lhe são impostos, muitas vezes fazendo com que homens tomem as atitudes que elas desejam. Tal suposta limitação faz com que uma larga gama de artifícios sejam desenvolvidos, o que é bem explorado em ambas as obras.

1. Táticas para o exercício do poder em *A Canção dos Nibelungos*

1.1. *Maternidade*

Como observado no capítulo anterior, a maternidade pode ser uma importante fonte de poder, característica a qual é destacada em ambos os relatos sobre o nascimento dos filhos de Kriemhild: ela apenas se torna rainha de Xanten quando seu filho com Siegfried nasce, e somente depois de dar a luz ao herdeiro de Etzel, a rainha se sente confiante para pedir que o rei huno convide os familiares dela para visitá-los.

Kriemhild, no entanto, não é o que pode se chamar de uma representação pura a figura materna, pois, mesmo tendo dois filhos, ela não demonstra preocupação alguma com eles, uma vez que o primeiro deles é abandonado na ocasião da morte do marido e o segundo morre devido a uma situação propiciada por ela mesma. Ute, apesar de ser a única verdadeira matriarca, é uma personagem mais apagada. Embora ela seja descrita como uma mulher poderosa, essa menção refere-se apenas às suas posses, e não ao seu poder de ação, porque toda e qualquer decisão é tomada pelos seus filhos: “Ein rîchiu küneginne, frou Uote ir muoter hiez.”¹⁹² (7, 1). É verdade que a maternidade tem, em determinados momentos, uma relação direta com o poder feminino, mas isso se deve ao fato de esta ser uma das mais importantes funções exercidas pela mulher nessa sociedade. É apenas ao efetuar aquela que seria sua tarefa dentro dos laços matrimoniais, que Kriemhild prova seu valor e adquire mais poder. Mas isso não é o ideal, Ute, a matriarca, deixa que seus filhos ajam, e sua opinião sobre os eventos quase não é mencionada.

¹⁹² “Ute, uma poderosa rainha, era a mãe deles.”

1.2. *Beleza*

No universo cortês, a beleza e o poder estão intimamente interligados, tanto que todas as mulheres são descritas como belas e, quanto maior o seu poder, maior a sua beleza. Isso não poderia ser diferente com Kriemhild, cuja estonteante beleza é descrita logo nas primeiras estrofes, quando é relatada a atração que exercia sobre os homens: “[...] si wart ein scœne wîp. / dar umbe muosen degene vil verlîesén den lîp. / Der minneclîchen meide triuten wol gezam. / ir muoten küene recken, nieman was ir gram. / âne mâzen schoene sô was ir edel lîp. / der juncvrouwen tugende zierten ándériu wîp.”¹⁹³ (2, 3s. – 3). Note-se que, mesmo havendo muitos deles que por ela foram rejeitados, ninguém lhe desejava mal. Esse adendo tem a função de isentá-la de “culpa”, pois, embora sua aparência chamasse a atenção de muitos homens, sua atitude não é reprovável como a de muitas mulheres, cuja beleza propiciava o declínio de bravos cavaleiros em torneios:

[...] espectadoras atentas experimentadas em feitos guerreiros e sensíveis, damas e donzelas avaliavam de longe o vigor dos machos, e estes acreditavam ser possível ganhar os favores de umas e a mão de outras fazendo bonito em meio aos perigos desses enfrentamentos selvagens, dessas “feiras”, feiras de campeões, feiras de mulheres. As autoridades da Igreja diziam-nas “execráveis”. Lambert retoma a palavra. Elas o eram porque a cavalaria ali se afundava, porque ali se morria tanto, ou mais, quanto na guerra. (DUBY, 1997: 109)

Kriemhild era uma mulher virtuosa e atraente, mas se mantém reclusa, e, por isso, não deve ser repreendida. Evidentemente, essa não é uma beleza individual – a dama nunca havia sido apresentada a guerreiro algum até a chegada de Siegfried. Como a beleza está intrinsecamente relacionada ao poder da personagem, o qual é descrito diversas vezes através das vestes ou das jóias de Kriemhild, que não são citadas apenas enquanto são utilizadas, mas também quando longas viagens são realizadas, porque uma grande quantidade de vestes deve ser transportada: “Alle ir unmuoze die lâzen wir ni sîn / und sagen, wie vrou Kriemhilt unt ouch ir magedîn / gegen Rîne fuoren von Nibelunge lant. / nie getruogen mœre sô manic rîche gewant. / Vil der soumschrîne man schihte zuo den wegen.”¹⁹⁴ (778 – 779, 1). A beleza, portanto, refere-se ao poder de ostentação das damas, e

¹⁹³ “Kriemhild era uma bela mulher, e muitos guerreiros ainda perderiam a vida por ela. A adorável dama era amada por todos. Bravos cavaleiros pediram a sua mão, e ninguém lhe guardava rancor. Sua beleza era indescritível. Ela tinha tantas virtudes, que estava acima de todas as outras mulheres.”

¹⁹⁴ “Deixemos todos os preparativos, e contemos sobre como a senhora Kriemhild e suas damas viajaram da terra dos nibelungos em direção ao Reno. Os cavalos nunca haviam carregado tantas vestes! Muitos baús foram enviados para a viagem.”

não à aparência individual de cada uma delas. Brünhild também é descrita como extremamente bela, mas o pavor dos homens diante de sua força descomunal excede a sua beleza, que não será assunto para este capítulo.

1.3. *Perda ou aquisição de poder através do casamento*

Como observado em “Fatores que levam ao casamento”, o matrimônio pode eximir a mulher do poder ou de posses que ela tinha anteriormente. Isso ocorre tanto com Brünhild quanto com Kriemhild, pois seus maridos não desejam que elas levem consigo os bens que possuíam anteriormente. Kriemhild não recebe a parte que tinha por direito das terras de sua família, mas a perda é muito mais marcada no caso de Brünhild, que pode levar apenas poucas vestes e jóias consigo e perde também o poder sobre Isenstein: “In tugentlîchen zûhten si rûmte ir eigen lant. / si kust’ ir vriunt die nâhen, die si bî ir vant. / mit guotem úrlôube si kômen ûf den sê. / zuo ir vater lande kom diu vrouwe nimmer mê.”¹⁹⁵ (526) Como visto anteriormente, isso é uma forma de destituir Brünhild de sua autoridade subversiva, mas esse não era o hábito, porque a união devia ser uma forma de somar propriedades, nunca subtrair. No entanto, a atitude altiva de Siegfried e Gunther em rejeitar o acréscimo patrimonial por meio das posses de suas esposas apenas enfatiza a grandeza do que já possuem.

A aquisição de poder através do casamento fica muito mais evidente na temida união entre Kriemhild e Etzel, uma vez que concede poder ilimitado à viúva, que volta a ser uma rainha soberana: “hey wie gewaltaclîche si sît an Helchen stat gesaz! [...] Ouch wurden ir mit dienste sider undertân / alle des küniges mâge unt alle sîne man, / daz nie diu vrouwe Helche sô gewâlteclîch gebôt, / sô si nú múosen dienen unz an den Kriemhilde tôt.”¹⁹⁶ (1383, 4; 1385).

O hábito de desprezar os bens da futura esposa é recorrente em *A Canção dos Nibelungos*. Mesmo o tesouro dos nibelungos sendo o maior existente, Rüdiger não vê razões para que Kriemhild se entristeça com sua perda, uma vez que Etzel possui uma grande fortuna. Por isso ele afirma: “Rîchiu küneginne, zwiu klaget ir daz golt? / iu ist der

¹⁹⁵ “Ela deixou o seu próprio país com cerimonial cortês. Beijou seus caros amigos que lá se encontravam, e, com agradáveis despedidas, partiram para o mar. A dama nunca mais retornou à sua pátria.”

¹⁹⁶ “Ah, quão soberana Kriemhild tomou o lugar de Helche! Os parentes e os homens do rei também se tornaram seus súditos. Kriemhild tinha mais poder do que Helche jamais teve, pois esses homens deviam servi-la até a morte.”

künic Etzel sô grœzlîchen holt, / geséhent iuch sîniu ougen, er gît iu alsô vil, / daz irz verswendet nimmer, des ich iu, vrouwe, sweren wil.”¹⁹⁷ (1275). Os homens sempre se mostram superiores às suas esposas, o que corresponde ao ideal cortês, segundo o qual elas se unem a maridos extremamente poderosos, para evitar que tenham necessidade de dispor dos bens da família, como ocorre com Kriemhild, que não toma parte na divisão de terras com seus irmãos. Daí a revolta de Brünhild com o casamento de tão nobre mulher com um vassalo (620 – 623), pois, ao unir-se a um homem que não era livre, Kriemhild estaria descendo na escala social, efetuando o movimento inverso ao esperado em uma narrativa cortesã. É essa idéia de ascensão, assim como a necessidade que Kriemhild tem de ostentação, que faz com que as rainhas tenham a desavença que trará a desgraça para todos.

1.4. “*Senna*”¹⁹⁸

A discussão entre as rainhas é iniciada quando Kriemhild comenta a grandeza de seu marido durante os torneios: “[...] ich hân einen man, / daz elliu disiu rîche ze sînen handen solden stân.”¹⁹⁹ (815, 3s.) Entre os homens presentes nesse torneio está Gunther, o marido de Brünhild, a qual não pode aceitar complacientemente que a esposa de um vassalo compare-ocom seu cônjuge, e ainda deseje provar que ele é superior ao rei. Assim, a discussão não se inicia devido à necessidade que cada uma delas teria de se mostrar superior à outra. Kriemhild, desprevenida, faz um elogio a Siegfried, pois está impressionada com suas habilidades no torneio. Contudo, Brünhild não pode aceitar esse tipo de comentário, porque ele não apenas denigre a imagem de Gunther, mas também a lembrava do fato de que Siegfried há muito não lhe prestava serviços. Como é afirmado por Jan-Dirk Müller, a *Senna* ocorre, pois as rainhas falam “línguas diferentes”, enquanto Kriemhild, que não sabe sobre a trama que ocorreu em Isenstein, faz elogios ao seu marido, Brünhild entende suas palavras como um ataque pessoal.²⁰⁰

Brünhild “relembra” Kriemhild que seu homem não passa de um vassalo de Gunther, o que é justificado, mas a irrita profundamente, pois tais palavras, em seu ponto

¹⁹⁷ “Poderosa rainha, por que chorais pelo ouro? O rei Etzel gosta de vós de tal maneira, que, quando vos vir, dar-vos-á tanto, que jamais conseguireis gastar tudo. Senhora, isso eu vos prometo.”

¹⁹⁸ A cena, na qual as rainhas brigam e tentam comprovar quem é o rei mais poderoso, é conhecida por muitos dos estudiosos como *Senna*. A palavra vem do nórdico antigo e quer dizer discussão, disputa ou “bate-boca”. A mesma expressão será utilizada nesse trabalho para referir-se a essa passagem.

¹⁹⁹ “O meu marido poderia ter todos esses reinos sob o seu comando.”

²⁰⁰ Vide MÜLLER, 2002: 78.

de vista, não condizem com a verdade, já que nada sabe sobre todo o acordo que foi fechado entre seu irmão e Siegfried antes de seu casamento. Em sua fúria, Kriemhild faz uma afirmação que demonstra que Brünhild não exigiria mais seu direito, caso não tivesse sido enganada sobre a condição de Siegfried: “Unde nimet mich immer wunder, sît er dîn eigen ist, / unt daz du über uns beide sô gewaltec bist, / daz er dir sô lange den zins versezzen hât.”²⁰¹ (825, 1-3). Dessa forma, ao ouvir as “acusações” de Brünhild, Kriemhild deve se defender, porque estava sendo rebaixada a uma posição à qual não pertencia, de esposa de um mero vassalo, e revida afirmando: “Du muost daz hiute schouwen, daz ich bin adelvrî, / unt daz mîn man ist tiwerr, danne der dîne sî. / dâ mit wil ich selbe niht bescholten sîn. / du solt noch hînte kiesen, wie diu eigene diu dîn / Ze hove gê vor recken in Búrgónden lant.”²⁰² (828 – 829, 1). Ela não deseja só provar que seu marido é um homem livre, mas, mais do que isso, tem a necessidade de demonstrar que Siegfried é superior a Gunther, seu irmão, fato que equivaleria à sua superioridade sobre Brünhild. Com base nesse raciocínio e com essa intenção, ela deseja conduzir o séquito de Brünhild. É nesse momento que o desentendimento entre as duas rainhas torna-se uma luta pelo poder. É a disposição de Kriemhild em levá-lo às últimas conseqüências que o torna um problema sem medidas, uma vez que passa a ser um acontecimento público, quando ela faz a revelação sobre as núpcias de Brünhild diante da catedral. Brünhild, por sua vez, não deseja comprovar que Kriemhild é sua serva, apenas que ela “se enxergue”, que se comporte da forma que seria apropriada: “Dô sprach aber Prühilt: ‘wiltu niht eigen sîn, / sô muostu dich scheiden mit den vrouwen dîn / von mînem ingesinde, dâ wir zem münster gân’.”²⁰³ (830, 1-3). Kriemhild não aceita tais condições e segue diante dela ao chegar na catedral:

ez tet diu hûsvrouwe durch einen grôzen nît, / si hiez vil übelîche Kriemhilde stille stân: / “jâ sol vor küniges wîbe nimmer eigen diu gegân.” / Dô sprach diu schœne Kriemhilt (zornec was ir muot): / “kündestu nóch geswîgen, daz wære dir guot. / du hâst geschendet selbe den dînen schœnen lîp: / wie möhte mannes kebse werden immer küniges wîp?”²⁰⁴ (838, 2s. – 839)

²⁰¹ “Muito me impressiona que nós tenhamos passado tanto tempo sem te pagar tributo, se ele realmente é o teu vassalo e se tens poder sobre nós.”

²⁰² “Deves reconhecer hoje que eu sou uma mulher nobre e livre, e que o meu homem é mais valoroso que o teu. Não deixarei que me insultes dessa forma. Verás, ainda hoje, como a mulher de um vassalo anda diante do teu séquito.”

²⁰³ “Então Brünhild disse: ‘Se tu não queres ser minha serva, deve se separar do meu séquito junto às tuas damas quando formos à catedral’.”

²⁰⁴ “Isso a senhora daquelas terras fez com muito ódio. Pediu com raiva que Kriemhild ficasse parada: ‘A mulher de um vassalo nunca deve ir à frente da rainha.’ A bela Kriemhild respondeu com ira: ‘Teria sido

Brünhild não aceita essas acusações e afirma: “hât er sichs gerüemet ez gêt an Sîfrides lîp.”²⁰⁵ (845, 4). O marido de Kriemhild deve pagar com a vida por uma acusação tão grave, as afirmações dele diante da corte não serão o suficiente para remediar a situação. Brünhild encontra-se humilhada diante de todo o seu séquito, visto que Kriemhild havia apresentado provas do ocorrido. O leitor sabe que o ato carnal não foi consumado, mas em nenhum momento é relatado até que ponto Sigurd revelou os acontecimentos daquela noite. As mulheres tornam-se o bode-expiatório de toda a tragédia, Brünhild e Kriemhild pecam pelo orgulho, pois este “costuma contaminar o sexo feminino: uma mulher impelida pelo impulso do orgulho não consegue segurar a língua nem as mãos, precisa proferir imprecações e cometer crimes” (CAPELÃO, 2000: 297). A necessidade desta em se mostrar superior faz com que revele um grande segredo, novamente, nada mais do que uma característica feminina, porque “até hoje nunca se viu mulher capaz de guardar uma confidência, mesmo que esta seja importante e possa provocar a morte de alguém se revelada” (ibidem: 301).

Aparentemente, as mulheres são culpadas por toda a desgraça que está por ocorrer, porém Kriemhild apenas pode revelar o segredo devido a Siegfried ter lhe contado a história, o que foi feito com orgulho, uma vez que ele presenteou a esposa com objetos que poderiam ser considerados troféus. Assim, não é Kriemhild quem tem a “língua solta”, mas sim seu marido, como é retratado em *A Saga dos Völsung*.

Durante a festa de solstício realizada no reino dos hunos, ocorre uma cena diante da catedral que corresponde àquela na qual a briga entre as rainhas se desenvolve. Na *Senna*, Brünhild expõe a suposta posição social inferior de Kriemhild, desejando que ela se porte da forma que lhe seria cabido. Kriemhild revolta-se e, após chamar Brünhild de *kebse* (concubina) diante de todos, aproveita-se do estado de confusão no qual Brünhild se encontra para entrar antes dela na igreja. Quando Hagen vai às festas de solstício, convidado por Kriemhild, ele a desafia diversas vezes com a intenção de fazê-la iniciar uma briga. A importância do tumulto causado por ele e Volker em frente à catedral é tanta que a

melhor se tu tivesses conseguido ficar calada. Tu mesma te desonrastes. Como a concubina de um vassalo tornar-se-ia esposa de um rei? ”

²⁰⁵ “Se Siegfried realmente tiver feito isso, perderá a vida.”

Aventura de número 31 é nomeada segundo essa cena “Wie si ze kirchen giengen” (Como eles foram à igreja).

Volkêr und Hagene, die zwêne giengen dan / für daz wîte münster. daz wart durch daz getân, / daz si daz wolden wizzen, daz des küneges wîp / müese mit in dringen: jâ was vil grîmméc ir lip. [...] Dô gie vil grôziu menege mit der küneginne dan / done wólden dise zwêne doch niht hôher stân / zweier hande breite. daz was den Hiunen leit. / jâ muose si sich dringen mit den hêldén gemeit. / Etzeln kamerære dine dûhte daz niht guot. / jâ heten si den recken erzürnet dô den muot, / wan daz sine torsten vor dem künège hêr. / dâ was vil michel dringen unt doch niht anders mêr.²⁰⁶ (1859; 1866 – 1867)

Ao desafiar a rainha desta forma, Hagen e Volker não desafiam apenas Kriemhild, mas todos os hunos, causando uma situação de constrangimento público e desafiando a todos, pois o caminho não foi obstruído apenas para ela. Tal fato demonstra toda a hostilidade de Hagen, porque até a igreja não é poupada das suas atitudes pouco amigáveis. Mesmo que fosse uma afronta dirigida apenas à Kriemhild, ela constitui uma ofensa pública à mãe do herdeiro. Dentro da estrutura narrativa, essa cena serve como resposta à discussão das rainhas diante da catedral. Se no primeiro conflito diante da igreja, Kriemhild aproveitou-se do desconforto de Brünhild para ser a primeira a entrar, agora é Hagen quem obstrui a passagem dela dentro de seu próprio reino, desafiando sua soberania.

1.5. *Bens materiais e o tesouro dos nibelungos*

Os bens materiais possuídos por Kriemhild e Brünhild costumam ser descritos no esplendor de suas vestes e adornos, mas estes têm uma importância maior quando distribuídos, uma vez que a pessoa que os recebe passa a dever serviços àquele que lhe agraciou com o ouro ou as jóias. Após casar-se com Siegfried, Kriemhild é descrita como a rainha mais poderosa que há: “sie was sô rîch des guotes, daz drîzec künige wîp / ez möhten niht erziuge, daz tete Kriemhilde lîp.”²⁰⁷ (836, 3s.). Todo esse poder não se torna uma fonte de preocupação logo que seu marido morre, pois Kriemhild decide permanecer em Worms, e distante de seu reino ela não tem tanto poder. No entanto, Hagen convence os

²⁰⁶ “Volker e Hagen, os dois foram a frente da grande catedral, pois acreditavam saber que a mulher do rei brigaria ao ter de se apertar para passar: Sim a rainha era muito rancorosa [...] Uma grande multidão a acompanhava. Os dois não queriam se afastar e abrir o caminho em dois palmos, o que desagradou muito os hunos. Sim, ela e seus bravos cavaleiros tiveram de apertar-se para passar. Os camareiros de Etzel não acharam isso nada bom. Eles gostariam de ter enfurecido os guerreiros, mas não ousariam fazê-lo na frente do rei. Houve muito empurra-empurra, mas nada além disso.”

²⁰⁷ “Ela era tão rica, que trinta rainhas não alcançariam toda a fortuna que ela possuía.”

irmãos da rainha a fazê-la trazer o tesouro dos nibelungos para consolá-la. Mas, como ela começa a presentear seus bens e angariar homens, seu poder passa a causar inquietação no assassino de Siegfried:

Den armen unt den rîchen begonde si nu geben, / daz dâ reite Hagene, ob si solde leben / noch deheine wîle, daz si sô manigen man / in ir dienst gewunne, daz ez in leide müez' ergân. / Dô sprach der künec Gunther: "ir ist lîp und guot. / zwiu sol ich daz wenden, swaz si dâ mit getuot? / ja erwarp ich daz vil kûme, daz si mir wart sô holt. / nu enruochen, war si teile ir silber und ir golt." / Hagen sprach ze dem künige: "ez solde ein frumer man / deheinem einem wîbe niht des hordes lân. / si bringet ez mit gâbe noch unz ûf den tac, / dâ'z vil wol geriuwen die kûenen Bûrgônden mac."²⁰⁸ (1128 – 1130)

Enquanto Kriemhild permanece em Worms, seus irmãos defendem seu direito de manter o tesouro. Contudo, quando ela aceitar casar-se com Etzel, os familiares dela aceitam, mesmo que reticentes, que Hagen tome o tesouro de Kriemhild:

Sie hete noch des goldes von Nibelunge lant / (si wând' ez zen Hiunen teilen solde ir hant), / daz ez wol hundert mære ninder kunde tragen. / diu mære hôrte Hagene dô von Kriemhilde sagen. / Er sprach: "sît mir vrou Kriemhilt nimmer wirdet holt, / sô muoz ouch hie belîben daz Sîfrides golt. / zwiu sold' ich mînen finden lân sô michel guot? / ich weiz vil wol, waz Kriemhilt mit disem schâtzé getuot. / Ob si in bræhte hinnen, ich wil gelouben daz, / er wurde doch zerteilet ûf den mînen haz. / si'n habent ouch niht der rosse, diu in solden tragen. / in wil behalten Hagene, daz sol man Kriemhilde sagen".²⁰⁹ (1271 – 1273)

Mesmo que a posse de tanto ouro cause preocupações, isso não chega a ser uma razão para tirá-lo de Kriemhild, desde que ela continue morando nas mesmas terras que seus irmãos. Porém, em terras estrangeiras, não havia como manter controle sobre ela, e privá-la do tesouro passa a ser a melhor opção. O ouro é entregue ao rio Reno, o que prova que Hagen age por precaução, e não por ganância.

²⁰⁸ "Ela começou a presentear os pobres e os ricos, de tal forma que Hagen disse que, se ela vivesse por mais algum tempo, ganharia tantos homens a seu serviço, que ele terminaria mal. Então o rei Gunther disse: 'São a vida e os bens dela. Como posso intervir no que ela faz? Mal acabo de me reconciliar com ela. Não devemos nos preocupar com o que ela faz com o seu ouro e a sua prata agora.' Hagen disse ao rei: 'Um bom homem não deveria deixar o tesouro nas mãos de uma mulher. Com esses presentes, ela ainda pode nos colocar em uma situação que trará muito sofrimento aos nobres burgúndios'."

²⁰⁹ "Kriemhild ainda tinha o ouro dos Nibelungos, o qual ela desejava presentear aos hunos. O tesouro era tão grande que nem cem cavalos conseguiriam carregá-lo. Hagen ficou sabendo de seus planos e disse: 'Uma vez que a senhora Kriemhild nunca mais será afeiçoada a mim, o ouro permanecerá aqui. Por que eu deveria deixar tantos bens nas mãos dos meus inimigos? Eu sei muito bem o que Kriemhild fará com o tesouro. Ela irá presentear-lo para incitar o ódio por mim. Eles sequer têm cavalos suficientes para levá-lo. Hagen manterá o tesouro consigo, podem dizer isso a Kriemhild'."

Há leis em diferentes lugares da Europa ocidental, que se referem ao direito de uma mulher viúva à herança ou aos próprios seus bens. Na Itália, a mulher poderia herdar metade dos bens do falecido marido, mas não obter a herança da própria família:

No domínio Capeto à aurora do século XIII, o uso confere à esposa nobre um direito a bens dotais de viúva (*jus dotalitii*) sobre a metade dos bens de seu marido; trata-se de assegurar sua subsistência à morte deste, no caso em que ela não se casasse de novo e levando-se em conta o fato de que, dotada por ocasião de seu casamento, já não deve figurar na partilha sucessória com seus irmãos. (DUBY, 1990: 153)

A lei de Lübeck (lei sobre as cidades que relacionadas a *Lübisches Recht*) é dirigida à mulher que se casa sem pedir o conselho de seus familiares, a qual perde o direito aos seus próprios bens: “Wenn eine Witwe oder eine Jungfrau ohne den Rat ihrer Verwandten einen Mann nimmt, so gehört ihr all ihr Gut nicht mehr. Sie soll nichts mehr behalten als ihre Kleider.”²¹⁰ (KETSCH, 1984: 187). No primeiro caso, a viúva não tem direito ao patrimônio da família, pois a herança do marido seria suficiente para sua subsistência, mas Kriemhild já havia sido desprovida da herança familiar ao casar-se com Siegfried, porque esse era o desejo de seu marido. Mas na ocasião das segundas núpcias, ela tem seus bens desapropriados sem razão legal para que isso ocorra, uma vez que não contrariou a vontade dos irmãos. Todos, menos Hagen, eram a favor daquele casamento. Giselher é contra a atitude de Hagen, mas não interfere: “Dô sprach der herre Gîselher: ‘Hagen hât getân / vil leides mîner swester; ich sold’ iz understân. / wær’ er niht mîn mâc, ez gienge im an den lîp.’ / iteniuwez weinen tet dô Sîfrides wîp.”²¹¹ (1133) Giselher reconhece que Hagen não tem o direito de agir dessa forma, mas não faz nada. Assim, suas palavras sequer servem de consolo à Kriemhild, que se encontra totalmente indefesa, dado que não tem marido e tampouco pode contar com o apoio dos próprios familiares.

Embora a expropriação não seja ocasionada pela vontade do futuro marido, – como ocorre no casamento de Brünhild e no primeiro de Kriemhild –, e ela não seja bem aceita por nenhuma das outras personagens, não deixa de ser uma repetição do ocorrido em outras uniões, nas quais a mulher perde o que tinha antes para que dependa apenas do patrimônio do marido. Dessa forma, o poder e a soberba da esposa são limitados e vigiados, pois ela

²¹⁰ “Quando uma viúva ou uma virgem se casa sem pedir conselho aos parentes, os seus bens deixam de lhe pertencer. Ela não deve manter mais do que as suas roupas.”

²¹¹ “Então o senhor Giselher disse: ‘Hagen causou muito sofrimento à minha irmã; eu deveria impedi-lo. Se ele não fosse parente meu, isso lhe custaria a vida.’ Mais uma vez a mulher de Siegfried pôs-se a chorar.”

não tem direito a nada que possa ser considerado *dela*. Hagen é aquele que priva Kriemhild de seus bens antes de uma nova união. Na primeira parte de *A Canção dos Nibelungos*, as mulheres não reagem bem a essas privações, mas acabam por aceitá-las, porque são limitações impostas por seus maridos. Kriemhild, no entanto, não pode aceitar que Hagen assuma esse papel, uma vez que ele não apenas é aquele que matou Siegfried, mas também ocupa uma posição inferior à dela, e não deve impor condições ou limitações à rainha. Isso é a grande injustiça, ser privada por uma pessoa que não o seu cônjuge, e, além disso, de menor precedência. Note-se que Hagen é o culpado pelas maiores privações sofridas por Kriemhild – a morte do seu marido e o desaparecimento do tesouro dos nibelungos –, além de ter uma atitude constantemente desafiadora diante das ordens da rainha.

Mesmo desprovida do ouro dos nibelungos, Kriemhild ainda tem recursos para presentear aqueles que encontra durante a viagem à terra dos hunos e causa uma boa impressão, angariando ainda mais poder:

Vil minneclîchen dienest Ruedegêr in bôt. / dô gap diu küneginne zwelf árbóuge rôr / der Gotenlinde tohter und alsô guot gewant, / daz si niht bezzers brâhte in daz *Étzelen* lant. / Swie ir genomen wære der Nibelunge golt, / álle díe si gesâhen, die machte si ir holt / noch mit dem kleinem guote, daz si dá mohte hân. / des wirtes ingesinde dem wart grôziu gâbé getân. [...] Si kunte sich mit gâbe, dem der si nie gesach. / vil maniger dar under zuo den gesten sprach: / “wir wânden daz vrou Kriemhilt guotes niht möhte hân: / nu ist hie mit ir gâbe vil manic wúnder getân.”²¹² (1322 – 1323; 1366)

As cenas nas quais a rainha distribui seus bens são recorrentes, mas esse não é um método de obtenção de poder tipicamente feminino, Dietrich – que desentende-se com Kriemhild em diferentes momentos, pois se opõe ao seu desejo de vingança – também é descrito em sua generosidade: “Swaz ieman tet mit milte, daz was gar ein wint / unz an Dietrîchen [...]”²¹³ (1372, 1-2). Essa declaração sobre Dietrich indica a superioridade de seu caráter sobre Kriemhild, que embora seja generosa, tem terríveis intenções por trás de seus atos.

²¹² “Rüdiger ofereceu-lhe a sua amigável hospitalidade. A rainha deu doze braceletes de ouro vermelho para a filha de Gotelind e também o melhor vestido que havia trazido às terras de Etzel. Apesar de terem tirado dela o ouro dos nibelungos, Kriemhild tornava todos que encontrava afeiçoados a ela com os poucos bens que ainda possuía. Os serviços do anfitrião foram bem recompensados. [...] Através de presentes, ela se fez conhecer entre aqueles que nunca havia visto. Muitos disseram aos hóspedes: ‘Nós acreditávamos que a senhora Kriemhild não tinha mais bens. Agora ela se encontra aqui e faz milagres com os seus presentes’.”

²¹³ “Não importava o quanto se pudesse ser generoso, isso não era nada perto da generosidade de Dietrich.”

1.6. *Manipulação sentimental e de relações afetivas*

A mulher é impossibilitada de diferentes maneiras de exercer o poder, sendo não apenas privada de seu próprio patrimônio, mas também tendo seu poder limitado pelo marido. Tanto Brünhild como Kriemhild são retratadas exercendo poder com restrições. A primeira tem pleno poder sobre Isenstein, mas deve abandonar seu reino ao se casar. Já Kriemhild, embora passe a ter muitos homens sob seu poder ao casar-se com Etzel (1385), eles não são tão valentes como os de seu marido. Tal característica os torna insuficientes para que ela atinja seus propósitos (1766 – 1770), o que implica a necessidade do apoio de Etzel. Isso é o que ocorre quando Kriemhild ordena que seus guerreiros ataquem Hagen, sem que seu marido tome consciência do ocorrido. A voz de comando da rainha também pode se demonstrar falha, como quando ela deseja que os burgúndios se desarmem:

Dô sprach diu küneginne zen recken über al: / “man sol deheiniu wâfen tragen in den sal. / ir hælde, ir sult mirs’ ûf gében: ich wíl si behálten lân.” / “entriuwen”, sprach dô Hagene, “daz wirdet nímmer getân. / Jane gér ich niht der êren, fürsten wine milt, / daz ir zen herbergen trüeget mînen schilt / unde ander mîn gewâfen: ir sît ein künegîn. / daz enlêrte mich mîn vater niht: ich will sélbe kamerære sîn.” / “Owê mîner leide, sprach dô vrou Kriemhilt. / “war umbe wil mîn bruoder und Hagen sînen schilt / niht lâzén behalten? si sint gewarnôt. / und wesse ich, wer daz tæte, er müese kiesén den tôt.” / Des antwurte ir mit zorne der fürste Dietrîch: / “ich binz, der hât gewarnet, die edeln kûnege rîch / und Hagen den kûenen, den Búrgónden man. / nu zúo, vâlandine, du solt michs nicht geniezen lân.” / Des schamte sich vil sêre daz Êtzélen wîp / si vorhte bitterlîchen den Dietrîches lîp. / dô gie si von im balde, daz si niht ensprach, / wan daz si swinde blicke an ir víande sach.²¹⁴(1745 – 1749)

Os comandos de Kriemhild são tratados com desprezo, pois Hagen é irônico ao responder as suas ordens, e Dietrich é desafiador ao dirigir-se a ela, pois sabe que não poderia lhe fazer mal algum. Esse descaso não ocorrem quando Brünhild é quem dá as ordens (406 – 407), mas ela é soberana em seu país, não divide o poder com um homem. Dietrich também chama Kriemhild de demônio, descrição que se aplicava somente a Brünhild na primeira parte da narrativa, mas, agora que Kriemhild deseja vingança e age de

²¹⁴ “A rainha disse a todos os guerreiros: ‘Não é permitido entrar com armas no salão. Cavaleiros, vós deveis me entregar as vossas armas e eu mandarei guardá-las.’ Hagen disse: ‘Isso nunca acontecerá. Não desejo a honra de ter o meu escudo e as outras armas carregados pela mulher do rei. Vós sois uma rainha. Meu pai não me educou dessa forma. Desejo ser o meu próprio camareiro.’ ‘Oh, pobre de mim’, disse a senhora Kriemhild. ‘Por que meu irmão e Hagen não me deixam guardar os seus escudos? Eles foram avisados. Se eu soubesse quem fez isso, ele teria que morrer.’ Dietrich respondeu com ira: ‘Fui eu que alertei os nobres e poderosos reis e o bravo Hagen, vassalo dos burgúndios. Podeis me castigar por isso, demônio.’ A mulher de Etzel envergonhou-se muito por isso. Ela temia Dietrich terrivelmente. Kriemhild afastou-se rapidamente dele, sem nada dizer, e olhou o seu inimigo com dureza.”

forma a tentar exercer poder para atingir seus objetivos, é ela que passa a ser descrita como demoníaca. No entanto, as mesmas palavras nunca foram utilizadas para se referir a Gunther ou Hagen, mesmo quando planejaram a morte de Siegfried.

O exercício do poder pertence à esfera masculina, e às mulheres cabe apenas tentar fazer com os homens que as cercam ajam da forma que lhes agrada. Não podendo proferir ordens em boa parte dos casos, resta-lhes, portanto, a manipulação.

A primeira tentativa de manipulação é exercida por Brünhild, que não deseja cumprir as suas obrigações matrimoniais a menos que saiba qual é a razão do casamento de Kriemhild com um vassalo: “[...] ich hete gerne fluht, / daz ich iu nimmer wolde geligen nâhen bî, / ir’n saget mir, wâ von Kriemhilt diu wine Sîfrides sî.”²¹⁵ (622, 2s.) Como Gunther não revela a verdade, Brünhild usa a força para evitar o contato físico, mas não consegue atingir seus objetivos devido à interferência de Siegfried.

No decorrer da narrativa, Brünhild incomoda-se com a longa ausência de Siegfried, que não lhe presta serviço algum. Ao invés de exigir sua presença, ela pede a Gunther que traga o casal a Worms, mas o faz sem revelar suas verdadeiras intenções. Ela pede inicialmente para ver Kriemhild, e, sem conseguir convencê-lo, fala à sua altivez: Siegfried não poderia recusar ao pedido do rei. Brünhild mescla comentários nobres sobre Kriemhild e a lembrança da relação de vassalagem, mas apenas de forma a demonstrar que Siegfried não poderia declinar do convite, e não para expressar seu descontentamento:

Nu gedâht’ ouch alle zîte daz Guntheres wîp: / “wie treit et alsô hôhe vrou Kriemhilt den lîp? / nu ist doch unser eigen Sîfrit ir man: / er hât uns nu vil lange lützel dîensté getân” [...] Si versúochtez an dem künige, ob iz möhte geschéhen, / daz si Kriemhilde solde noch gesehen / si reitez heinlîche, des si dâ hete muot. / dô dûhté den herren diu rede mæzlichen guot. [...] des antwurte im Prünhilt in einen lîstigen siten: / „Swie hôhe rîche wære deheines küniges man, / swaz im gebüte sîn herre, daz sold’ er niht lân.” [...] Si sprach: “vil lieber herre, durch den willen mîn / sô hilf mir, daz Sîfrit unt ouch diu swester dîn / komen zuo disem lande, daz wir si hie gesehen. / sone kúndé mir zwâre nimmer líebér geschehen. / Dîner swester zühte unt ir wól gezogener muot, / swenne ich dar an gedenke, wie sampfte mir daz tuot, / wie wir ensamt sâzen, do ich êrste wart dîn wîp! / si mac mir êren minnen des kúenen Sîfrides lîp.”²¹⁶ (724; 726; 727, 4 – 728, 1-2; 729 – 730)

²¹⁵ “[...] eu gostaria de fugir para nunca ter de me deitar ao vosso lado, a não ser que me conteis porque Kriemhild é a mulher de Siegfried.”

²¹⁶ “A esposa de Gunther questionava-se o tempo todo: ‘Como a senhora Kriemhild anda com a sua cabeça tão alta? Siegfried é nosso vassalo e há muito tempo não nos presta serviços.’ [...] Ela perguntou ao rei se não seria possível ver Kriemhild novamente. Ela falava-lhe confidencialmente e tinha interesse nisso. O senhor feudal não considerava essa idéia tão boa. [...] Brünhild respondeu com astúcia: ‘Por mais rico que o homem de um rei seja, ele não deve recusar o que o seu senhor lhe pede.’ [...] Ela disse: ‘Meu querido senhor, ajudai-

As palavras de Brünhild denotam falsidade, ela não aceita a atitude de Kriemhild e deseja que Siegfried lhe preste serviços, mas ao falar com Gunther tece longos elogios à sua irmã, pois julga que, acreditando em suas boas intenções, ele não se recusaria a convidá-la. Segundo André Capelão, a hipocrisia é uma característica feminina, “Todas as mulheres, como também sabemos, são hipócritas nas mínimas palavras: sempre têm no fundo do coração coisa diferente do que trazem nos lábios” (2000: 295), Dessa forma, é fácil de compreender porque a mesma estratégia é repetida por Kriemhild, ao pedir que Etzel chame sua família para uma visita:

Si dâhte z’allen zîten: “ich wil den künec biten”, / daz er ir des gunde mit güetlîchen siten, / daz man ir friunde bræhte in der Hiunen lant. / den argen willen niemen an der küneginne ervant. / Dô si eines nahtes bî dem künige lac, / (mit armen umbevangen het er si, als er pflac / die edeln vrouwen triuten: si was im als sîn lîp), / dô gedâhte ir fînde daz vil hêrlîche wîp. / Si sprach zuo dem künige: “vil lieber herre mîn, / ich wolde iuch bitten gerne, möht’ iz mit hulden sîn, / daz ir mich sehen liezet, ob ich daz het versolt, / ob ir den mînen vriunden wæret inneclîchen holt.”²¹⁷ (1399 – 1401)

Kriemhild apenas faz a proposta, que há tanto tempo estava em seus pensamentos, após ter dado a luz a um menino, assim como a faz enquanto está deitada com ele, em uma situação que não apenas enfatiza os sentimentos dele por ela, mas também denota uma certa sensualidade. Etzel estaria, nesse momento, mais receptivo a seus pedidos.

A cama é um dos principais meios femininos de se alcançar o que é desejado²¹⁸. As mulheres podem atingir seus objetivos através da recusa em manter relações sexuais ou, contrariamente, ao prestar favores dessa natureza. Dessa forma, na cama, o homem seria mais vulnerável e as mulheres teriam o costume de tirar proveito disso.

A princípio, Kriemhild menciona apenas o desejo de rever os seus familiares, ela menciona Hagen primeiramente aos seus mensageiros, que serão ricamente recompensados:

me a trazer Siegfried e também a tua irmã para as nossas terras, de forma que nós os encontremos aqui. Nada melhor poderia me acontecer. Faz-me tão bem pensar na atitude e na educação cortesã de tua irmã. Como nos sentávamos uma ao lado da outra, quando me tornei tua mulher! Ela pode amar o bravo Siegfried com os mais nobres sentimentos’.”

²¹⁷ “Volta e meia, ela sempre pensava no seu desejo de pedir ao rei que permitisse que ela trouxesse os seus parentes para as terras dos hunos. As más intenções da rainha não foram descobertas por ninguém. Uma noite, ela dormia ao lado do rei que a envolvia com os seus braços, enquanto a amava, ela era para ele como que sua vida, mas a bela mulher só pensava em seus inimigos. Ela disse para o rei: ‘Meu querido senhor, eu gostaria de vos pedir que, se eu merecer, permitais-me verificar se os parentes me são afeiçoados’.”

²¹⁸ Vide DUBY, 1997: 151; 144-145; SHAHAR, 1990:78; BRANDT, 1997: 154.

Si sprach zen boten beiden: “nu dienet michel guot, / daz ir mînen willen vil gütlichen tuot, / und saget swaz ich enbiete heim in unser lant. / ich mache iuch guotes rîche unt gib’ iu hêrlîch gewant. / Unde swaz ir mîner vriunde immer muget gesehen / ze Wormez bî dem Rîne, den sult ir niht verjehen / daz ir noch ie gesæhet betrüebet mînen muot. / unt saget mînen dienest den helden küene unde guot. [...] Sagt ouch mîner muoter die êre, die ich hân. / und ob von Tronege Hagene welle dort bestân, / wer si danne solde wîsen durch diu lant? / dem sint die wege von kinde her zen Hiunen wol bekant.”²¹⁹ (1414 – 1415; 1419)

Ela pede que os mensageiros mintam e oferece uma generosa recompensa por isso, pois seus familiares não podiam suspeitar que ela ainda era infeliz. Ao ser informada que seu plano está funcionando e que Hagen virá junto aos seus irmãos, Kriemhild não disfarça a alegria, mas as suas palavras escondem suas verdadeiras intenções:

“Hagene bin ich wæge: der ist ein helt guot. / daz wir in sehen müezen, des stât mir hôhé der muot.” / Dô gie diu küneginne, dâ si den künec sach. / wie rehte minneclîche vrou Kriemhilt dô sprach: / “wie gevällente iu diu mære, lieber herre mîn? / des ie mîn wille gerte, daz sol nû verendet sîn.”²²⁰ (1502, 3s. – 1503)

As palavras da rainha, assim como as de Brünhild, que havia mencionado a condição de vassalo de Siegfried ao falar com Gunther, deixam transparecer a verdade em alguns pontos nos quais o discurso é dúbio, como quando ela afirma que o que ela deseja “terá um fim”. O leitor sabe que o que Kriemhild realmente deseja é vingança.

Outro meio por vezes utilizado é a melancolia. A mulher é frágil, o que faz com que seja mais apropriado demonstrar tristeza e incitar dó do que deixar transparecer a ira, a qual não é considerada um elemento feminino. Como visto acima, quando Hagen se recusa a entregar as suas armas, Kriemhild mistura fúria – ela deseja que aquele que aconselhou Hagen seja morto – e auto-piedade: “Oh, pobre de mim” (1748). A menção à própria dor é feita sempre que elas se consideram injustiçadas e desejam alguma reparação, como faz Brünhild ao pedir que Gunther se vingue de Siegfried: “[...] daz ich ie wart geborn, / daz riuwet mich vil sêre, dune berédest, künic, mich / der vil grôzen schande; daz diene ich

²¹⁹ “Ela disse a ambos os mensageiros: ‘Vós recebereis muitos bens se realizardes o meu desejo, se disserdes o que peço em casa, em nosso país. Dar-vos-ei ricos bens e belas vestes. Não deveis dizer que me vistes triste a nenhum dos meus parentes que encontrardes em Worms, no Reno. Mandai as minhas saudações aos bons e bravos cavaleiros. Também contai à minha mãe sobre a honra que tenho. E se Hagen von Tronje quiser permanecer por lá, perguntai quem deverá conduzi-los, pois os caminhos até os hunos lhe são conhecidos desde a infância’.”

²²⁰ “‘Eu sou afeiçoada a Hagen, ele é um bom guerreiro. Vê-lo novamente me alegra muito.’ A rainha foi até o rei e lhe falou amorosamente: ‘O que você acha das notícias, meu querido senhor? Aquilo que eu tanto desejava finalmente terá um fim’.”

immer umbe dich.”²²¹ (854, 2s.). A mulher não tem a necessidade de se mostrar forte diante dos inimigos, – mesmo ao reencontrar Hagen, Kriemhild fala sobre seu sofrimento por ter perdido o tesouro dos nibelungos, “des hân ich alle zîte vil manigen trûrîgen tac.”²²² (1743, 4) –, muito pelo contrário, ela deve enfatizar seu sofrimento para que homens capazes tomem as atitudes que não lhe cabem. É isso que Kriemhild faz com Rüdiger, para demonstrar a importância da participação dele na batalha (2136). A atitude de “bancar a vítima” seria tão recorrente, que também era freqüente em sátiras da época: “In most satires [...] the married woman is frivolous, capricious, deceitful, sanctimonious, pretending to play the unfortunate victim in order to extract what she wants from her husband.” (SHAHAR, 1990: 77). Os clamores de Kriemhild certamente não eram interpretados como sátira, e o leitor da época sabia que seu sofrimento era real, mas ele também devia estar preparado para detectar parte dessas demonstrações como uma forma de convencer os homens a fazer o que ela desejava.

2. Táticas para o exercício do poder em *A Saga dos Völsung*

2.1. *Maternidade e magia*

As mães de *A Saga dos Völsung* costumam ter pleno poder sobre os seus próprios filhos. Como foi observado no capítulo referente à “Maternidade”, Gudrun mata seus filhos com Atli e envia os que teve com Jonakr para uma morte certa, mas nenhum deles resiste aos comandos da mãe. A autoridade materna está representada na figura de Gudrun, mas Grimhild é a personificação dela. Ela não apenas guia a vida de seus filhos, mas também a vida daqueles que os cercam, como Sigurd. A persuasão e a autoridade materna não são as únicas armas de Grimhild, que também tem o dom da magia. Desde sua primeira aparição no texto, ela é descrita como uma mulher versada em feitiçaria: “Gjuki átti Grímhild ina fjölkunngu.”²²³ (Cap.26, p.61). A primeira interferência na vida das personagens ocasionada por Grimhild é a realização do vantajoso casamento de Gudrun. Para tanto, ela faz com que Sigurd se esqueça de Brynhild através de um encantamento:

Eitt kveld, er þeir sátu við drykk ríss dróttning upp ok gekk fyrir Sigurð ok kvaddi hann ok mælti: “Fögnuðr er oss á þinni hérvist, ok allt gott viljum vér til yðar leggja. Tak hér við

²²¹ “Eu lamento muito o dia no qual eu nasci. Se me livrares dessa vergonha, serei eternamente grata.”

²²² “Por isso meus dias serão para sempre tristes.”

²²³ “Gjuki era casado com Grimhild, que conhecia bem a magia.”

horni ok drekk!” Hann tók við ok drakk af. Hon mælti: “Þinn faðir skal vera Gjúki konungr, en ek móðir, bræðr þínir Gunnarr ok Högni ok allir, er eiða vinnið, ok munu þá eigi yðrir jafningjar fásk.” Sigurðr tók því vel, ok við þann drykk munði hann ekki til Brynhildar.²²⁴ (Cap.28, p.65)

Ao interferir no curso da vida de Sigurd, Gudrun também deixa claro que deseja que ele se torne um membro de sua família. Sigurd, aceitando as propostas que a matriarca lhe faz e tendo seu destino influenciado pelas decisões pessoais dela, torna-se, então, mais um de seus filhos.

Grimhild também toma decisões sobre o casamento de Gunther, mas como ele é mais maleável e não se opõe aos conselhos da mãe, não há necessidade de empregar outros métodos. Já a segunda união de Gudrun demonstra ser a mais difícil de se realizar, pois ela ainda guardava um grande remorso de seus familiares. Como se essa mágoa não fosse suficiente, ela sabe que o casamento com Atli guarda um destino trágico. Mas Grimhild não aceita a recusa da filha e utiliza a feitiçaria mais uma vez:

Siðan færði Gunnarr henni meinsamligan drykk, ok varð hon við at taka ok munði siðan engar sakar. Sá drykkur var blandinn með jarðar magni ok sæ ok dreyra sonar hennar, ok í því horni váru ristnir hverskyns stafir ok roðnir með blóði [...] Ok eptir þat, er vili þeira kom saman, gerðisk fagnaðr mikill.²²⁵ (Cap.34, p.84; 85)

Gudrun toma a bebida à força, pois ela conhece as habilidades da mãe e sabe o que a poção devia guardar para ela. A recusa de Gudrun ao casamento podia ser prevista, por isso Grimhild impõe sua presença na viagem: “Grímhildr ræzk í ferð með þeim ok segir þeira erendi svá fremi fullgert munu verða, at hon siti eigi heima.”²²⁶ (Cap.34, p.84) As mulheres não costumam ser retratadas dando ordens, no entanto, essa não é uma situação incomum entre mães e filhos.

Após a reconciliação entre Gudrun e seus familiares, Grimhild ainda deve usar sua autoridade para que a filha se case com Atli. Essa cena encontra equivalência com outras

²²⁴ “Uma noite, quando eles estavam sentados e bebiam, a rainha levantou-se, foi até Sigurd e disse: ‘A tua estadia aqui é uma grande alegria para nós, e desejamos dispor tudo o que há de bom diante de ti. Pega esse chifre e bebe!’ Ele aceitou e bebeu. Ela prosseguiu: ‘Gjúki será o teu pai e eu a tua mãe, Gunnar e Högni e todos aqueles que fizerem o juramento serão os teus irmãos. Nunca haverá alguém igual a ti.’ Sigurd aceitou bem essas palavras, pois, após beber, ele não se lembrava mais de Brynhild.”

²²⁵ “Gunnar deu-lhe uma bebida terrível, a qual ela foi obrigada a aceitar e então não conseguia mais lembrar-se de nenhuma de suas queixas. A bebida estava misturada com a força da terra e do mar e o sangue de seu filho, e no interior do chifre [para bebidas] foram entalhados todos os tipos de runas, e ele foi tingido com sangue. [...] E depois disso, quando os desejos de todos eles eram os mesmos, houve muita alegria.”

²²⁶ “Grimhild havia decidido juntar-se a eles na viagem, e disse que a missão só seria bem-sucedida se ela não permanecesse em casa.”

nas quais Gudrun entrega seus filhos à morte. A noiva sabe que o casamento guarda um final terrível, mas não ousa ir contra a vontade de sua mãe por mais tempo. O casamento de Gudrun e Atli é emblemático da imagem que se faz de Grimhild, porque, para realizá-lo, ela utiliza as suas mais importantes fontes de poder: a magia e a autoridade materna.

Feiticeiras que são também mães não são incomuns na literatura escandinava, como afirma Rolf Heller: “Mehrfach handelt es sich bei unseren Betrachtungen um die Verbindung einer Zauberinnen- mit einer Mutter-Rolle. Die übernatürlichen Fähigkeiten der Mutter kommen dem Sohne zustatten.”²²⁷ (1958: 130). Essa observação sobre a relação entre o papel de mãe e de feiticeira pode dar uma falsa impressão de que a magia era algo bem aceito, mas essa não era a realidade na Islândia cristianizada. Nas sagas, o assassinato de uma bruxa constituía a única exceção à regra que impedia os homens de matar mulheres, uma vez que elas normalmente eram cruéis²²⁸ e seus feitiços costumavam visar apenas o bem de alguns ao custo da desgraça de muitos. Em *A Saga dos Völsung*, Grimhild torna-se o bode expiatório, os maus passos dados pelas personagens costumam ser guiados pela feiticeira, é ela que os conduz à tragédia, o que é expresso por Brynhild:

Guðrún svarar: “Ámæl henni eigi, þvíat hon er til þín sem til dóttur sinnar.” Brynhildr svarar: “Hon veldr öllum upphöfum þess bóls, er oss bítr. Hon bar Sigurði grimmt öl, svá at eigi munði hann mitt nafn.” Guðrún svarar: “Mart rangt orð mælir þú, ok mikil lygi er slíkt.”²²⁹ (Cap.30, p.71)

Grimhild é a culpada por todo o infortúnio, mas seus filhos não aceitam que Brynhild a recrimine. Gudrun afirma que a cunhada é mentirosa por se referir a Grimhild daquela forma, já Gunnar reage fazendo uma série de acusações a Brynhild, com o intuito de provar que sua mãe era muito mais virtuosa do que ela. Isso ocorre quando Brynhild, ao tentar matar Gunnar, seu marido, o primogênito, declara o desprezo que tem pela sogra:

“[...] skal ek ráðandi þíns dauða. Ok eigum vér Grímhildi illt at launa. Henni finnsk eingi kona huglausari né verri.” Gunnarr svarar svá, at fáir heyrðu: “Mörg flærðarorð hefir þú mælt, ok ertu illúðig kona, er þú ámælir þeiri konu, er mjök er um þik fram, ok eigi unði

²²⁷ “Diversas vezes, as nossas observações tratam da união do papel de feiticeira com o papel materno. As habilidades sobrenaturais da mãe vêm em auxílio do filho.”

²²⁸ Vide KRAUSE, 1926: 11; KUHN, 1971: 90.

²²⁹ “Gudrun disse: ‘Não faça acusações tão graves, pois Grimhild te trata como uma filha.’ Brynhild respondeu: ‘Foi ela que idealizou o início desse infortúnio que nos consome. Ela levou aquela terrível cerveja para Sigurd, para que ele não se lembrasse do meu nome.’ Gudrun retrucou: ‘Tuas palavras são injustas, uma grande mentira.’”

hon verr sínu, svá sem þú gerir, eða kvalði dauða menn, ok engan myrði hon, ok lifir við lof.”²³⁰ (Cap.31, p.72-73)

Mais do que defender a própria mãe das acusações feitas por sua esposa, Gunnar acusa a própria Brynhild. Ela teria sido, desde o princípio, uma mulher insatisfeita com o casamento – decidido, à sua revelia, por Grimhild, a qual seria uma pessoa superior por estar satisfeita com aquilo que tinha. Mas Gunnar ofende Brynhild principalmente por ser uma valquíria, uma mulher que havia matado homens – e ameaçava voltar a fazê-lo nesse momento – e que “atormentou os mortos”, menção ao fato de as valquírias terem a função de recolher os mortos dos campos de batalha para levá-los para Odin, em Valhalla. A forma empregada por Gunnar para defender sua mãe denota, no entanto, uma certa covardia, pois ele mantém a voz baixa.

2.2. *Violência*

Brynhild, a valquíria, é a única que tenta impor sua vontade através da ameaça de empregar a violência. Embora Gudrun seja caracterizada efetuando atos cruéis, eles são apenas parte de uma vingança, não servindo como meio para coagir as pessoas a atuar de uma forma diferente daquela que pretendiam. O casamento impede Brynhild de prosseguir com as batalhas, e ela perde o *status* de valquíria, no entanto, sua agressividade volta a aflorar no momento em que ela descobre que foi enganada e tenta matar Gunnar. Essa ameaça é esquecida por algum tempo, mas ela é de importância definitiva para guiar Gunnar em suas decisões, como demonstra a conversa que ele tem com Högni: “[...] ok sé ek hversu þetta stenzk af. Þat hefir Brynhildir vakit, ok hennar ráð koma oss í mikla svívirðing ok skaða.’ Gunnar svarar: ‘Þetta skal fram fara, ok sé ek ráðit.’ [...] Gunnarr segir Sigurðr deyjja skulu, ‘eða mun ek deyjja ella’.”²³¹ (Cap.32, p.77-78). Högni sabe que Brynhild é quem provocou o conflito no qual eles estão, motivo pelo qual não deveriam seguir seus conselhos. Entretanto, Gunnar teme pela própria vida, pois sabe que, se não tomarem as medidas exigidas pela sua esposa, ele provavelmente encontrará a morte. Dessa

²³⁰ “‘Matar-te-ei. Devo recompensar Grimhild de uma forma cruel por isso. Não há mulher pior ou mais covarde.’ Gunnar respondeu de forma que poucos ouviram: ‘Tu disseste muitas palavras mentirosas ao caluniar uma mulher que está muito acima de ti. Ela não era tão insatisfeita como tu, nunca atormentou homens mortos, nem matou, e ela é louvada’.”

²³¹ “[...] eu vejo o que há por trás desse problema. Brynhild o causou, e o conselho e a exortação que ela nos faz nos levarão à desgraça e a grandes danos.’ Gunnar respondeu: ‘Nós levaremos isso até o fim.’ [...] Ele disse que Sigurd deveria morrer ‘ou eu morrerrei’.”

forma, a habilidade de Brynhild com as armas, assim como a familiaridade que ela tem com a morte, passam a ser um importante método persuasivo para convencer Gunnar a proceder da forma que ela pedia.

2.3. *Aquisição de poder através do casamento*

O único casamento no qual a obtenção de poder é evidenciada é o ocorrido entre Gudrun e Atli. Embora ela não tivesse interesse algum nessa união, e tenha sido obrigada pela sua mãe, Atli enfatiza o desejo de sua esposa pelo poder: “[...] ok vartu mér gipt at frænda ráði, ok mund galt ek við þér, þrjá tigu góðra riddara ok scemiligra meyja ok marga menn aðra. Ok þó léztu þér eigi at hófi, nema þú réðir löndum þeim, er átt hafði Buðli konungr, ok þína sværu léztu opt með gráti sitja’.”²³² (Cap.40, p.97). O discurso de Atli é muito semelhante ao feito por Gunnar quando discute com Brynhild. Gudrun deve ser recriminada por não ter sido uma boa esposa, já que não se “comportava”, assim como Brynhild, que nunca estava satisfeita. A figura materna também volta a ser citada, Brynhild é aquela que calunia a mãe de Gunnar, e Gudrun faz a progenitora de Atli sofrer. Tanto Brynhild quanto Gudrun não eram a favor da união na qual entraram, e são descritas como más companheiras por seus maridos. A acusação que Atli faz sobre a ambição de Gudrun não é coerente com a recusa que ela faz diante da proposta de casamento, mas reflete os desejos que Grimhild tinha nessa união.

Atli acusa Gudrun de desejar algo que não seria viável para uma mulher, pois cabe ao homem cuidar das propriedades do casal. Quando muito, esse domínio era compartilhado, sendo que à esposa caberia uma parte menor:

Where man and wife are in wedlock, then he shall have charge of their property [...] Man and wife have the right to make a partnership if they wish as long as it is a fair agreement between them [...] the law always makes a partnership between man and wife in such a way that he owns two thirds and she one third. (*Grágás*, 2000: 66; K § 151; Ib p.44; K § 153).

O poder sobre todas as terras de Budli nunca poderia ser conquistado por Gudrun, e Atli prefere acusá-la de ser infeliz no casamento por essa razão a assumir erros que ele

²³² “[...] tu te casaste seguindo o conselho de teus parentes, e paguei por ti um dote de trinta bons cavaleiros e honradas mulheres e muitos outros homens. Mas não te comportarias com moderação a não ser que tivesses controle sobre todas as terras do rei Budli. E fizeste a tua sogra chorar diversas vezes.”

possa ter cometido. Quando essas palavras são pronunciadas, Atli já havia matado ambos os irmãos de Gudrun, e ela executava sua vingança.

2.4. “Senna”

Em *A Saga dos Völsung*, a discussão entre as rainhas é iniciada devido à aparente soberba de Brynhild, que não deseja se banhar nas mesmas águas que Gudrun, para não se equiparar a uma mulher “inferior”:

Þat er einn dag, er þær gengu til árinna Rína at þvá sér, þá óð Brynhildr lengra út á ána. Guðrún spyrr, hví þat gegndi. Brynhildr segir: “Hví skal ek um þetta jafnask við þik heldr en um annat? Ek hugða, at minn faðir væri ríkari en þinn, ok minn maðr unnit mörg snildarverk ok riði eld brennanda, en þinn bóndi var þræll Hjalpreks konungs.” Guðrún svarar með reiði: “Þá værir þú vitrari, ef þegðir en lastaðir mann minn. Er þat allra manna mál, at engi hafi slíkr komit í veröldina fyrir hversvetna sakir. Ok eigi samir þér vel at lasta hann, þvíat hann er þinn frumverr. Ok drap hann Fáfni ok reið vaflogann, er þú hugðir Gunnar konung. Ok hann lá hjá þér ok tók af hendi þér hringinn Andvaranaut. Ok máttu nú hér hann kenna.” Brynhildr sér nú þenna hring ok kennir. Þá fölnar hon, sem hon dauð væri.²³³ (Cap.30, p.69)

Brynhild sabe da grandeza de Sigurd, e por isso havia se enamorado dele. Ela age acima de tudo por inveja, o que é confirmado a seguir, quando reconhece a superioridade inegável do herói:

“Una mundu vér”, segir Brynhildr, “ef eigi ættir þú göfgara mann.” Guðrún svarar: “Áttu svá göfgan mann, at úvist er, hvern meiri konungr er, ok gnótt fjár ok ríkis.” Brynhildr svarar: “Sigurðr vá at Fáfni, ok er þat meira vert en allt ríki Gunnars konungs, svá sem kveðit er: Sigurðr vá at ormi, / en þat síðan mun / engum fyrnask, / meðan öld lifir; / en hlýri þinn / hvárk þorði / eld at ríða / né yfir stíga.”²³⁴ (Cap.30, p.70)

²³³ “Um dia, as rainhas foram banhar-se no rio Reno. Brynhild foi mais adiante no rio. Gudrun perguntou o que isso significava, e Brynhild respondeu: ‘Por que eu deveria equivaler-me a ti mais nessa situação do que em todas as outras? Eu acho que o meu pai é mais rico do que o teu, e o meu marido realizou muitos maravilhosos atos e cavalgou através do fogo flamejante, enquanto que o teu marido era um criado [livre] do rei Hjalprek.’ Gudrun disse com raiva: ‘Seria mais sábio se calar do que falar mal do meu marido. Todos concordam que nunca haverá alguém como ele no mundo. E não é adequado para ti falar mal dele, pois ele é teu amante. Foi ele quem matou Fafnir, e também cavalgou através do fogo flamejante, enquanto tu achavas que este era o rei Gunnar. Ele deitou-se contigo e pegou o teu anel Andvaranaut. Tu podes reconhecê-lo aqui.’ Brynhild viu o anel e o reconheceu. Então ela empalideceu como se estivesse morta.”

²³⁴ “‘Eu estaria satisfeita’, disse Brynhild, ‘se tu não tiveste o homem mais honrado.’ Gudrun respondeu: ‘Tu tens um homem honrado, com tanta riqueza e poder, que é difícil saber quem é o melhor rei.’ Brynhild retrucou: ‘Sigurd lutou contra Fafnir, e isso vale mais do que todo o poder do rei Gunnar. Como se conta: Sigurd lutou contra a serpente, e não será esquecido enquanto ainda houver a humanidade; já o seu irmão, não ousou sequer cavalgar através do fogo ou saltar sobre ele’.”

Brynhild sabe que Sigurd é, de longe, o melhor rei, e não admite que Gudrun seja sua esposa. A *Senna* parece ser causada por ciúmes, mas é uma briga pelo poder. Brynhild é aquela que trocou os votos com Sigurd, e, que, portanto, merecia o lugar ao lado do mais nobre guerreiro. Porém, como as coisas não saíram da forma planejada, ela ataca a mulher de Sigurd verbalmente, tentando comprovar sua superioridade. Ela apenas assume que inveja o marido de Gudrun, quando a trama da noite de núpcias é desvendada. Brynhild não aceita estar casada com o mais fraco e, a partir de então, exige que Sigurd seja morto.

2.5. Bens materiais e o tesouro de Sigurd

A narrativa breve de *A Saga dos Völsung* quase não faz menção aos bens materiais que eram possuídos pelas mulheres. Apenas Gudrun é retratada ostentando jóias e adornos somente em uma cena, aquela que antecede seu encontro com Brynhild, no qual pede que ela interprete seus sonhos:

Guðrún svarar: “Þat angrar mik, at ek veit eigi, hvern hann er, ok skulum vér hitta Brynhildi. Hon mun vita.” Þær bjuggusk með gulli ok mikilli fegrð ok fóru með meyjum sínum, unz þær kómu at höll Brynhildar. [...] Ok er sén er ferð þeira, þá er Brynhildi sagt, at margar konur óku at borginni með gyldum vögnum.²³⁵ (Cap.26, p.62)

A razão para essa ser uma cena única é o fato de ser evidentemente inspirada em romances cortesões, o que é utilizado para ilustrar o fato de Gudrun ser da nobreza. No entanto, como a saga é um gênero literário que foca a narrativa na ação, a ostentação do poder, assim como a descrição de detalhes, não são de interesse para a platéia. Dessa forma, não pode comportar mais descrições como esta. Sequer o destino do tesouro de Sigurd é largamente relatado, embora seja a razão pela qual Atli mata ambos os irmãos de Gudrun. Ainda assim, o porquê de este estar sob o domínio deles e não dela, a viúva de Sigurd, não consta da narrativa. Gudrun certamente teria direito à herança do marido, inclusive é isso que Atli alega a Högni, “fáið mér gull þat it mikla, er vér erum til komnir, þat fé, er Sigurðr átti, en nú á Guðrún!”²³⁶ (Cap.38, p.91), mas o tesouro fica com seus irmãos, o que poderia ter sido ocasionado pelo fato de todos dividirem o mesmo teto e ela ter abandonado o lar

²³⁵ “Gudrun respondeu: ‘Preocupa-me não saber quem ele é, eu deveria encontrar Brynhild. Ela deve saber.’ Elas se enfeitaram com ouro e muitos belos adornos, e ela viajou com suas mulheres até o salão de Brynhild. Quando foi avistada, foi dito a Brynhild, que muitas mulheres estavam chegando ao burgo em carruagens douradas.”

²³⁶ “Dai-me todo o ouro que me pertence, o tesouro que era de Sigurd e agora pertence a Gudrun.”

por um período superior a dois anos. Gudrun aceita complacentemente que o tesouro não esteja em seu domínio, embora Atli afirme que ela é uma mulher gananciosa, ela não faz questão do tesouro, ou acima de tudo, não deseja que Atli ponha as mãos sobre ele.

2.6. *Manipulação sentimental e de relações afetivas*

A mulher islandesa não tinha o direito de falar no *alþing*, assim como um homem “incapaz”. Isso porque a mulher deve ser representada, não podendo interferir nos negócios “masculinos”, mesmo quando detalhes da sua própria vida tivessem que ser decididos. Por não terem como interferir diretamente, essas mulheres devem utilizar outros métodos para atingir o que desejam, incentivando os homens a agir da forma que lhes apraz.²³⁷ Os movimentos femininos costumam ser calculados e, por isso, elas são freqüentemente retratadas de forma negativa nas sagas, especialmente no que se refere à fala: “Eines Mädchens Worten soll der Mann nicht trauen, noch dem was redet ein Weib; denn auf rollendem Rad sind ihnen die Herzen geschaffen”²³⁸ (KRAUSE, 1926: 37). Também se encontram, em diferentes sagas, referências ao provérbio “Frios são os conselhos de uma mulher”,²³⁹ o qual alerta o homem a não dar ouvidos a conselhos que podem levá-lo a um mau passo. As mulheres de *A Saga dos Völsung* não diferem das mulheres das sagas familiares e costumam usar a manipulação como o meio de atingir seus objetivos, e, com freqüência, seus conselhos levam as personagens masculinas a um final trágico.

Logo após a discussão com Gudrun, Brynhild exerce uma forte chantagem emocional, de forma a ficar em um estado que faz os criados acreditarem que ela estava doente: “Eptir þetta tal leggsk Brynhildr í rekkju, ok kómu þessi tíðendi fyrir Gunnar konung, at Brynhildr er sjúk. Hann hittir hana ok spyrr, hvat henni sé. En hon svarar engu ok liggr, sem hon sé dauð.”²⁴⁰ (Cap.31, p.72). Ela se encontra em uma situação que se assemelha à de uma pessoa moribunda, mas, em seguida, reage ao marido com fúria, tentando matá-lo. Uma vez que não consegue o que desejava, e não pode “lavar a honra” com o sangue dele, passa a exigir que ele tome uma atitude. De mãos atadas, Brynhild

²³⁷ Vide BYOCK, 2001: 196; JESCH, 1991: 190.

²³⁸ ²³⁸ “O homem não deve confiar nas palavras de uma garota, nem naquilo que diz uma mulher, pois os seus corações foram feitos sobre uma roda que gira.”

²³⁹ Vide ANDERSON, 2002: XI.

²⁴⁰ “Depois dessa conversa, Brynhild recolheu-se. O rei Gunnar ficou sabendo que ela estava doente e foi vê-la e perguntou-lhe o que a incomodava. Ela não respondeu e ficou deitada como se estivesse morta.”

entrega-se ao sofrimento, que é, na verdade, uma ameaça ao rei, pois não apenas ele, mas todos daquele burgo teriam que presenciá-lo, o que deveria ser uma razão de vergonha:

Hon svarar: “Hirð eigi þat, þvíat aldri sér þú mik glaða síðan í þinni höll eða drekka né tefla né hugat mæla né gulli leggja góð klæði né yðr ráð gefa.” Kvað hon sér þat mestan harm, at hon átti eigi Sigurð. Hon settisk upp ok sló sinn borða svá, at sundr gekk, ok bað svá lúka skemmudyrum, at langa leið mætti heyra hennar harmtölur. Nú er harmr mikkil, ok heyrir um allan bæinn.²⁴¹ (Cap.31, p.73)

Brynhild ameaça viver em profunda tristeza e deixar de exercer qualquer atividade que viesse a lhe dar prazer. Então, ela passa inúmeros dias sem se divertir ou compartilhar as atividades diárias com outras pessoas que ali moravam. Sua atitude preocupa todos, porém Sigurd sabe que a dor da rainha não envolve apenas auto-piedade, mas também o desejo de vingança:

Ok annan dag eptir, er hann kom heim af dýraveiði, hitti hann Guðrúnu ok mælti: “Þann veg hefir fyrir mik borit, sem þetta muni til mikils koma hrollr sjá, ok mun Brynhildir deyja.” Guðrún svarar: “Herra minn, mikil kynsl fylgja henni. Hon hefir nú sofit sjau dægr, svá at engi þorði at vekja hana.” Sigurð svarar: “Eigi sefr hon, hon hefir stórræði með höndum við okkr.”²⁴² (Cap.31, p.74)

Com uma depressão tão profunda, Sigurd suspeita que Brynhild logo morrerá, mas também sabe que ela não será a única afetada, porque levará mais pessoas consigo. Como visto em “Problemas dentro dos laços matrimoniais”, ela também ameaça com o divórcio e, mais adiante, ao saber que Gunnar irá matar Sigurd como ela havia pedido, ela ainda ameaça com a greve de sexo: “Hon stóð upp ok segir þó, at Gunnarr mun eigi koma fyrr í sama rekkju henni, en þetta er fram komit.”²⁴³ (Cap.32, p.78) A recusa em deitar-se com o rei não é apenas uma ameaça para atingir seus objetivos, a rainha fala repetidas vezes que

²⁴¹ “Ela respondeu: ‘Não te preocupes com isso, pois nunca mais me verás feliz nos teus salões, nem me verás beber, nem jogar jogos de tabuleiro, nem conversar, nem costurar ouro em belas vestimentas, nem te dar conselhos.’ Ela declarou que o seu maior ressentimento era não haver se casado com Sigurd. Levantou-se e golpeou a sua tapeçaria de tal forma que esta se estragou. E ordenou que as portas de sua câmara fossem abertas, para que suas lamentações pudessem ser ouvidas de longe. O seu sofrimento era muito grande e podia ser ouvido em toda parte.”

²⁴² “No dia seguinte, quando Sigurd voltou da caça, ele encontrou Gudrun e disse: ‘Aqui estou. Muito terror ainda acontecerá e Brynhild irá morrer.’ Gudrun respondeu: ‘Meu senhor, muitas características estranhas estão relacionadas a ela. Agora, ela já dorme há sete dias, de tal forma que ninguém consegue acordá-la.’ Sigurd disse: ‘Ela não está dormindo. Ela está tramando contra nós.’”

²⁴³ “Ela levantou-se e disse que Gunnar não poderia dividir a cama com ela até que isso [a morte de Sigurd] acontecesse.”

não deseja ter dois reis no mesmo salão, dessa forma, ela não manterá relações com Gunnar até que Sigurd esteja morto.

A personagem feminina que mais manipula e guia o destino das outras é Grimhild. É importante salientar que, além da sua autoridade materna, ela também se utiliza da sensualidade, que é descrita no momento em que ela pede que seu marido ofereça Gudrun para Sigurd: “Ok eitt sinn gekk Grímhildr fyrir Gjúka konung ok lagði hendr um háls honum ok mælti...”²⁴⁴ (Cap.28, p.65). Embora elementos como o divórcio possam influenciar na escolha masculina, a chantagem emocional e o sexo parecem ser as principais formas de as mulheres exercerem a manipulação do poder sobre os homens.

3. Análise comparativa

A maternidade, que nessa época era encarada muito mais como uma obrigação conjugal do que um “dom” feminino, concede poder às mulheres de ambas as narrativas. Em *A Canção dos Nibelungos*, na qual as personagens têm poucos filhos, a maternidade de Kriemhild sempre é recompensada com o poder, tanto ao dar a luz ao filho de Sigurd, quanto ao de Etzel. Isso não ocorre em *A Saga dos Völsung*, na qual as mulheres ficam grávidas com muito mais facilidade, e não há uma razão para que a chegada de um único filho traga consigo um valor simbólico tão elevado; tome-se por exemplo Kriemhild, que se casa duas vezes e tem um filho em cada matrimônio, enquanto Gudrun tem um total de sete em três uniões. O poder que a mulher islandesa adquire ao se tornar mãe é o poder sobre a prole, que costuma agir de acordo com os desígnios dela. Essa influência está ligada à imagem da matriarca nas sagas islandesas. Grimhild representa tal figura, pois exerce um poder praticamente absoluto sobre seus filhos, da mesma forma que sua filha Gudrun virá a dominar seus filhos que passarem da tenra infância. Na Islândia, a imagem da maternidade está intrinsecamente ligada à imagem de poder nos padrões de suas sagas, o contrário do que ocorre na Europa central, onde Ute representa o papel genuinamente materno, uma personagem apagada que não esboça desejo ou ações relevantes. Embora o filho de Kriemhild com Siegfried chegue à idade adulta, ele não é representado nessa idade, pois a mãe havia perdido o contato com ele há muitos anos. Assim, esse fato faz com que a maternidade não seja uma característica tão intrínseca de Kriemhild, o que lhe permite ter a

²⁴⁴ “Um dia, Grimhild foi até o rei Gjuki, deitou os braços em volta de seu pescoço e disse...”

habilidade para seguir com sua vingança. Paradoxalmente, nas sagas islandesas, a vingança só pode ser alcançada por uma mulher se for através dos filhos.

A beleza e a violência são elementos que pertencem apenas a um dos dois gêneros narrativos. As longas descrições da beleza feminina, assim como sua relevância para o desenrolar da narrativa demonstraram ser tipicamente cortesias, sendo praticamente inexistentes na saga. A cena na qual Gudrun é retratada com um grande séquito e muitas jóias é uma clara referência aos padrões cortesias, sendo o suficiente para enquadrar a princesa no que seria esperado da nobreza da Europa central.

Por outro lado, a violência praticada por mulheres ocorre em ambas as obras, a diferença está no fato de que Brünhild só é capaz de agir de forma violenta em *A Canção dos Nibelungos* enquanto virgindade está intacta, em *A Saga dos Völsung*, Brynhild não apenas volta a agir de forma agressiva depois de casada, como também alcança seus objetivos dessa forma. Embora muitos sejam os meios por ela aplicados, Gunnar deixa claro que teme a própria morte ao justificar ter acatado as ordens de sua mulher. Já a virgem Brünhild não pode atingir os seus objetivos através da violência, pois sempre é derrotada por Siegfried e, por fim, se posiciona em seu lugar como mulher.

O *status* da mulher na sociedade medieval é intimamente relacionado à posição do marido, o que fica claro na *Senna*, mas a relação entre casamento e poder nem sempre é tão explícita. Brünhild e Kriemhild deixam seus bens materiais ao casar-se, devido ao orgulho de seus maridos, o que, na verdade, indica a ascensão da esposa, visto que, mesmo tendo de deixar parte do que já tinham para trás, elas estão se unindo a um homem muito mais poderoso. As uniões entre Kriemhild e Etzel, e Gudrun e Atli são as que mais evidenciam a aquisição de poder por parte da noiva. Contudo, os casamentos se desenvolvem de maneiras distintas, enquanto Kriemhild perde o tesouro pouco antes dele e passa a gozar de mais servos e bens do que quando era casada com Siegfried, Gudrun deixa o tesouro com seus irmãos, que são mortos por Atli, o qual ainda a acusa de desejar poder demais. Ele não demonstra nenhum tipo de generosidade ao exigir para si os bens da mulher. Mesmo que esboce sentimentos mais nobres quando se refere aos seus filhos ou à sua irmã, cuja memória ele deseja vingar, Atli é um vilão.

O teor da discussão da *Senna* é o mesmo em ambas as obras, mas ela é iniciada por diferentes razões. Enquanto em *A Canção dos Nibelungos*, Kriemhild faz um elogio

inocente ao seu marido, o qual acaba por ofender Brünhild, em *A Saga dos Völsung*, é Brynhild quem inicia a discussão devido ao seu desejo em se mostrar superior a Gudrun. A disputa pelo poder é evidente em ambos os casos, a diferença é que, em *A Saga dos Völsung*, Brynhild a inicia por não aceitar que Sigurd não fosse seu e por desconfiar da verdade que se escondia por trás disso. Por sua vez, em *A Canção dos Nibelungos*, Brünhild apenas reage a um comentário inaceitável em sua posição. Kriemhild e Brünhild discutem pelo poder, mas, em *A Saga dos Völsung*, as motivações da *Senna* são um misto de amor e poder, que não deixam de ser intrínsecos um ao outro, pois esse amor se deve ao fato de ele, Siegfried/Sigurd, ser o mais valioso e poderoso dos homens.

A manipulação de personagens masculinas ocorre em ambas as sagas, porém os meios empregados podem diferir entre si. Um instrumento presente em ambas, e que também é caro daqueles que escreviam sobre as mulheres na época, é a sexualidade. A greve de sexo é aplicada por Brünhild sem sucesso, em *A Canção dos Nibelungos*, já em *A Saga dos Völsung*, Brynhild também se recusa a se deitar com seu marido, mas essa não é a única ameaça, é apenas uma entre tantas, e, mais do que um meio de manipulá-lo, é uma simbologia através da qual indica que só voltaria a ser a esposa “plena” de Gunnar quando não fosse mais “mulher de dois reis”. Assim como em *A Canção dos Nibelungos*, ela utiliza a violência e a greve de sexo para convencer o marido, mas dentro do gênero da saga, no qual as mulheres são descritas como altamente manipuladoras, não há quem consiga fazê-la parar.

A sensualidade também é um importante meio, agradando o marido com carícias ou na cama, Grimhild e Kriemhild fazem propostas que são prontamente aceitas, sem restrições. É como se esse fosse o melhor momento, pois eles estariam mais propensos a aceitar as sugestões de suas esposas.

Ao pedir que Gunther acabe com a desonra que ela sofreu, Brünhild apenas demonstra tristeza. A Tal estratégia de representação de tristeza infelicidade e sofrimento também é realizada por Kriemhild e, especialmente, por Brynhild. Mesmo Brynhild, que ainda teria forças suficientes para combater um homem, encontra-se de mãos atadas, e, por isso, age como outras mulheres fariam. Então, ao invés de continuar lutando contra seu marido, ela passa a parecer uma criatura indefesa, destacando seu próprio sofrimento. Se os homens não temem a mulher, ela faz com que temam por ela. Gunnar, Gunther ou os hunos

devem atuar a fim de abrandar a dor dessas mulheres, que não possuem muitos meios para lutar por si sós. Se são eles que devem tomar a atitude por elas, nada melhor do que chamar sua atenção de forma a garantir que ajam logo e de forma satisfatória.

Um meio utilizado apenas em *A Canção dos Nibelungos* é a mentira, tanto Brünhild quanto Kriemhild falam com seus maridos de forma a fazê-los crer que nutrem um carinho especial pelas pessoas que elas desejam trazer para as suas terras. Ambas alegam ter saudades e mencionam sentimentos nobres, mas guardam muita amargura por trás daquelas palavras. No entanto, pode-se afirmar que as mulheres, tanto em *A Canção dos Nibelungos* quanto em *A Saga dos Völsung*, pecam pela boca, porque mesmo quando não mentem, pecam por revelar segredos valiosos.

A complexidade do estilo narrativo desenvolvido em *A Canção dos Nibelungos* faz com que as personagens femininas tenham uma gama maior de formas de exercer o poder, bens materiais, ricas vestes, servos ou mentiras perdem seus bens por razões pequenas, como o orgulho de seus maridos. As mulheres da saga não apenas não são descritas em relação ao seu patrimônio, como Gudrun ainda demonstra um certo desprendimento dele. Elas, assim como os homens, não são retratadas dando ordens a servos, pois introdução deles no desenrolar da história poderia afastar a atenção da trama original. A ausência de servos que sirvam às mulheres não indica que elas sejam menos poderosas; tome-se por exemplo Grimhild e Gudrun: quem deve seguir as ordens delas são os filhos, o que exige o narrador de ter que inserir mais personagens à saga. A gama de possibilidades descrita em *A Canção dos Nibelungos* não representa que elas tenham mais poder, mas uma limitação da ação dessas personagens, justamente por não possuírem todos esses meios, as mulheres de *A Saga dos Völsung* têm maior poder de ação, de forma a eliminar muitas etapas da narrativa.

Capítulo V - Conflitos violentos da perspectiva feminina

Neste último capítulo, será observada a relação das mulheres com diferentes formas de conflitos violentos, como a guerra ou as disputas familiares. Estes são um elemento principal nos dois gêneros literários aqui apresentados. Essa relação pode variar da completa passividade, quando as mulheres podem apenas ficar em casa, esperando por notícias e desejando que o pior não tenha acontecido, até um profundo envolvimento, quando elas dão ordens e fazem parte do comando dos ataques, ou, em uma narrativa de fundo trágico como as aqui apresentadas, chegam até a lutar ou matar com as próprias mãos. Também será tratada a questão do luto, que inevitavelmente está ligada à guerra, pois, quando as batalhas estão terminadas, são as mulheres que devem chorar pelos feridos e velar pelos mortos.

Como a relação das mulheres com tais acontecimentos era muito limitada, uma participação mais próxima constituía sempre exceção. Alguns desses casos serão apresentados aqui apenas como exemplo, para ilustrar o tipo de reação que as mulheres da época poderiam esboçar, mas se deve compreender que, assim como as personagens das narrativas aqui discutidas, elas se destacaram justamente por fugir à regra.

1. Conflitos violentos em *A Canção dos Nibelungos*

1.1. *Mulheres à margem dos conflitos*

A guerra é, tradicionalmente, um assunto masculino e não é tratada de forma diferente nessa obra. As mulheres se apresentam muitas vezes impotentes, sem poder tomar atitude alguma diante das decisões masculinas. Essa impotência, ou melhor dizendo, essa falta de malícia é de suma importância para o desenrolar de *A Canção dos Nibelungos*, porque a morte de Siegfried ocorre, entre outros motivos, em decorrência da inocência de sua esposa. Embora as mulheres não pertençam à esfera bélica, elas têm uma atuação importante na narrativa, uma vez que é nelas que fica impresso o símbolo da dor da guerra.

1.1.1. *A impotência diante dos conflitos*

Como já foi visto anteriormente, as mulheres devem permanecer reclusas, longe de qualquer perigo e longe do contato com homens, elas não podem fazer mais do que esperar ansiosas por notícias dos familiares e dos maridos que partiram para a batalha. A imagem

do mensageiro sendo enviado com as boas novas, encarregado de acalmar os corações aflitos das damas que permaneceram no reino, é recorrente, e está impressa logo na primeira batalha de *A Canção dos Nibelungos*, quando Siegfried parte com os irmãos de Kriemhild para lutar contra os dinamarqueses e os saxões:

Kriemhilt diu scêne vil gütlichen sprach: / “nu sag’ án liebiu mære; já gib ich dir mîn golt. / tuost du’z âne liegen, ich wil dir immer wesen holt. / Wie sciet ûz dem strîte mîn bruoder Gêrnôt / und ander mîne friwende? ist uns iht maneger tôt? / oder wér tet dâ daz beste? daz solt du mir sagen.” / dô sprach der bote sciere: “wir heten ninder keinen zagen. / Ze ernste und ze strîte reit niemen alsô wol, / vil edeliu küneginne sît ichz iu sagen sol, / sô der gast vil edele ûzer Niderlant.”²⁴⁵ (225, 2s. – 227, 1-3)

Os relatos do mensageiro não são neutros, também aponta, atendendo a seus pedidos, aquele que se destacou na batalha. Essa conversa funciona como um ensejo para que ela tenha mais notícias do nobre cavaleiro e constate que Siegfried se destaca, mesmo diante de seus irmãos. Do mensageiro vêm as primeiras notícias, que irão acalmar as damas daquele reinado, pois os cavaleiros retornam apenas algum tempo depois. Elas devem observar, como em outras situações, a vida através da janela, de onde elas poderão presenciar as honras, ou a tragédia, da guerra: “dô gie an diu venster vil manec scœniu meit. / si warten ûf die strâze; rîten man dô vant / vil der hôhgemuoten in der Bûrgônden lant.”²⁴⁶ (243, 2s.)

Com essa visão distanciada das batalhas, as jovens demoram a desenvolver a malícia, e é assim que Hagen consegue criar um estratagema para que a inocente Kriemhild revele o segredo de Siegfried. Ao afirmar que estavam sendo atacados mais uma vez, Kriemhild se desespera e aceita o auxílio de Hagen, o qual afirma que iria proteger seu marido:

“Ich meld iz ûf genâde, vil lieber vriunt, dir, / daz du dîne triuwe behaltest ane mir. / dâ man dâ mac verhouwen den mînen lieben man, / daz lâz’ ich dich hœren; deist ûf genâdé getân. / Dô von des trachen wunden vlôz daz heize bluot / und sich dar inne badete der küene ritter guot, / dô viel im zwischen die herte ein lindenblat vil breit. / dâ mac man in versnîden: des ist mir sorgen vil bereit.” / Dô sprach von Tronege Hagene: “ûf daz sîn gewant / næt ir ein

²⁴⁵ “A bela Kriemhild disse amigavelmente: ‘Conta-me as boas novas e dar-te-ei ouro em troca. Faz isso sem mentir, e para sempre ser-te-ei afeiçoada. Como o meu irmão Gernot e os meus outros amigos saíram da batalha? Algum dos nossos morreu? Ou quem se saiu melhor? Deves me dizer!’ O mensageiro respondeu: ‘Não tivemos inimigo algum. Na disputa e na batalha, ninguém cavalgou tão bem, minha nobre rainha, isso eu devo vos dizer, quanto o nobre hóspede dos Países Baixos.’”

²⁴⁶ “Então muitas jovens damas foram até a janela. Elas olhavam para a rua, logo se encontravam lá os bravos cavaleiros da terra dos burgúndios.”

kleinez zeichen. dâ bî ist mir bekant / wâ ich in müge behüeten, sô wir in sturme stân.” / si wânden helt dô vrîsten: ez was ûf sînen tôt getân.²⁴⁷ (901 – 903)

A reclusão de Kriemhild e a falta de contato dela com algo tão inerente à sua sociedade como era a guerra fizeram com que ela acabasse por dar a Hagen as coordenadas para que ele matasse seu amado. Trancada no castelo, ela vive uma realidade diferente daquela que os homens vivem, e mesmo conhecendo os motivos de Hagen e de Gunther para desejar a morte de seu marido, ela crê que a surra que levou como castigo havia sido o suficiente para que uma reconciliação completa com seus familiares fosse alcançada.

1.1.2. *Luto*

Hagen mata Siegfried de forma traiçoeira, em uma suposta caçada e ordena que deixem o corpo diante do quarto de Kriemhild para que ela o encontrasse. A dama, tão acostumada a receber notícias através de mensageiros, receberia a morte de seu marido da pior forma, encontrando seu cadáver, sem ter aviso prévio de que a caçada não havia se desenvolvido da forma que era esperada:

Von grôzer übermüete muget ir hœren sagen, / und von éislîcher râche. dô hiez Hagen tragen / Sîfrit alsô tôten von Nibelunge lant / für eine kemenâten, dâ man Kriemhilde vant. / Er hiez in tougenlîchen legen an die tür, / daz si ín dâ solde vinden, so si gienge darfür / hînz zer mettîne, ê daz ez wurde tac, / der diu vrouwe Kriemhilt vil sêlten dehéine verlac.²⁴⁸ (1003 – 1004)

A maldade desse ato vem acentuada pelos comentários do narrador que também não vê justificativa para essa atitude, mas essa não é a única passagem na qual Hagen oferece o corpo a Kriemhild, esse gesto se repete no banquete na terra dos hunos, quando Hagen mata o filho da rainha: “Dô sluoc daz kint Ortlîeben Hâgen der hélt gúot, / daz im gegen der hende ame swérte vlôz daz bluot, / unt daz der kûneginne daz hóubet sprânc in die

²⁴⁷ “‘Falo francamente contigo, meu querido amigo, para que mantendas a tua fidelidade a mim. Por isso deixo que saibas onde o meu querido marido pode ser ferido. Isso eu faço na maior confiança. Quando o sangue quente fluiu das feridas do dragão e o bravo cavaleiro banhou-se nele, uma larga folha de tília caiu nas suas costas, entre os ombros. Ele pode ser ferido nesse lugar, por isso tenho grandes preocupações.’ Hagen von Tronje disse: ‘Costurai um pequeno sinal nesse local. Assim eu saberei onde devo protegê-lo quando estivermos no temporal [N.T.: temporal de lanças e flechas].’ Ela acreditava estar salvando o seu herói, mas isso seria a causa de sua morte.”

²⁴⁸ “‘Vocês ouvirão agora sobre uma grande arrogância e uma grande vingança. Hagen mandou que levassem o falecido Siegfried da terra dos nibelungos ao quarto no qual Kriemhild se encontrava. Ele mandou que o deitassem secretamente diante da porta para que ela o encontrasse ao sair logo no raiar do dia para a missa, à qual Kriemhild nunca faltou.’”

schôz.”²⁴⁹ (1961, 1-3). Nessa cena, o narrador não se empatiza com a dor de Kriemhild, que já não é mais inocente e conhecia o perigo que seu filho estava correndo. Deve-se notar que, tanto na morte do marido quanto na morte do filho, ela é a primeira a receber os corpos, o que nem sempre indica a maldade daquele que matou seus familiares, como pode ser notado pelas diferentes descrições de cada passagem, mas aponta para a função feminina dentro dos ritos ligados à guerra e ao luto: o corpo à mulher pertence. A mesma referência ocorre nas palavras de Dankwart ao matar Blödel: “Dô sluoc er Blœdelîne einen swínden swertes slac, / daz im daz houbet schiere vor den fûezen gelac. / ‘daz sî dîn morgengâbe’, sprach Dancwart der degen, / ‘zuo Nuodunges briute, der du mit minnen woldest pflegen’.”²⁵⁰ (1927). Dankwart faz um comentário maldoso em relação às intenções de Blödel, que apenas os ataca para ter a mão daquela que era a noiva de Nudung, morto durante uma justa. Porém, esse comentário também indica, mais uma vez, que o corpo pertence àquela que se tornaria sua companheira, é ela que deve velar pelo guerreiro.

Há muitas referências às lamentações que as mulheres ainda fariam pelos seus familiares, sempre anunciando a eminente tragédia:

von lûge erwuohsen vrouwen diu aller grœzêsten leit. (877, 4); jâ habet ir ze vînde, daz wizzet, maniger muoter kint. (879, 4); daz muosen edele vrouwen beweinen grœzlîchen sît. (1805, 4); daz muose sît beweinen vil maneges heldes wîp. (1938, 2); des engált an lieben frîunden sît vil mánec wætlîchez wîp. (2117, 4)²⁵¹

Essas passagens sempre se referem às dores que ainda virão da guerra, as quais estão sempre representadas nas lágrimas de mães e esposas que não verão seus entes queridos retornarem. Essas são mulheres anônimas, que representam o luto como um todo, nunca a dor individual por um ente apenas. Como Duby aponta, elas são responsáveis pelo “luto coletivo”²⁵² quando choram publicamente os que caíram durante a batalha. Essas curtas passagens têm duas funções dentro do texto, uma é alertar o leitor/ouvinte sobre a

²⁴⁹ “Então Hagen, o bravo herói, golpeou o jovem Ortlieb de forma que o sangue correu da espada até as suas mãos e a cabeça caiu sobre o colo da rainha.”

²⁵⁰ “Ele deu em Blödel um rápido golpe de espada, de forma que a cabeça dele caiu aos seus pés. ‘Este será o teu dote’, disse o guerreiro Dankwart, ‘para a noiva de Nudung, para quem querias entregar o teu amor’.”

²⁵¹ “Essa mentira causou nas mulheres a mais terrível dor. [...] Como sabeis, vós tendes como inimigos os filhos de muitas mães. [...] Por isso as nobres damas teriam que chorar amargamente. [...] Por isso as mulheres de muitos bravos guerreiros ainda teriam que chorar. [...] Devido a isso muitas belas mulheres ainda lamentariam os seus queridos maridos.”

²⁵² Vide: DUBY, 1997:21.

desgraça que está para ocorrer, e a outra é a métrica, quase sempre elas vêm localizadas no quarto verso. O luto anônimo serve como uma espécie de marcação do decorrer da guerra.

A segunda parte de *A Canção dos Nibelungos* relata um número muito grande de mortes, mas a descrição da batalha se desenrola rapidamente, de forma que o luto praticamente não é descrito. Todavia, isso não indica, de forma alguma, que a batalha possa ter uma importância mais elevada, pois as lamentações são tão relevantes que, dentre as obras que se originaram de *A Canção dos Nibelungos*, destaca-se *Die Klage*, um livro que relata não apenas o que teria ocorrido depois de toda a luta, mas se ocupa principalmente do luto pelos guerreiros caídos durante a batalha, o que comprova a necessidade que havia na época em ver sua representação. Apenas o luto coletivo e o de Rüdiger são retratados durante o conflito. Embora sejam tipicamente femininas, a morte de Rüdiger vem marcada pela lamentações de ambos os sexos:

Dô si den marcgrâven sâhen tôten tragen, / ez enkunde ein schrîber gebrieven noch gesagen
/ die manegen ungebære von wîbe unde ouch von man, / diu sich von herzen jâmer âldâ
zêigén began. / Der Êtzelen jâmer der wart alsô grôz, / als eines lewen stimme der rîche
kûnec erdôz / mit herzen leiden wuofe; alsam tet ouch sîn wîp. / si klageten unge fuogen des
guoten Rûedegêres lîp.²⁵³ (2233 – 2234)

A atuação de homens no luto não é comum, como se pode notar pelo “também” que é utilizado pelo narrador. A presença de homens que sofrem pela morte do margrave só vem a destacar a perda, tanto que, aqui não são apenas as mulheres, frágeis, que lamentam por mais uma morte, mas até mesmo o rei chega a urrar atingido por um sofrimento tão duro.

1.1.3. *Clarividência*

É comum que as mulheres peçam a seus maridos que fiquem em casa, que não partam para a guerra, em direção ao perigo, esses clamores costumam vir entrelaçados com mais uma tática narrativa: a clarividência. Já na primeira aventura, Kriemhild sonha com a morte do seu amado, representada com um falcão que é despedaçado por duas águias (13). Esse é o primeiro de uma série de sonhos, um resumo do desenrolar da trama na primeira

²⁵³ “Nenhum escritor conseguiria descrever por escrito ou oralmente as inúmeras lamentações das mulheres e também dos homens devido ao sofrimento que sentiam quando viram o margrave ser carregado. O sofrimento de Etzel, o poderoso rei, era tão grande que ele urrou com a voz que vinha do coração, como a voz de um leão. Sua mulher também sofria. Eles lamentavam incomensuravelmente a vida do bom Rüdiger.”

parte de *A Canção dos Nibelungos*, no qual são apresentadas as principais personagens: Kriemhild, o falcão Siegfried e as duas águias que representam Hagen e Gunther. Mais adiante, quando Siegfried irá partir para a caça e a morte se aproxima, Kriemhild volta a ter sonhos premonitórios:

Si sprach zuo dem recken: “lât iuwer jagen sîn. / mir troumte hînte leide, wie iuch zwei wildiu swîn / jageten über heide, dâ wurden bluomen rô. / daz ich sô sêre weine, des gêt mir wærlîche nô. / Ich fürhte harte sêre etelîchen râ, / ob man der deheinem missedienet hât, / die uns gefüegen kunnen vîentlîchen haz. / belîbet, lieber herre: mit triuwen râ’ ich iu daz.” / Er sprach: “mîn triutinne, ich kum in kurzen tagen. / ine wéiz hie niht der liute, die mir iht hazzes tragen. / alle dîne mâge sint mir gemeine holt, / ouch hân ich an den degenen hie niht ándêrs versolt.”²⁵⁴ (921 – 923)

A morte está próxima, e Kriemhild tem dessa vez mais do que um sonho: “Neinâ, herre Sîfrit! jâ fürht ich dînen val / mir troumte hînte leide, wie ob dir zetal / vielen zwêne berge: ine gesách dich nimmer mê. / wil du von mir scheiden, daz tuot mir an dem herzen wê.”²⁵⁵ (924). Como é costume nas epopéias, Siegfried não dá atenção aos clamores de sua esposa, o leitor sabe que os sonhos de Kriemhild indicam a morte certa do herói, mas Kriemhild não pode mudar o destino que já está traçado. A clarividência de Kriemhild apenas faz aumentar seu sofrimento, assim como torna a narrativa mais tensa, uma vez que o leitor/ouvinte espera que o desenrolar trágico aconteça a qualquer momento. A uma mulher inocente como Kriemhild só cabe participar da guerra dessa forma, clamando que o marido fique ou lamentando pela morte daquele que lhe é querido.

A clarividência em *A Canção dos Nibelungos* é uma esfera totalmente feminina. Ute, a matriarca dos burgúndios também tem um sonho premonitório antes de seus filhos partirem para as terras do rei Etzel:

Dô sprach zuo z’ir kinden diu edel Uote: / “ir soldet hie belîben, helde guote. / mir ist getroumet hînte von angestlîcher nô, / wie allez daz gefüegele in disem lande wære tôt.” /

²⁵⁴ “Ela disse ao guerreiro: ‘Deixai essa caça. Eu tive um terrível sonho no qual dois javalis vos caçavam pelos campos, e as flores se tornaram vermelhas. Que eu chore tanto é um sinal de verdadeiro perigo. Eu temo muito uma série de ataques de pessoas, que podem ter sido ofendidas, e que podem nutrir um ódio secreto por nós. Ficai aqui, querido senhor, eu vos aconselho com grande amor.’ Ele respondeu: ‘Minha cara, eu retornarei depois de poucos dias. Não conheço ninguém aqui que pudesse nutrir ódio por mim. Todos os teus parentes me são afeiçoados, e não mereço outra coisa dos heróis daqui.’”

²⁵⁵ “Oh não, senhor Siegfried! Eu temo a tua queda. Sonhei sobre o meu sofrimento, como se duas montanhas caíssem sobre ti. Depois disso eu nunca mais te vi. Se fores embora, partir-me-ás o coração.”

“Swer sich an troume wendet”, sprach dô Hagene, / “der enwêiz der rechten mære niht ze sagene, / wenn’ ez im ze êren vollenclichen stê.”²⁵⁶ (1509 – 1510, 1-3)

Mais uma vez não se dá ouvidos à premonição de uma mulher, mesmo sabendo dos possíveis problemas que irão enfrentar. Hagen acha que devem seguir e provar que são homens de valor, mas se arrepende mais adiante: “Hagen riet die reise, iedoch geróuw éz in sît.”²⁵⁷ (1511, 4). Ele é um guerreiro valente e seguirá em direção ao seu destino, mesmo que saiba que a morte é certa, como quando as ondinas prevêm que apenas o capelão retornará vivo para Worms (1542), Hagen tenta afogá-lo – ato que acaba por ser a salvação do capelão, que não irá pisar nas terras dos hunos – e a partir desse momento ele sabe que seu destino está selado. Nessa cena, podemos notar mais uma vez, que o dom de prever o futuro pertence às mulheres, com a diferença sutil de que as nobres recebem premonições cifradas em forma de sonhos, contrariamente às ondinas, que são seres sobrenaturais e podem afirmar com certeza o destino que aguarda os cavaleiros. Também é importante notar que esse encontro com as ondinas é o que salva a vida do capelão, pois, não pisando em terras pagãs, não participará da carnificina na qual essa festa irá se tornar. Deus exime seu escolhido de todo o sofrimento e destruição que estão por ocorrer, “swie er niht swimmen kunde, im half diu gotes hant, / daz er wol kom gesunder hin wider ûz án daz lant.”²⁵⁸ (1579, 3s.). A divina providência se faz presente não apenas no desenrolar dos atos, mas também na forma como as previsões podem influenciar o destino daqueles que nela estão envolvidos, ainda que os clamores das mulheres sejam ouvidos, eles apenas servem para confirmar o destino que há muito já está traçado.

1.2. *Brünhild, a guerreira*

Brünhild é a única mulher guerreira em toda *A Canção dos Nibelungos*, o que não é bem recebido pelos guerreiros de Worms que a vêem como um demônio. Ela é perigosa, e a tentativa de tomar sua mão é fortemente desaconselhada por Siegfried (330). Quando os burgúndios chegam a Isenstein, os homens da rainha surgem preparados para uma guerra: “Dâ mit giengen degene dâ ûz Îslant, / die Prünhilde recken, die truogen swert enhant, /

²⁵⁶ “A nobre Ute disse aos seus filhos: ‘Vós, bons heróis, deveis ficar aqui. Hoje à noite, sonhei sobre perigo e dificuldades, como se todos os pássaros dessa terra estivessem mortos.’ Hagen respondeu: ‘Quem se atém a um sonho, não sabe ao certo se aquilo que ele faz condiz com seu valor’.”

²⁵⁷ “Hagen havia os aconselhado a fazer a viagem, mas se arrependeu disso mais tarde.”

²⁵⁸ “Uma vez que ele não sabia nadar, a mão de Deus o ajudou a chegar são e salvo à terra, saindo da água.”

fünf hundert oder mêt; daz was den gesten leit.”²⁵⁹ (418, 1-3). A rainha também surge pronta para uma grande batalha: “Dô was komen Prünhilt. gewâfent man die vant, / sam ob si solde strîten umb elliû küniges lant.”²⁶⁰ (434, 1-2). Embora ela seja apresentada como uma verdadeira guerreira, há poucas cenas de embate direto entre ela e algum homem; mesmo as provas pelas quais eles devem passar não são lutas contra ela, mas provas de força. O único embate direto é a luta que ela trava com Gunther e Siegfried (disfarçado) na cama. Brünhild pode ser uma verdadeira guerreira, mas sua atuação como tal está muito mais presente no imaginário daquele que ouve a história do que na narrativa propriamente dita; embora ela seja apresentada com armas em punho, ela não é descrita utilizando as mesmas contra um homem, ou mesmo em uma batalha, lutando ao lado de outros homens, enfrentando bravos guerreiros. Brünhild é uma figura contraventora, mas ela não excede os limites da sociedade medieval, porque, mesmo sendo forte, que está no comando de cavaleiros, ela não ocupa completamente a posição de guerreira. Uma mulher atuante na guerra seria algo grotesco demais para um épico medieval, de forma que a idéia permanece subentendida, sem ser descrita em momento algum.

A mulher guerreira não é uma realidade na Idade Média, mas em condições extremas, pode acabar assumindo uma postura mais ligada à guerra, como ocorreu durante as cruzadas, longe de casa, em terras estranhas, onde se lutava em nome de Deus, era comum que elas se posicionassem ao lado dos homens na batalha, mas atuavam principalmente como auxiliares:

Muitas mulheres [...] não hesitavam em envergar a cota de malha, o capacete e em manejar a espada, [...] como a margravina da Áustria que, em 1101, pegará ela mesma em armas e partirá para a Palestina [...]. A maioria delas serve contudo mais como auxiliar do que como combatente, ocupando-se por exemplo em fornecer água e cuidar dos feridos; mas, como na maioria das peregrinações, a dama parte ao mesmo tempo em que o cavaleiro. (PERNOUD, 1993:32)

A mulher medieval também se dispõe a partir junto com eles quando isso se faz necessário, por ter razões elevadas para tanto. Ela veste a cota de malha e empunha a espada em defesa da terra santa, em nome de Deus, bem como apenas carrega-a para poder se defender de situações adversas. Assim, não tem a intenção de lutar lado a lado com os

²⁵⁹ “Quinhentos, ou mais, guerreiros da Islândia, homens de Brünhild, vieram com espadas em punho. Isso trazia sérias preocupações para os convidados.”

²⁶⁰ “Então veio Brünhild. Ela foi vista armada como se fosse lutar por todo o reino.”

homens, mas executa principalmente tarefas típicas femininas, como tratar dos feridos. Mas essa realidade não poderia estar refletida nem uma epopéia como *A Canção dos Nibelungos*, tampouco em uma personagem como Brünhild. A Palestina era um lugar muito distante para o imaginário daqueles que ouviam o épico, assim como as empreitadas dos cruzados ainda estavam começando naquela época, e *A Canção dos Nibelungos* não trata de assuntos religiosos. Por mais que a Igreja esteja presente quando se trata de datas festivas ou de missas, a imagem de Deus é muito apagada na obra, quase inexistente, quando comparada com os romances corteses. Também Brünhild age como se “fosse lutar por todo o reino” e, ao contrário das mulheres que acompanhavam os cruzados, não é envolvida por uma aura de religiosidade, mas designada como “demônio” pelos homens que a encontram. Tal menção é válida apenas para mostrar que, embora seja possível um contato feminino com as batalhas, Brünhild continua sendo um espírito contraventor, que quebra as regras de conduta de sua época, coisa que não acontece em um grau tão elevado quando se fala das cruzadas.

1.3. *Kriemhild, a rainha à frente da guerra*

Logo que Siegfried morre, ainda durante o luto, Kriemhild já exprime seu desejo em vingar o assassinato covarde de seu marido: “Dô rief vil trûreclîche diu küneginne milt: / ‘owê mich mînes leides! nu ist dir dîn schilt /mit swerten niht verhouwen; du lîst ermorderôt. / wesse ich, wer iz het getân, ich riet’ im immer sînen tôt’.”²⁶¹ (1012). Esse desejo faz parte da lamentação pelo marido morto e é constantemente repetido pela viúva, não apenas como uma espécie de exteriorização da sua dor, mas até para despertar no pai de seu marido o mesmo desejo:

Dô kom der künec Sigemunt, da er Kriemhîlde vant. / er sprach: „owê der reise her in ditze lant. / wer hât mich mînes kindes und iuch des iuwern man / bî alsô guoten friunden sus mortlîche âné getân?” / “Hey sold ich den bekennen”, sprach daz vil edel wîp, / “hólt wúrde im nimmer mîn herze unt ouch mîn lîp / ich geriete im alsô leide daz die friunde sîn / von den mînen schulden müesen wéinênde sîn.”²⁶² (1023 – 1024)

²⁶¹ “Então a rainha disse com muita tristeza: ‘Oh, quanto sofrimento! O seu escudo não foi atacado por espadas, agora tu estás morto. Se eu soubesse quem fez isso, eu apenas desejaria a sua morte.’”

²⁶² “Então o rei Siegmund veio até Kriemhild e disse: ‘Maldita viagem para essas terras! Quem tirou o meu filho e o vosso marido, na companhia de tão bons amigos, de uma forma tão assassina?’ ‘Ah, se eu soubesse’, disse a nobre mulher, ‘eu o odiaria de corpo e alma para sempre e lhe infringiria tanto sofrimento que os seus amigos teriam que chorar por minha causa.’”

Enquanto Siegmund se lamenta mais uma vez pelo seu filho, Kriemhild volta a incitar a vingança. Ela não deseja somente a morte daquele que tirou dela o homem amado, mas também que aqueles que eram ligados ao assassino sofram o mesmo tanto que ela está sofrendo naquele momento. Essas palavras indicam as proporções que a sua vingança irá tomar. É como se Kriemhild houvesse perdido o senso de justiça devido à sua dor.

A viúva quer vingança, mas seu desejo não é tão cego como o de Siegmund, que decide lutar mesmo sem saber contra quem:

Die ûz erwelten degene mit schilden kômen dar, / einlef hundred recken; die het' an sîner schar / Sigemunt der herre. sînes sunes tôt / den wold' er gerne rechen; des gie im wærlîchen nô. / Sine wéssen, wen si solden mit strîten dô bestân / sine tæten ez danne Gûnther und sîne man, / mit den der herre Sîfrit an daz gejeide reit. / Kriemhilt sâch si gewâfent daz was ir grœzlîche leit. / Swie michel wær' ir jâmer und swie starc ir nô, / dô vórhât si harte der Nibelunge tôt / von ir bruder mannen, daz si ez understuont. / si warn't si gûetlîche, sô vriunde liebe vriunde tuont.²⁶³ (1028 – 1030)

Aqui Kriemhild demonstra, acima de tudo, preocupação com o bem-estar dos familiares de Siegfried, mas esse não é o único fator relevante, a viuvez faz com que ela perca muito da sua inocência. Ela está consciente de que Siegmund não tem chances de vencer com um número tão baixo de homens nas terras do inimigo. O desejo que ela tem por vingança é grande, mas sabe que daquela forma ela não conseguiria atingi-la e opta por deixar a família do falecido fora de perigo:

Si sprach: “herre Sigemund, ir sult iz lâzen stân, / unz ez sich baz gefüege: sô wil ich mînen man / immer mit iu rechen. der mir in hât benomen, / wird' ich des bewîset, ich sol im schâdelîche komen. [...] Ir sult hie belîben, unt dolt mit mir diu leit. / als iz tagen beginne, ir helde vil gemeit, / sô helfet mir besarken den mînen lieben man.” / dô sprâchén die degene: “daz sol wérdén getân.”²⁶⁴ (1033; 1035)

²⁶³ “Os mil e cem seletos guerreiros que o senhor Siegmund tinha sob seu comando vieram com seus escudos. Ele desejava vingar a morte do seu filho e tinha toda a razão para isso. Mas eles não sabiam contra quem eles deviam dirigir a batalha, a não ser que eles se virassem contra Gunther e todos os seus homens que saíram para caçar com Siegfried. Kriemhild os viu armados e isso lhe trouxe uma grande preocupação. Embora a sua mágoa fosse grande e também o seu sofrimento, ela temia que os nibelungos morressem pelas mãos dos homens de seus irmãos, e por isso ela os impediu. Ela os alertou cautelosamente como se faz entre bons amigos.”

²⁶⁴ “Ela disse: ‘Senhor Siegmund, deixai que tudo fique assim, enquanto não há oportunidade melhor, pois eu sempre desejarei vingar o meu marido com o vosso auxílio. Àquele que o tirou de mim eu causarei grandes danos, quando conseguir provar quem ele é. [...] Que Deus lhes dê tudo o que merecem pelo que nos fizeram aqui. Permanecei aqui e carregai essa dor comigo. Quando o dia raiar, bravos cavaleiros, ajudai-me a carregar o caixão do meu querido marido.’ Então os guerreiros disseram: ‘Assim será’.”

Nas palavras de Kriemhild, pode-se observar que ela divide a situação em dois momentos, em um primeiro, eles devem lamentar Siegfried e enterrá-lo, aqui ela atua no seu papel de viúva, mais adiante, quando os rituais do luto já tiverem sido concluídos, é que ela ocupar-se-á da vingança.

Por não ter os meios para atingir a tão desejada vingança, Kriemhild fica em um estado letárgico durante mais de 13 anos, ela não apenas não tem os meios para agir, mas. Hagen limita ainda mais, tirando dela o tesouro dos nibelungos. Que o tesouro, uma herança de Siegfried tenha sido tirado dela de forma tão traiçoeira é algo que aumenta sua ira e é uma temática que será retomada durante o decorrer do segundo livro.

A oportunidade de se vingar surgirá apenas no casamento com Etzel. Depois de ter um filho com o huno, ela finalmente põe seu plano em ação, convidando seus familiares para vir às suas terras. Quando Hagen chega, Kriemhild promete dar ao cavaleiro que vingasse sua dor, qualquer coisa que ele pedisse (1763 – 1765), e muitos homens surgem armados. Desde o princípio Kriemhild quer que seus homens ataquem-no, mas antes mesmo que isso ocorra, Hagen age de forma a justificar as medidas que ela ainda tomaria naquela noite:

“Nu stê wir von dem sedele”, sprach der spileman: / “si ist ein küneginne; und lât si fûr gân. / bieten ir die êre: si ist ein edel wîp. / dâ mit ist ouch getiuret unser îetwéders lîp.” / “Nein durch mîne liebe”, sprach aber Hagene: / “sô wolden sich versinnen dise degene, / daz ichz durch vorhte tæte, und sold’ ich hin gên. / ich enwîl durch ir deheinen nimmer von dem sedele stên. / Já zimet ez uns beiden zewâre lâzen baz. / zwui sold’ ich dén êren, der mir ist gehaz? / dâz engetûon ich nimmer die wîle ich hân den lîp. / ouch enrúoch’ ich, waz mich nîdet des kûnec Etzelen wîp.” / Der übermüete Hagene leit’ über sîniu bein / ein vil liehtez wâfen, ûz des knopfe schein / ein vil liehter jaspes, grüener danne ein gras. / wol erkandez Kriemhilt, daz ez Sîfrides was. [...] Nu dûhten sich sô hêre die zwêne küene man, / daz si niht wolden von dem sedel stân / durch niemens vorhte. des gie in an den fuoz / diu edele küneginne und bôt in vîentlîchen gruoze.²⁶⁵ (1780 – 1783; 1786)

Hagen afronta Kriemhild de diferentes maneiras, ele não se levanta para abrir o caminho e, além de se apresentar armado, ainda o faz com a espada de Siegfried, suscitando

²⁶⁵ “‘Levantemo-nos’, disse o menestrel, ‘ela é uma rainha, abri o caminho para ela passar. Devemos lhe demonstrar honra, pois ela é uma nobre mulher. Assim nos concedemos distinção.’ ‘Não, por mim’, disse Hagen, ‘Dessa forma,esses cavaleiros se enganariam e acreditariam que abro o caminho por medo. Eu nunca me levantarei para ela. Sim, é melhor que deixemos isso. Por que eu deveria honrar alguém que me odeia? Nunca farei isso enquanto vivo. Também não me importa o quanto a mulher do rei Etzel me odeia.’ O orgulhoso Hagen deitou sobre a sua perna uma brilhante espada, na qual brilhava um luminoso jaspe mais verde que a relva. Kriemhild reconheceu a espada de Siegfried. [...] Os dois valentes homens se consideravam tão superiores, que não se levantariam por temor a ninguém. A nobre rainha passou bem próximo deles e os cumprimentou de uma forma nem um pouco amigável.”

a dor da rainha e a lembrando de que ele é seu causador. Em uma sociedade na qual todos os atos são fortemente guiados pelas regras cortesãs, onde a fidelidade e a honra figuram entre os mais altos valores, agir de forma contrária às regras é uma falha grave. Como é apontado por Volker, dar passagem à rainha e demonstrar-lhe respeito, mais do que serem atos a favor dela confeririam distinção aos próprios cavaleiros. Nessa segunda parte do livro, o ódio e a vingança se tornam os valores mais importantes, o que faz com que as personagens principais abandonem a esfera cortesã apresentando uma série de quebras de conduta nas suas ações repetidas vezes.

A viúva de Siegfried tem uma conversa com Hagen através da qual o leitor pode entender que ele não é bem vindo, e lhe pergunta qual a razão para haver lhe causado tanto sofrimento, ao que ele responde:

“ich binz aber Hagene, der Sîfriden sluoc, / den helt zu sînen handen. wie sêre er des engalt, / daz diu vrouwe Kriemhilt die schoenen Prûnhilden schalt! / Ez ist et âne lougen, kûneginne rîch, / ich hân es alles schulde, des schaden schedelich. / nu rechez, swer der welle, ez sî wîp óder man. / ich enwólde danne liegen, ich hân iu leides vil getân.”²⁶⁶ (1790, 2s. – 1791)

Embora Hagen esteja confiante de que tomou a decisão certa, sabe que o herói teria de ser vingado e que isso seria feito por Kriemhild, uma mulher. Ele faz essa confissão diante dos homens de Kriemhild, o que é o suficiente para justificar um ataque. Ao fazer isso não demonstra ser desmedido, mas destemido, pois não teme os homens de Kriemhild. Seu destino está traçado e a cada momento Hagen o desafia, propiciando situações que culminam em ofensas e, finalmente, no conflito. Entretanto, mesmo que tenham ouvido suas palavras, os guerreiros de Kriemhild fogem da batalha:

Dô sprach ein der recken: “wes seht ir mich an? / daz ich ê dâ lobte, des wil ich abe gân, / durch niemannes gâbe verliesen mînen lîp. / jâ wil uns verleiten des kûnec Etzélen wîp.” / Dô sprach dâ bî ein ander: “des selben hân ich muot. / der mir gæbe tûrne von rôtem golde guot, / disen videlære wold ich niht bestân, / durch sîne swinde blicke, die ich an im gesehen hân.” [...] Dâ mit was gescheiden daz niemen dâne streit. / dô wart der kûneginne herzenlîchen leit. / die helden kêrten dannen: jâ vorhten si den tût / von dem videlære des gie in sicherlîchen nôt.²⁶⁷ (1794 – 1795; 1799)

²⁶⁶ “Sou Hagen, aquele que matou Siegfried, o herói. Ele tinha que pagar por a senhora Kriemhild ter ofendido a bela Brünhild. Poderosa rainha, não há dúvidas que eu sou o culpado por todos esses danos. Quem quiser pode se vingar por isso, seja mulher ou homem. Eu não quero mentir, eu vos causei muito sofrimento.”

²⁶⁷ “Um dos cavaleiros disse: ‘Por que me olhais? Aquilo que eu havia prometido quero deixar para trás. Por recompensa alguma eu quero perder a vida. A mulher de Etzel quer nos levar para a perdição.’ Então, um outro que estava por perto disse: ‘Eu penso o mesmo. Mesmo que me dessem torres de ouro vermelho, eu não combateria esse menestrel devido a esse olhar cruel que vi nele.’ [...] Assim, eles decidiram que ninguém

Mesmo diante da recusa de alguns de seus homens, a viúva de Siegfried faz com que eles sigam até Hagen, que os desmoraliza seguidas vezes, primeiro, antes de ir se deitar, afirmando que verdadeiros heróis não lutam à noite (1822), e mais adiante, quando os cavaleiros de Kriemhild persistem e tentam atacá-lo durante o sono:

Des antwurte im niemen. zornec was sîn muot: / “pfi ir zagen bæse”, sprach der helt guot, / “wolt ir slâfênde uns ermordet hân? / daz ist sô guoten helden noch vil selten her getân.” / Dô wart der kûeginne vil réhté geseit, / daz ir bóten niht enwurben. von schulden was ir leit. / dô fuogte si ez anders; vil grimme was ir muot. / des muosen sît verderben helde küene unde guot.²⁶⁸ (1847 – 1848)

Embora Kriemhild designe esses cavaleiros como os homens de Etzel (1792, 3), pode-se afirmar que estes são os homens dela, pois agem furtivamente, sem o conhecimento do rei. Os homens de Kriemhild são, acima de tudo, notoriamente covardes. Hagen e Volker podem ser temíveis guerreiros, mas isso não justifica a atitude desses cavaleiros, como é comprovado no decorrer da narrativa, o bom cavaleiro deve seguir as ordens de seu senhor, ainda que o levem à morte certa. Esse primeiro ataque noturno não pode dar certo, pois Kriemhild não transmite segurança, já que não sabe comandar seus homens com pulso forte. Essa é a única tentativa dela de comandar um ataque sozinha, como fica claro na estrofe 1848, por isso, com seu fracasso, ela decide mudar de estratégia, deixando que as condições necessárias se criem para que a batalha se instale de tal forma que Etzel não possa lhe negar o auxílio. Isso pode ser observado no momento em que os burgúndios surgem com armamento pesado, Etzel estranha que eles se portem dessa maneira durante uma visita amigável e pergunta o que os aflige. Desejando resolver o problema, Hagen afirma que não há com o que se preocupar, porque aquele é apenas um costume de seu país. Kriemhild, por sua vez, não o desmente:

Vil wol hôrte Kriemhilt, waz dô Hagen sprach. / wie rehte fientliche si im únder diu ougen sach! / sine wólde doch niht melden den site von ir lant, / swie lange si den hête dâ zen Burgóndén bekant. / Swie grimme und swie starke si in vîent wære, / het iemen geságet

lutaria, o que causou um grande pesar no coração da rainha. Os heróis retornaram, sim eles temiam a morte pelas mãos do menestrel. Eles tinham razão para essa preocupação.”

²⁶⁸ “Ninguém lhe respondeu. Hagen estava enfurecido. ‘Ah, seus grandes covardes’, disse o valoroso herói, ‘vós queríeis nos matar enquanto dormíamos? Bons heróis nunca fizeram isso.’ A rainha foi informada sobre o que realmente ocorreu, que os seus homens nada conseguiram. Isso a fez sofrer. Então ela começou a agir de outra forma. Ela tinha pensamentos cruéis. Muitos bravos cavaleiros deveriam morrer por sua causa.”

Etzeln diu rehten mære, / er het' wol understanden, daz doch sît dâ geschah. / durch ir vil starken übermuot ir deheiner ims verjach.²⁶⁹ (1864 – 1865)

Toda a tragédia só pode acontecer porque há um acordo em calar, uma vez que nenhuma das pessoas envolvidas está disposta a revelar a Etzel as suas reais intenções. Dessa forma, Etzel não pode tentar uma reconciliação, ou mesmo, proteger a vida do único filho. Dietrich e Hildebrand não se deixam envolver. Não atendem aos apelos da rainha em combater os burgúndios (1898 – 1902), mas também não informam Etzel dos planos que se desenvolvem pelas costas dele. Dietrich mantém uma postura dura contra Kriemhild, não apenas não deseja a auxiliar contra a própria família, como também se recusa a ajudá-la a salvar sua própria vida quando a batalha começa, agindo de forma descortês (1983). Assim, embora sejam bravos cavaleiros, agem apenas como espectadores, sem interferir em um assunto que não lhes compete.

Kriemhild deve tecer uma trama para que a batalha comece longe dos olhos de Etzel, assim ele não poderia evitar que ela ocorresse. Para tanto, dessa vez ela não envia qualquer um, mas Blödel, o irmão de seu marido. Ele sabe que isso não agradaria o rei Etzel, e se recusa em um primeiro momento. Contudo, Kriemhild o convence:

“Neinâ, herre Blödelîn, ich bin dir immer holt. / jâ gib' ich dir ze miete silber unde golt, / unde eine maget schœne, daz Nuodunges wîp: / sô maht du gerne triuten den ir vil minneclîchen lîp. / Daz lânt zúo den bûrgen wil ich dir allez geben: / sô maht du, ritter edele, mit vreuden immer leben, / gewinnestu die marke, dâ Nuodunc inne saz. / swaz ich dîr gelobe hiute, mit triuwe léist' ich dir daz.”²⁷⁰ (1906 – 1907)

É através do irmão de Etzel que se inicia toda a batalha, e há nessa situação uma leve ironia: Nudung foi morto pelos burgúndios durante uma justa amigável, uma forte afronta aos hunos, que por pouco não foi vingada no momento em que ocorreu, e são os bens dele e sua noiva que são utilizados para iniciar a batalha.

A trama de Kriemhild se estende também à prole. No momento em que o conflito está para começar, a rainha traz o filho para a presença de seus inimigos, o que não é

²⁶⁹ “Kriemhild ouviu bem o que Hagen disse. Quão inimigávelmente ela o olhou nos olhos! Mas ela não queria revelar os costumes de seu país, os quais ela conhecia há muito tempo. Como ela se postava forte e cruel diante deles. Se tivessem dito a verdade para Etzel, ele certamente teria evitado o que estava por acontecer. Devido ao orgulho ninguém lhe revelou a verdade.”

²⁷⁰ “Ah, não, senhor Blödel, ser-te-ei para sempre afeiçoada. Tu receberás como recompensa ouro e prata e uma bela moça, a noiva de Nudung, então poderás abraçar essa adorável dama alegremente. Desejo dar-te terras e burgos. Nobre cavaleiro, viverás sempre na alegria quando receberes as terras de Nudung e o título de margrave que lhe pertencia. Mantereí a minha palavra em relação a tudo que te prometo hoje.”

descrito sem malícia pelo narrador: “Dô der strît niht anders kunde sîn erhaben / (Kriemhilt ir leit daz alte in ir hêrzen was begraben), / dô hiez si tragen ze tische den Êtzélen sun. / wie kunde ein wîp durch râche immer vreislîcher tuon?”²⁷¹ (1912). Além do ataque de Blödel, longe dos olhos do rei, a rainha continua armando sua rede de intrigas de um modo que o Etzel seja obrigado a se envolver. Ortlieb é apenas uma criança e se encontra completamente desprotegida entre tantos inimigos, o ato de Hagen em atingi-la antes de qualquer outro homem pode ser classificado como grotesco, o que amplifica as proporções do conflito e não permite uma reconciliação. Etzel não aceitará qualquer acordo de paz com os estrangeiros: “mîn kint, daz ir mir sluoget und vil der mâge mîn! / vride unde suone sol iu vil gar versaget sîn.”²⁷² (2090, 3s.). É assim, sacrificando o próprio filho, que Kriemhild consegue o apoio de seu marido e passa a ser retratada dando ordens na batalha ao lado de Etzel.

Embora Etzel seja o grande guerreiro, cujo auxílio vai guiar Kriemhild na vitória, as ordens da rainha demonstram ser de vital importância no decorrer da batalha, como quando aconselha seus homens a não permitirem que seus irmãos deixem o salão. Caso os burgúndios saíssem desse confinamento, a guerra poderia ser revertida:

Die Êtzélen recken die hetenz nâch getân, / daz si si wolden lâzen für den palas gân. / daz gehôrte Kriemhilt; ez was ir harte leit. / des wart den éllénden der vride ze gâhes widerseit. / “Neinâ, Hiunen recken, des ir dâ habt muot, / ich rât an rehten triuwen, daz ir des niht entuot, / daz ir diu mortræzen lâzet für den sal: / sô müesen iuwer mâge lîden den tœtflîchen val.”²⁷³ (2098 – 2099)

Aproveitando a situação de desvantagem dos burgúndios, Kriemhild ordena que ateiem fogo no salão:

Dô sprach diu kûneginne: “ir helde vil gemeit, / nu gêt der stiege nâher unde rechet mîniu leit. / daz wil ich immer dienen, als ich von rehte sol. / der Hagenen übermüete der gelôn ich im wol. / Lât einen ûz dem hûse niht komen über al, / sô heiz’ ich viern enden zünden

²⁷¹ “Como a batalha não podia ser iniciada de outra forma (o antigo sofrimento de Kriemhild estava sepultado em seu coração), ela mandou que trouxessem o filho de Etzel para a mesa. Como uma mulher poderia agir de forma mais terrível por vingança?”

²⁷² “Vós matastes o meu filho e muitos parentes meus! Paz e perdão permanecer-vos-ão negados.”

²⁷³ “Os homens de Etzel quase permitiram que eles saíssem do palácio. Kriemhild ouviu isso e irritou-se. Por isso, a paz foi negada aos estrangeiros antes que pudesse ser alcançada. ‘Oh, não, guerreiros hunos, eu vos aconselho a não fazer o que pretendes, não deixai que esses assassinos saiam do salão ou os vossos familiares tomariam mortos’.”

an den sal; / sô werdent wol errochen elliu mîniu leit.” / die Etzelen degene wurden schiêrê bereit.²⁷⁴ (2108 – 2109)

Embora Kriemhild esteja no comando sem o auxílio de Etzel, ela ainda o faz de uma maneira típica feminina, não apenas oferecendo uma recompensa àqueles que seguirem às suas ordens, mas demonstrando seu sofrimento, como se seus homens devessem ser convencidos da sua dor para que entendessem o tamanho da desonra que sofreu. Mais importante do que o fato de a rainha ser retratada à frente dos guerreiros é a natureza das ordens dadas, pois, ao incendiar o salão, ela não possibilita a seus inimigos lutarem de igual para igual. O ataque dos homens de Kriemhild é vil e demonstra pouca honra.

A figura mais dramática de toda a guerra é Rüdiger, que deve atacar os burgúndios, aos quais havia jurado fidelidade e entre os quais se encontra, Giselher, o noivo de sua única filha. Tanto o rei quanto a rainha clamam que Rüdiger não fique neutro e que ataque os homens que sobreviveram no salão. Contudo, apenas as palavras de Kriemhild são descritas, mais uma vez, para demonstrar que seu discurso tem um forte apelo emocional:

si sprach ze Ruedegêre: “wie habe wir verdienet daz, / Daz ir mîr ûnt dem kûnege mêret unser leit? / nu habt ir uns, edel Ruedegêr, allez her geseit, / ir woldet durch uns wâgen die êre unde ouch das leben / ich hôrt’ iu vil der recken dem prîs vil grœzlîchen geben / Ich man’ iuch der genâden, und ir mir habt gesworn, / do ir mîr zuo Etzeln rietet, ritter ûz erkorn, / daz ir mir woldet dienen an unser eines tôt. / des wart mir arme wîbe nie sô grœzlîche nôt.”²⁷⁵ (2147, 4 – 2149)

Rüdiger também apresenta um ponto de vista emocional das suas razões:

“Gîselher dem degene gab ich die tohter mîn. / sine kûnde in dirre werlde niht baz verwendet sîn. / ûf zuht unde ûf êre, ûf triuwe unde ouch ûf guot. / ine gesâch nie kûnec sô jungen sô rehte tugentlîch gemuot.” / Dô sprach aber Kriemhilt: “vil edel Ruedegêr, / nu lâ dich erbarmen unser beider sêr, / mîn unde ouch des kûneges. gedenke wol dar an, / daz nie wirt deheiner sô leide gêstê gewan.”²⁷⁶ (2161 – 2162)

²⁷⁴ “A rainha disse: ‘Caros heróis, ide até a escada e vingai o meu sofrimento. Serei grata por isso para sempre como é justo que seja. Eu recompensarei a arrogância de Hagen. Não permitais que nem um deles saia da casa. Mandarei que ateiem fogo nos quatro cantos do salão, assim todo o meu sofrimento será vingado.’ Os guerreiros de Etzel logo ficaram prontos.”

²⁷⁵ “Ela disse para Rüdiger: ‘O que eu e o rei fizemos para merecer que vós aumenteis o nosso sofrimento? Até hoje, nobre Rüdiger, sempre nos dissestes que por nós arriscaria a honra e também a vida. Eu ouvi muitos guerreiros vos elogiarem grandiosamente. Gostaria de vos lembrar a ajuda que me prometestes quando cavalgastes até mim como o cavaleiro escolhido para que eu casasse com Etzel; que me serviríeis até que um de nós morresse. Agora, eu, pobre mulher, necessito de auxílio mais do que nunca’.”

²⁷⁶ “‘Ao cavaleiro Giselher dei a minha filha. Ela não poderia ter encontrado um partido melhor em todo o mundo em questão de educação, honra, fidelidade e bens. Eu nunca vi um rei tão jovem e verdadeiramente virtuoso.’ Mas Kriemhild disse: ‘Nobre Rüdiger, agora tem compaixão de nós dois, de mim e também do rei. Pensa que nunca um anfitrião recebeu convidados tão terríveis’.”

Rüdiger está em conflito não apenas pelo lado emocional, mas também por ter jurado fidelidade às pessoas que estão naquele salão. Seu desejo seria se manter neutro, pois devia fidelidade a ambas as partes envolvidas, porém isso não é possível. Rüdiger não pode fugir às suas responsabilidades e a rainha se assegura de que isso não irá ocorrer, mesmo que signifique a morte certa do guerreiro, como ele mesmo afirma antes de partir para a batalha (2163 – 2164).

Depois que muitos bravos heróis são mortos, sobram apenas Hagen e Gunther, que, exauridos pela luta são amarrados e retirados do salão por Dietrich. Enquanto Kriemhild deseja expressar sua gratidão, Dietrich, que queria evitar todos os trágicos acontecimentos, pede apenas que ela deixe Hagen viver (2355). Mas Kriemhild não pode cumprir com isso, porque sua vingança não estaria completa se ela deixasse vivos aqueles que foram culpados pela morte de seu marido, como o narrador antecipa “*der Kriemhilde räche wart an in béidé genuoc*”²⁷⁷ (2366, 4). Ela vai ter com Hagen e lhe faz uma proposta para que possa manter sua vida: “*welt ir mir geben widere, daz ir mir habt genomen, sô muget ir noch wol lebende héim zen Búrgónden komen.*”²⁷⁸ (2367, 3s.) É completamente inesperado que a viúva de Siegfried tente uma reconciliação nesse momento, quando Hagen já está quase que totalmente derrotado, mas essa proposta tem um alto valor simbólico. Kriemhild quer que ele lhe restitua aquilo que ela perdeu, já que é aquele que lhe tirou tanto o marido quanto o dote que ela recebeu dele. Então, ao devolver o tesouro para Kriemhild, ele estaria entregando Siegfried simbolicamente de volta para sua viúva. É como se ela fizesse uma última tentativa de perdoar Hagen devido ao pedido de Dietrich, mas essa tentativa está fadada a fracassar, uma vez que Siegfried não poderia voltar aos vivos, da mesma forma que a fortuna não poderia ser reavida. Hagen, entretanto, entra no jogo e afirma que não poderia dizer onde estava a fortuna dos nibelungos, enquanto seu senhor vivesse, e Kriemhild não hesita em mandar matar o próprio irmão (2369), não fazendo mais do que cumprir o desejo de Hagen, que agora é o único a saber sua localização precisa, como ele expressa quando ela lhe apresenta a cabeça de Gunther (2371). Agora que todos os irmãos da rainha estão mortos, não há possibilidade de ela resgatar o tesouro, assim como se acabam todas as possibilidades de reconciliação. Kriemhild, no entanto, ainda pode obter

²⁷⁷ “Ambos sofreriam a vingança de Kriemhild.”

²⁷⁸ “Se vós quiserdes me devolver aquilo que me tomastes ainda podereis retornar vivo à terra dos burgúndios.”

de volta a espada de seu falecido marido e é com ela que a viúva finalmente consegue atingir a vingança completa:

Si sprach: “so habt ir übele geltes mich gewert. / sô wil ich doch behalten daz Sifrides swert. / daz truoc mîn holder vriedel, dô ich in jungest sach, / an dem mir herzeleide von iuvern schüldén geschach.” / Si zôh iz von der scheiden, daz kund er niht erwern. / dô dâhte si den recken des lîbes wol behern. / si huob ez mit ir handen, daz houpt si im ab sluoc. / daz sach der künec Etzel: dô was im léidé genuoc.²⁷⁹ (2372 – 2373)

Com o mesmo objeto que foi utilizado por Hagen para afligir Kriemhild quando chega à terra dos hunos, ele deve perder a vida. Ao matar seu inimigo com a espada do herói, Kriemhild passa a representar o casal. A vingança não é efetuada apenas pela rainha, mas pelo casal Kriemhild e Siegfried.²⁸⁰ Entretanto, a forma como ela o faz revolta a todos, até a Etzel, que teria todas as razões para desejar a morte do assassino do seu único filho:

“Wâfen”, sprach der fürste, “wie ist nu tôt gelegen / von eines wîbes handen der aller beste degen, / der ie kóm ze sturme oder ie schilt getruoc! / swie vînt ich im wære, ez ist mir léidé genuoc.” / Dô sprach der alte Hildebrant: “ja genûzet si es niht, / daz si in slahen torste. swaz mir davon geschicht, / swie er mich selben bræhte in angestlîche nôt, / idoch sô wil ich rechen des küenen Tronegæres tôt.” / Hildebrant mit zorne zuo Kriemhilde spranc, / er sluoc der küneginne einen swæren swertes swanc, / jâ tet ir diu sorge von Hildebrande wê. / waz mohte si gehelfen, daz si sô grœzlîchen schrê?²⁸¹ (2374 – 2376)

Todos reconhecem que Hagen merecia uma punição por tudo o que havia feito, mas a morte que ele sofre é humilhante, ser morto amarrado e atacado por uma mulher é inaceitável para todos os padrões da cavalaria medieval. A infração é tão grave que Hildebrand, que não está propriamente do lado do inimigo, vê-se obrigado a vingá-lo, mesmo que a própria vida corra risco. Seria vergonhoso demais para toda a classe da cavalaria que um ato como esse passasse impune, porque, mais desonroso do que matar a rainha, seria ficar neutro no momento em que a honra de todos cavaleiros presentes estava sendo ferida por uma mulher. Kriemhild deve pagar com a própria vida e sua morte deve

²⁷⁹ “Ela disse: ‘Me pagastes de uma má forma. Mas eu mantereí a espada de Siegfried. O meu querido companheiro a carregava quando o vi pela última vez, quando o meu coração sofreu terrivelmente por sua causa.’ Ela puxou a espada da bainha, Hagen não poderia evitar isso. Ela planejava tirar a vida do herói. Ela levantou a espada com as suas mãos e o decepou. O rei Etzel viu isso, o que o fez sofrer muito.”

²⁸⁰ Vide SCHULZE, 1997: 135.

²⁸¹ “‘Oh, não!’”, disse o rei. ‘O melhor de todos os cavaleiros que já entrou em uma batalha ou que já carregou um escudo, está morto pelas mãos de uma mulher! Embora ele fosse meu inimigo, isso me causa muito sofrimento.’ O velho Hildebrand disse: ‘Não importa o que me aconteça, ela não ficará impune por ter ousado matá-lo. Mesmo que ele tenha colocado a minha vida em risco, eu quero vingar a morte do valente guerreiro de Tronje.’ Hildebrand lançou-se com fúria sobre Kriemhild, ele atingiu a rainha com um golpe severo de sua espada. Ela estremeceu de medo, mas de que lhe adiantaria gritar tão terrivelmente?”

ser marcada pela humilhação: o esquartejamento. Embora a morte que Hagen tenha sofrido seja inaceitável, não difere em muito da morte traiçoeira que ele haiva inflingido a Siegfried. Hagen apenas pode alcançar seu objetivo enganando Kriemhild e atacando Siegfried pelas costas e à distância, enquanto ela também só conseguirá atingir seu objetivo assassinando-o, ela mesma, pois os homens presentes se recusavam a fazê-lo.

É interessante notar que esta cena é a única na qual uma mulher é retratada desta forma, em uma guerra. Brünhild é a única guerreira, mas nenhuma das ocasiões nas quais ela brande armas ou luta apresenta a seriedade desse momento, todas têm um quê de ironia. Brünhild pode ter ordenado que se matassem muitos homens, contudo, nada disso é retratado na narrativa presente, e por essa atitude, ela deve pagar com a anulação da sua personagem. Já Kriemhild é apresentada empunhando uma espada e matando um cavaleiro, o que deve ser castigado com seu assassinato brutal. Embora cada personagem de uma forma diferente, deve-se assinalar, mais uma vez, que ambas passam a ser designadas da mesma forma pelas personagens masculinas: *vâlandinne* (demônio). Brünhild e Kriemhild trocam de lugar, Brünhild some dentro de todas as regras de comportamento cortês e passa a ser a mulher que em breve perderá seu marido de forma atroz, enquanto Kriemhild torna-se a *vâlandinne* que, na sua sede de vingança, chega a matar um bravo cavaleiro com as próprias mãos. Assim, do ideal de mulher que era na primeira parte do livro, ela passa a ser um demônio e acaba por ser destruída ela também.

Aqui se fecha o ciclo, a afirmação feita por Kriemhild logo no início do livro, dizendo que muitas mulheres já provaram, que o amor no final é pago com o sofrimento – “wie líebé mit leide zu jungest lônén kan”²⁸² (17, 3) – é retomada na penúltima estrofe: “als ie diu liebe leide z’allr júngéste gît”²⁸³ (2378, 4). Kriemhild finalmente conseguiu se vingar daquele que matou seu amado, ela já não tinha mais um objetivo nessa vida e, por fim, pode morrer.

²⁸² “No final, o amor é pago com sofrimento.”

²⁸³ “No final, o amor terminou em sofrimento.”

2. Conflitos violentos em *A Saga dos Völsung*

2.1. *Mulheres à margem dos conflitos*

Nas sagas islandesas, as mulheres não são tão marginalizadas quando o assunto são os enfrentamentos violentos que se dão entre famílias. Elas praticamente sempre interferem e utilizam diferentes meios para isso, ou por algum conselho dado aos seus maridos ou mesmo convencendo seus parentes a partirem em busca de vingança. Aqui serão enumeradas algumas formas de relacionamento mais distanciadas que têm com esses conflitos, seja porque eles não têm uma relação direta com o acontecimento, ou porque são relatos sobre mulheres que desejam apenas evitar o confronto e não concretizá-lo de alguma forma.

2.1.1. *Clarividência*

A clarividência doméstica está principalmente ligada às mulheres; quando me refiro à clarividência doméstica, refiro-me a eventuais sonhos premonitórios ou sensações que personagens comuns podem ter alertando sobre um futuro negro. A clarividência também pode ser efetuada por sacerdotes, os quais podem ser de ambos os sexos. O mais importante sacerdote em *A Saga dos Völsung* é um homem, Gripir, que faz a previsão de toda a vida futura de Sigurd, mas Brynhild também executa esse papel. Gudrun tem uma série de sonhos premonitórios sobre a morte de Sigurd quando é apresentada na narrativa, mas precisa de alguém que os interprete, sendo Brynhild a única mulher suficientemente sábia que conseguirá decifrar as mensagens contidas neles. Essa é a única passagem na qual a interpretação feita sobre os sonhos é acertada, em todas as outras ocasiões, elas são errôneas, por mais claras que sejam as mensagens neles contidas. De costume, os homens não as entendem, pois não aceitam a idéia de permanecer em casa, o que poderia ser considerado uma grande covardia.

Muitos sonhos precedem o terror que iria ocorrer nas terras de Atli, tanto que a mulher de Högni está tão tensa com o que irá acontecer, que seus sonhos, assim como sua interpretação, ocupam todo o capítulo 36, “*Högni réð drauma konu sinnar*”²⁸⁴. Toda a interpretação que Högni faz é iniciada com uma frase que explicita sua relutância em

²⁸⁴ “Högni interpreta os sonhos de sua mulher”

aceitar que um destino negro esteja diante dele: “Þér eruð opt illúðgar, ok á ek ekki skap till þess, at fara illu í mót við menn, nema þat sé makligt. Mun hann oss vel fagna.”²⁸⁵ (Cap.36, p.89). Aqui, Högni mostra não apenas um positivismo cego, mas uma recusa em acreditar em premonições. Embora saiba que sua mulher tem esse dom, ele não quer acreditar no pior. Sua esposa tem uma série de sonhos, mas nenhum deles consegue convencê-lo, e para acalmá-la ele chega a fazer previsões um tanto quanto inventivas e até ingênuas, como no trecho a seguir:

“Ok enn dreymði mik, at önnur á felli hér inn ik þyti grimmliga ok bryti upp alla palla í höllunni ok bryti fœtr ykkra beggja brœðra. Ok mun þat vera nökkut.” Hann svarar: “Þar munu renna akrar, er þú hugðir ána, ok er vér göngum akrinn, nema opt stórar agnir fœtr vára.”²⁸⁶ (Cap.36, p.89)

A mulher de Gunnar também tem uma série de sonhos que indicam traição, e Gunnar, assim como seu irmão, prefere fazer interpretações infantis. Mas um dos sonhos de Glaumvor não permite que esse tipo de interpretação seja feita: “Hon mælti: ‘enn þótti mér hér inn koma konur, ok váru daprligar, ok þik kjósa sér til manns. Má vera, at þínar dísir hafi þat verit.’” Hann svarar: ‘Vant gerisk nú at ráða, ok má ekki forðask sítt aldrlag, en eigi úlíkt, at vér verðum skammæir’.”²⁸⁷ (Cap.37, p.90). Quando as *dísir* são mencionadas, Gunnar assume que a morte deve estar próxima, contudo, sabe que esse é seu destino, do qual não fugirá. Tanto Högni quanto Gunnar assumem em algum ponto, que a visão de suas esposas deve estar certa, mas privilegiam as interpretações que indiquem alegria ou fartura. O destino está diante de seus olhos e não pode ser evitado. Mas mesmo assim, eles parecem preferir acalmar suas esposas.

As mulheres não são as únicas que têm sonhos premonitórios, Atli também tem um e o relata a Gudrun, pois, ao contrário dos homens, ela sabe como interpretá-lo. Todavia, suas palavras revelam apenas amargura e um certo tom de ironia: “‘Þat dreymði mik,’ segir hann, ‘at þú legðir á mér sverði.’ Guðrún réð drauminn ok kvað þat fyrir eldi, er járn

²⁸⁵ “Vós costumais ter premonições de maus acontecimentos, mas não é minha natureza mostrar hostilidade contra homens, a não ser que mereçam. Atli nos receberá bem.”

²⁸⁶ “‘E eu sonhei, ainda, que outro rio invadiu este lugar, fazendo um som terrível, e quebrou todos os bancos do salão, e os vossos pés e os de vosso irmão. Isso deve significar algo.’ Ele respondeu: ‘Campos de grão irão crescer onde tu achaste que havia um rio, e quando andarmos nos campos, eles cobrirão os nossos pés’.”

²⁸⁷ “Ela disse: ‘Eu também pensei que mulheres de aparência mórbida entravam aqui e escolhiam você como marido. Para mim parecia que elas eram as suas *dísir* [N.T.: divindades femininas ligadas à morte].’ Ele respondeu: ‘As coisas estão se tornando difíceis de interpretar, mas ninguém pode evitar a morte, não é improvável que eu tenha uma vida curta’.”

dreymsdi, ‘ok dul þeiri, er þú ætlar þik öllum fremra’.”²⁸⁸ (Cap.35, p.86). Gudrun reconhece a desgraça que está impressa nos sonhos de Atli, mas não revela o que acontecerá, deixando seu marido na escuridão, para que não tenha como se precaver.

Mesmo que Atli também tenha tido um sonho premonitório, a clarividência continua sendo um dom feminino, todas as interpretações feitas por homens são errôneas e ingênuas, quase como se eles não quisessem ter consciência de seu destino. Essa ingenuidade, ironicamente, está impressa mesmo em Atli, pois é à sua mulher que ele pede que interprete seus sonhos, àquela que causará sua morte e que não esconde todo o ódio que sente pelo marido. Suas palavras, em momento algum, demonstram a intenção de tranquilizá-lo. Que ele viva em angústia parece agradar Gudrun.

2.1.2. Escrita

Além de alertar os maridos através de sonhos e premonições, em *A Saga dos Völsung*, as mulheres fazem esse alerta de outra forma, não menos enigmática, mas baseadas em fatos concretos, e não auxiliadas por dons sobrenaturais. Gudrun sabe das intenções de Atli e deseja alertar seus irmãos para não aceitar o convite enviando um anel envolto em pêlos de lobo e uma mensagem escrita, a qual é interceptada e modificada. Apenas Kostbera, esposa de Högni, consegue perceber o que foi feito:

Nú gengr alþýða at sofa, en þeir drukke við nökkura menn. Þá gekk at kona Högna, er hét Kostbera, kvenna fríðust, ok leit á rúnarnar. [...] Ok er menn höfðu drukkit, sem líkaði, þá fóru þeir at sofa. Tekr Kostbera at líta á rúnarnar ok innti stafina ok sá, at annat var á ristit, en undir var, ok villttar váru rúnarnar. Hon fékk þó skilit af vizku sinni. Eptir þat ferr hon til rekkyju hjá bónda sínum. Ok þau vöknudu mælti hon til Högna: ”Heiman ætlar þú, ok er þat úráðligt. Far heldr í annat sinn! Ok eigi muntu vera glöggrýn, ef þér þykkir, sem hon hafí í þetta sinn boðit þér, systir þín. Ek réð rúnarnar, ok undrumk ek um svá vitra konu, er hon hefir villt ristit. En svá er undir, sem bani yðarr liggi á, en þar var annat hvárt, at henni varð vant stafs, eða elligar hafa aðrir villt.”²⁸⁹ (Cap.35, p.88-89)

²⁸⁸ “‘Eu sonhei’, disse ele, ‘que tu me atingiste com uma espada’. Gudrun interpretou o sonho dizendo que um sonho com ferro indicava fogo’ e a tua decepção de achar que és o melhor de todos’.”

²⁸⁹ “Agora todos foram dormir, mas alguns permaneceram bebendo. Então a mulher de Högni, chamada Kostbera, a mais bela das mulheres, foi ler as runas. [...] E quando os homens já haviam bebido tanto quanto agüentavam, eles foram dormir. Kostbera começou a olhar as runas e a ler as letras, e viu que outra coisa estava entalhada embaixo e que as runas haviam sido falsificadas. Mas ela conseguiu discernir o que estava escrito através de seus conhecimentos. Então ela foi para a cama com o seu marido. Quando acordaram ela disse para Högni: ‘Tu pretendes partir de casa, mas isso é desaconselhável. Viaje em outra oportunidade! Não é possível que tu sejas bom na leitura de runas se achas que a tua irmã está nos convidando. Eu li as runas e me espanta que uma mulher sábia como ela escreva tão errado. Mas parece que a tua morte é o que está indicado por baixo. Ou ela pulou uma letra ou alguém falsificou o que estava escrito’.”

Högni não expressa sua opinião sobre esses fatos. Mas aqui é importante notar como são retratados os homens e as mulheres. Enquanto Kostbera está preocupada com a leitura das runas, atenta para possíveis erros de ortografia ou interpretação, todos os homens estão bebendo até o seu limite. Eles são representados quase que de forma irresponsável, embriagando-se antes de uma longa e importante viagem, enquanto a mulher se ocupa racionalmente do que pode vir dessa visita que farão a Atli. Merece ser ressaltado que todo o alerta, independente de sua natureza, é cifrado, permitindo que haja desacordo sobre ele, de forma que as mulheres costumem acreditar que o pior está por vir, contrariamente aos homens, que continuam despreocupados.

2.2. *Mulheres como conselheiras ou incitadoras*

Nas sagas islandesas, o papel de incitar os enfrentamentos de forma que algum parente seja vingado é freqüentemente executado pelas mulheres. O sangue de um familiar morto deve ser vingado, e muitas mães acabam por ter de garantir que isso seja feito após o falecimento de seus filhos. Não basta chorar por eles, a honra também deve ser defendida. Elas não desejam evitar o conflito, mas reconhecem sua necessidade, ainda que tenha um resultado trágico. Aqui serão enumeradas as cenas, nas quais as mulheres não se opõem ao conflito, mas não tomam parte dele.

2.2.1. *Os ensinamentos de Brynhild*

Brynhild é uma guerreira e quando encontra o herói Sigurd, ela não apenas desempenha o papel de sua amante, mas também o de mentora. Seus ensinamentos, no entanto, não estão ligados à tática ou ao manuseio das armas, que são um campo que Sigurd conhece bem. Eles se referem à honra, como em “Ok ertu þegar bleynðimaðr kallaðr, ok ætlar, at þú sér sönnu sagðr. Drep hann annars dags ok gjalt honum svá heiptyrði!”²⁹⁰ (Cap.22, p.56) e “Bersk heldr við úvini þína, en þú sér brenndr!”²⁹¹ (Cap.22, p.56); ou ao campo espiritual, quando ela afirma: “Sigrúnar skaltu kunna, ef þú vilt snotr vera, / ok ríst

²⁹⁰ “Se fores chamado de covarde, as pessoas acreditarão que o és. Mata o responsável no dia seguinte e faz com que ele pague pelas suas palavras maliciosas!”

²⁹¹ “Melhor lutar contra teus inimigos do que ser queimado [em casa]!”

hjálti hjörs, á vétrúnnum / ok á valbystum, ok nefna tysvar Tý.”²⁹² (Cap.21, p.52, estrofe 7). Aqui, Brynhild se refere à runa “tiwaz”, correspondente à letra “t”, essa runa representava o deus Tyr, um deus da guerra, e costumava ser talhada em espadas de forma a garantir a vitória. A maioria das recomendações que Brynhild faz a Sigurd está em versos éditos praticamente iguais aos que são encontrados na *Edda Poética*. O aqui citado é exatamente o mesmo apresentado em *Sigrdrífomál*²⁹³ (6). A *Edda* é mais rica em conselhos do que a saga, mas sua natureza é a mesma: ensinamentos sobre as runas e sobre como se comportar com outros homens. Os conselhos dados por Brynhild/Sigrdrifa assemelham-se em muito ao *Hávamál*²⁹⁴, cujos ensinamentos costumam ser atribuídos a Odin. Eles são, portanto, de ordem divina, e devem ser mantidos em sua forma sagrada, ou seja, em versos. Como o filósofo Nietzsche aponta, o verso e o ritmo são a forma mais adequada para se aproximar do divino:

Im ganzen gesehen und gefragt: gab es für die alte abergläubische Art des Menschen überhaupt etwas Nützlicheres als den Rhythmus? Mit ihm konnte man alles: eine Arbeit magisch fördern; einen Gott nötigen, zu erscheinen, nahezusein, zuzuhören; die Zukunft sich nach seinem Willen zurecht machen; die eigne Seele von irgendeinem Übermaße (der Angst, der Manie, des Mitleids, der Rachsucht) entladen, und nicht nur die eigne Seele, sondern die des bösesten Dämons - ohne den Vers war man nichts, durch den Vers wurde man beinahe ein Gott.²⁹⁵ (Nietzsche: 1998:149)

Brynhild está familiarizada com a guerra, mas, sendo uma valquíria, uma guerreira de Odin, seus conselhos acabam envolvendo muito mais o divino do que a esfera prática da guerra. Suas habilidades como sacerdotisa e como guerreira estão ligadas ao campo divino e não podem ser consideradas como um lado mais masculino da personagem. Dessa forma, por ser uma figura semi-divina ela apresenta característica que se distanciam das regras de gênero que regem a vida das mulheres comuns.

²⁹² “Deves conhecer runas de vitória, se quiseres ter a vitória. Talha-as no punho da espada, no centro da lâmina e no ferro, e chama por Tyr duas vezes.”

²⁹³ “O canto de Sigrdrifa”

²⁹⁴ “O canto do grande homem”

²⁹⁵ “Observando-se e questionando-se de forma geral: havia algo mais útil para a índole supersticiosa do ser humano do que o ritmo? Com ele se podia tudo: realizar um trabalho de forma mágica; fazer com que um deus se fizesse presente, que estivesse perto, que ouvisse; moldar o futuro de acordo com o próprio desejo; eximir a alma de excessos (do medo, da mania, da compaixão, do desejo de vingança), e não apenas a própria alma, mas também a alma do mais cruel demônio – sem o verso não se era ninguém, através do verso tornava-se praticamente um deus.”

2.2.2. *Mulheres que incitam os filhos ao combate*

Na sociedade islandesa, cabe aos descendentes e parentes próximos vingar a morte de seus familiares e assim manter a honra da família. Se os filhos não tomam a decisão de representar esse papel, cabe às mães mostrar-lhes qual o caminho a ser seguido e educá-los. A figura de mães que exigem vingança e incitam a prole a fazê-lo é recorrente nas sagas.²⁹⁶ Grimhild executa esse papel quando Gunnar se decide pela morte de Sigurd. Aqui não há uma morte a ser vingada, mas a honra da família que também se encontra em jogo. Embora Gunnar esteja vivo e encontre-se em condições de enfrentar Sigurd, o filho mais novo, Guttorm, é escolhido para protagonizar esse papel, pois é o único que não fez um juramento de sangue com o bravo herói. Ele, no entanto, não é um homem de características veneráveis, mas é o mais frágil dos três e precisa até de uma poção mágica para que encontre habilidades de executar essa vingança: “Ok við þessa fœzlu varð hann svá œfr ok ágjarn, ok allt saman ok fortölur Grímhildar, at hann hét at gera þetta verk. Þeir hétu honum ok mikilli sœmð í móti.”²⁹⁷ (Cap.32, p.78). Grimhild é uma das peças principais nessa vingança, não apenas ela convence o filho com suas palavras, assim como lhe dá, através de uma de suas poções, forças e coragem para que enfrente o terrível Sigurd. É assim que Grimhild manda seu filho mais jovem e mais fraco para a morte. Contudo, isso não indica que ela não tenha amor aos seus filhos, pelo contrário, ela sabe que a honra da família deve ser preservada, e que isso deve ser feito por pessoas que têm o mesmo sangue, sendo Guttorm o único que poderia realizar esse ato. Embora o parentesco figure como o principal elemento para convencer o caçula, a decisão de se vingar já havia sido tomada por Gunnar.

Gudrun, a filha que por tanto tempo também havia sido manipulada pela mãe, acaba por se posicionar da mesma forma com seus filhos adultos, quando a necessidade de vingança se instaura. No caso de Svanhild, Gudrun exige que seus filhos, meio-irmãos dela, vinguem sua morte, que ocorreu de forma tão brutal:

Guðrún spyrr nú líflat Svanhildar ok mælti við sonu sína: “Hví siti þér svá kyrrir eða mælið gleðiorð, þar sem Jörmunrekr drap systur ykkra ok trað undir hestafótum með svívirðing? Ok ekki hafið þit líkit skaplyndi Gunnari eða Högna. Hefna mundu þeir sinna[r] frændkonu.” Hamðir svarar: “Lítt lofaðir þú Gunnar ok Högna, þá er þeir drápu Sigurð, ok þú vart roðin í hans blóði. Ok illar váru þínar brœðrahefndir; er þú drapt sone þína. Ok betr

²⁹⁶ Vide ANDERSON, 2002: 17; BYOCK, 2001: 204.

²⁹⁷ “E com esse alimento ele se tornou muito violento e voraz, e com a persuasão de Grimhild ele prometeu que faria o trabalho. Eles prometeram-lhe muitas honras como recompensa.”

mættim vér allir saman drepa Jörmunrek konung, ok eigi munu vér standask frýjuorð, svá hart sem vér erum eggjaðir.” Guðrun gekk hlæjandi ok gaf þeim at drekka af stórum kerum. Ok eptir þat valði hon þeim stórar brynjur ok goðár ok önnur herklæði. Þá mælti Hamðir: “Hér munu vér skilja efsta sinni, ok spyrja muntu tíðendin, ok muntu þá erfi drekka eptir okkr ok Svanhildi.” Eptir þat fóru þeir.²⁹⁸ (Cap.43, p.100-101)

A imagem que se faz de Gudrun, assim como foi feita de Grimhild anteriormente, é negativa, pois é sabido que o futuro que aguarda seus filhos é a morte certa, mas Svanhild deve ser vingada por aqueles que possuíam o mesmo sangue. Ele tem um alto valor no que se refere à honra nessa sociedade, mas Hamdir o põe em dúvida, lembrando a mãe do mal que seus irmãos lhe causaram e de que ela já havia matado seus filhos com Atli. Ela nunca deveria ter agido dessa forma, porque os parentes perdidos também poderiam ajudar nesse momento difícil, nunca se deve atacar familiares, pois estes são as bases de sustentação da honra. Entretanto, todas as ações de Gudrun encontram sua justificativa. Por mais que tenha sido guiada pela mãe, ela faz as pazes com os irmãos, que lhe pagam a compensação pelas perdas que lhe infringiram. Tal reconciliação é real, de forma que ela acaba por se vingar a morte deles cruelmente, atuando contra o próprio marido e filhos, cuja morte não é bem aceita na sociedade islandesa. Todavia, Gudrun está em uma situação controversa, pois seus parentes de sangue foram mortos por Atli, ela deve se vingar. No entanto, ela tem filhos com o causador desse sofrimento, os quais, quando adultos, podem se virar contra ela ou Niflung, o filho de Högni. Como o sangue deles é misturado e, de um certo ponto de vista, impuro, ela pode considerar melhor matá-los, para ter certeza de que essa guerra não se prolongaria. Nessas cenas, Gudrun não é mais uma moça jovem e inocente, mas mãe de filhos adultos; uma mulher experiente que guia sua prole para o caminho que deve ser tomado.

É interessante notar que essa imagem da mulher escandinava como incitadora durante batalhas e enfrentamentos é antiga, e não parte apenas de documentos produzidos pelo próprio povo. O monge Abbo de St-Germain-des-Prés, em Paris, escreveu um poema

²⁹⁸ “Gudrun ficou sabendo da morte de Svanhild e disse para os seus filhos: ‘Como vós podeis sentar aí tão tranquilos ou falar alegremente quando Jörmunrek fez com que cavalos pisoteassem a vossa irmã tão vergonhosamente? Vós não tendes o espírito de Gunnar ou de Högni. Eles teriam vingado a sua parenta.’ Hamdir respondeu: ‘Pouco louvaste Gunnar e Högni quando eles mataram Sigurd e tu ficaste vermelha em seu sangue. E a tua vingança pelos teus irmãos foi vil, pois mataste teus filhos. Seria melhor se estivéssemos juntos para matar o rei Jörmunrek. Não conseguimos suportar as tuas reprimendas de tão insistentemente que estamos sendo incitados.’ Gudrun saiu rindo e lhes deu de beber de grandes cálices. Depois disso ela escolheu boas e grossas cotas de malha e outras armaduras. Então Hamdir disse: ‘Aqui nós partiremos pela última vez. Receberás notícias minhas e farás um funeral para nós e para Svanhild.’ Depois disso eles partiram.”

sobre o ataque de 27 de novembro de 885, no qual ele descreve as mulheres dinamarquesas presentes nos barcos como verdadeiras incitadoras da batalha, como é comentado por Jesch:

A number of fatally wounded vikings return to their boats where they expire. At this the *Danae*, tearing their hair and weeping, turn to their 'husbands' (the word used is *maritus*) and urge them back to the battle, accusing them of 'fleeing the furnace', calling them 'son of the devil' and suggesting that they are hanging around for a second helping of the bread, wild boar and wine which the women have just served them. The men take the hint and rush off to resume the attack on the tower. (1991: 105)

O documento citado trata-se de um poema e pode apresentar um certo exagero, assim como as sagas, mas o interessante aqui é notar que já alguns séculos antes das produções de sagas, as mulheres islandesas já eram representadas como incitadoras, mesmo através do olhar estrangeiro. Nas sagas, quase que invariavelmente, essa atitude é considerada negativa no momento em que é narrada, como se as mães fossem culpadas pela morte dos que estão por partir. Mas, pelo contrário, elas são as responsáveis por suas honras e da própria família. Essas mulheres desempenham um papel vital nas disputas familiares, o de incitar e fazer com que os homens de sua família não sejam covardes e não fujam ao próprio destino.

2.3. *Brynhild, a guerreira*

Brynhild é a única valquíria retratada no trecho analisado de *A Saga dos Völsung*. Devido ao sincretismo com Sigdrifa, Brynhild oscila entre o divino e a vida de uma nobre guerreira. Quando Sigurd a encontra pela primeira vez, ela ainda tem uma forte ligação com o divino e relata seus trabalhos para Odin (Cap.21), pois estas são as lembranças de Sigdrifa, a valquíria. Desse momento em diante, Brynhild passa a ser representada como uma nobre guerreira, sem essa forte relação com os deuses. Brynhild é uma filha de reis que segue a vida como guerreira, não se ocupando dos afazeres domésticos, apenas da batalha. Embora ela costume ser mencionada com respeito, não pertence à mesma esfera que a maior parte das personagens, e é tratada com uma certa restrição pelos parentes, como seu pai biológico, seu sobrinho e seu pai de criação, que acreditam que ela não é apropriada para um relacionamento ou que é ela que deve decidir sobre seu futuro marido. No capítulo 32, chega até a ser caracterizada negativamente pelo seu marido em um momento de crise,

quando Gunnar afirma que ela “molestou” homens, devido ao fato de ter sido uma valquíria. Por mais que pareça natural a interação de Brynhild com as outras personagens, ela continua tendo características incomuns para uma mulher e fica à margem quando não está em contato com aquelas que não pertencem ao mundo lendário como ela e Sigurd.

2.4. A vingança de Gudrun

A batalha entre os filhos de Gjuki e Atli é ocasionada pela ganância de Atli que deseja obter o tesouro que foi de Gudrun, que acredita que seja seu por direito. Embora Gudrun tente evitá-la, mandando um alerta para seus irmãos, sua atitude, quando eles chegam ao seu reinado, não é de lamentação:

Nú slær í orrostu harða, ok er fyrst skothrið. Ok nú koma fyrir Guðrúnu tíðendin. Ok er hon heyrir þetta, verðr hon við gneip ok kastar af sér skikkjunni. Eptir þat gekk hon út ok heilsaði þeim, er komnir váru, ok kyssti bræðr sína ok sýndi þeim ást. Ok þessi var þeira kveðja in síðasta.²⁹⁹ (Cap.38, p.92)

Gudrun não foge dos perigos da guerra, pois mesmo que a batalha esteja avançada, ela vai encontrar os irmãos. Esse ato é descrito de tal forma que não demonstra apenas a afeição que ela tem por eles, mas também sua determinação. Gudrun é uma mulher pronta para a ação, o que ela concretiza quando seus irmãos começam a perder: “Nú sér hon, at sárt er leikit við bræðr hennar. Hyggr nú á harðræði. Fór í brynju ok tók sér sverð ok barðisk með bræðrum sínum ok gekk svá fram sem inn hraustasti karlmaðr.”³⁰⁰ (Cap.38, p.92). Essa cena é de pouca importância dentro da narrativa, serve apenas para demonstrar a aflição de Gudrun em ver os seus irmãos perdendo, e para mostrar que ela estava disposta a tudo para ajudá-los. Uma mulher que nunca lutou não conseguiria se equiparar aos mais valentes homens como faz Gudrun, mas essa descrição demonstra a importância do público feminino que apreciaria se ver retratado mesmo nessas circunstâncias. Isso costuma ser notada por pesquisadores principalmente em *Laxdæla Saga* – uma saga familiar que é constantemente comparada com *A Saga dos Völsung* por apresentar cenas que remetem à

²⁹⁹ “Uma terrível batalha havia começado, e logo se iniciou uma chuva de flechas. As notícias chegaram a Gudrun. Quando ela ouviu isso, ficou zangada e triste e tirou o seu manto, jogando-o longe. Depois disso, ela saiu e cumprimentou aqueles que haviam chegado. Ela cumprimentou os seus irmãos mostrando-lhes afeição. Essa foi a última saudação deles.”

³⁰⁰ “Vendo que o jogo estava virando contra os seus irmãos, Gudrun tomou uma decisão enérgica. Ela partiu usando cota de malha, pegou uma espada e lutou junto a eles, avançando como os homens mais valentes.”

Gudrun. Judith Jesch aponta alguns episódios similares, que vão desde cenas que se assemelham ao conto de fadas a outras mais violentas:

There is a certain amount of feminine wish-fulfilment in the saga, with slaves turning out to be princesses, wives who get the better of their husbands, and so on. It is not hard to imagine some women in the audience at a reading of the saga cheering when Auðr sinks her sword into her former husband. (1991: 199)

Em uma saga não é esperado que as mulheres se lamentem apenas, elas devem participar da ação, seja incentivando os combatentes, ou até empunhando uma espada. Mesmo uma mulher não deve se abster da ação, pois todas as personagens devem desempenhar um papel, seja na defesa ou no ataque.

Uma vez que a morte dos irmãos de Gudrun não pode ser evitada, resta-lhe vingar sua memória. A mágoa pela morte de Sigurd pode ser grande, mas ela não supera a força dos laços de sangue, visto que o valor destes é mais elevado do que o casamento, a tal ponto que Gudrun virá a matar seu atual marido, Atli. O ódio dela é grande, mas não executa a vingança sozinha, para tanto ela tem a ajuda e o incentivo de um filho de Högni, Niflung, citado apenas uma vez em toda a narrativa, quando oferece sua ajuda à Grimhild, pouco antes de matarem Atli (Cap.40, p.97). Niflung figura aqui de forma a representar a vingança efetuada através da prole. É como se não bastasse que Gudrun vingasse seus irmãos, seus descendentes também devem estar presentes como manda a tradição.

Gudrun não tem condições, mesmo com a ajuda de Niflung, de comandar uma guerra contra Atli, por isso age de forma traiçoeira. Ela não disfarça o ódio que sente pelo marido, mas finge que irá se conciliar com ele por não ter outra opção. Ela fala de forma branda, acalmando o seu marido:

Hon svarar: “Lengi hefi ek eigi verit hæg viðreignar ok máttu um hræfa, meðan Högni lifði. Muntu ok aldri bæta bræðr mína svá, at mér hugni. En opt verðu vér konurnar ríki bornar af yðru valdi. Nú eru mínir frændr allir dauðir, ok muntu nú einn við mik ráða. Mun ek nú þenna kost upp taka, ok látum gera mikla veizlu, ok vil ek nú erfa bræðr mína ok svá þína frændr.” Gerir hon sik nú bliða í orðum, en þó var samt undir raunar. Hann var talhýðinn ok trúði á hennar orð, er hon gerði sér létt ræður.³⁰¹ (Cap.40, p.96)

³⁰¹ “Ela respondeu: ‘Por muito tempo não tenho sido uma pessoa fácil de lidar, mas eu suportava enquanto Högni estava vivo. Nunca me pagarás uma compensação pelos meus irmãos. Mas, freqüentemente, nós, nobres mulheres, temos de nos curvar à vossa força. Agora todos os meus parentes estão mortos, e somente tu tens controle sobre mim. Eu aceitarei isso. Façamos uma grande festa, na qual honrarei os meus irmãos e os teus parentes.’ Ela falava com palavras brandas, embora, na verdade, ainda estivesse aflita. Ele tornou-se suscetível e acreditou em suas palavras, pois ela falava com suavidade.”

Embora se comunique de forma suave, a rainha aponta a razão pela qual nunca poderá se conciliar com o marido: Atli não irá oferecer uma compensação por essas mortes. Sempre que uma pessoa é morta, o assassino deve oferecer uma compensação, de costume em dinheiro, para os parentes da vítima, o que é cumprido quando Gudrun perde Sigurd. Já Atli não irá obedecer a tradição, de forma que terá que pagar com a própria vida.³⁰² Gudrun ainda deve honrar os homens mortos e usa a ocasião do luto para justificar o banquete que irá preparar para o marido, no qual oferecerá os corações e o sangue dos próprios filhos. Esse ato só tem a função de aumentar a crueldade da vingança que logo será completada. Gudrun espera que ele vá dormir e o mata na cama: “Ok of kveldit, er konungr hafði drukkit gekk hann til svefns. Ok er hann var sofnaðr, kom Guðrún þar ok sonr Högna, Guðrún tók eitt sverð ok leggr fyrir brjóst Atla konungi. Véla þau um bæði ok sonr Högna.”³⁰³ (Cap.40, p.97). Mesmo que seja claro que foi Gudrun quem matou Atli – é ela que perfura seu peito – o auxílio de Niflung é ressaltado, quase como se uma mulher não fosse capaz de planejar tudo sozinha, ou matar um bravo guerreiro sem a ajuda de um homem. A vingança não termina com essa morte, porque Gudrun ainda destrói todo o seu reino: “Síðan lét hon slá eldi i höllina. Ok er hirðin vaknaði við óttann, þá vildu menn eigi þola eldinn ok hjuggusk sjálfir ok fengu svá bana. Lauk þar ævi Atla konungs ok allrar hirðar hans.”³⁰⁴ (Cap.40, p.98). Gudrun não age de acordo com o código de honra, mas traiçoeiramente, como os atos cometidos por homens sem coragem, pois não permitem que as vítimas se defendam. Tanto o ataque que ela faz não é bem aceito nessa sociedade, que os homens de Atli não aceitam morrer queimados, mas preferem lutar e se matar a esperar passivamente. Tal atitude ainda pode ser explicada de outra forma: somente os que morrem lutando vão para Valhalla, onde os guerreiros se reúnem junto a Odin, enquanto aqueles que falecem de qualquer outra forma vão para Hel. Mas Gudrun não é um homem covarde, pelo contrário, ela é uma mulher forte que utiliza os únicos meios que tem para atingir a vingança. São os homens de Atli que devem lutar para evitar uma morte humilhante, já

³⁰² Vide BYOCK, 2001: 217.

³⁰³ “À noite, depois de beber, o rei foi para a cama. Quando ele havia dormido, Gudrun e o filho de Högni entraram. Gudrun pegou uma espada e com ela atravessou o peito do rei Atli. Tanto ela quanto o filho de Högni trabalharam nesse ato.”

³⁰⁴ “Depois ela ateou fogo no salão. Quando os seus empregados acordaram apavorados, eles não puderam suportar o fogo, e mataram uns aos outros com golpes de espada. Assim terminou a vida do rei Atli e de todos os seus empregados.”

Gudrun não é criticada pela morte que infringiu a Atli e seus homens. Dentro do contexto narrativo, pode se considerar que essas são mortes justificadas, porque uma mulher deve pagar pelas vidas que ela tira como qualquer homem, “A woman is under the same penalty as a man if she kills man or woman or injures them” (Grágás, 1980: 220; St 318). Ela, porém, não é punida, não apenas porque não há mais pessoas relacionadas a Atli que poderiam exigir uma compensação ou vingança, mas também porque a justiça divina não cai sobre ela.

3. Análise comparativa

A interação das mulheres com os conflitos violentos difere muito nas duas narrativas. Enquanto seu papel no épico alemão é à margem da guerra, diante da qual elas demonstram impotência, as mulheres da saga são sempre mais ativas. Uma possível explicação reside no gênero literário, pois, como à saga interessa a ação, elas não podem ser descritas de mãos atadas. Narrar uma mulher nessa situação só seria cabível se a intenção fosse depreciá-la. Para que uma personagem feminina seja incluída na saga ela deve interagir e influenciar os acontecimentos, ou, ao menos, tentar fazê-lo. “Mulheres à margem dos conflitos” apresenta dois retratos distantes da relação que essas personagens têm com a guerra. As islandesas são descritas em suas tentativas mais brandas e, portanto, inefetivas, de influenciá-la, as mulheres do épico alemão se ocupam principalmente de lamentar os homens que partiram, e, mais adiante, aqueles que não retornam.

Como já foi afirmado anteriormente, embora o luto seja uma função feminina também na Escandinávia, mas o gênero que se ocupa desse assunto é a poesia édica (da *Edda*). Essa é a razão pela qual praticamente todos os cantos de luto presentes na *Edda* foram eliminados da narrativa de *A Saga dos Völsung*. Entretanto, devo observar que mesmo o luto descrito na *Edda Poética* tem a função principal de agir como uma forma de narrativa, adicionando fatos que não foram mencionados em nenhum outro canto. Assim, dificilmente servem somente para jogar luz sobre a dor feminina. A única característica que coincide em ambas as narrativas é a clarividência, a qual costuma receber a interpretação correta apenas através da ótica feminina. Por sua vez, os homens recusam-se a aceitar a desgraça iminente, até porque não podem abandonar a guerra, atitude que mancharia seu nome. Note-se que nas duas culturas, a morte em batalha é a mais aconselhável para um

grande guerreiro, embora a civilização cristã tenha uma aceitação maior da morte natural de um cavaleiro. Contudo, tal espécie de falecimento não é apropriada para uma epopéia, pois aos grandes heróis deve-se impor um final trágico, e o fato de eles caminharem para uma morte certa só aumenta a tragicidade e, porque não dizer, a grandiosidade de suas mortes.

Em *A Canção dos Nibelungos*, a clarividência pertence apenas às mulheres, e não aos homens. Já em *A Saga dos Völsung*, esse é um universo compartilhado, tanto que homens podem ocupar posição de profeta, como Gripir. Dessa forma, ambos têm sonhos premonitórios. Ainda assim, a clarividência doméstica é uma esfera marcadamente feminina, quase como se esse fosse um dom inato em mulheres, fazendo com que apenas elas tenham habilidade para compreender as imagens que são transmitidas através dos sonhos.

Em *A Saga dos Völsung*, os sonhos não são as únicas imagens a serem interpretadas, mas a escrita também, pois Gunnar e Högni não reconhecem que as runas enviadas por sua irmã foram modificadas. A interpretação da escrita, assim como de signos, como o anel envolto em pêlos de lobo, só costuma ser feita por mulheres e raramente é aceita por homens. A escrita é ocasionada por fatos conhecidos por Gudrun e não é um tipo de clarividência, mas depois da longa viagem, ela acaba por chegar cifrada, como os sonhos, necessitando ser analisada com cuidado. Aqui também se pode notar outra diferença entre as sociedades, que é a cultura escrita. Enquanto na Europa central a escrita era de domínio de poucos, mesmo que algumas mulheres soubessem ler, dessas, poucas sabiam escrever. Já na Escandinávia, um número consideravelmente maior de pessoas dominava um tipo de escrita mais simples na Escandinávia, as runas: “Runic script was designed for inscribing, at first on wood, and it had appropriate characteristics. Such a method of communication or record was simple, cheap and convenient. Most Germanic men would carry a knife at their belt.” (PAGE, 2000:6-8). Essa escrita não era apropriada para textos longos, mas, principalmente, para a transmissão de mensagens curtas, como a que foi enviada por Gudrun. Além disso, por ser entalhada na madeira, também podia ser facilmente modificada. Um episódio ilustrativo é quando Gunnar e Högni não reconhecem que as runas enviadas por sua irmã foram modificadas.

Ainda com relação a esse acontecimento, é importante notar que, enquanto Gudrun manda o aviso, é a esposa de Högni quem tem que interpretar a escrita quase como uma

premonição. Isso se dá porque Gudrun, depois da morte de Brynhild, tem uma posição mais ativa, ocupando um papel mais central, o de heroína. Assim, como a ação se foca nela, ela é quem envia a mensagem, é quem age, enquanto a interpretação cabe a personagens mais apagadas. Em oposição à Gudrun, está a heroína Kriemhild, que apenas tem sonhos e tenta alertar Siegfried.

É certo, que a mesma personagem toma a posição de heroína em momentos distintos em cada narrativa: na primeira fase de *A Canção dos Nibelungos* e na segunda fase de *A Saga dos Völsung*. Não apenas os momentos são distintos, mas também as razões. A heroína alemã deve ter modos cortesês e não interferir nos acontecimentos, contrariamente à heroína escandinava, a qual é, acima de tudo, ativa. Mesmo a relação de Gudrun com a clarividência muda nesse segundo momento. Primeiramente ela necessita da ajuda para compreender o que seus sonhos querem dizer, mas na segunda fase, já é uma mulher sábia que interpreta corretamente os sonhos de seu marido, enquanto as mulheres de Högni e Gunnar são figuras mais apagadas que permitem que seus maridos façam interpretações confusas de seus sonhos, sem guiá-los para seu verdadeiro significado.

Tanto em *A Canção dos Nibelungos* quanto em *A Saga dos Völsung*, a única mulher guerreira é Brünhild/Brynhild, contudo outras podem ser assim representadas em situações de guerra, mas isso ocorre sempre em situações extremas. Brünhild/Brynhild é uma guerreira por opção ou por criação, como é o caso de Brynhild que não teve a mesma criação que suas irmãs Bekkhild ou Oddrun,³⁰⁵ criadas para os afazeres domésticos. A grande diferença entre elas, porém, não é sua aceitação, pois, quando as coisas começam a ir mal, mesmo as personagens masculinas escandinavas recriminam Brynhild por seu passado como valquíria, a diferença está em sua representação enquanto guerreiras. Em *A Canção dos Nibelungos*, Brünhild apenas é descrita em pequenas disputas, que, mesmo representando grande perigo para aqueles que estão envolvidos, sempre são relatadas de forma a se tornarem risíveis. Uma possível explicação seria a tentativa do autor de amenizar o impacto da descrição. Já em *A Saga dos Völsung*, Brynhild relata suas memórias sobre a guerra que decidiu ou seu desejo de participar de batalhas. Assim, ela não é apenas a figura aterradora de uma mulher com força descomunal, ela é de fato uma guerreira que encontra prazer no combate, o que implica maior aceitação do público. Dessa

³⁰⁵ Vide *Edda, Oddrúnargrátr*: 16.

forma, Brynhild não necessita ser repelida pelo autor, ou ser transformada em uma cena ridícula para amenizar o impacto da descrição.

Em *A Canção dos Nibelungos*, apenas Kriemhild é retratada como a mulher diante da guerra, mesmo Brünhild não chega a ocupar um papel como este. Excetuando-se as memórias de Brynhild, as mulheres de *A Saga dos Völsung* não são representadas diante da guerra, mas sempre influenciam os enfrentamentos de formas alternativas, uma vez que os homens podem ser manipulados, ou comandados – no caso dos filhos – a agir da forma que lhes prouver. Assim, apenas uma guerreira deve estar à frente da guerra, outras mulheres o fazem de outra forma,. Além disso, há uma interação maior destas mulheres com os homens, porque, mesmo que pertençam a mundos distintos, eles não são tão fortemente separados na Islândia como na Europa central. Outro fator que leva a essa diferença é o fato de a saga estar baseada na disputa familiar, não se relatam reis e rainhas dando ordens aos seus cavaleiros, são sempre eles próprios que devem lutar pela honra, quando muito, eles enviam um outro parente, como Guttorm, para resolver seus problemas. Dessa forma, os conselhos que as mães dão aos seus filhos tendo em vista defender a honra da família têm a mesma função que as ordens que Kriemhild dá aos seus homens.

A única possibilidade que uma mulher teria de estar diretamente à frente da guerra em uma saga seria lutando junto com os homens, o que é inconcebível para os padrões da epopéia cortês, assim como é levemente marginalizado em *A Saga dos Völsung*, pois ela não pode permanecer exercendo esse papel por um longo tempo. Embora o conflito não seja o maior interesse das mulheres escandinavas, é curioso notar que a imagem de uma mulher matando o próprio marido, assim como breves episódios de uma mulher em batalha pareciam agradar ao público. Essa é uma clara questão de preferência, uma vez que mesmo na Europa central há relatos de mulheres que tenham, no caso de grandes necessidades, combatido homens, como faz Gudrun quando atacam seus irmãos:

The countess of Brittany, of whom Froissant wrote that she had the courage of a man and the bravery of a lion, went to battle in 1341 during the absence of her husband, Jean de Montfort, count of Brittany, against the claimant to the county, Charles of Blois. In defending the castle of Hennebont, she organized the women and children to tear out the paving stones and bring them to the defenders on the walls to be hurled down at the enemy. She did not content herself with defending the castle and launched an attack outside the walls, leading her army as far as Brest. (SHAHAR, 1990: 150)

Mesmo que haja grandes diferenças no desenvolver da segunda parte dessas narrativas, a mesma personagem é representada como aquela que acaba com todo um reinado, seja ele o dos burgúndios ou o dos herdeiros de Budli, pai de Atli e Brynhild. Na epopéia alemã, ela age quase que sozinha. Embora Kriemhild consiga obter auxílio de homens, demonstrando sua fragilidade ao pedi-lo e oferecendo-lhes todo o tipo de recompensa, ela não tem nenhum cúmplice. Etzel passa a desejar a vingança devido à morte de seu único filho, Ortlieb. Entretanto, ele não quer um mal de proporções tão grandes quanto ao ansiado pela sua esposa, tampouco vingar-se do mesmo fato que Kriemhild: a morte de Siegfried. Já Gudrun conta somente com a ajuda de Niflung, o jovem filho de Högni, que compartilha do desejo de vingar a morte de seus familiares. Ela não tem um exército ao seu lado, apenas a ajuda de um jovem rapaz. Tal auxílio, no entanto, tem um valor simbólico muito mais elevado do que prático. Um exército não seria necessário, pois a astúcia de ambos, que matam Atli e todos os seus homens de forma exemplarmente traiçoeira, é suficiente. Niflung figura como representante da prole daqueles que morreram, representando a vingança tradicional através dos filhos. Gudrun não poderia vingar a morte de seus irmãos sozinha, era importante que mais familiares, especialmente do sexo masculino, auxiliassem-na. Em *A Canção dos Nibelungos*, não é aceitável que uma mulher exerça tantas atrocidades para vingar um cavaleiro; apesar de a vingança ser justa. Ao final do livro Kriemhild deve pagar não só com a vida, mas com uma morte humilhante, enquanto Gudrun nunca é punida. Mesmo sendo uma mulher, ela não apenas tem o direito à vingança³⁰⁶, como deve exercê-lo. Gudrun não é recriminada em momento algum por ter assassinado seu próprio marido e seus homens de uma forma tão vil. Somente o fato de ter matado os próprios filhos não é algo louvável para os islandeses, mas isso se reflete apenas nas palavras de seu filho Hamdir, antes de partir para vingar a morte de Svanhild, uma vez que não teria a ajuda dos dois irmãos falecidos nessa empreitada. Ainda que o ato de matar os filhos tenha sido atroz, Gudrun estava no seu direito, vingando a morte de seus irmãos, tanto que e nenhuma pessoa da sociedade lhe faz pagar por isso. Pode-se afirmar que o fato de ela não conseguir se suicidar pode ser devido à justiça divina. A morte não a aceita e ela não consegue se unir a Sigurd, o que lhe traz muito sofrimento. Entretanto, a sociedade na

³⁰⁶ Vide Ross, 2000: 23.

qual ela vive não a condena de forma tão dura, mesmo porque, há um atenuante, que é a presença de Niflung auxiliando em suas decisões nesse aspecto.

Como já foi apontado no segundo capítulo, há uma certa ironia na imagem de Kriemhild/Gudrun, porque o casamento era uma forma de garantir a paz entre diferentes reinados³⁰⁷ formando alianças até com inimigos, o que não é diferente nessas narrativas, visto que ele também costuma ser apresentado como uma compensação pela perda do primeiro marido. Mas em ambos os casos essa intenção é fracassada, o que acontece por diferentes razões, assim como a vingança de Kriemhild/Gudrun cai sobre personagens diferentes. Na Europa ocidental, os laços que se formam com o marido e a nova família são muito mais importantes do que os de sangue, como se pode observar na seguinte biografia:

As mulheres mais freqüentemente tomam partido por seu marido: senhoras de sua casa, elas têm muito a perder em um retorno para junto de sua linhagem de origem. A filha bastarda de Henrique I Beauclerc, Julienne, foi dada a Eustache de Breteuil com o castelo de Ivry; ela está ao seu lado na luta que o opõe em 1119 ao duque-rei, dirigindo com extrema energia a defesa dessa praça forte. Ao mesmo tempo, Henrique não teme deixar cegar e mutilar (cortam-lhe o nariz) as suas próprias netas, detidas como reféns. (DUBY, 1990: 144)

Dessa forma, é natural, nas obras européias, que a mulher se una ao seu marido contra seus familiares; o que apenas não ocorre na Islândia. *A Edda*, e *A Saga dos Völsung*. São os únicos relatos nos quais Gudrun se vinga do próprio marido, mesmo em *Piðreksaga*, Grimhild (a personagem equivalente a Kriemhild e Gudrun) se vinga dos irmãos pela morte de Sigurd. É impossível delimitar qual seria a versão original desses cantos, mas é notável que a morte de Sigurd não encontre vingança na *Edda* ou em *A Saga dos Völsung*, o leitor sabe que a tragédia que envolve a família de Gjuki se dá devido a essa morte injusta, mas ela não é executada pelos envolvidos, é quase como se essa fosse uma vingança divina. Como na Islândia, as relações sangüíneas têm uma importância muito maior do que as constituídas pelo casamento, Gudrun põe-se ao lado dos irmãos, e nunca contra eles, fato que define o desenrolar da história de uma forma diferente.

Como fica claro ao final do livro, Kriemhild apenas sobrevive para poder vingar a morte de seu marido, falecendo logo após atingir seu objetivo. Sua morte também pode ter sido ocasionada pela punição a seus atos terríveis, mas é como se ela só ocorresse no momento certo, quando ela não tem mais uma razão para viver. Gudrun, mesmo não

³⁰⁷ Vide DUBY, 1997: 67.

vingando a morte de seu marido, também assume a imagem de vingadora na mesma fase da narrativa. Pesquisadores afirmam que nessa segunda fase da história de Kriemhild, ela acaba por se assemelhar a Brünhild:

“Wie Ehrismann zutreffend hervorhebt, muss beachtet werden, dass Kriemhild wie Brünhild so lange wie möglich versucht, über männliche Akteure zu agieren, bis sie letztlich in ihrer Alienation von allen (inklusive Etzel) eigenhändig die Rache vollstrecken muss.”³⁰⁸ (JÖNSSON, 2001: 203)

Aqui é afirmado que Kriemhild se assemelha a Brünhild por tentar agir acima dos homens, no entanto, ela apenas o faz por não encontrar a ajuda que lhe seria necessária para executar sua vingança, embora tenha pedido inúmeras vezes a ajuda deles. Nesse último momento, ela não conseguirá mais atingir seu objetivo, a não ser que aja sozinha. Assim, ela não tem outra opção que não seja passar por cima das regras masculinas de honra. Os pesquisadores fazem essa comparação devido ao fato de ambas suplantarem as leis masculinas, mas quando o assunto é vingança, a relação que elas têm com as personagens masculinas é um tanto quanto díspare. Brünhild/Brynhild conduzem os homens a vingar sua desonra, obtendo seu auxílio, mas são elas que assumem o papel de vingadoras. Mais do que qualquer outro homem, elas têm gana por justiça e levam isso às últimas conseqüências, passando por cima de qualquer código de honra para atingir seu objetivo, seja matando um cavaleiro com as próprias mãos ou tirando a vida dos próprios filhos. Quando a mulher é a principal encarregada de executar uma tarefa masculina como a vingança, parece se exceder, pois ela não tem os mesmos meios que um homem para fazê-lo. Dessa forma, ela pode passar inúmeros anos tramando a vingança, assim como usar de qualquer meio para obtê-la, caso contrário, não será bem sucedida. Kriemhild e Gudrun parecem não ter limites, mas seu limite é a vingança, porque quando alcançam aquele que era seu único objetivo, elas já podem falecer. Gudrun, entretanto, não consegue ser levada pela morte, e ainda terá mais uma filha para vingar.

A Canção dos Nibelungos e *A Saga dos Völsung* são obras sobre traição e vingança, nas quais a traição é executada principalmente por homens, como Gunther/Gunnar, Hagen e Atli, e a vingança deve ser exercida por uma mulher, que dificilmente pode contar com o

³⁰⁸ “Como Ehrismann afirma acertadamente, deve-se observar que Kriemhild, assim como Brünhild, tentou tanto quanto lhe foi possível agir sobre os agentes masculinos até que, em sua alienação de todos (inclusive Etzel), ela acaba por agir com as próprias mãos.”

auxílio destes e deve se exceder para conseguir atingir seu objetivo, causando assim uma grande tragédia.

Conclusão

A pretensão desta pesquisa era fazer uma comparação do papel das personagens femininas de *A Canção dos Nibelungos* e *A Saga dos Völsung* através não apenas de dados narrativos, mas também da história social das regiões nas quais elas foram escritas. Ambas as obras têm por base a mesma matéria épica, mas a tratam de formas diferentes. Devido a fatores como a distância e a falta de contato entre essas localidades, foi levantada a suposição de que as diferenças culturais pudessem explicar as discrepâncias entre as duas obras. Em uma primeira leitura, diferenças como a escolha da heroína ou a aparente independência das mulheres apresentadas em *A Saga dos Völsung* parecem ser ocasionadas por diferenças sócio-culturais – a citar a cristianização tardia da Islândia e a inexistência de aristocracia nessas terras –, entretanto, uma leitura mais aguçada demonstra que essa hipótese muitas vezes não se confirma e que, tratando-se de obras literárias, o imaginário de cada povo e os gêneros literários nos quais são apresentadas são mais relevantes do que o contexto histórico-cultural de suas respectivas sociedades.

Mesmo onde as questões sociais se demonstraram relevantes, a influência das características do gênero literário no qual a narrativa foi escrita demonstram-se dominantes, o que pode ser observado já na escolha da heroína de *A Saga dos Völsung*. Uma mulher guerreira era algo inaceitável para ambas as culturas aqui tratadas, sendo que as mulheres eram até mesmo proibidas de carregar armas na antiga Islândia (Grágás, 2000: 219; K § 254), o que equivalia a se travestir. Esses padrões fazem com que Brünhild seja deixada à margem e que seja destruída aos poucos em *A Canção dos Nibelungos*, restabelecendo a “ordem natural” das coisas, mas isso não impede que Brynhild se torne a heroína de *A Saga dos Völsung*, pois a figura da mulher guerreira estava presente no imaginário desse povo e, principalmente, em sua histórias.

Outro caso exemplar é o da maternidade, a qual, à primeira vista, é fortemente influenciada pelos valores da cultura local, mas uma leitura mais aprofundada demonstra que os valores do gênero são mais relevantes. Enquanto que em *A Canção dos Nibelungos* as mulheres geram apenas filhos do sexo masculino, em *A Saga dos Völsung* o herói principal é pai de duas meninas. Essa relação diferenciada com crianças pequenas do sexo feminino, na qual parece que apenas homens são filhos válidos no contexto alemão, pode ser facilmente ilustrada com a relação que essas sociedades tinham com suas filhas, o

infanticídio de meninas era comum na Europa central, mas não era praticado na Islândia, onde as mulheres eram minoria³⁰⁹. Entretanto esse é apenas um aspecto da questão que também pode ser interpretado através do gênero literário, enquanto que *A Canção dos Nibelungos* ocupa-se de apenas uma geração, a saga ocupa-se de várias, de forma que essas meninas chegam à idade adulta e passam a ter uma importância maior, pois protagonizam ações, ao contrário dos herdeiros da epopéia que são esquecidos na narrativa, sem chegar à idade adulta, pois essas crianças têm apenas a função de representar uma etapa da vida das personagens principais.

O casamento é um elemento de elevada importância nessas obras, a tal ponto que as personagens femininas apenas são apresentadas quando conhecem os seus futuros maridos ou pares românticos. Essa temática originou o capítulo mais longo deste estudo, assim como foi a que apresentou um maior número de contradições com o que seria esperado de cada sociedade, como na escolha dos pares românticos – acima comentada – a qual ocasionou a variação da heroína em cada narrativa, uma vez que Siegfried/Sigurd não se apaixona sempre pela mesma personagem. Mas outros dados não costumam divergir, as mulheres costumam ser escolhidas pelo noivo e a realização do casamento depende inteiramente da família da noiva, excetuando-se casos nos quais a aceitação do pretendente depende do cumprimento de tarefas designadas pela moça. Contrariamente ao que seria esperado de cada região, apenas as personagens femininas de *A Canção dos Nibelungos* são consultadas sobre o casamento que irão efetuar, enquanto que as de *A Saga dos Völsung* apenas têm o seu julgamento sobre o noivo retratado na obra quando elas são contra o matrimônio; sabe-se que esse questionamento sobre a vontade da noiva só era obrigatório na Islândia e nem sempre era cumprido na Europa ocidental, mas as regras do amor cortês fazem com que ele seja vital na epopéia heróica, enquanto à saga não interessam os detalhes do casamento, a aceitação da noiva pode ser subentendida, apenas os conflitos devem ser relatados.

As táticas para empregar o poder utilizadas por mulheres são um tema central nessas obras, pois a vingança executada por elas é seu tema central. Embora a execução dessas táticas se diferencie muito de um texto para outro, apenas dois elementos não têm a mesma relevância em ambas as obras: a beleza e a violência. Mesmo que ambos estejam presentes

³⁰⁹ Vide ANDERSON, 2002: 138.

em ambas, a ênfase que é dada a cada um deles varia e eles só são eficazes em uma das narrativas, a dizer, a beleza em *A Canção dos Nibelungos* e a violência em *a Saga dos Völsung*. Isso pode ser explicado através do imaginário de cada povo, pois as mulheres da Europa central pertencem à esfera cortesã, na qual elas devem apresentar uma beleza indescritível, tão elevada quanto o poder de suas famílias, enquanto as personagens islandesas fazem parte de um universo que ainda não se desprendeu dos traços do imaginário pagão, o que permite que Brynhild não apenas destoe da regra, mas que também alcance os seus objetivos por meio da violência física. Muitas são as táticas utilizadas, mas uma delas se destaca em ambos os livros, a manipulação sentimental. Pode-se afirmar que as personagens femininas atingem os seus objetivos através da manipulação das personagens masculinas, sejam eles seus maridos, seus filhos ou os seus homens. Os homens que executam as ordens ou os desejos das rainhas podem variar de região para região, de narrativa para narrativa, mas a forma escolhida pelas mulheres para dar ordens não difere muito, elas o fazem através de clamores pela honra da família, dando ênfase ao seu próprio sofrimento.

Mesmo que as narrativas aqui tratadas apresentem uma guerreira como uma das personagens principais, as mulheres não são representadas à frente da guerra ou da batalha, a idéia pode estar presente frente aos dados apresentados, mas tal imagem nunca é descrita. As personagens femininas costumam ser representadas à margem dos conflitos violentos, a influência delas sobre estes é indireta sendo praticada principalmente através de conselhos. Os conselhos estão presentes em ambas as obras, mas o conteúdo destes difere fortemente. Enquanto em *A Canção dos Nibelungos* os conselhos visam evitar o conflito ou afastar o homem amado de um perigo maior, em *A Saga dos Völsung*, a maior parte das mulheres incita os homens à luta, seja oferecendo ensinamentos mágicos sobre como vencer ou enviando os filhos para que executem algum inimigo da família e salvem a sua honra. Embora as islandesas tenham uma função especial no que diz respeito aos conflitos violentos – o tema central das sagas – isso não faz delas figuras positivas, pelo contrário, a função delas é carregar a culpa das tragédias familiares.

Mesmo que essas culturas tenham diferenças evidentes, estas se apresentam principalmente no cerimonial, uma vez que as obras costumam ter os mesmos valores. Um exemplo disso é o casamento de Siegfried/Sigurd, a fortuna e o valor do cavaleiro atraem a

atenção da família da noiva em ambos os casos, mas, enquanto a família de Kriemhild apenas apresenta o casal para facilitar que o matrimônio ocorra, a mãe de Gudrun convence o marido a oferecer a filha, sem esperar que Sigurd faça a proposta.

Um importante fator que guia as diferenças entre as duas obras são as estruturas sobre as quais elas se baseiam. *A Canção dos Nibelungos* tem a sua narrativa estruturada sobre expedições nupciais, ambas as duas partes do livro se iniciam com o interesse de um homem por uma bela dama que vive em terras distantes – sendo essa dama sempre representada por Kriemhild –, enquanto que *A Saga dos Völsung* tem a sua base nas disputas familiares, o que também se reflete nas personagens femininas. Em *A Canção dos Nibelungos*, Kriemhild continua sendo representada como uma jovem dama, mesmo muitos anos depois de ter se tornado viúva. O filho da rainha com Siegfried acaba por ser deixado para trás de forma que ela não desenvolve características típicas da maternidade, assim ela pode continuar exercendo um papel principal, Kriemhild deve continuar sendo representada como uma dama de qualidades favoráveis ao enlace amoroso para que a segunda parte da canção possa se desenrolar. Em *A Saga dos Völsung*, Gudrun, não apenas perde a inocência através da ira, como ocorre na versão alemã, mas passa por diferentes etapas de amadurecimento de caráter. Em um primeiro momento, ela é apresentada como uma jovem inocente que logo conhecerá o seu primeiro marido, parte dessa inocência é perdida com a morte deste, quando Gudrun foge de casa e passa dois anos e meio em outro reinado, mas ela ainda é submissa às ordens da família, pois é obrigada pela mãe a se casar pela segunda vez, não apenas os sofrimentos pelos quais ela passa, mas também o passar dos anos fazem com que Gudrun torne-se uma mulher astuciosa e uma digna representação da figura materna em seu terceiro casamento. Gudrun pode ser apresentada dessa forma, pois isso não seria o mesmo que se tornar uma figura apagada, como ocorre com Ute. As matriarcas fazem parte dos pilares de sustentação das disputas familiares. Já Kriemhild, pelo contrário, apresenta a ira e a vingança como os únicos sinais do seu “amadurecimento”, sendo que traços femininos relacionados à maturidade, como um posicionamento típico de uma matriarca, não chegam a se desenvolver nela.

Algumas personagens femininas secundárias são introduzidas nessas obras devido às necessidades da estrutura narrativa sobre as quais elas estão fundamentadas, como é o caso da filha de Rüdiger em *A Canção dos Nibelungos*, cuja importância é aparentemente

diminuta, uma vez que ela sequer apresenta um nome próprio e não volta a figurar na narrativa depois do seu enlace com Giselher, mas ela é de elevada importância para a estrutura narrativa como expedição nupcial. Embora essa longa viagem realizada pelos burgúndios não seja uma expedição nupcial, ela passa a apresentar alguns traços típicos da expedição quando Giselher toma a filha de Rüdiger como noiva, cena a qual ajuda a manter uma regularidade na estrutura narrativa do épico, assim como acentua a tragicidade do desenrolar da batalha entre os hunos e os burgúndios quando Rüdiger é obrigado a atacar os familiares daquele que se tornaria o seu genro. Em *A Saga dos Völsung*, não apenas Brynhild é apresentada como irmã de Atli, o que faz com que o desentendimento entre as famílias passe a configurar em uma disputa familiar, mas outras duas irmãs são introduzidas à história, Bekkhild e Oddrun, sendo que a segunda tem apenas a função de fomentar a ira de Atli contra Gunnar, o qual teria a tomado por amante. Mesmo sendo personagens que estejam à margem da ação, essas mulheres fortalecem os fundamentos da estrutura narrativa típica de cada região, representando um motivo trágico ou constituindo uma razão o desentendimento entre famílias.

Outro ponto de elevada importância é a imagem que se faz da mulher em cada cultura e gênero literário. Enquanto as mulheres da epopéia alemã costumam ser retratadas dentro daquele que era considerado o ideal cristão cortês, as personagens femininas das *fornaldarsögur* são uma tentativa de resgatar o ideal pagão. Nenhuma das representações desses livros corresponde ao que as mulheres dessas sociedades realmente foram, elas são mais um retrato do imaginário da época do que das pessoas que viveram no mesmo período.

A Canção dos Nibelungos, escrita na Europa central cristianizada, esforça-se por apresentar a mulher como ela deveria ser dentro dos moldes da corte de sua época, mas mesmo as suas personagens acabam por ser destoantes da regra, o que, por um lado, faz delas personagens dignas de ter a sua história relatada, mas também é o que as destina à aniquilação; a mesma morte vergonhosa que deve cair sobre o vilão e sobre a personagem desviante na qual Kriemhild se tornou durante a segunda parte da canção. Já as personagens femininas de *A Saga dos Völsung* devem assemelhar-se às mulheres que foram as heroínas pagãs, a elas é permitido serem guerreiras, terem atitudes mais enérgicas mesmo em relação aos homens, assim como serem conhecedoras da magia.

Assim como *A Canção dos Nibelungos* não consegue fixar as suas personagens apenas no que seria ideal, as figuras de *A Saga dos Völsung* também oscilam entre o ideal do imaginário pagão e a realidade que era conhecida por aquela sociedade. Ao oscilar entre aquilo que seria ideal para o gênero literário ao qual pertencem e um molde alheio à tradição na qual estão representadas, as personagens femininas oscilam também entre a aceitação e a rejeição dentro da sua própria obra, podendo ter a sua atuação limitada ou ser eliminadas da narrativa. Esse processo pode ser facilmente observado na personagem Kriemhild/Gudrun que muda drasticamente de atitude após a morte de seu marido. Kriemhild é a representação pura do ideal cortês na primeira parte de *A Canção dos Nibelungos*, ela não é apenas bela e nobre, mas age de acordo com o que seria esperado de uma mulher em sua posição, ela é inocente e aceita as regras do universo masculino no qual ela vive, seja quando ela aceita o homem que o seu irmão escolheu para ela, ou quando aceita de forma condescendente a punição física que o marido lhe impõe por ter falado mais do que devia. Kriemhild é uma mulher recatada que conhece o seu lugar e, enquanto ela é retratada dessa maneira, ela é a heroína, a boa rainha da qual todos devem se compadecer, já em um segundo momento, a ira se apossa de Kriemhild e, na sua busca obstinada pela vingança, ela passa a desrespeitar todas as regras do código social prescrito para uma mulher. A viúva não tem mais limites e tenta a todo o custo manipular os homens para que executem os seus parentes, convidados para as festividades no seu reino, chegando até mesmo a propiciar uma situação que causa a morte de seu filho, e matando o algoz de seu marido com as próprias mãos. Essa Kriemhild, que parece desconhecer as regras da sociedade cortês na qual ela vive, deve ser eliminada de forma exemplar, e acaba esquartejada. Não apenas ela é representada como uma verdadeira vilã na segunda parte da versão A/B de *A Canção dos Nibelungos*, como suas atitudes reprováveis chegam a jogar uma luz positiva sobre os seus inimigos. Já Gudrun passa por uma transformação inversa no que diz respeito à sua importância na saga, assim como Kriemhild, ela é a representação do ideal aristocrata, sendo inclusive a única personagem que é descrita nos esplendores de suas ricas vestes e jóias, mas isso não faz com que ela seja mais digna de interesse do público do que outras personagens, pelo contrário, a ela é delegado o segundo lugar. Gudrun fica ao fundo dos acontecimentos, enquanto o coração de Sigurd pertence à Brynhild. Ela tem as características da mulher pagã, guerreira, decidida e forte, e é apenas

com a morte dela que Gudrun pode fazer uma escalada para o papel de heroína, a morte de Sigurd propicia a Gudrun força nas suas decisões assim como a ira, que eram características de Brynhild, e faz com que ela passe a figurar no papel principal. Embora o desenrolar dos acontecimentos e a personalidade das personagens se assemelhem muito nessas obras, os mesmos elementos propiciam reações diferentes em cada narrativa; enquanto os traços mais brutos de Brünhild fazem com que ela seja designada como “demônio” e acabam por fazer com que, aos poucos, ela seja eliminada da narrativa, os mesmos traços fazem com que Brynhild seja eleita a heroína de *A Saga dos Völsung*, e somente a sua morte permite que Gudrun passe a ocupar um papel central. Já em *A Canção dos Nibelungos*, Kriemhild faz o movimento inverso ao se tornar aquilo que a sua opositora era na primeira fase e deixa de ser a heroína para tornar-se um demônio.

A mulher medieval pode chegar a desempenhar funções de elevada importância, como ocorre nessas narrativas e como apontam diferentes fontes históricas, ela podia influenciar homens a tomar as atitudes que eram desejadas por ela ou até mesmo agir de forma mais enérgica influenciando diretamente os acontecimentos, mas, mesmo que de maneiras um tanto quanto distintas, ela deve ser recriminada nesse universo masculino por não ter se limitado a uma esfera exclusivamente feminina. Esses fatos são compartilhados por ambas as sociedades, a diferença que pôde ser encontrada na análise dessas personagens está no fato de que os islandeses pareciam encará-las como um “mal necessário” para o desenrolar dos acontecimentos, enquanto que a canção apenas elimina tudo o que pode afetar a “ordem natural” das coisas. Essa mesma atitude pode se encontrar refletida na relação de cada região com o paganismo, enquanto os cristãos islandeses aceitavam a existência de uma religião anterior, a qual não devia mais ser praticada, mas também não devia ser esquecida, os alemães optaram por apagá-la da memória de seu povo, eliminando o que não se encaixava nas leis do novo Deus.

Bibliografia

Fontes

Das Nibelungenlied – Mittelhochdeutsch / Neuhochdeutsch. Trad.: Siegfried Grosse. Stuttgart: Reclam, 1997.

The Saga of the Volsungs. Trad.: Jesse L. Byock. Los Angeles: University of California Press, 1990.

Völsunga Saga. Uwe Ebel (ed.). Wissenschaftlicher Buchverlag, 1997.

The Poetic Edda. Trad.: Carolyne Larrington. New York: Oxford University Press, 1996.

Edda. – Die Lieder des Codex Regius nebst verwandten Denkmälern. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1983.

Grágás – Laws of early Iceland. 3 vol. Trad.: Andrew Dennis, Peter Foote, Richard Perkins. Winnipeg: University of Manitoba Press, I, 1980; II, 2000 [III, não publicado].

Islands Besiedlung und älteste Geschichte (Íslendingabók und Landnámabók). Trad.: Walter Baetke. Jena: Eugen Dietrich, 1928.

“Ragnar Lodbrok.” In: *Isländische Heldenromane.* Trad.: Paul Herrmann. Jena: Eugen Dietrich, 1923.

CAPELÃO, André. *Tratado do Amor Cortês.* Trad.: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

STURLUSON, Snorri. *Edda.* Trad.: Anthony Faulkes. London: Everyman, 1987.

Crítica literária

ANDERSON, Sarah M.; SWENSON, Karen. *Cold Counsel – Women in Old Norse Literature.* New York: Routledge, 2002.

ANDERSSON, Theodore M. *The Legend of Brynhild.* Ithaca and London: Cornell University, 1980.

_____. *A Preface to the Nibelungenlied.* California: Stanford University Press, 1987.

BAUMANN, Barbara e OBERLE, Birgitta. *Deutsche Literatur in Epochen.* München: Max Hueber Verlag, 1985.

BOER, R.C. *Untersuchungen über den Ursprung und die Entwicklung der Nibelungensage.* Halle: Verlag der Buchhandlung des Waisenhauses, 1906.

BORGES, Jorge Luis, VÁZQUEZ, María Esther. *Literaturas Germánicas Medievales*. Madrid: Alianza, 2000.

BOESCH, Bruno (org.) *História da Literatura Alemã*. São Paulo: Editora Herder, 1967.

BRANDT, Marten. *Gesellschaftsthematik und ihre Darstellung im Nibelungenlied und seinen hochmittelalterlichen Adaptationen*. Frankfurt: Peter Lang, 1997.

BUMKE, Joachim. *Geschichte der deutschen Literatur in hohen Mittelalter*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1990.

_____. *Höfische Kultur – Literatur und Gesellschaft in hohen Mittelalter*. 10. Aufl. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2002.

GEPHART, Irmgard. *Der Zorn der Nibelungen*. Köln: Böhlau Verlag, 2005.

GLENDINNING, R.J.; BESSASON, H. *Edda – A Collection of Essays*. Canada: University of Manitoba Press, 1983.

GOUCHET, Oliver. “Sigurðr freys vinr”. In: *Poetry in the Scandinavian Middle Ages*. Itália: Spoleto – Centro Italiano di Studi Sull’alto Medioevo, 1990. p.: 383 – 390.

HAYMES, Eduard. *Das Nibelungenlied*. München: Wilhelm Fink Verlag, 1999.

HEGEL, G.W.F. *Cursos de Estética*. Trad.: Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 2004.

HEINZLE, Joachim; KLEIN, Klaus e OBHOF, Ute (ed.). *Die Nibelungen. Sage – Epos – Mythos*. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2003.

HELLER, Rolf. *Die literarische Darstellung der Frau in den Isländersagas*. Halle: Max Niemeyer Verlag, 1958.

JÖNSSON, Maren. ‘Ob ich ein Ritter wäre’. *Genderentwürfe und genderrelatierte Erzählstrategien im Nibelungenlied*. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 2001.

KAEUPER, Richard W. *Chivalry and Violence in Medieval Europe*. Oxford; New York: Oxford university Press, 1999.

KOHNEN, Mansueto. *História da Literatura Alemã*. Salvador: Editora Mensageiro da Fé, 1960.

KRISTJÁNSSON, Jónas. “Eddaic Poetry” e “An Age of Learning” In: *Eddas and Sagas*. Trad.: Peter Foote. Reykjavik: Hið íslenska bókmenntafélag, 1997. p.: 25 – 70; 115 – 133.

_____. “Heldenlieder”. In: *Eddas und Sagas*. Trad.: Magnús Pétursson e Astrid von Nahl. Hamburg: Buske, 1994.

KAISER, Henning. "Deutsche Heldenepik" In: Henning Krauss. *Europäisches Hochmittelalter*. Wiesbaden: Akademisches Verlagsgesellschaft Atheneion, 1981.

KRAUSE, Wolfgang. *Die Frau in der Sprache der altisländischen Familiengeschichten*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht: 1926.

MÜLLER, Jan-Dirk. *Das Nibelungenlied*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2002.

_____. *Spielregeln für den Untergang der Welt des Nibelungenliedes*. Tübingen: Niemeyer, 1998.

NEDOMA, Robert. "Zu den Frauenfiguren der *Piðreks saga af Bern*". In: Hermann Reichert e Gunther Zimmermann (ed.). *Helden und Heldensage*. Wien; Fassbaender, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. *Die fröhliche Wissenschaft*, p. 149. Digitale Bibliothek Vol. 2: Philosophie, p. 67391 - vide Nietzsche-W Bd. 2, p. 94.

NORRMAN, Lena. "Woman or Warrior? The Construction of Gender in Old Norse Myth" In: Geraldine Barnes e Margaret Clunies Ross (ed.). *Old Norse Myths, Literature and Society. Proceedings of the 11th International Saga Conference*. Sydney: 2000, p. 375 – 384.

NORTHCOTT, Kenneth J. "Actions and Reputations in the *Nibelungenlied*". In: *Medieval German Studies*. London: University of London, 1965. p. 115 – 123.

REICHERT, Hermann. "Die Brynhild-Lieder der Edda im Europäischen Kontext". In: Hermann Reichert. *Poetry in the Scandinavian Middle Ages*. Itália: Spoleto – Centro Italiano di Studi Sull'alto Medioevo, 1990. p.: 571 – 596.

ROSS, Margaret Clunies. "History, Myth and Genealogy in Early Iceland". In: *Prolonged Echos. Old Norse myths in medieval Northern society. Volume 2*. Odense University Press, 1998. p. 76 – 96.

_____. (ed.) *Old Icelandic Literature and Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

SØRENSEN, Preben Meulengracht. "Some methodological considerations in connection with the study of the sagas". In: Gísli Pálsson. *From Sagas to Society*. Great Britain: Hisalik Press, 1992. p.: 27 – 41.

SCHIER, Kurt. "Die Literatur des Nordens". In: Henning Krauss. *Europäisches Hochmittelalter*. Wiesbaden: Akademisches Verlagsgesellschaft Atheneion, 1981.

SEE, Klaus von. "Freierprobe und Königinnenzank in der Siegfriedsage". In: Klaus von See. *Edda, Saga, Skadendichtung*. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1981. p.: 214 – 223.

_____. “Die Werbung um Brünhild”. In: Klaus von See. *Edda, Saga, Skadendichtung*. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1981. p.: 194 –213.

SCHULZE, Ursula. *Das Nibelungenlied*. Stuttgart: Philipp Reclam, 1997.

SEITTER, Walter. *Versprechen, versagen – Frauenmacht und Frauenästhetik in der Kriemhild Diskussion des 13. Jahrhunderts*. Berlin: Merve Verlag, 1990.

TUCZAY, Christa. “*femina armata – armis feminae*. – Zum Amazonenmythos im Lichte der mittelhochdeutschen Literatur”. In: *Ir sult sprechen willekomen – Festschrift für Helmut Birkhan zum 60. Geburtstag*. Bern: Peter lang AG, 1998.

UECKER, Heiko. *Geschichte der altnordischen Literatur*. Stuttgart: Reclam, 2004.

“*Uns ist in alten Mären...*” – *Das Nibelungenlied und seine Welt*. Darmstadt: Primus Verlag, 2003.

WYNN, Marianne. “Hagen’s Defiance of Kriemhilt”. In: *Medieval German Studies*. London: University of London, 1965. p.: 104 – 114.

Bibliografia historiográfica

BERTIN, Ferruccio. *Heloise und ihre Schwestern*. Trad.: Ernst Voltmer. München: C.H. Beck, 1991.

BYOCK, Jesse. *Medieval Iceland. Society, Sagas and Power*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1990.

_____. *Viking Age Iceland*. Londres: Penguin Books, 2001.

DUBY, Georges. *Damas do Século XII – A Lembrança dos Ancestrais*. Trad.: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. (ed.). *História das Mulheres – A Idade Média*. Trad.: Maria Helena da Cruz Coelho et alli. Porto: Afrontamento, 1993.

_____.; ARIÈS, Philippe (ed.). *História da Vida Privada – Da Europa feudal à Renascença*. Trad.: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 11 reimpressão, 1990.

_____. *Idade Média, Idade dos homens*. Trad.: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ENNEN, Edith. *Frauen im Mittelalter*. 6. Aufl. München: C.H. Beck, 1999.

GOLTHNER, Wolfgang. *Handbuch der germanischen Mythologie*. 3 vol., Alemanha: Mundus Verlag: 2000.

HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Trad.: José Rivair de Macedo. Bauru: EDUSC, 2005.

_____.; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Coordenador da trad. Hilário Franco Júnior. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 2v.

JESCH, Judith. *Women in the Viking Age*. Woodbridge: The Boydell Press, 1991.

JOCHENS, Jenny. *Women in Old Norse Society*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1998.

KELLOGG, Robert. "Sex and the Vernacular in Medieval Society". In: Peter Foote; Hermann Palsson e Desmond Slay (ed.). *Proceedings of the First International Saga Conference – University of Edinburg 1971*. London: University of London, 1973.

KETSCH, Peter. *Frauen im Mittelalter: Quellen und Materialien. – Band 2: Frauenbild und Frauenrechte in Kirche und Gesellschaft*. Düsseldorf: Schwann- Bagel, 1984

KUHN, Hans. *Das alte Island*. Düsseldorf, Köln: Eugen Diederichs Verlag, 1971.

Lexikon des Mittelalters. 10 vol., IV. München, Zürich: Artemis Verlag, 1988.

LUTTERBACH, Hubertus. "Die Ehe zwischen Mann und Frau – Zwei in einem Fleisch". In: Hubertus Lutterbach. *Sexualität im Mittelalter*. Köln, Weimar, Wien: Böhlau Verlag, 1999. p. 96 – 113.

PAGE, R. I. *Runes. Reading the Past*. London: The British Museum Press, 2000.

PERNOUD, Régine. *A Mulher nos tempos das Cruzadas*. Trad.: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

ROESDAHL, Else. *The Vikings*. Trad.: Susan M. Margeson, Kirsten Williams. Londres: Penguin Books, 1991.

SHAHAR, Shulamith. *The Fourth Estate*. London, New York: Routledge, 1990.

_____. *Kindheit im Mittelalter*. Trad.: Barbara Brumm. München, Zürich: Artemis und Winkler, 1991.

SAWYER, Birgit. "Women and the conversion in Scandinavia". In: Werner Affeldt (ed.) *Frauen in Spätantike und Frühmittelalter*. Sigmaringen: Jan Thorbeck Verlag, 1990. p.: 263 – 281.

WALSH, Katherine. *Ein neues Bild der Frau im Mittelalter?* Wien: Innsbrucker Historische Studien, 1990. p. 395 – 516.

Alemão Medieval

LEXER, Matthias. *Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch*. Stuttgart: S. Hirzel Verlag, 1992.

PAUL, SCHRÖBLER, WIEHL e GROSSE. *Mittelhochdeutsche Grammatik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998.

WEDDIGE, Hilbert. *Mittelhochdeutsch – eine Einführung*. München: C.H. Beck, 2003.

Nórdico Antigo

BAETKE, Walter. *Wörterbuch zur altnordischen Prosaliteratur*. 6. Aufl. Berlin: Akademie Verlag, 2002.

GORDON, E.V. *An Introduction to Old Norse*. Oxford: At the Clarendon, 1988.

KUHN, Hans. *Edda. – Lieder des Codex Regius. II. Kurzes Wörterbuch*. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1968.

RANKE, Friedrich e HOFMANN, Dietrich. *Altnordisches Elementarbuch*. 5.Aufl. Berlin: Walter de Gruyter, 1988.

VALFELLS, Sigrid; CATHEY, James E. *Old Icelandic – An Introductory Course*. Oxford: Oxford University Press, 1981.